U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

# Olhar Distinto

## Uma Adega Contemporânea na Quinta de Subserra

Guilherme Filipe Silva Vieira

(Licenciado)

Projeto Final de Mestrado elaborado para a obtenção do Grau de Mestre com especialização em Arquitetura

Orientação Científica:

Professor Arquiteto Pedro Pacheco
Professor Doutor Paulo Jorge Garcia Pereira

Juri:

Presidente Doutora Margarida Oliveira
Vogal Arquiteto António Pedro Pacheco
Vogal Doutor Carlos Ferreira

Documento Definitivo

Lisboa, fevereiro 2023

# Olhar Distinto

Uma Adega Contemporânea na Quinta de Subserra

Título
Olhar Distinto
Uma Adega Contemporânea na Quinta de Subserra

Autor
Guilherme Filipe Silva Vieira

Orientação Cientifica
Pedro Pacheco
Paulo Pereira

Mestrado Integrado em Arquitetura
Faculdade de Arquitetura – Universidade de Lisboa

Lisboa, Janeiro 2023



Title
Olhar Distinto
Uma Adega Contemporânea na Quinta de Subserra

Name
Guilherme Filipe Silva Vieira

Main Advisors
Pedro Pacheco
Paulo Pereira

Integrated master's in Architecture
Faculty of Architecture – University of Lisbon

Lisbon, January 2023

*"A mais bela e profunda experiência que um homem pode ter é a sensação do mistério… Parece-me que todo aquele que nunca passou por esta experiência, se não está morto, estará, pelo menos, cego."*

*Albert Einstein, My Credo, 1932*

# RESUMO

Este presente trabalho dedica-se à investigação de um distinto modo de olhar perante o que existe, uma ferramenta de observação que se torna num gerador do imaginário na arquitetura.

Quando estamos perante existências com história, com séculos de memórias e vivências, torna-se essencial entender as camadas sucessivas, a construção material e imaterial das Quintas de Recreio.

Perante as problemáticas da Quinta de Subserra, o projeto adota como premissa um programa e equipamentos essenciais para conciliar e potencializar o fragmentado território construído, procurando uma relação com a paisagem.

A adega como novo equipamento nasce de necessidades correntes da Quinta de Subserra, apoderando-se delas de um modo harmónico na paisagem natural e construída do lugar.

Qualquer objeto arquitetónico é muito mais do que a sua própria matéria e existência. É quase como um ser, que respira, sente, cria momentos, situações de aperto e de alívio e principalmente:

*Aceita o tempo, nasce, vive e morre*.

Palavras-Chave:

Quinta de Subserra, Enoturismo, Adega, Paisagem, Espaços

# ABSTRACT

This present work is dedicated to the investigation of different way to look towards the existent. A observational tool that becomes a fuel for the imaginary in architecture.

When we are in the presence of historic existences, with centuries worth of memories and experiences, it is essential to understand the successive layers. The material and immaterial construction of the *Quintas de Recreio*.

Before the issues found in *Quinta de Subserra,* the project adopts as a premise, a program and equipments essential to reconcile and enhance the fragmented constructed territory, while searching for a connection with the landscape.

The is a new equipment, that arose from the current needs of *Quinta de Subserra* , taking over them harmoniously in the natural and constructed landscape of the site.

Each architectonic object is much more than its own matter and existence it is almost a living being. It breaths and feels, creates moments of challenge and relief, but most importantly:

*It Accepts time, it is born, lives and dies.*



Keyword:

Quinta de Subserra, Wine Tourism, Winery, Landscape, Spaces

X

# AGRADECIMENTOS

À minha mãe que sempre me apoiou e esteve presente quando eu mais necessitava;

Ao meu pai, pela motivação, apoio e ensinamentos na arte de construir;

Aos meus dois irmãos;

À minha namorada, do apoio, críticas construtivas, ao incentivo, ao amor e à motivação que me ofereceu durante toda a jornada;

Aos meus orientadores, professor Pedro Pacheco e professor Paulo Pereira, pelo tempo, paciência e dedicação pelo meu trabalho;

Aos professores José Aguiar, Carlos Ferreira, Pedro Cabrito, João Favila, professora Maria Soledade e Liljiana Cavic, pelo conhecimento, incentivo e gosto pela Arquitetura que me transmitiram;

À Maria Leonor, Célia, Cidália, Ângela e todos os que trabalhei durante os 4 anos e meio no Pingo Doce, por terem sido sempre amáveis, motivadores e que de certa forma me apoiaram durante o meu percurso académico;

Ao meu grupinho, Maria, as Beas, Sérgio, André e Diogo e a todos os outros amigos e colegas, que durante o curso me acompanharam, quer durante as longas diretas a trabalhar quer nos bons e maus momentos que passamos todos juntos.

Aos meus adoráveis animais, Ursinho, Babalu, Rozinha, Estrelinha, Pintas, Fifi e ao Toto, pelo apoio moral, companhia e felicidade;

# ÍNDICE

CAPÍTULO UM **INTRODUÇÃO** 1
Enquadramento 2
Objetivos 3
Motivação 4
Metodologia 5
Estrutura 6
CAPÍTULO DOIS **OLHAR O TERRITÓRIO** 9
Quinta de Subserra 11
Quintas de Recreio/ Villas Renascentistas 23
Morfologia Territorial 37
CAPÍTULO TRÊS **ADEGA** 53
Origens 57
Contemporaneidade 71
Futuro 79
CAPÍTULO QUATRO **ESPAÇOS E EXPERIÊNCIA** 85
Herdade Torre de Palma 87
Adega Quinta do Portal 97
Adega Quinta do Vallado 107
Phillips Exeter Academy Library 117
Adega Lahofer 127
CAPÍTULO CINCO **OLHAR DISTINTO** 137
Conceito (Origem) 139
Programa Geral Quinta de Subserra 143
Repensar a Adega 149
CONSIDERAÇÕES FINAIS 159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 163
ANEXOS 167

# ÍNDICE DE FIGURAS

001 Quinta de Subserra, em Subserra, Vila Franca de Xira. Fonte: Elaboração própria, 2022

002 In Inês Pires Fernandes, A Quinta de Recreio no Concelho de Vila Franca de Xira, fig.1 (pag.8)

003 In Inês Pires Fernandes, A Quinta de Recreio no Concelho de Vila Franca de Xira, fig.10 (pag.16)

004 Adega Néolitica (5.800-5.300 a.C.) em Gadachrili Gora, descoberta pela equipa de Investigação Geórgia-Canadense.
Fotografia disponivel em https://archaeology.utoronto.ca/?page_id=106

005 O antigo Kvevri, ou método de jarra de argila, uma parte fundamental da vinificação na Geórgia. Fotografia Cortesia GeorgiaTravel. Disponivel em https://www.nationalgeographic.com/travel/article/sponsor-content-secret-birthplace-of-wine



006 O antigo complexo de produção de vinhos em Yavne, Israel, Fotografia de AFP via Getty Images. Disponivel em https://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-10080467/Huge-2-421-square-foot-WINE-FACTORY-dating-1-500-years-discovered-Israel.html

007 Pedro Abrunhosa Pereira, *O Vinho na Lusitânia* (CITCEM, 2017), p. 59

008 Pedro Abrunhosa Pereira, *O Vinho na Lusitânia* (CITCEM, 2017), p. 43

009 Milreu; *villa* romana de Milreu: lagar de vinho (fonte: DGPC).

010 *Cella vinaria* da *villa* romana de Torre de Palma, Monforte (seg. Abrunhosa Pereira, p. 89).

011 Ânfora, séc.II a.c. Disponivel em https://lamarinaplaza.com/2014/12/12la-bodega-mas-antigua-de-la-peninsula-iberica/

012 Otis Steel Company, Cleveland, Ohio-1928 on Gelatin silver print – Margaret Bourke-White, exposta no Museu de Arte de Cleveland. Disponivel em https://www.luminous-lint.com/app/vexhibit/_PHOTOGRAPHER-Margaret__Bourke-White_Otis_01/06/11/03158408329440326845



013 Renderização do interior da adega na Quinta de Santo António, Tabuaço, realizada pelo atelier Sérgio Rebelo. Disponivel em https://www.atelier-sr.com/project/quinta-de-santo-antonio-winery/

014 Torre de Palma, Wine Hotel, Monforte, Portalegre, Reabilitação pelo Arquiteto João Mendes Ribeiro em 2014. Disponivel em https://www.torredepalma.com/galeria/

015Planta geral do programa de Torre de Palma. Disponivel em https://www.archdaily.com/566944/torre-de-palma-wine-hotel-joao-mendes-ribeiro

016 Espaço de envelhecimento de vinho de Torre de Palma. Disponivel em https://www.portugalbywine.com/pt/experiencias/info/torre-de-palma-prova-cega_1435/

017 Inserção de um spa num edificio existente na Quinta Torre de Palma. Disponivel em https://www.archdaily.com/566944/torre-de-palma-wine-hotel-joao-mendes-ribeiro

018 Adega da Quinta do Portal, Celeiro, Sabrosa, Douro, concebida pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira, de 2008 a 2010. Disponivel em https://www.archiweb.cz/en/b/vinarstvi-quinta-do-portal-adega-quinta-do-portal

019 Esboço de Siza Vieira da concepção e da organização da adega da Quinta do Portal no Douro. Disponivel em https://www.archiweb.cz/en/b/vinarstvi-quinta-do-portal-adega-quinta-do-portal



020 Espaço de armazenamento, com passagem para a zona de envelhecimento do vinho. Adega da Quinta do Portal no Douro. Disponivel em https://www.zoonzum.blogspot.com/2011/01/winery-quinta-do-portal-sabrosa.html

021 Vista do acesso vertical para o coração da adega, o espaço nobre que eleva o vinho à qualidade pretendida através do envelhecimento em pipas de madeira de carvalho francês. Adega da Quinta do Portal no Douro. Disponivel em

https://www.publico.pt/2016/11/16/p3/fotogaleria/quinta-do-portal-um-monumento-ao-vinho-decalcado-em-sabrosa-387279#&gid=1&pid=1

022 Adega inserida no território como mega socalco e tons que quase o camuflam na paisagem. Disponivel em https://divisare.com/projects/202621-menos-e-mais-arquitectos-fernando-guerra-fg-sg-quinta-do-vallado-winery

023 Esboço de diagrama de fases de construção. Disponivel em https://divisare.com/projects/202621-menos-e-mais-arquitectos-fernando-guerra-fg-sg-quinta-do-vallado-winery



024 Espaço de envelhecimento de vinho em pipas de madeira de carvalho. Disponivel em https://divisare.com/projects/202621-menos-e-mais-arquitectos-fernando-guerra-fg-sg-quinta-do-vallado-winery

025 Pátio de chegada com acesso à sala de desgustação. Disponivel em https://divisare.com/projects/202621-menos-e-mais-arquitectos-fernando-guerra-fg-sg-quinta-do-vallado-winery

026 Biblioteca de Exeter, New Hampshire, EUA. Fotografia de Xavier de Jauréguiberry. Disponivel em https://archeyes.com/phillips-exeter-academy-library-louis-kahn/

027 Esboço de Louis Kahn da planta piso tipo da Biblioteca de Exeter, realçando a importancia do desenho na arquitetura. Disponível em https://drawingmatter.org/louis-kahn-the-importance-of-a-drawing-2021-review/

028 Vista e percepção do pátio interior que distribui e confere uma relação entre todos os pisos da biblioteca. Fotografia de Xavier de Jauréguiberry. Disponível em https://archeyes.com/phillips-exeter-academy-library-louis-kahn/



029 Perspetiva do pátio, que marca de certo modo a noção de escala e de profundidade, criando um dramatismo em torno do pátio. Fotografia de Xavier de Jauréguiberry. Disponível em https://archeyes.com/phillips-exeter-academy-library-louis-kahn/

030 Adega Lahofer, Dobšice, Chéquia. Disponivel em https://www.archdaily.com/945154/lahofer-winery-chybik-plus-kristof

031 Planta da Adega Lahofer,conferindo a organização do espaço em relação ao programa. Disponivel em https://www.archdaily.com/945154/lahofer-winery-chybik-plus-kristof

032 Sala de desgustação, valorizada com uma espacialidade e profundidade através da estrutura ritmada e a pintura contemporanea no teto do artista Patrik Hábl, com tons das castas presentes na vinha. Disponivel em https://www.archdaily.com/945154/lahofer-winery-chybik-plus-kristof

033 Zona de Administração com escritórios inundados de luz e com uma relação viusalmente rica com a vinha. Disponivel em https://www.archdaily.com/945154/lahofer-winery-chybik-plus-kristof

034 Perspetiva longitudinal no interior da adega-piso 0, receção.

035 Perspetiva na zona de vinificação, piso -2, evidenciando as lâminas e a sua repetição ao longo da adega.

xx

036 Perspetiva na zona de envelhecimento- piso -2, revelando a escala do espaço e a sua forma circular, quase como se o espaço abraçasse o vinho.

036 Perspetiva na Sala de degustação piso 1 com vista para toda a área dedicada á produção do vinho, desde a sua chegada ao embalamento.

# CAPÍTULO UM INTRODUÇÃO

## Enquadramento

É através do olhar que o homem se relaciona com o que o rodeia e se estabelece no mundo. O conhecimento tornou-se numa das chaves para mudar a forma de olhar para o existente. Mas o olhar sempre foi a base do imaginário que constrói o material e o imaterial de tudo o que é criado pelo homem.

*Conhecimento*

O conhecimento, neste caso concreto e no decorrer do trabalho, inicia-se no estudo necessário para a compreensão dos fenómenos, causas e sistemas das Quintas de Recreio em Portugal. Estas eram especialmente pensadas para o homem se estabelecer num lugar, criando um ambiente vivenciado, com espaços arquitetónicos e paisagisticamente bem desenhados. Estes alvos de interesse público nos finais do século XX, com relevância para o património arquitetónico de Portugal, suscitando diversos processos de restauro, reproposição ou re-uso, ou mesmo de metabolismo controlado, assim os projetos, neste caso de "obra nova" e "reabilitação", obedeçam a programas realistas e equilibrados ao que se nos apresenta com um legado de gerações pretéritas.

Estes esforços para recuperar o que foi esquecido e qualificar o existente de modo a preservar o património e, em grande medida, refuncionaliza-lo de modo a conceder-lhe um suplemento de vida. A Quinta de Subserra, localizada em Vila Franca de Xira, na freguesia de São João dos Montes, é uma das que em melhor estado de conservação permanece, ainda com actividade agrícola, direcionada à produção dos vinhos recentemente premiados.

É através deste olhar distinto perante o existente, que se inicia uma viagem ao imaginário, uma vontade insaciável, ao criar espaços, experienciá-los e desejar que o tempo seja infinito.

## Objetivos -

No presente trabalho, a uma escala urbana pretende-se dar continuidade ao crescimento da Quinta de Subserra. O olhar torna-se catalisador na ordem de como os espaços e paisagem ao serem percorridos são pensados e desenhados para a experiência e o lazer desejado.

No que toca à integração e programa, tem-se em vista ampliar equipamentos vinícolas através da nova adega. O projeto dialoga com o património existente, com a paisagem e a arquitetura presente na Quinta de Subserra.

A proposta integra e explora a arquitetura indústrial, mais do que a uma função, permitindo de ser adaptável a outros tempos e programas futuros.

Tem-se em vista a exploração sensorial, criando algo mais do que uma simples adega, onde se fabrica o vinho. É imperativo criar experiências não só para quem a usufrui enquanto visitante, mas também para quem trabalha diariamente na adega.

## Motivação -

A Quinta de Subserra foi escolhida como um desafio, pelo facto de ter sido submetida a entidades privadas/públicas, até ao momento. O presente trabalho é o seguimento do semestre anterior, que se desenvolveu em grupo e foi dedicado principalmente à análise e levantamento histórico e construído do lugar.

*O interesse não é algo adquirido instantaneamente, é algo que cresce e estabelece conexão sensorial e emocional com o existente.*

O gosto, o interesse e a vontade de intervir sobre a Quinta de Subserra, tornaram-se, assim, nas principais causas deste trabalho. Além do mais, a necessidade exploratória e o solucionar das problemáticas existentes e centrais no desenvolvimento desta tese vieram ao cima. Problemáticas estas que vão do território (acessos, manipulação dos solos, organização territorial) às infraestruturas (fragmentação de funções, falta de equipamentos essenciais e ligações do novo ao existente).

## Metodologia -

No presente trabalho, a metodologia desenvolvida baseou-se no livro de Italo Calvino (Cidades Invisiveis), que divide um objeto em camadas, desenvolvendo-as isoladamente. Este método, foi utilizado para todo o processo de trabalho até às fases de pormenorização.

O pensamento presente na matriz do olhar distinto, estrutura e divide todas as camadas de informação adquirida e analisada, para uma maior precisão, facilitando deste modo a sobreposição de informação, para uma melhor compreensão das temáticas essenciais apresentadas.

Esta permite interligar camadas não só dentro da componente escrita ou desenhada, mas também sobrepondo-as. Deste modo, o documento escrito e peças desenhadas comunicam permanentemente, como um único objeto.

A componente escrita baseia-se no minimalismo como elemento estruturador para melhorar a comunicação e proporcionar uma leitura mais simplificada e menos exaustiva. As peças desenhadas irão seguir a mesma lógica, através do minimalismo, que pretende assegurar uma melhor compreensão acerca do projeto.

Estrutura –

O documento é constituido por 5 capítulos, 5 camadas que à vista parecem isoladas, mas que no fundo unem-se como fases de uma construção do Olhar, pensamento estruturador do projeto.

O primeiro capítulo, Introdução, inicia o documento e explica a temática e os seus objetivos, a motivação como matriz da dedicação no projeto, exibindo o método de trabalho e a estrutura que organiza todo o documento.

Olhar o Território, expõe o primeiro contacto com a Quinta de Subserra, e expõe a maior parte do conhecimento adquirido através deste Olhar como uma perceção distante e distinta perante o lugar. Este olhar irá fragmentar o território em variados sistemas que a compõem ao longo dos séculos de existência. Será também neste capítulo mais analítico e de aquisição de conhecimento, que reflete sobre o modo de olhar que por sua vez influência a forma de desenhar e pensar perante existências com valor.

Adega Contemporânea, apresenta o novo equipamento na Quinta de Subserra e estabelece como ele se poderá integrar não só em coerência com o existente construído mas também com a paisagem natural. Exibe uma síntese breve da origem e da evolução da adega. Expõe algumas reflexões sobre a arquitetura indústrial, e de como os programas atuais se desenvolvem ou se adaptam futuramente a outros tipos de programa.

Espaços e Experiências, expõe os sentidos e sensações, os elementos naturais e materiais, essenciais para a experiêcia humana nos espaços em presença e dos espaços a criar. Na adega, impera-se a exploração e a criação de ambientes diversificados no interior da mesma, através de elementos que compõem o espaço através do ritmo, luz, forma, texturas, odores, situações em que se experienciem momentos diversificados. Esta exploração do material e imaterial proporciona espaços onde o silêncio e o tempo ao serem apreciados, possam perdurar.

Olhar Distinto, é o ultimo capítulo, e que pretende oferecer um olhar distinto para o existente, um refletir sobre o lugar, um apreciar e contemplar a arquitetura e paisagem que este integra e que tanto o valoriza. A proposta na Quinta de Subserra reforça as potencialidades do lugar, o percurso que atravessa a Quinta e que inunda através dos diversos espaços, jardins, pátios, mirantes. É neste capitulo que este olhar distinto ganha vida pelo facto de criar um ambiente, onde se pretende descobrir o lugar, com um olhar distinto.

8

# CAPÍTULO DOIS OLHAR O TERRITÓRIO

10

*Nada é imutável*

Quinta de Subserra

O Olhar sobre o território exige um esforço muito mais profundo do que aparenta ser. Este olhar é ir às origens da história, perceber a essência do lugar, como evoluiu ao longo dos séculos e como será futuramente. Todo este processo de transformação do território para se adaptar ao construído torna-se lento e só com o tempo, é que esta transformação se torna visivel.

001 Fotografia da Quinta de Subserra
em Subserra, Vila Franca de Xira

Um território é o primeiro ponto crucial e delimitante a ter em conta para o surgimento das aldeias e para a sobrevivencia da população. É essencial e necessário realçar que sem condições favoráveis, como a presença de água, solos férteis e o poder de criar gado e de cultivar, torna-se dificil o surgimento e a evolução de qualquer povoamento.

A Quinta de Subserra, localizada em Subserra, Vila Franca de Xira, surgiu através de estratégia de implantação, análise dos solos, água, e condições para criação de seres. Apesar de a Quinta de Subserra não ser categoricamente uma povoação, a sua composição e inserção no contexto urbano, as funções que cada edificiado alberga e o próprio programa que a Quinta possui, faz dela uma pequena "aldeia", como que uma autaquia, e logo, quase que pressupondo uma auto-sustentação e, em certa medida, uma vida comunitária agregada às actividades da terra. A Quinta Subserra vai para além do construido, integra-se na paisagem, criando uma relação de vistas únicas para a Reserva Natural do Estuário do Tejo e, neste sentido, impondo-se mesmo no perfil circundante como um elemento marcante da humanização do território.

A Capela de São José foi o primeiro edifício a surgir e que marcou o início da Quinta de Subserra em 1633 pelo Capitão Diogo da Veiga. No decorrer dos anos, D. Bárbara de Vasconcelos juntamente com o seu sobrinho D. João de Azevedo, ordenam a construção do Solar, dedicado a São Severino. Desde então, a Quinta foi ganhando dimensões com jardim formal, pátios, edifícios de produção agrícola e para trabalhadores, etc… A Quinta foi-se tornando então um lugar onde o ócio e o trabalho árduo se relacionavam mutuamente.

Apesar do mau gerenciamento e da passagem sucessiva de proprietários na Quinta de Subserra, foi evitado, o destino que tantas outras Quintas na mesma região e em todo o continente português tiveram. A queda, a ruina e o esquecimento, provocaram uma redução abrupta de Quintas de Recreio desde o século XIX, o que significa também um empobrecimento do Património Arquitetónico Português.

A seguinte cronologia clarifica, de forma sintética os diversos momentos pelos quais passou a Quinta e os marcos históricos que a caracterizam.

D. Bárbara Vasconcelos, Juntamente com o seu sobrinho, D. João Roxas de Azevedo mandam Construir o Palacete dedicado a São Severino;

Início do tempo das Marquesas de Bemposta e Subserra, com D. Maria Mância de L. R. C. T. Valnia e a sua filha D. Isabel de Lemos;



1680

1804

1633

1755

Fundação da Capela de São José, por Capitão Diogo da Veiga;

O terramoto chegou a danificar parcialmente a capela e o Palacete da Quinta de Subserra;

D. Isabel de Lemos e Manuel Pamplona, reedificam a capela e o palacete;

Melhoramentos nos jardins, na gruta de fresco, no tanque dos peixes, nos pombais e na estrada de acesso à propriedade;

1821

1840-1900



1810

Início da Construção dos Fortes da Linha Defensiva de Torres Vedras;

1839

A Quinta de Subserra tornou-se uma das únicas Quintas habitadas em Subserra;

Obras gerais de consolidação e restauro no palacete, reestruturação do jardim e a aplicação de azulejaria, pelo proprietário João Guedes Sousa;

1947

A Quinta de Subserra entra em decadência até 1980, o ano em que esta é adquirida pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

1980



1920

A propriedade da Quinta de Subserra depois da morte da Marquesa de Rio Maior, passou de posse por diversos proprietários até ao final do século XX.

1950

Projeto de reconstituição do jardim por Francisco Caldeira Cabral;

Início do processo de replantação da Vinha por novas castas, com o intuito de melhorar a qualidade do vinho;

2008-2017

Abertura da loja de vinho (Encostas de Xira), a replantação de pomares e manutenção de jardins, ampliação da adega para apoio à produção de vinho.

2020-2022



1980-2000

A propriedade da Quinta de Subserra depois da morte da Marquesa de Rio Maior, passou de posse por diversos proprietários até ao final do século XX.

2015

Introdução de um laboratório enólogo e novos equipamentos de apoio á vitivinicultura;

Quintas de Recreio/ Villas Renascentistas

Os séculos XV a XVIII, foram essencialmente marcados por influências renascentistas por toda a Europa e, por consequência, foram surgindo uma quantidade significativa de estruturas produtivas associadas à residência dos senhores detentores da propriedade, algumas delas acompanhando durante um processo de longa duração aquilo a que podemos chamar a génese das Quintas de Recreio, baseadas em parte na influência e herança de matrizes arquitetónicas renascentistas, muitas vezes actualizadas, outras vezes edificadas tempos passados sobre o surto quinhentista mas obedecendo a principios com os acima enunciados, sem, no entanto, deixarem se apresentarem uma marca característica da região onde se inserem e, até, em certa medida criando um conjunto de tipologias propriamente portuguesas.

As Villas de matriz Renascentistas têm origem ltáliana e de acordo com Amilcar Pires, fazendo nossas as suas palavras (Pires, 2016, pag.30);

*"Na Roma antiga, havia dois tipos 'Villa', a suburbana, de modesta escala e onde o seu detentor se deslocava por algumas horas para alcançar o devido repouso, e a rústica, que fazia parte de uma propriedade agrícola e acomodava a família e o pessoal doméstico durante largos períodos. Esta distinção, referida por Alberti, subsiste nas 'ville' do Renascimento e posteriores, que podem ser de dois tipos: as que se constituem como centro de actividade agrícola e as que se reduzem essencialmente a espaços lúdicos, 'per simplice diletto', ainda que o 'diletto' possa incluir a prática de alguma agricultura. Neste caso, a 'villa' está directamente dependente, na sua construção e manutenção, de rendimentos auferidos por outras actividades, necessariamente ligadas à cidade."*

As Quintas de Recreio, tornaram-se unidades insubstituiveis, no que toca à produção de alimentos, mão de obra, evolução económica, social.

De acordo com (Pires, 2016, pag.35);

*"As quintas de recreio são, acima de tudo, espaços que conjugam o lazer, o ócio e o recreio, com o investimento, com o rendimento económico, determinando uma construção espacial muito particular e distinta – quer pelo edifício quer pelo espaço envolvente – da arquitectura tradicional da quinta de produção e da torre senhorial.*
*O proprietário desta nova unidade agrícola não é já, o lavrador, o camponês, mas o citadino que a habita, apenas temporariamente e cujos requisitos de conforto determinavam novas linguagens arquitetónicas no edifício e cujo sentido Vilegiatura, que o leva à quinta, implica, também, transformações da propriedade rural e no próprio sistema produtivo."*

Uma aproximação às características comuns das *villas* de génese renascentista e as Quintas de Recreio portuguesas podem ser listadas como segue, seguindo ainda o processo de estudo e avaliação de Amilcar Pires, acompanhando de perto os conselhos deixados nos finais de quatrocentos por Leon Battista Alberti (1404-1472).

| Modelo da Villa Renascentista de Leon Battista Alberti | Quinta de Subserra – Quinta de Recreio Portuguesa |
|---|---|
| "Implantação no local menos fértil do terreno, preferencialmente horizontal, em posição destacada e elevada, para afirmação da arquitetura perante a envolvente;" | Implantada num declive, em solo argiloso, erodido, com vegetação baixa, média e alta, tendo sido necessário a criação de socalcos e patamares para suportar terras e possíveis deslizamentos, para se tornar habitável; |
| "Dever-se-iam evitar depressões topográficas e criadoras de zonas pantanosas com pouca salubridade;" | Localizando-se numa encosta, o declive torna-se numa vantagem para armazenar as águas pluviais, e distribuindo por gravidade em tanques e cisternas criadas na Quinta; |
| "Orientação dominante do edifício a nascente, para proteção contra os ventos predominantes;" | O edificado situa-se orientado a nordeste, sendo que neste caso, para esse efeito, a vegetação alta protege-o dos ventos de noroeste (ventos do litoral); |
| "Em situações de encosta, dever-se-ia proceder à modelação do terreno em socalcos, implantando a casa na plataforma mais elevada e criando os jardins nas restantes plataformas;" | A implementação do Solar, não se situa no patamar mais alto, mas encontra-se sobressaído em relação aos restantes edifícios construídos, garantindo assim a afirmação da Arquitetura perante a envolvente; |

| | |
|---|---|
| "O jardim deveria ser concebido da mesma forma que se projetava o edifício, e as diversas zonas deveriam ser limitadas com elementos vegetais, nomeadamente sebes e ciprestes;" | Os jardins que rodeiam a Casa Principal (Solar), mostram uma certa hierarquia em socalcos, criando diversos tipos de jardins. Sendo que o mais formal, é mais privativo, encontrando-se recolhido, enquanto os outros tornam-se mais expostos, tirando partido da paisagem que a Quinta oferece; |
| "Nos jardins, deveriam existir sistemas hidráulicos, fontes, grutas, vasos de pedra e esculturas;" | No jardim formal, de busto, encontram-se diversas fontes decoradas, um tanque de água com revestimento a azulejo e vários tipos de vegetação; |
| "A definição da caracterização do limite da Villa deveria ser feita com recurso a materiais e soluções do jardim encerrado medieval, nomeadamente muros de pedra como defesa exterior;" | Nota -se um sistema de muros de pedra, que delimitam a Quinta, protegendo-a de olhares exteriores e que criam uma divisão hierárquica relacionando o tipo de classe e função das zonas; |
| "Dever-se-ia assegurar uma via de comunicação com os centros urbanos através dos caminhos mais curtos, para garantir simultaneamente o domínio visual em redor para segurança e aproveitamento das vistas durante as deslocações." | Das vias de comunicação da Quinta de Subserra, apenas uma, chamada Rua do Marquês de Subserra, é que cumpre realmente o tipo de chegada nobre. Os tipos de vistas, jogos de luz e sombras através da vegetação, tornam o percurso autêntico. |

Tabela 01 – Comparação do modelo da Villa Renascentista de Alberti (Pires, 2016, pag.177), com a Quinta de Subserra (Quinta de Recreio).

As características mais marcantes nas Quintas de Recreio de acordo com (Pires, 2016, pag.184,186), serão:

- A presença de relações geométricas no construído como as proporções e relações entre partes, o uso de módulos geométricos, o retângulo de ouro e a métrica construtiva, tal como o tipo de composição geométrica, axial ou biaxial.

- A existência de pátios, com relações geometricas com a casa principal.

- A presença de elementos *de fresco* como fontes, lagos, espelhos de água, tanques de água, casas de fresco, vegetação e jardins como prolongamentos da casa senhorial, definindo deste modo um ambiente de religação com a natureza.

- A clara divisão de tipo de terrenos agrícolas, trabalhados e destinados à produção, e os terrenos intocaveis, deixados à mercê da natureza, como a mata, bosques.

Estes elementos compostos como um todo criaram uma harmonia, e enquanto tal tornam-se estruturantes para a construção material e imaterial do lugar.

Os principais elementos estruturantes e comuns nas Quintas de Recreio e por comparação também comuns na Quinta de Subserra, de acordo com (Pires, 2016, pag.186, 192), são:

- O solar;
- A capela privativa;
- Os pátios de entrada;
- Os terreiros e / ou eirados;
- Os espaços com elementos hidricos e vegetais;
- Os jardins formais, ou hortos de recreio;
- Os pomares;
- A mata;

Esta sequência de espaços arquitetónicos e paisagisticos, segue uma linha de pensamento, apesar dos elementos comuns, transformam cada Quinta numa entidade única no que toca à experiência sensorial.

Em todo o desenho racional tanto no Modelo da Villa Renascentista, como nas Quintas de Recreio, provêm não só da geometria e proporções, mas da relação do olhar com o objeto e o horizonte. A indução de uma racionalidade perspética caracteristica do renascimento acaba por ser transposta para a organização espacial do edificado da *villa* ou da Quinta de Recreio e, bem assim, dos terrenos envolventes e dos espaços com investimento paisagístico como os jardins formais.



De acordo com (Pires, 2016, pag.35), *"Alberti falava de objetos visiveis cujas formas se mediam mentalmente. Acreditava-se, então, que a perspetiva, mais do que uma ilusão ou artificio para manipular a realidade, era uma ordem oculta, uma estrutura matemática que dava coerência ao espaço e aos objetos nele situados. A perspetiva pressupõe a existência de um ponto de fuga na linha do horizonte que, desta forma, se converte no limite da composição"*.

A perspetiva parte de uma posição relativa a um objeto que é idealizado num espaço e que constrói o lugar através de um processo mental (imaginário). Este processo mental não é mais nem menos que memórias criadas no passado e que fornecem conhecimento e experiência para o imaginário.

A memória de acordo com (Yates, 2007, pag.81), *"é um glorioso e admirável dom da natureza, pelo qual recordamos coisas passadas, compreendemos as presentes e contemplamos as futuras, por meio de uma semelhança com as coisas passadas."*

A memória artificial de acordo com (Yates, 2007, pag.82), *"é a auxiliar e assistente da memória natural […] e chamamos "artificial" devido ao termo "arte", porque ela é encontrada artificialmente, pela subtileza da mente".*

*Sendo assim……*

*Os lugares criam memórias.*

*E através da memória, criam-se lugares.*

# Morfologia Territorial

Os lugares não são mais nem menos do que o que a ocupação humana (o habitar) e a identidade que é construída em cada localidade as torna únicas.

Para compreender melhor os lugares, além do conhecimento histórico, arqueológico, sociológico…., é necessário também entender o território através dos variados sistemas que o sustentam, que estruturam toda a actividade humana.

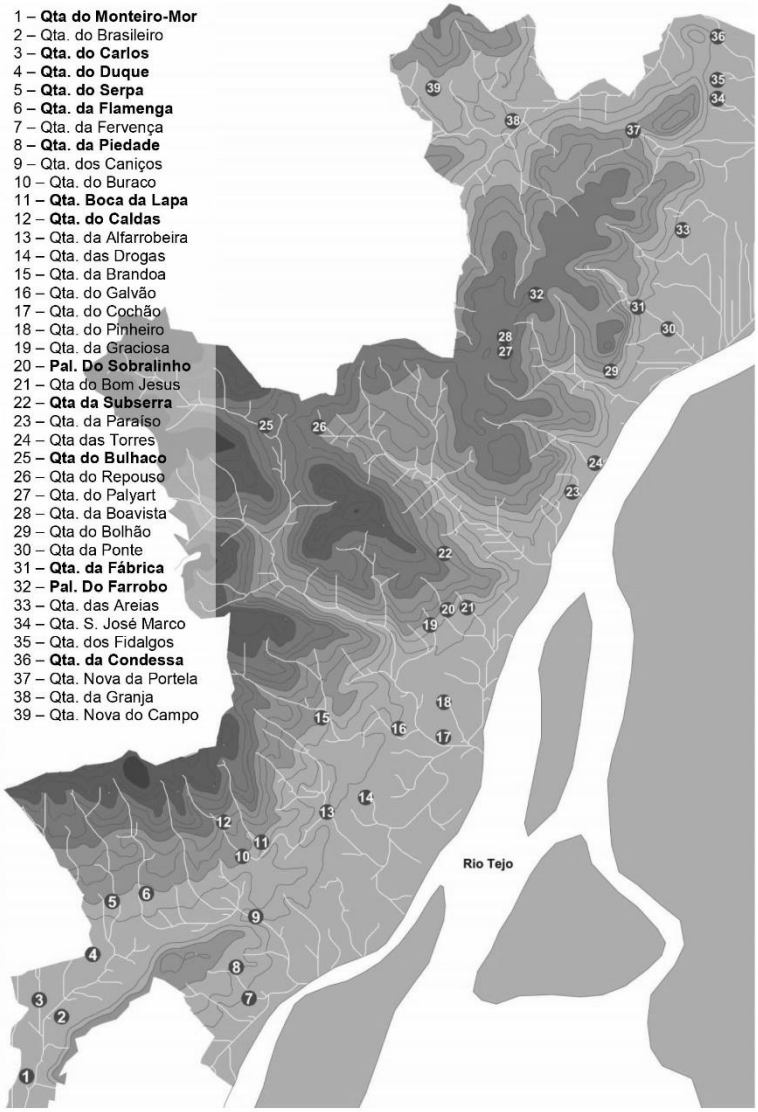
A localização, o tipo de declive, a noção da orientação, a presença de linhas de água, de solo rico, linhas de festo para sistemas defensivos, sistema de vistas e de mobilidade, são todos elementos essenciais para a caracterização física que prescreve a implantação de uma Quinta de Recreio, e, mormente, a Quinta de Subserra.

Logo em 1609, Manuel Severim de Faria descrevia assim o lugar de Subserra:



"*He este lugar o mais fresco que quantos o Tejo une por que de todas as partes está cercado de árvores de fruto, principalmente da de Espinho as quais estando das injúrias do tempo, as outras frutas de Verão se colhem nesta terra de melhor sabor e perfeição que quantas se conhece na Europa. Nasce isto da bondade águas que arrebentando da serra regam abundantemente estes pomares e do sobejo dela que pelas mais corre se faz um grande tanque que serve para limpeza de todo o lugar. He este sítio sanissimo, e não morrem os homens nelle senão de muy larga idade*"

Não admira pois que o lugar venha a ser escolhido para erguer uma das mais importantes quintas da região cirense.

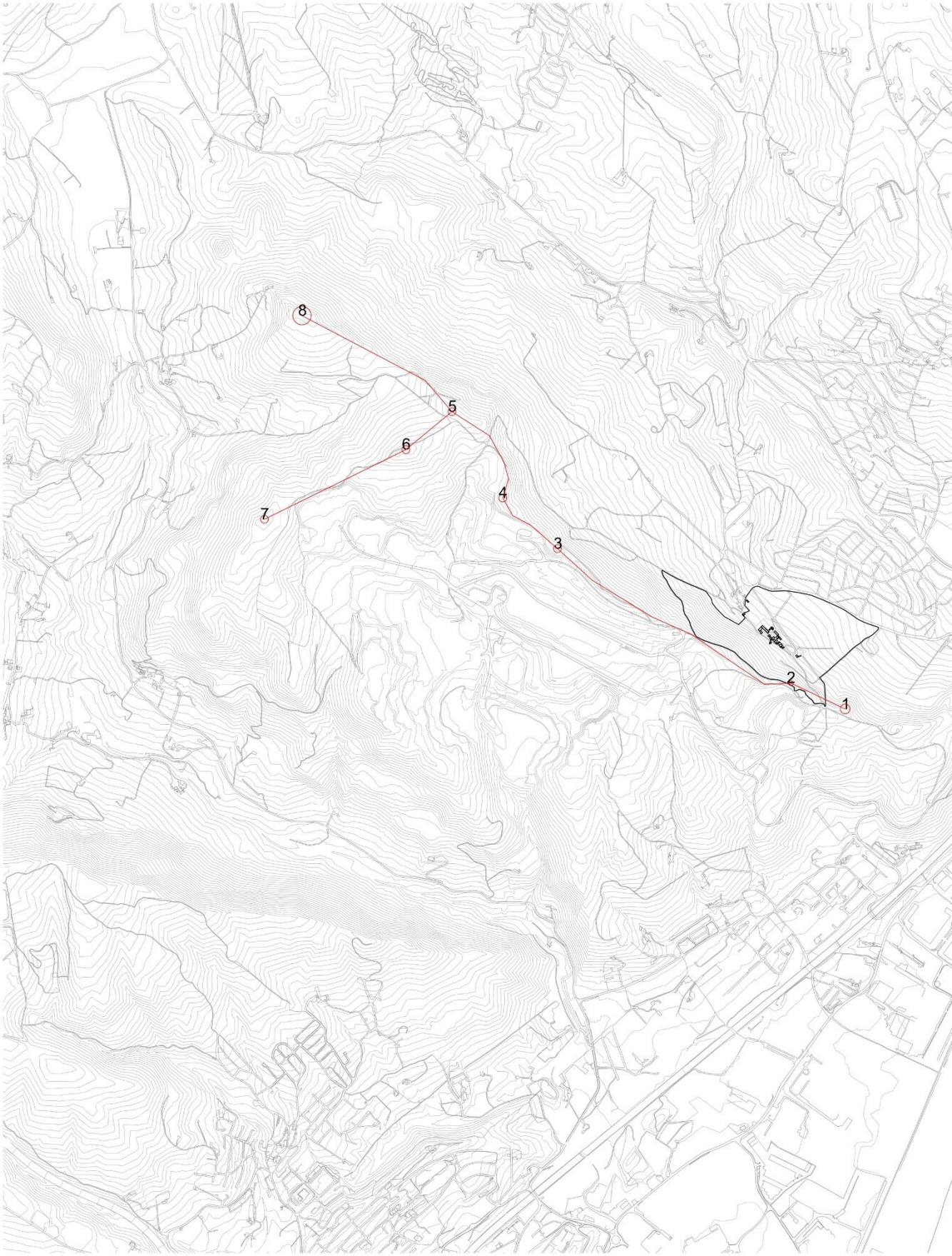





002 In Inês Pires Fernandes, A Quinta de Recreio no Concelho de Vila Franca de Xira, fig.1 (sem pg.)

Dos vários estudos sobre este conjunto de Quinta de Recreio da região, socorremo-nos da síntese, em artigo, de Inês Pires Fernandes intitulado, a Quinta de Recreio no Concelho de Vila Franca de Xira, que procede a uma análise e a um mapeamento que confirma a predisposição da região para a exploração agrícola e uma invulgar densidade de estruturas como a que aqui abordamos.

Segundo Inês Pires Fernandes (2014 pag.9): "*É possivel, através da sobreposição da localização das quintas a uma planta com as curvas de nivel e linhas de água, a confirmação de uma implantação planeada, sem exceção, em relação com o rio Tejo é meramente visual, visto que o aproveitamento de água para o sistema hidraúlico da Quinta, quando existe, é feito exclusivamente através de cursos de menor caudal e vizinhos ou incorporados no terreno da quinta, dada a salinidade do Estuário do Tejo nesta região. Estes cursos de água menores e mais próximos permitem, por gravidade, o abastecimento para rega das hortas, pomares e jardins formais através de aquedutos e caleiras de distribuição e a sua reserva para fins de rega ou de prazer, em tanques, fontes ou espelhos de água. Os edifícios localizam-se maioritariamente ao longo do Tejo e da Ribeira de Alpriate, e as cotas até aos 15 metros, em encostas suaves.*"


8
5
6
4
7
3
2
1

Linha Defensiva de Torres Vedras:

1- 1º Forte de Subserra
2- Bateria Nova de Subserra
3- Reduto 2º de Subserra
4- Reduto 3º de Subserra
5- Forte Novo da Costa da Freira
6- Forte do Moinho Branco
7- Reduto das Sardanhas
8- Reduto da Serra do Formoso

São João dos Montes
Subserra
Calhandriz
Sobralinho
Alverca do Ribatejo

Planta Urbana e de vias rodoviárias

De acordo com Vitruvio (em tradução de Maciel M.Justinto, pa.33-35, 2015), o conhecimento e a cultura geral, adquiridos das disciplinas como a história, as artes, a geometria, aritmética, filosofia e outras áreas, são necessários não só para a arquitetura em si, mas para a formação do arquiteto, tendo a capacidade de conhecer e entender as problemáticas que surgem no território quanto entendidos e requeridos como locais de intervenção.

A fragmentação, parte do conceito de dividir um objeto por partes, para entender a essencia do lugar enquanto materia.

As Quintas de Recreio contêm uma enorme componente sistémica em harmonia, criando ambientes e espaços com uma qualidade única. Para compreender a Quinta de Subserra, ou qualquer outro objeto de estudo, edificio, lugar etc, é vital todos os sistemas/ camadas presentes analisando-os isoladamente e, depois agregando-os numa projeção inteligivel que assegura a correcta interpretação do "lugar". Estes sistemas, como a altimetria, presença de elementos hidricos, vegetais ligações entre pátios internos, externos, e largos da localidade, percursos, sistemas de muros de suporte e socalcos, jardins, edificíos que constituem a marca genética, se assim lhe podemos chamar, de cada quinta, e penhor da sua absoluta individualidade…

Do mesmo modo que se usa a Fragmentação para compreender qualquer sistema complexo, é também útil e imprescindivel usá-la quando se analisam pré-existencias históricas e com valor arquitetonico e paisagistico. Este processo não só revela as origens do lugar, as intenções e razões que levaram a construir nesse preciso lugar, mas também até que ponto essas pré-existencias foram sendo domesticadas, transformadas - metabolizadas - ao longo do tempo

É através da evolução da Quinta, que nos informa acerca do sentido e direção das várias expansões da mesma, e como poderá expandir-se futuramente, criando diversos tipos de espaços e experiencias.



O edifício da Quinta de Subserra implanta-se a meia encosta, embora esta denuncie um declive pouco suave, e domine o vale onde se insere, rodeada pelos altos da serra que constituiram , elementos de observação e de fortificação quando da Guerra Peninsular e da edificação das estruturas defensivas das chamadas Linhas de Torres neste anel já mais perto de Lisboa.

Do ponto de vista estrutural e formal, pode dizer-se que se inscreve numa tradição local, que reverte algumas sugestões da arquitetura vernacular "saloia" num elemento monumental e destinado à comodidade dos senhores.

**Fig. 10** – A Quinta da Subserra – vista Sul[29]

**a)** edifício principal | **b)** capela | **c)** jardim formal | **d)** tanque/espelho de água | **e)** fonte de embrechados | **f)** horta | **g)** pomares



003 In Inês Pires Fernandes, A Quinta de Recreio no Concelho de Vila Franca de Xira, fig.10 (sem pg.)

Porém, não exibe traços de retórica, de alvenaria com paredes rebocadas, e vãos regularmente dispostos num assomo de simetria, constitui um bloco, ao ponto de caír na tipologia – na nossa classificação muito elementar – da quinta "bloco". Impõe-se pela sua massa, e pela sua extensão, ou melhor, pela extensão da sua fachada que lhe confere monumentalidade. Diríamos que se trata de um edifício que vem na tradição da "arquitetura chã", o que se desprende da economia de meios, da sua racionalidade e da formação das estruturas que assegurando a dignificação da "casa", exibe uma contenção ornamental que se compagina com a marcante tendência para os com volumes simples e claros, de grande e imediata legibilidade.

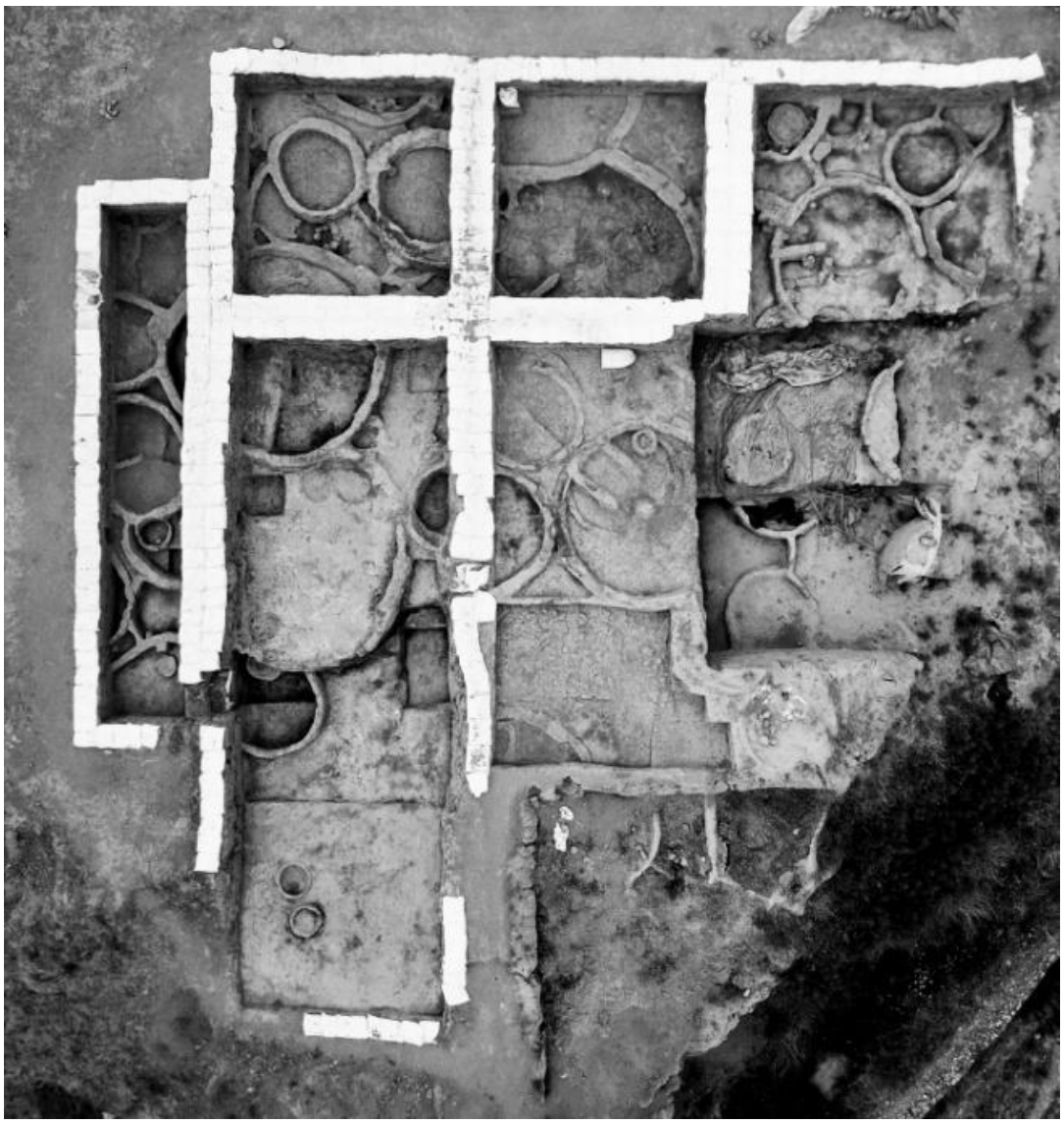


A sua planta retangular é de característica compacta apesar da sua dimensão. Possui três pisos e a fachada denuncia isto mesmo nos teus três registos na horizontal. O telhado de quatro águas, já modificado, confere a necessidade inércia ao conjunto, ancorando-o ao lugar. Oferece ainda uma solução importante: a da fachada tardoz a encaixar a meia encosta apenas com dois pisos visiveis enquanto a principal nos apresenta ao vale de forma mais forma e estruturada.

A distribuição das áreas da Quinta e a sua funcionalidade é carregada por Inês Fernandes num esquema que mostra a relação entre zonas. O esquema apresentado na pagina anterior é igualmente útil para explicitar a nossa aproximação ao projeto de implantação de uma adega. Com efeito, o desenvolvimento da Quinta e a disposição dos seus elementos constituintes formam-se estendendo num eixo de Oeste-Este. E é precisamente para obedecer a estes eixos de implantação que viremos a escolher o lugar para a "obra nova". "Obra nova" que se insere na continuidade dos muros de pedra, com a mesma lógica compositiva da Quinta.

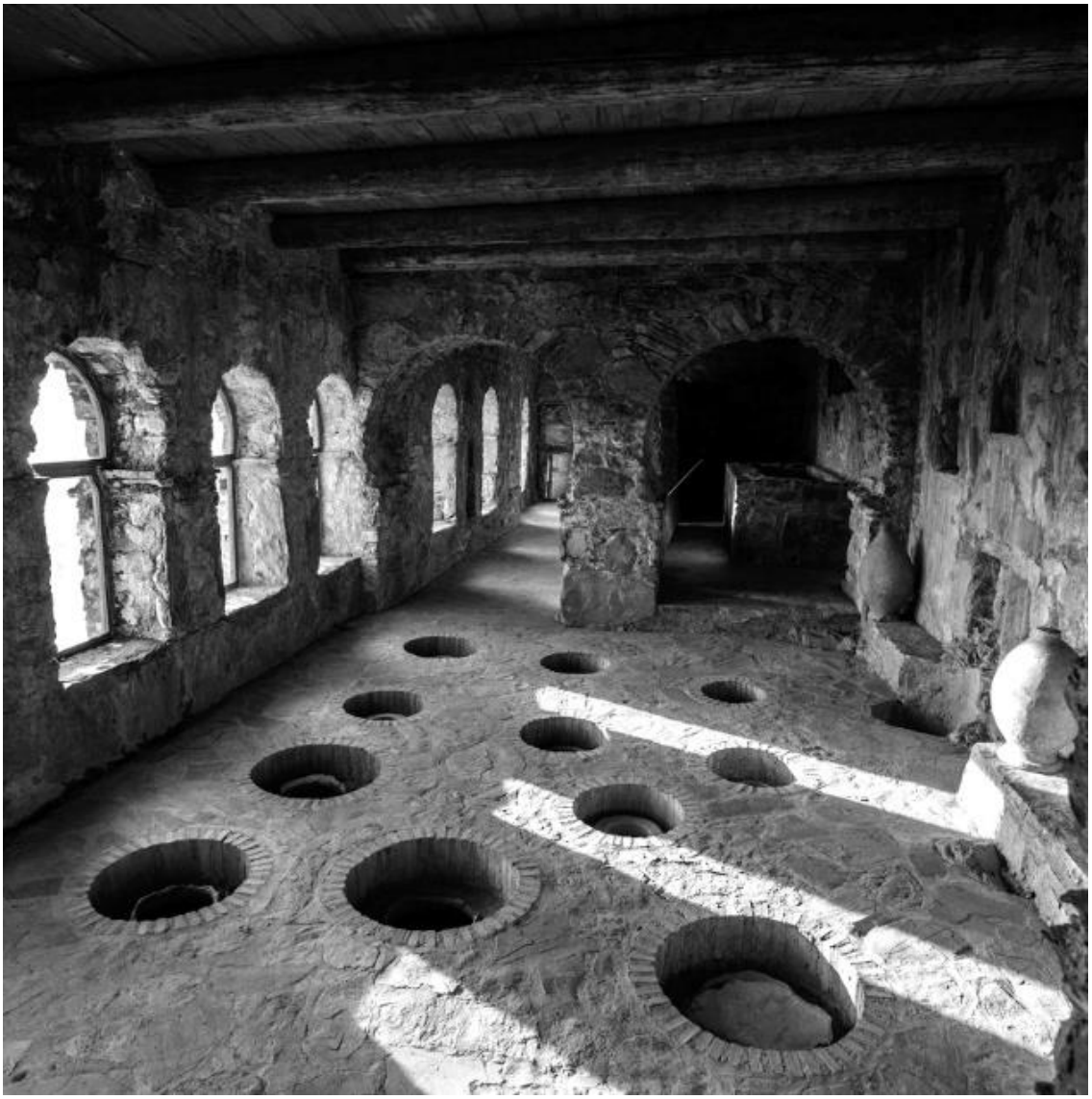
# CAPÍTULO TRÊS ADEGA

Para entender uma adega contemporânea, é imprescindível analisar e compreender as origens e a história do vinho, a sua produção ao longo dos seus milénios de existência, bem como o conceito do vinho pode ter mudado o pólo de produção e armazenagem -a adega- durante este longo processo.



004 Adega Néolitica (5.800-5.300 a.C.)
em Gadachrili Gora, Georgia.

# Origens



005 O antigo Kvevri, ou método de jarra de argila, uma parte fundamental da vinificação na Geórgia. Fotografia Cortesia GeorgiaTravel

O vinho nas suas origens (que se crê remontar ao periodo Neolítico oriental e extremo-oriental, cerca de 5000 a.C.), tornou-se numa bebida dedicada ao lazer, convívio e socialização entre as populações.

Há 7000 anos atrás, já era entendido como uma bebida requintada. Datado por arqueólogos como Patrick McGovern (Curry, 2017), todos reforçam a noção de que era "*uma época em que os humanos pré-históricos ainda dependiam de pedra e osso como principais ferramentas diárias*." Com efeito, as descobertas de McGovern, mudaram a perspetiva de como se olha para a história e as origens do vinho até aos dias actuais. Dedicou maior parte da sua vida a encontrar indícios de actividade vínica nos povos mais avançados desde o Neolítico.



Olhar para o tempo neolítico e entender o tipo de ferramentas usadas, a rotina, conseguimos ter outra percepção ao entender que os locais onde se produzia o vinho, e bem se pode dizer, com algum exagero bem entendido, que as "adegas" desses tempos remotíssimos quase que pertencem ao mesmo patamar histórico da existência das primeiras habitações construídas pelo homem.

006 O antigo complexo de produção de vinhos em Yavne, Israel, Fotografia de AFP via Getty Images

Curisoamente, a "industrialização"- entendida aqui como uma manufatura extensiva- do vinho não é recente, pelo que foi descoberto um complexo de produção de vinhos brancos em Yavne, numa cidade do distrito central de Israel. De acordo com (Peiser,2021), *"Ficámos surpreendidos ao descobrir uma fábrica sofisticada aqui, usada para produzir vinho em grandes quantidades"*.

A fábrica em si tinha aproximadamente 75 mil metros quadrados, onde não só produziam o vinho branco chamado "Gaza", mas também onde o envelheciam e onde criavam as próprias jarras de barro que serviam para o armazenar. A proximidade que esta fábrica teria com o mar, fez com que se tornasse numa das vantagens para o seu desenvolvimento e o crescimento exponencial da localidade e do comércio (Peiser, 2021).

O vinho desde as suas origens, foi sendo incrementado contendo sempre um significaod para cada cultura que o adoptou.



De acordo com (McGovern, ND) – no Antigo egipto, o vinho foi durante muitas gerações importado para consumo diário da corte real, dos faróes e usado para rituais celebratórios e funerários. Os egípcios tinham como tradição encher as tumbas dos faraós falecidos com suprimentos, tais como bebidas, comida e valores materias, como carroças, etc, para que pudesse continuar a usufruir deles durante a vida no além.

Os egipcios chegaram também a produzir vinho aproveitando as ótimas caracteristicas climáticas provindas do Delta Nilo, que se tornou mais tarde um catalisador no que toca ao crescimento económico e social nas provoações em redor.

Porém, por razões climáticas e religiosas propicias, foi na Grécia que a cultura do vinho se iniciou, ganhando um novo significado. De acordo com (Chrysopoulos, 2021), o seu consumo, abundante nas festividades do Deus Dionísio, provinham da crença de que a divindadepresidia à colheira da uva, à vinificação e à fertilidade, algo que influenciou o modo de vida e os prazeres gastronómicos entendidos com um ritual, não só do povo grego mas em todas as regiões/ provincias conquistadas e por conquistar pelos helénicos.

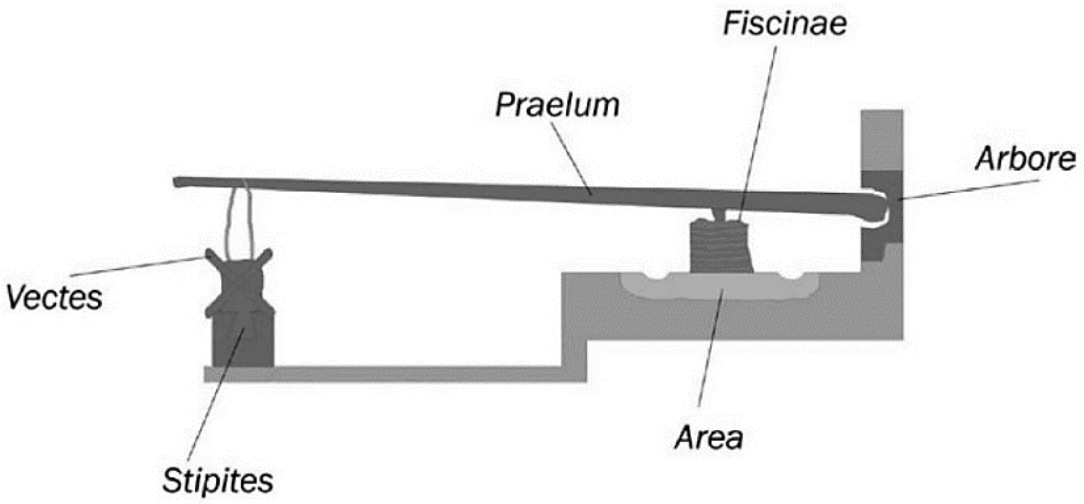
E foi também na Grécia Antiga que, ainda de acordo com (Chrysopulos, 2021), "*o consumo do vinho deixou de ser apenas um ato sagrado aquando sacerdotes e governadores controlvam os campos vinícolas"*. O vinho começõu a fazer parte do quotidiano, pelo que se bebida a todas as refeições diárias.

No entanto, o espaço onde se produzia vinho não era um local de trabalho necessário para a sobrevivencia, mas um um local dedicado à fabricação, onde o próprio ambiente se mostrava dificil e pouco propício a uma partilha de sensações, antes se concentrava na actividade dura e pesada da transformação da uva considerado com um esforço suplementar. (Curry, 2017).

Sabe-se hoje que a introdução da videia (*vitis vinefera*) se deve aos gregos em regiões como a Itália, a Sicília e no sul de França. O mesmo aconteceu na Peninsula Ibérica, e é quase certo que os primeiros núcleos para a produção da bebida fermentada a partir da uva no atual território português aquilo a que os gregos chamavam oinos (**οἶνος**) tenha ocorrido nas zonas meridionais, que também eram as que acolhiam colonos gregos e despunham de condições climatológicas consequentes.

Mas foi com a romanização que a exploração da vitivinicultura se desenvolveu no ocidente peninsular. O arqueólogo Carlos Fabião fala-nos do processo de introdução para consumo e não tanto para fabrico:" *A conquista dos territórios peninsulares pelos romanos alterou substancialmente esta situação e, neste sentido, pode dizer-se que o processo de "mediterranização" dos hábitos alimentares, se tornou um processo fundamental romano, dando, neste particular corpo e sentido ao conceito de "romanização". (…) tudo indica que a chegada dos vinhos itálicos ao nosso território se inscreve no processo de conquista, não tendo sido antecedida por nenhuma distribuição relevante, de natureza comercial, como sucedeu em outras paragens do espaço europeu (..). O primeiro vinho itálico chegado a estas terras ocidentais vinha, portanto, para (e com) os soldados em campanha e a eles seria preferencialmente destinado, e não aos indígenas*". (Fabião, 1998, p.175)

007 Pedro Abrunhosa Pereira, *O Vinho na Lusitânia* (CITCEM, 2017), p. 59





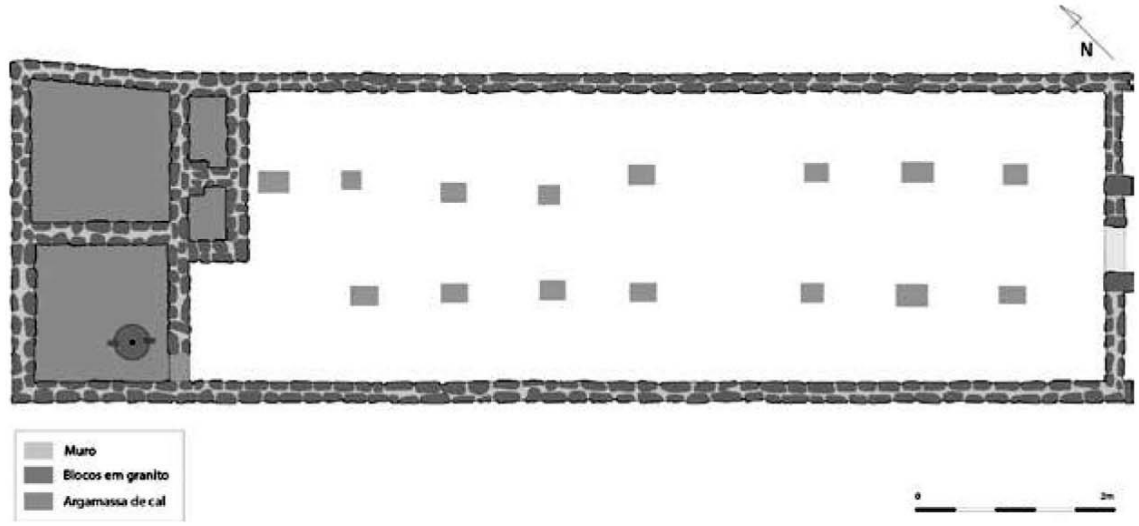

008 Pedro Abrunhosa Pereira, *O Vinho na Lusitânia* (CITCEM, 2017), p. 43

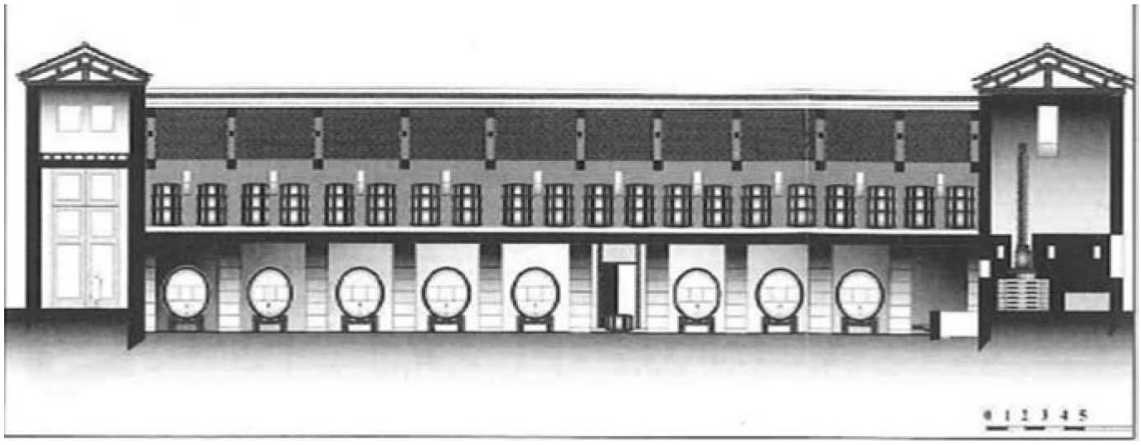
009 Milreu; *villa* romana de Milreu: lagar de vinho (fonte: DGPC)

Mas cedo se passará à produção durante a perdurável presença romana nos territórios hoje portugueses e nos da Lusitânia: é isso que nos comprova o notável estudo de Pedro Abrunhosa Pereira, O Vinho na Lusitânia (CITCEM, 2017). A distribuição dos lugares onde se comprova hoje a produção de vinho vêm aí documentados, sendo certo que muitos mais existiriam. Anote-se que a produção de vinho (e concomitantemente a do azeite) necessitava de estruturas próprias e de um espaço de adega. O espaço de prensagem e de condução do líquido assumia um papel fundamental: era o lagar propriamente dito onde se fazia a pisa das uvas – o chamado *calcatorium*. Mas também meios de tração humana ou animal eram utilizados em lagares onde existia o dispositivo mais comum (e ainda existente em alguns polos de produção contemporâneos), ou seja o *torculariam*, que facilitava a prensagem.

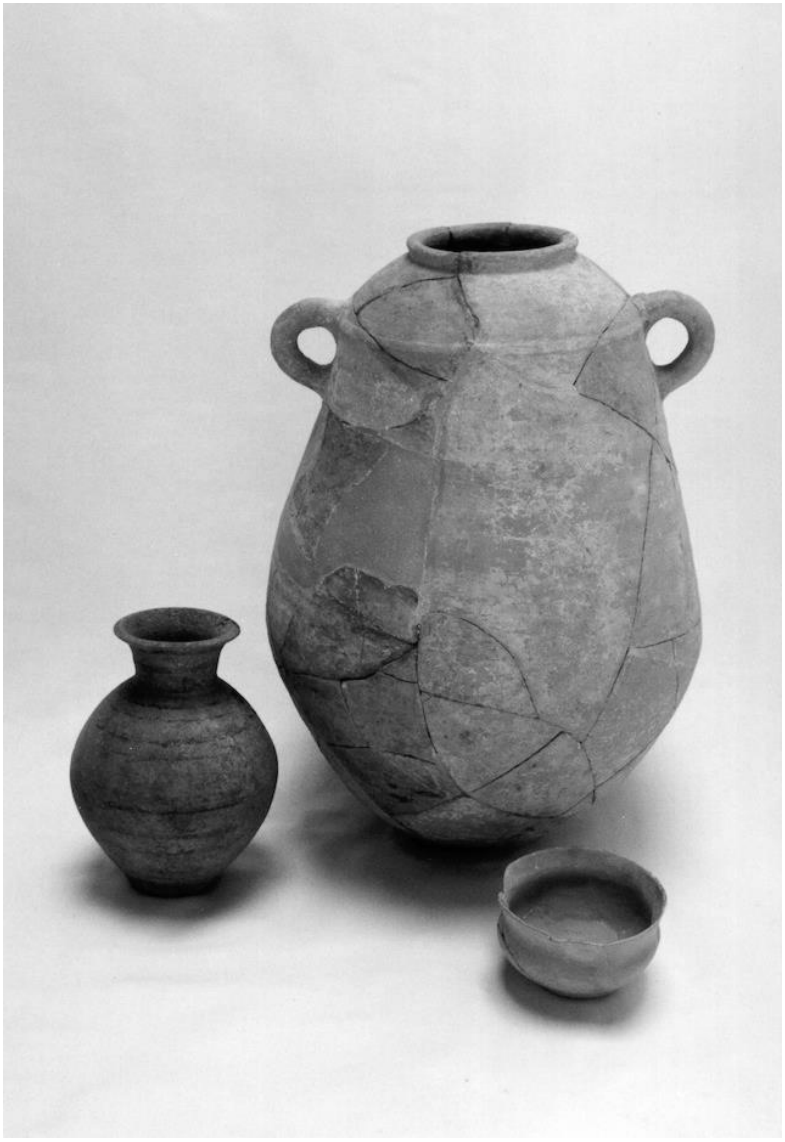
Estas estruturas encontravam-se na *pars* rustica das *villae rurais,* isto é, dos conjuntos de produção agrícola dos grandes senhores. Organizava-se assim, após a prensagem a fermentação dos mostos na *tinaia,* seguindo depois para a adega propriamente dita, ou *cella vinária* associada à apoteca para o envelhecimento, de que existiam exemplos conhecidos das escavações arqueológicas levadas a cabo.

A consequência foi a criação de uma rede de exportação e distribuição do vinho, transportado nos famosos contentores romanos a que hoje damos o nome de ânforas, que eram de vários tipos, e devidamente resinados no local de modo a preserva o liquido quando do seu transporte.




010 *Cella vinaria* da *villa* romana de Torre de Palma, Monforte (seg. Abrunhosa Pereira, p. 89)





011 Ânfora, séc.II aproximadamente

Contemporaneidade

012 Otis Steel Company, Cleveland, Ohio - 1928. Gelatin silver print – Margaret Bourke-White, exposta no Museu de Arte de Cleveland.

A revolução indústrial iniciou-se como um processo de transformação no século XVIII, que veio substituir uma boa parte da mão de obra humana pela maquinaria. Por um lado a indústria automatizada veio aumentar a velocidade e a quantidade da produção anual, reduzindo os preços associados à produção, por outro, mesmo com a mecanização, exigiu um concurso maior, agora para outras funções de controlo rotineiro e de intensividade por nova mão de obra. A indústria tornou a construção mais rápida, eficiente, com técnicas inovadoras que aumentaram a flexibilidade construtiva. É através de um novo modo construtivo, que a estrutura modelar e a racionalização se desenvolveram dando início ao discurso modernista do séxulo XX.

A adega tradicional e as suas componentes, praticamente inalteráveis desde a Antiguidade Clássica acabou por ser uma das vitímas desta industrialização, que tornou o desenvolvimento da produção vinícola mais eficiente e otimizada. Porém, a introdução da maquinaria acabou por arrastar o ambiente de trabalho original das antigas adegas para um clima quase totalmente mecanizado, rigido e impessoal.

Neste domínio, a arquitetura indústrial até metade do século XX, tendeu a seguir algumas das características introduzidas durante a revolução indústrial, através dos espaços amplos e de grande pé direito, a composição dos materiais de construção, normalmente com aço, vidro, betão ou tijolo de burro maciço, que configuram um ambiente indústrial através do tipo de iluminação zenital constante, dos materiais "em série" dependendo do tipo de funções, de modo a aumentar a eficiencia e a produção do trabalho.

Desde a segunda metade do século XX, a indústria e o seu papel funcional para o desenvolvimento da sociedade começou a ser interpretada a partir de uma perspetiva derivada da arte, ciência, engenharia, sendo mais direcionada para a integração social.

013 Renderização do interior da adega na Quinta de Santo António, Tabuaço, realizada pelo atelier Sérgio Rebelo

É através destes novos conceitos e pensamentos do final do século XX e inicio do século XXI, que no momento actual se verifica uma maior preocupação em relação aos edifícios industriais, onde se percebe que não são apenas edifícios funcionais e impessoais que servem a sua função, mas que podem ser muito mais do que realmente aparentam ser. É através desta nova percepção, deste novo olhar que se pretende estabelecer uma ligação mais directa com a sociedade de apreciadores, entusiastas, curiosos, através das sensações e experiências suscitadas pelos novos espaços como objetivo ressignifica-los. Ora, as adegas não fogem a este novo pensamento de integração social, pelo contrário, têm sido transformadas e reformadas, de modo a potencializar os espaços de produção para actividades culturais ou enoturísticas.

Futuro

Na disciplina de arquitetura, a reflexão e o trabalho são direcionadas ao futuro. Para isso, quando se fala em programas para o edifícado, a preocupação centra-se de forma critica e sempre questionando o próprio programa, isto é, como pode ele evoluir, ou como se poderá adaptar a outros programas e funções no futuro?



Este tipo de pensamento está cada vez mais presente quando se concebe uma adega, ou outro edificio seja de qual tipologia for. O programa funcional desta tornou-se extenso e cada vez mais mecanizado,  mas ao mesmo tempo procura-se criar uma harmonia e um equilíbrio entre outras possiveis funções que se poderão desenvolver e adaptar ao edifício.

A adega, aliás, apresenta-se-nos, hoje em dia, segundo vários tipos de soluções na cadeia produtiva, assumindo-se dois tipos de percursos de produção de vinho, que dependem não só do tipo de terreno onde se insere mas da qualidade pretendida do vinho.

As adegas por gravidade são edifícios em altura. O processo baseia-se na verticalidade, e a sua configuração exige quase sempre, senão sempre, um lugar de permanência, a maior parte das vezes subterrâneo, onde se encontra o estágio e o envelhcimento do vinho. Esta tipologia torna o vinho mais controlado e com um melhor desempenho através da temperatura estável que o solo oferece.

Nas adegas por horizontalidade, em edificios de dominante horizontal com o processo o indica, baseia-se numa linha de produção novencista, e até certo ponto modernas mas de cariz convencial. Este rpcoesso costuma iniciar-se numa ponta do edifíficio para terminar no extremo oposto, localizando-se na sua maior parte à superficie ou semi enterrados. Necessitam, normalmente, de grandes infraestruturas de AVAC para controlar a temperatura do vinho ao longo do ano, de modo a aumentar o desempenho do mesmo.

"A forma segue qualquer coisa" – Peter Zumthor

As adegas cada vez mais são alvos de turismo, um novo turismo associado com o vinho que nasceu no final do século XX e que de acordo com Costa (Costa, 2003), conduziu ao Enoturismo, definido através da visita a vinhas e estabelecimentos vinícolas, festivais e espetáculos de vinho, com uma vertente pedagógica e com o intuito de ensinar os apreciadores de vinho a provarem ao mesmo tempo que se promovem os vinhos dessas regiões e os próprios territórios pelas suas valências culturais e simbólicas.

Esta componente turística acaba por resignificar a adega industrial, através de um olhar distinto. Estes pressupostos indiciam uma nova sinergia, em que para além da produção vinícola e da adega que lhe está na origem e que se associam componentes de alcance vivencial mais robustos e mais integradores de experiências multifacetadas tais como quartos de alojamento, enotecas, auditórios, espaços de arte com o objetivo não só de criar uma renovada dinâmica, potencializando ao máximo a adaptabilidade e versatilidade que um edifício industrial poderá ter.

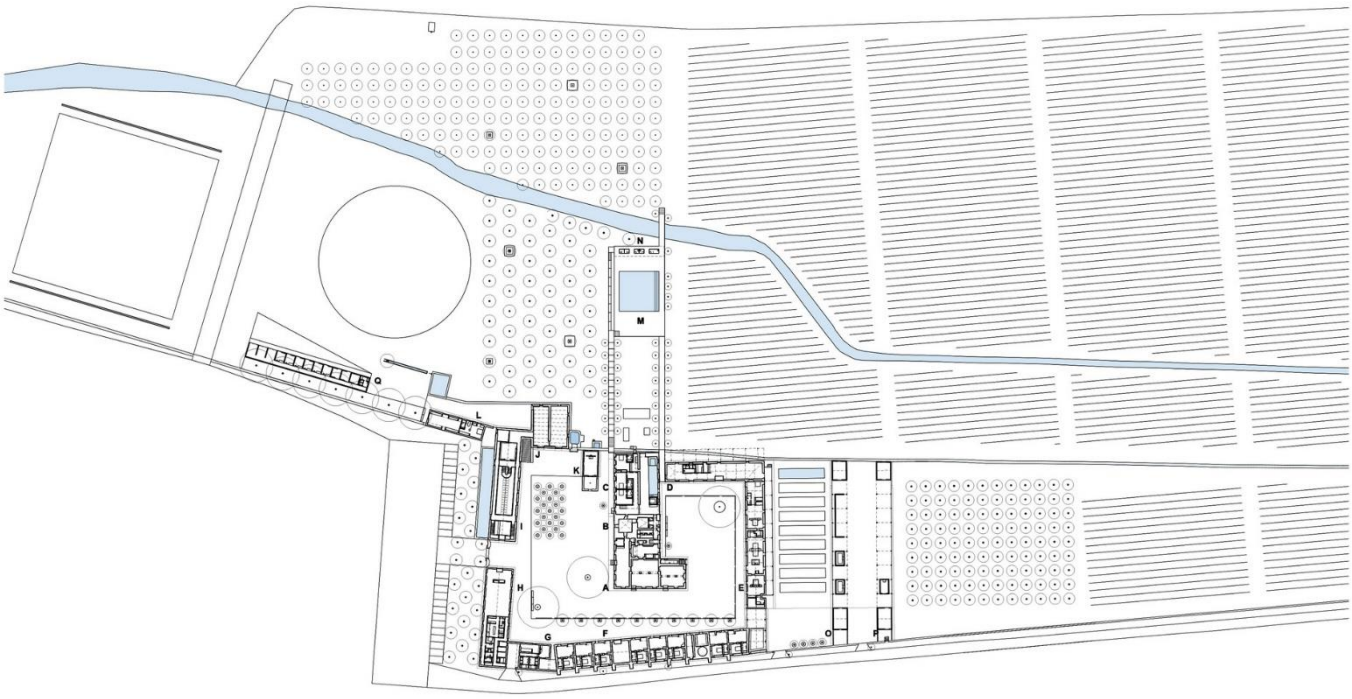
Quanto maior a adpatabilidade de um edifício, quer industrial, habitacional ou de outro tipo, maior será a hipótese de dinamização, durabilidade, e menor hipotese de decadência futura.

# CAPÍTULO QUATRO ESPAÇOS E EXPERIÊNCIA

Os espaços são desenhados conforme o lugar, atmosfera cultura e história, que por sua vez se tornam catalisadores para o desenvolvimento de ambientes desejados. Este ambiente é conduzido através das sensações e elementos naturais, materiais que irão compor o espaço imaginado, criando equilibrio, harmonia e uma experiência singular.

Herdade Torre de Palma

014 Torre de Palma, Wine Hotel, Monforte, Portalegre. Vista da entrada para a casa nobre.




015 Planta geral do programa de Torre de Palma, de João Mendes Ribeiro

# Herdade Torre de Palma – Jorge Mendes Ribeiro

Monforte, Portalegre, (2014)

A história que antecede esta Herdade, deriva do século I, com a presença dos romanos na Villa Torre de Palma. Em 2014, foi alvo de uma reabilitação pelo arquiteto João Mendes Ribeiro, onde a sustentabilidade e o minimalismo tornaram-se nos principais conceitos para um novo programa e melhoramento de equipamentos que ligam a contemporaneidade à história.

Wine Hotel, tem como base o Enoturismo, (território, turismo e cultura do vinho). A Quinta contém a casa do caseiro (casa principal), quartos, apartamentos, spa, restaurante, bar, adega, sala de pipas, salas de worshop, estábulos, estacionamentos, zona de horta, pomares e vinha.



O projeto adquiriu uma lógica comum em todos os edificios, evidenciando a obra nova em harmonia com o existente, através dos tons e da materialidade usada nos interiores. A luz, as cores e o silêncio inundam os espaços interiores desenhados e criam uma experiência sensorial, enquandrando com significado o próprio edificado. A ausência de ruídos exteriores valoriza a experiência e o lazer pretendido no lugar.

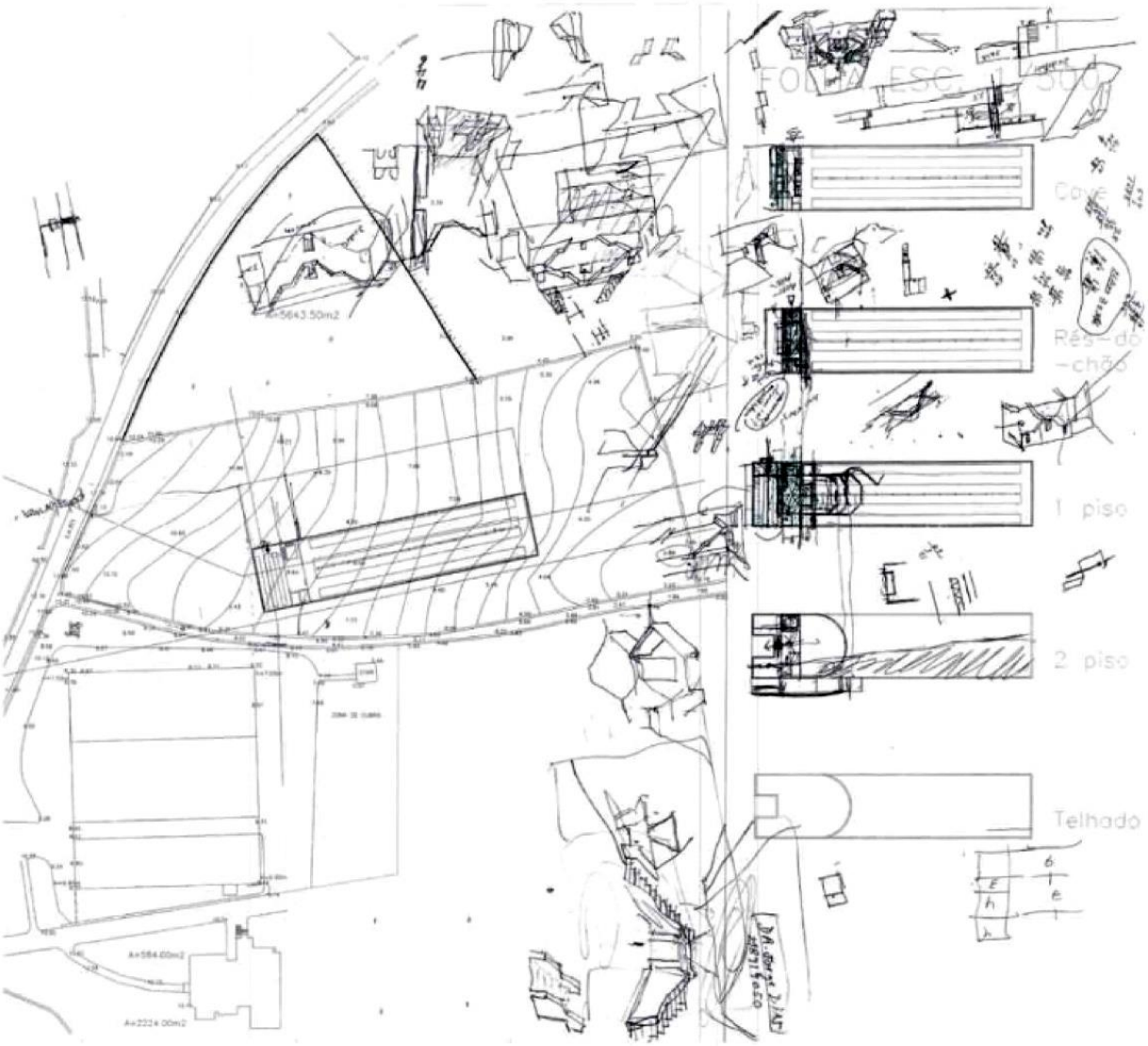
Anote-se a atenção conferida, por usa vez, à adequação de linguagens. Sem qualquer concessão a um revivalismo que seria despropositado, a quipa de arquitetos vir a desenhar volumes (e espaços) que mantêm uma relação identitária com as pré-existências. Existe assim uma franca interpretação do que pode ser uma ampliação "no tempo", com um alinhamento da obra nova nas suas diversas expressões e posicionamento, fazendo uso da cor branca e do perfilamento do conjunto, num processo de continuidade que acentua a acalmia formal no encontro com o vernacular, e que obedece a uma morfologia e a um esquema funcional que não contraria ou rompe com a lógica intrínseca do conjunto, antes lhe concede um novo significado acrescentando-lhe porém novas funções.

016 Espaço dedicado ao envelhecimento de vinho em pipas na Quinta Torre de Palma.

017 Inserção de um Spa num edificio existente na Quinta Torre de Palma.

Adega Quinta do Portal

018 Pesrpetiva da entrada da adega da
Quinta do Portal, Adega, Sabrosa, Douro






019 Esboço de Siza Vieira da concepção e da organização de espaços da adega da Quinta do Portal no Douro.

# Quinta do Portal – Álvaro Siza Vieira

Celeirós, Sabrosa (2008-2010)

"A Quinta Do Portal, desde sempre com a família Branco, existe desde a década de 80 do século XIX." (Lopes, 2007). A adega desenhada pelo arquiteto Siza Vieira, adquire uma forma simples e clara, e insere-se no território como se fundisse na terra através da pedra, cortiça e os tons alaranjados que se enquadram com as folhas das vides no outono.

A adega foi concebida com uma lógica longitudinal, que organiza o programa em 3 pisos onde os serviços, sala de provas e auditório são concentrados em ¼ do edifício enquanto o restante espaço é dedicado à produção de vinho. Os espaços que se dedicam à produção, mantêm a função de vinificação no piso térreo, onde é feita a cargas e descarga, isto é, a receção da uva e respetivo processamento. O envelhecimento e o armazenamento de produtos enológicos, encontram-se no piso inferior, onde se encontra aquilo que poderemos chamar o "coração" da adega, espaço dedicado ao envelhecimento do vinho.

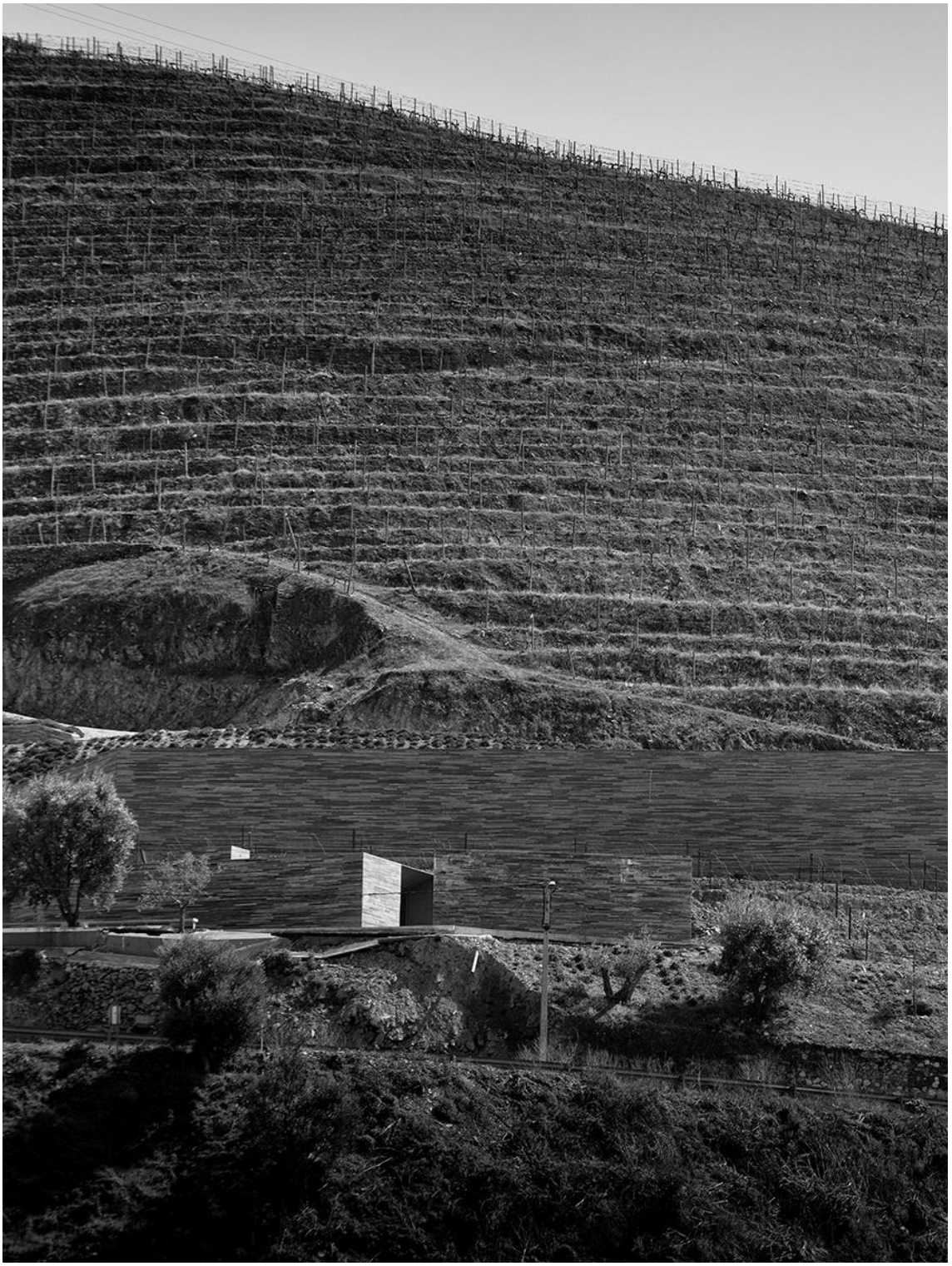
A concepção da adega no interior garante a entrada num mundo, onde se vive através dos sentidos, não só olfativos e do paladar - através da presença do vinho -, mas sobretudo em espaços sensivelmente trabalhados com a vivacidade que nos é conferida pela escala, pela lógica funcional, mas plasticamente vocativa em relações de escala, acentuada pelos materiais e tonalidades presentes.

O jogo de texturas no exterior consagram a paisagem e evocam o equilibrio ecológico. Materiais contemporâneos assumidos sem limitações, como o betão e o aço. São usados com algum expressionismo, dando conta da sua componente tectónica. Mas também se assiste ao revestimento em xisto, que caracteriza os solos do lugar. Nota-se, por fim, para a utilização da cortiça, já que consiste num material cuja utilização repercute o cuidado posto na adequação entre paisagem e a "obra nova", mas também pelo seu simbolismo no que respeita á produção vinícola: sendo o material, tradição da rolha de cortiça, essencial para a preservação do vinho.

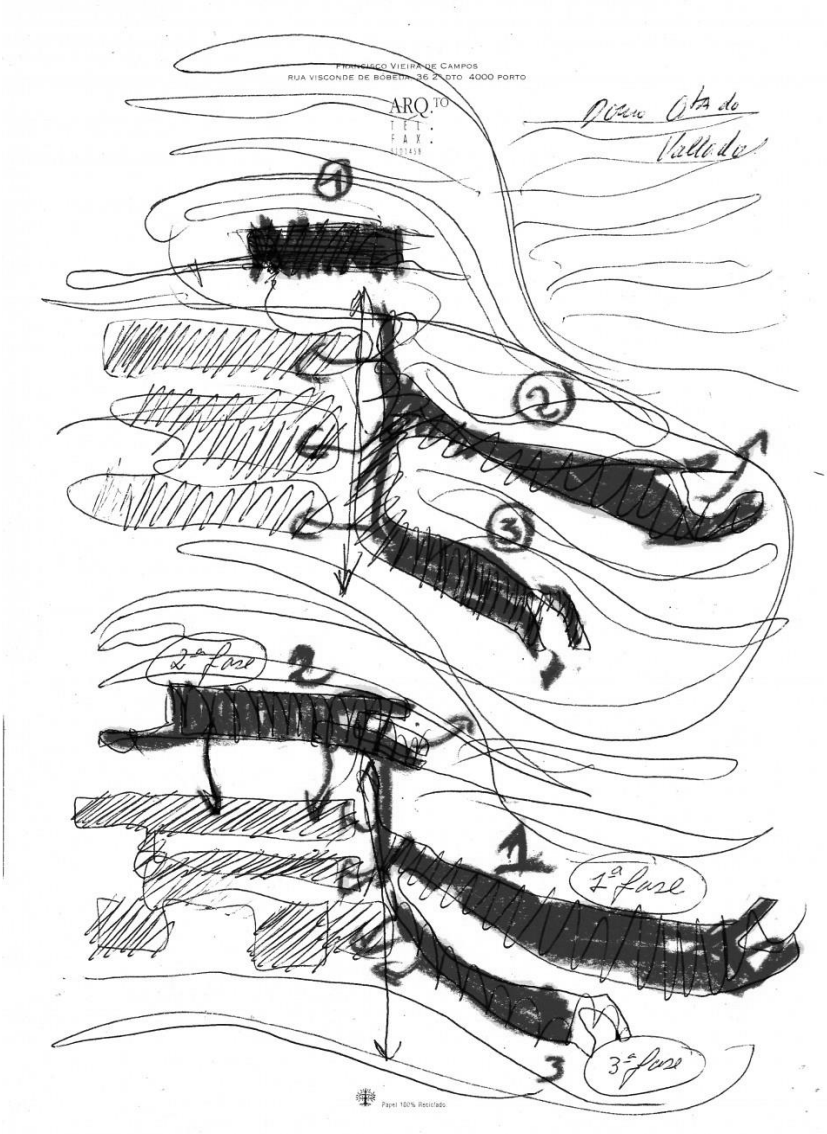
020 Espaço de armazenamento, com passagem para zona de envelhecimento do vinho. Adega da Quinta do Portal no Douro.

021 Vista do acesso vertical para o coração da adega, o espaço que garante a qualidade máxima do vinho através do envelhecimento.Adega da Quinta do Portal no Douro.

Adega Quinta do Vallado



022 Adega inserida no território como mega socalco e tons que quase o camuflam na paisagem.




023 Esboço de diagrama de fases de construção

Quinta do Vallado – Guedes & Campos,

Peso da Régua, (2013)

A vontade em criar um conjunto de equipamento que sirva de adega mas que respeite o desígnio multifuncional de forma essencial, pode ser testemunhado no projeto de ampliação da Quinta do Vallado. O conjunto implanta-se numa zona com diferença de cotas bastante acentuadas cirando desníveis. O projeto tira partido do facto, e aqui se encontra também, um dos pontos de contato com o projeto aqui apresentado. As curvas de nivel são usadas como formas condutoras, quase escultóricas para distribuir e ajustar os volumes que compõem a adega ao recorte e perfilamento do terreno.

Os edificios possuem três operacionais: produção / fermentação vínica, a adega de tóneis / pipas e a receção. A climatização foi o elemento mais importante para o projeto, do ponto de vista funcional, algo aboslutamente necessário à boa pousa dos vinhos. Por fora parece quase desmaterializar-se. Existem mesmo assim marcações dos pisos conseguida por meio da sua expressividade obtida pelo uso de superficies de diferentes cores, sendo que é o xisto que promove a marcação textural do revestimento, embora a estrutura ou tectónica se baseia num sistema portante em betão.

*"The barrel cellar, in particular, has the necessary mass for a correct thermal insulation. Formally it constitutes a prismatic colume on the exterior, and vaulted in the interior. The air chamber between the vualt arch and the retaining wall acts as a ventilation space and also conceals services. Carried out with reinforced concrete and wit a rough interior finish, the new strutures are clad with local burnt shale worker in a contemporary way"*[1]



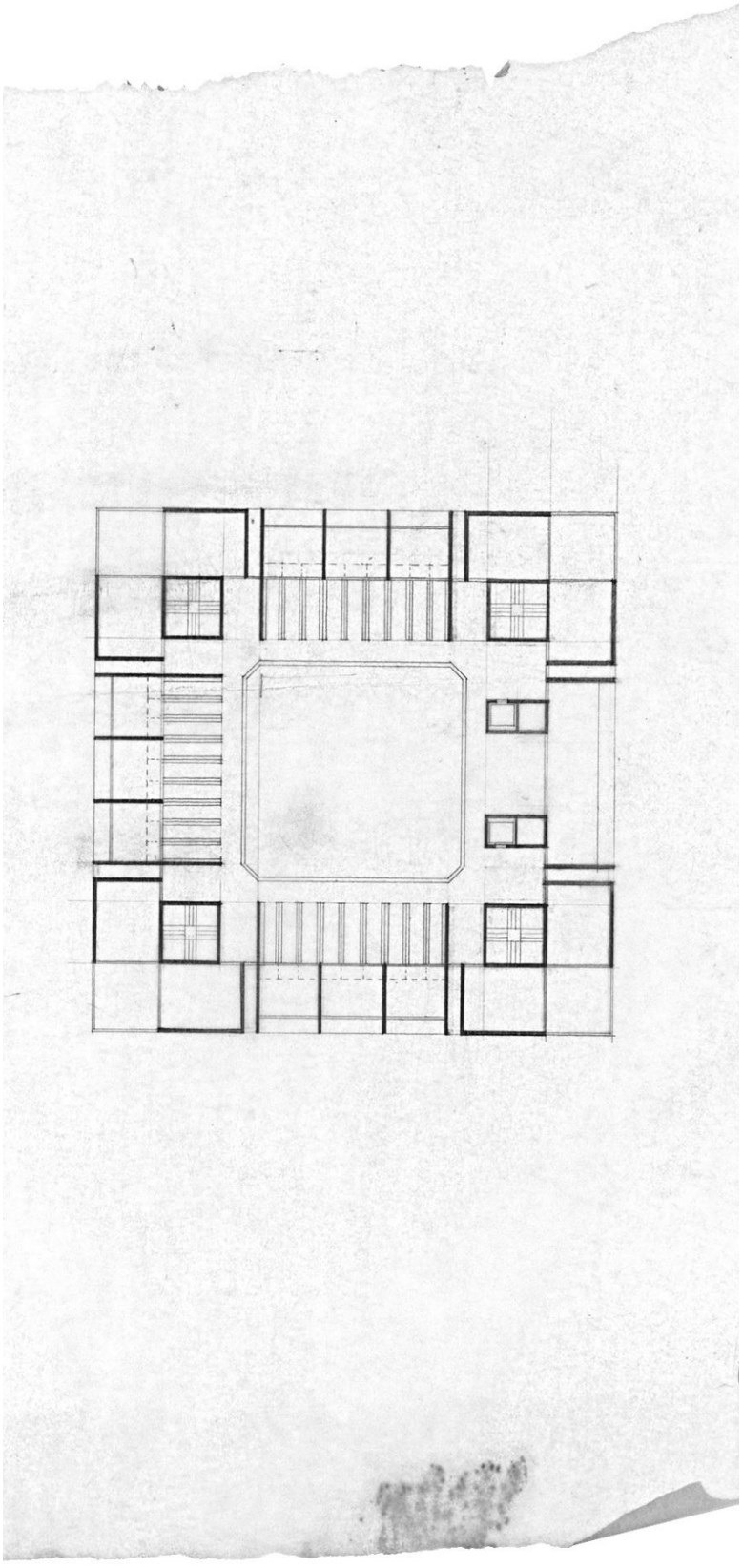
[1] In https://arquiteturaviva.com/works/quinta-do-vallado-winery

024 Espaço de envelhecimento de vinho em pipas de madeira de carvalho.

025 Pátio de chegada com acesso à sala de desgustação.

Phillips Exeter Academy Library

026 Bilblioteca de Exeter, New Hampshire, nos EUA. Fotografia de Xavier de Jauréguiberry.





027 Esboço de Louis Kahn da Bilblioteca de Exeter, realçando a importancia do desenho na arquitetura.

# Phillips Exeter Academy Library – Louis Kahn

Exeter, New Hampshire, Estados Unidos da América (1965-1972)

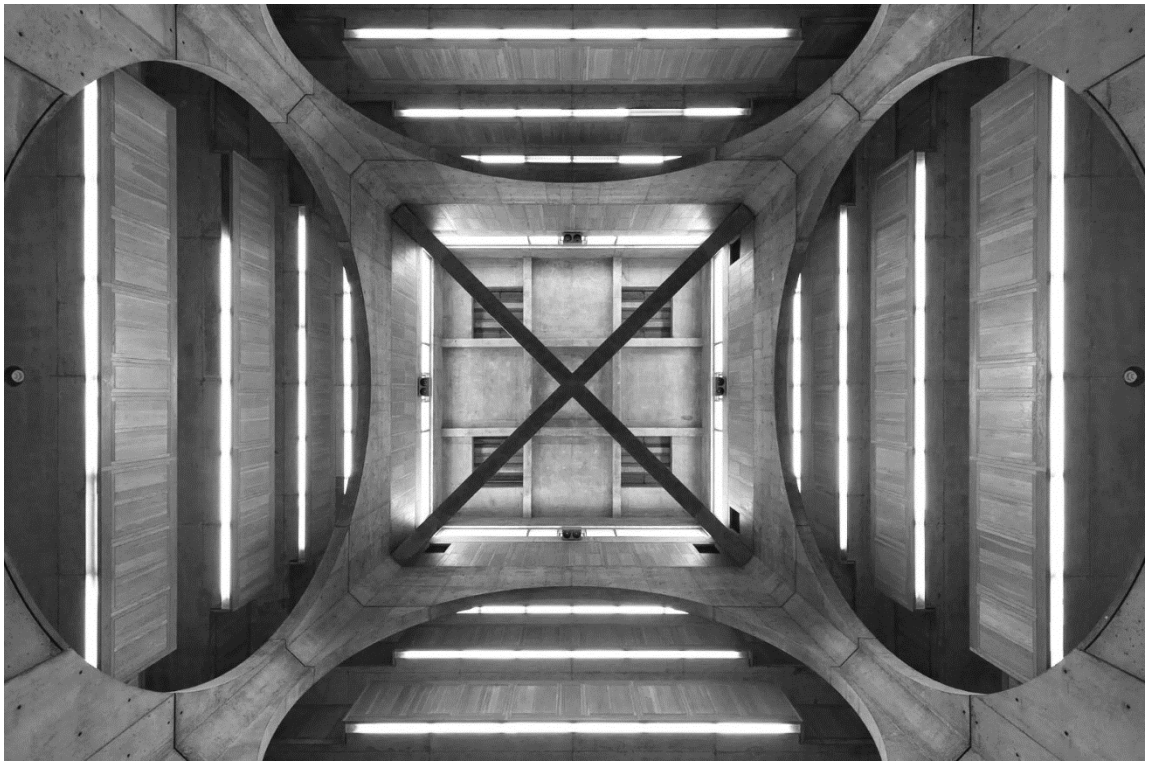
A Biblioteca foi concebida pelo arquiteto Louis Kahn entre 1965 a 1972, e apresenta um desenho modernista, que tinha como premissa enquadrar-se com o redor através da volumetria e da materialidade, ou seja, o famoso tijolo Exeter tipico da região.

O edifício é projetado com 3 anéis quadrados interiores que definem um pátio interno com um pé direito com 21 metros, suscitando um primeiro impacto ao visitante quando se entra na Biblioteca. Este pátio interno tem a função de iluminar os espaços através da luz zenital, facilitando a percepção da distribuição de funções e a organização dos espaços de trabalho ao redor do mesmo.



Os espaços interiores são desenhados em torno do pátio que fornece um ambiente dramático através da escala e luz necessária para os espaços dedicados à leitura e ao estudo. Estes espaços conferem conforto através dos materiais (betão, tijolo de exeter, ardósia e madeira) que garantem um equilibro entre cores frias e quentes, criando deste modo uma dimensão rica sensorial e imaginária. É esta dimensão que nos conduz ao plano existencial do mundo do conhecimento onde tudo se torna possível.

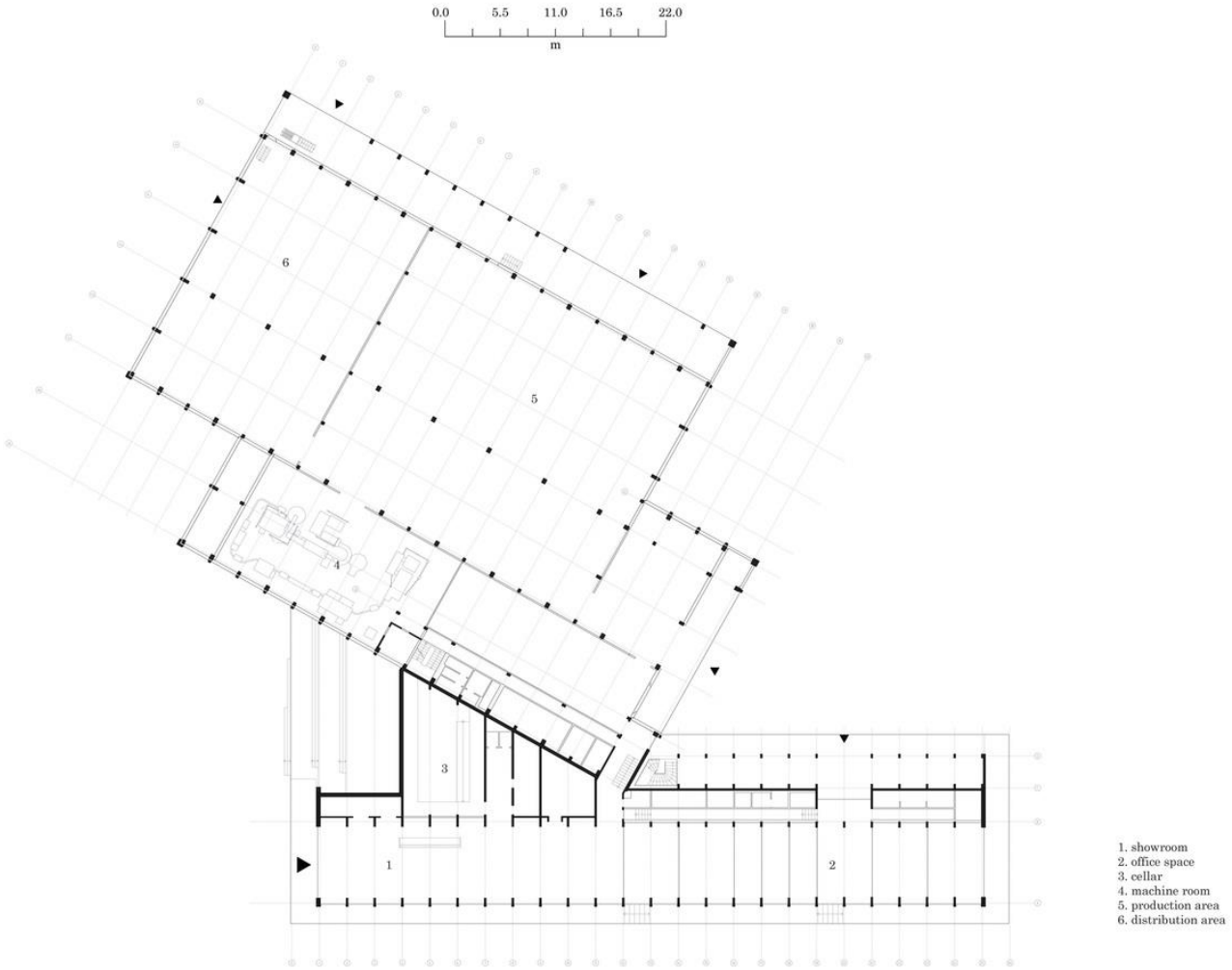
028 Vista e percepção do pátio interior que distribui e confere uma relação entre todos os pisos da Biblioteca. Fotografia de Xavier de Jauréguiberry.





029 Perspetiva do pátio, que marca de certo modo a noção de escala e de profundidade, criando um dramatismo em torno do pátio. Fotografia de Xavier de Jauréguiberry.

030 Adega Lahofer, Dobšice, Chéquia




031 Planta da Adega Lahofer,conferindo a organização do espaço em relação ao programa.

# Adega Lahofer – CHYBIK + KRISTOF

Dobšice, República Checa (2019).

A adega encontra-se implantada no interior da Morávia, Dobšice, República Checa, uma das regiões com ligações mais antigas á industria do vinho, valorizando-a como património histórico e cultural. O projeto baseou-se na história de longa data da vinicola Lahofer, facto evidenciando através da relação do edificio com a vinha e através dos arcos estruturais que vão ritmar a edificação e ao mesmo tempo estabelecer uma rel°ao com o passado sem que por tal se assemelhe a um processo mimético.

A adega divide-se em três partes, todos elas ligadas, mas distintas pela sua função. A zona de produção do vinho contempla o esmagamento, a definição dos mostos, a decantação e escolha, o armazenamento, conduzindo-nos num contínuo de conseiderável etensçao até ao processo de engarrafamento, rotulagem e embalagem. Mas contempla e valoriza o apoio para os funcionários, como os balneários e instalações sanitárias. A administração e a sala de desgustação encontram-se no mesmo corpo arqueado no interior, que se hierarquiza dos restantes em função da suas diferentes cotas.

O corpo longitudinal, ritmado pelas arcarias, dispondo de uma vista para a paisagem, com a respetiva estrutura alinhada com as vinhas, bem como a profundidade e a perspetiva presente no interior, com ligação com os sentidos gustativos, conferem uma experência sensorial e um conforto através do equilibrio de cores suaves presentes nos materiais (betão e madeira).

032 Sala de desgustação, valorizada com uma espacialidade e profundidade através da estrutura ritmada e a pintura contemporanea no teto do artista Patrik Hábl, com tons das castas presentes na vinha.

033 Zona de Administração com escritórios inundados de luz e com uma relação viusalmente rica com a vinha.

# CAPÍTULO CINCO OLHAR DISTINTO

O Olhar Distinto torna todo o conhecimento adquirido numa interpretação onde o olhar torna se catalisador e fundamental para a origem do projeto de arquitetura.

Conceito (Origem)

Construir no construído, é sem dúvida um dos desafios que qualquer projeto pode enfrentar quando nos confrontamos com existências, história e identidade. O método, a disciplina e a integração necessária para compreender o objeto de estudo, torna o processo de projeto único e revelador no que toca às decisões e escolhas levadas avante.

Como referido anteriormente sobre a escolha do lugar e do objeto de estudo, como continuação do semestre do 5 ano, cumpre-nos enfrentar uma singularidade, através de um Olhar Distinto, nova perspetiva de interpretar não os sinais presentes, mas o lugar em si.

Os problemas que a Quinta de Subserra encarava, partia logo de início, de um programa geral disfuncional com necessidades de ser reestruturado. A falta de espaço e equipamentos de apoio à produção vinícola, edifícios a carecer de reabilitação e novas funções, muros de contenção de pedra seca degradados, pátios, ambientes exteriores eram já apenas espaços vazios e sem vida.

A definição de um programa é sem dúvida um dos primeiros passos para que a futura intervenção arquitetónica tenha sentido, significado e coerência entre o programa implementado, os novos edifícios a surgir em relação aos edifícios existentes e quanto à identidade da Quinta de Subserra.

| | Passado | Presente (Atual) | Intervenção |
|---|---|---|---|
| 0 | - | Anexos | Demolido |
| 1 | Instalações sanitárias | Instalações sanitárias | Demolido |
| 2 | Cozinha | Armazém | Casa Herbácea |
| 3 | Casa da Cocheira | Rotulagem | Arrumos |
| 4 | Casa do caseiro | Loja/ Laboratório | Casa dos Trabalhadores |
| 5 | Celeiro | Receção | Receção |
| 6 | Casa de Máquinas | Casa de Máquinas | Gabinete de Administração |
| 7 | Casa Herbácea | Casa Herbácea | Demolido |
| 8 | Escola | Casa dos Trabalhadores | Alojamentos |
| 9 | Refeitório | Refeitório | Cozinha Comum |
| 10 | Camaratas | Camaratas | Alojamentos |
| 11 | Aviário | Arrumos | Demolido |
| 12 | Casa do Pão | Arrumos | Demolido |
| 13 | Chalé nº5 | Alojamento | Demolido |
| 14 | Chalé nº6 | Alojamento | Demolido |
| 15 | Casa da Marquesa | Alojamento | Casa do Caseiro |
| 16 | Adega | Adega | Enoteca |
| 17 | Cozinha, Instalações sanitárias | Escritório / Arrumos | Arrumos/ Jardinagem |
| 18 | Casa do caseiro | Atelier de Artes | Lavandaria |
| 19 | Capela | Capela | Capela |
| 20 | Palácio | Eventos religiosos, | Eventos religiosos |
| 21 | Cisterna, Arrumos | Cisterna/Lavandaria | Cisterna/Arrumos |
| 22 | Galinheiro/ Curral de Porcos | Arrumos | Parcialmente demolido/ Showroom Wines |
| 23 | Vestuários | Arrumos | Demolido |
| 24 | Balneário/Sala de Máquinas | Arrumos | Casa de máquinas/ miradouro |
| 25 | Gruta de Fresco | Sem acesso (Instabilidade) | Gruta de Fresco |
| 26 | Balneários | Arrumos | Demolido |
| 27 | | | Adega |
| 28 | | | Alojamentos. A.B.C |
| 29 | | | Balneários |
| 30 | | | Cozinha/Balneários |

Com a análise realizada consegue-se captar sinais e elementos comuns com o programa de Enoturismo, partilháveis com programas, em que o atual ou a "obra nova" estabeleça uma relação com o antigo.

O Enoturismo surge de uma forma quase natural, espontânea, já que elementos como o território e a paisagem, a cultura do vinho e o turismo, se devidamente explorados podem potencializar a qualidade e a importância que a Quinta de Subserra contém.

A estruturação do programa, cirúrgica do modo como clarifica o programa geral (o Enoturismo), valorizando os pontos fortes, como o vinho, a paisagem e a cultura, qualifica os pontos mais sensíveis, criando equipamentos necessários com caracter, sentido, organização e coerência, para enobrecer o ato habitar do lugar e de o usufruir.



Os novos edifícios concebidos e como a tabela da página anterior enuncia, abaixo enumerados conforme as respetivas prioridades são:

1. Adega;
2. Cozinha /Balneários de Apoio à Enoteca;
3. Alojamentos A, B, C;
4. Balneários de apoio ao campo desportivo;
5. Showroom Wines;

A integração de uma adega contemporânea com caracter industrial num lugar com valores históricos e um edificado já consolidado, tornou-se num desafio não só pela relação que terá com o existente, mas também pelo programa que estes edifícios acarretam na intermediação criada pela nova escala construtiva, que influencia claramente a relação da própria "distância do ser humano" (Hall, p.133-146) no lugar.

O pensamento projetual da Adega, procurou um controlo preciso e conciso, concentrando-se na conciliação de um extenso e necessariamente rígido programa com o novo volume construído respondendo acima de tudo ao fluxo para-industrial da produção vinícola da Quinta de Subserra. Porém a escolha da implantação da adega partiu de um gesto de continuidade dos muros de pedra que por sua vez criam os socalcos apropriando-os deste modo e fazendo rima com o território acidentado. Este gesto visa integrar a adega de forma natural face ao pré-existente e, principalmente, na paisagem, tendendo a minimizar o seu impacto, inclusivamente interpretando a riqueza do lugar e do seu perfil como também criando um fator de atração que dependerá da caracterização inovadora, mas o menos intrusiva possível, da experiencia arquitetónica – dir-se-ia, fenomenológica - da adega enquanto edificado acima do solo, mas também quanto ao seu interior, onde se procede de modo a obter um efeito com vigor cenográfico.

Repensar a Adega

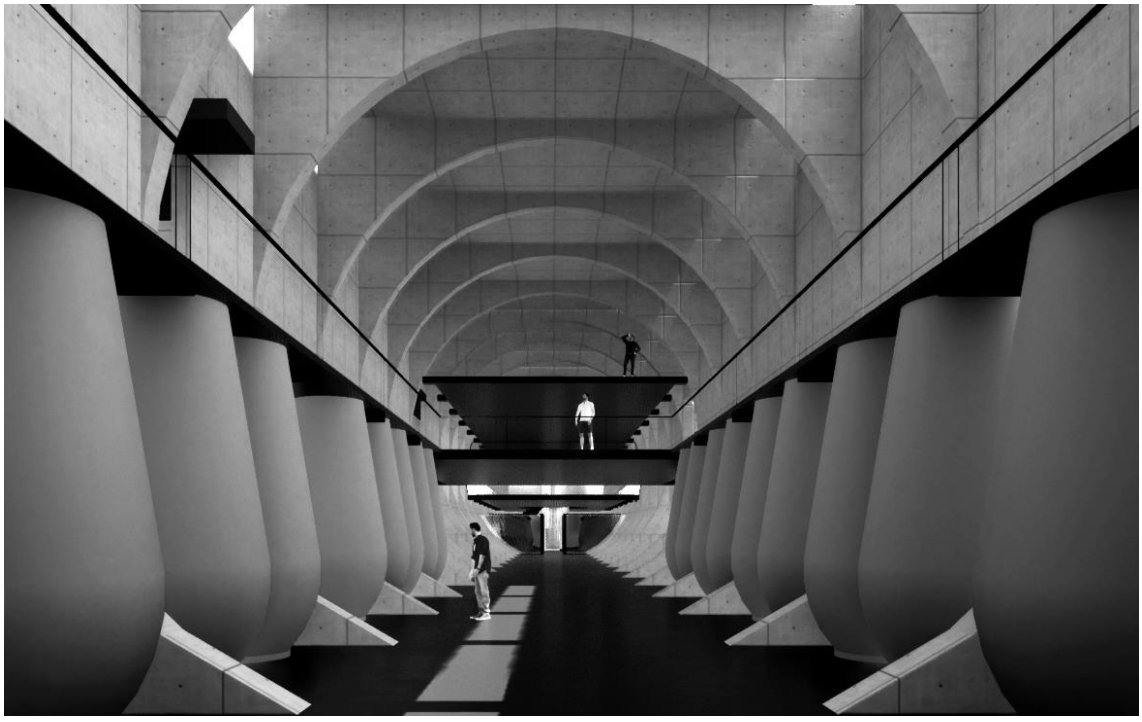
034 Perspetiva longitudinal no interior da adega no piso 0 – receção.

Como já foi referido anteriormente, o processo de projeto revela, não só as intenções e decisões que levaram e guiaram o projeto, mas também mostra a exploração artística e arquitetónica que contribuíram para a sua conceção sustentando a experiência adquirida.

O movimento, torna-se num gesto, num guia, que racionaliza toda a intervenção pensada no lugar. Este movimento não só cooperou e definiu o programa geral, mas também orientou através da história o sentido da expansão da Quinta que, por sua vez, fundamenta a forma longitudinal que a adega adquiriu.

A permanência é o momento de pausa que sucede ao movimento, com a finalidade de refletir e apreciar o lugar, através dos sentidos que os espaços naturais nos proporcionam. A presença de elementos como a água, a vegetação, o ambiente que rodeia o observador, torna-o mais suscetível a um Olhar Distinto perante o lugar.

A adega, torna-se num elemento surpresa pelo facto de se integrar na paisagem como um socalco, mas também porque conduz o visitante a entrar num mundo de sons, ecos, elementos olfativos, sensações de movimento, de permanecia e apreciação dos materiais em torno de uma escala distinta…



035 Perspetiva da zona de vinificação, piso -2, evidenciando as laminas e sua repetição ao longo da adega.

A adega, divide-se em três pisos, três formas puras vistas em planta, em que cada uma contem três finalidades.

O *círculo*, não só para evidenciar a contemporaneidade, mas também como um momento de pausa, de modo que o observador possa refletir enquanto aprecia a paisagem ribatejana. O seu interior, onde se concentra o coração da adega, onde a qualidade do vinho só melhora com o tempo, e pela experiência sensorial através da escala, pretende conferir a sensação límpida, de um lugar tangencialmente desmaterializado, como se estivesse a flutuar através da luz que penetra na adega por um espelho de água e ilumina todo o espaço.

O *quadrado*, a evidenciar o construído, cria uma relação próxima com o existente através do revestimento de uma parede de pedra seca integrando-se e retendo através dos 3 acessos o solo instável. Estes acessos, permitem a evacuação rápida de todo o edifício em caso emergência.



O *retângulo*, transporta não só a volumetria-bloco do próprio edificado existente, ou do palacete em específico e da atual adega, mas também transmite a importância que este significa para a evolução económica, social e histórica da Quinta de Subserra. É nesta forma alongada que se evidencia o movimento, através da estrutura ritmada dos contrafortes e onde se encontram os serviços necessários, a receção e toda a instrumentação para o processo de transformação e produção da uva em vinho.

036 Perspetiva na zona de envelhecimento - piso -2, revelando a escala do espaço e a sua forma circular, quase como se o espaço abraçasse o vinho.

O edifício, foi pensado não só para servir a sua função como adega privativa, mas também para servir como cooperativa da região, podendo abarcar outros futuros programas além da produção vinícola.

O núcleo principal, tem de comprimento 105 metros, com zonas de quadruplo pé direito, oferecendo escala, ganhando força com a estrutura ritmada e a versatilidade dependendo das necessidades dos futuros programas. É também neste núcleo que se estabelece a receção e a circulação vertical do edifício.

Os espaços de serviços foram construídos com estrutura de LSF, garantindo a facilidade de montagem. As áreas técnicas, são pensadas e desenhadas nos extremos do edifício, de modo a assegurar um equilíbrio de espaço de serviço. Com isto, o núcleo torna -se um espaço único, com a iluminação zenital a rasgar a cobertura e a espelhar na estrutura ritmada, criando movimento e profundidade.



A zona de envelhecimento, o cerne da adega, é concebida como se de um espaço sacralizado se tratasse, enfatizado pela escala com triplo pé direito e a iluminação natural zenital através de um óculo que rasga a superfície. Este óculo forma-se como um espelho de água na entrada da adega, o que se reflete a água no interior, criando um ambiente não só reflexivo e contemplativo, mas também sensorialmente rico. Este espaço, onde é mantida uma ventilação adequada, e refrigerado, exigiu o desenho de uma área técnica autónoma, escondendo-se na interseção da semiesfera que o cilindro compõe.

037 Perspetiva na sala de degustação -piso -1 com vista para toda a área dedicada à produção do vinho, desde a sua chegada até ao embalamento.

| Programa piso 0 | Área |
|---|---|
| Átrio de entrada | 200 m2 |
| Entrada da Adega | 283.5 m2 |
| Antecâmara | 53 m2 |
| Receção | 499 m2 |
| Galeria Técnica | 109.8 m2 |
| Acessos verticais | 62.1 m2 |
| Arrumos | 42.6 m2 |
| Zona Técnica | 59.85m2 |
| Circulação | 18.9 m2 |

| Programa piso -1 | Área |
|---|---|
| Sala de Reuniões | 35 m2 |
| Gabinetes | 35 m2 |
| Arrumos/ Arquivos | 35 m2 |
| Instalações Sanitárias Homens | 17.5 m2 |
| Instalações Sanitárias Mulheres | 17.5 m2 |
| Arrumos | 42.6 m2 |
| Zona Técnica | 59.8 m2 |
| Acesso Vertical | 62.1m2 |
| Espaço de Degustação | 80.5 m2 |
| Zona de Envelhecimento | 283.5 m2 |
| Galeria Técnica | 87.3 m2 |
| Armazenamento | 231.6 m2 |
| Cais de Cargas e Descargas | 145 m2 |
| Acesso à Adega | 186.8 m2 |
| Zona de Vinificação | 352.4 m2 |
| Galeria Técnica | 109..8 m2 |
| Zona Técnica | 59.8 m2 |
| Circulação | 166.9 m2 |

| Programa piso -2 | Área |
|---|---|
| Laboratório | 17.5 m2 |
| Gabinete | 17.5 m2 |
| Arrumos | 77.6 m2 |
| Instalações Sanitárias Homens | 17.5 m2 |
| Balneários Homens | 17.5 m2 |
| Instalações Sanitárias Mulheres | 17.5 m2 |
| Balneários Mulheres | 17.5 m2 |
| Área Técnica | 59.8 m2 |
| Acesso Vertical | 62.1 m2 |
| Zona de Envelhecimento | 283.5 m2 |
| Armazenamento | 231.6 m2 |
| Engarrafamento | 145 m2 |
| Zona de Vinificação | 352.4 m2 |
| Galeria Técnica | 109.8 m2 |
| Área Técnica | 59.8 m2 |
| Circulação | 166.9 m2 |

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"O território é, no sentido mais pleno do termo, um prolongamento do organismo, marcado por signos visuais, vocais e olfativos"* (Hall, pag.121).

O território deve ser, desde sempre o primeiro elemento, a primeira variável a ter em conta quando se intervém num lugar independentemente onde se situa. A história, a arquitetura, o território, os lugares …, acarretam consigo, memórias, sinais, equilíbrio, que se tornam essenciais quer para solucionar os problemas, quer para qualificar o que existe.

"Há sempre alguma coisa para(a) mudar"

Este projeto, procurou deste início a clarificação de um novo olhar, de uma perspetiva, quer objetiva, como critica que altera o "Olhar" em relação ao que nos rodeia. Partindo do território, e das transformações que nele se foram sucedendo ao longo dos séculos, assumiu-se que a construção nova, não contrariasse a co-naturalidade do lugar ou a da sua humanização, consistindo numa apropriação de vetores lógicos e racionais de crescimento, e jogando com ele, de forma a mitigar a apropriação de vida no lugar. A história e a evolução de que a Quinta de Subserra foi alvo, ao longo dos três séculos de existência, induz certos sinais, sentidos, orientações, elementos visuais que se tornaram indispensáveis para a intervenção quer para a definição do programa geral, quer para a expansão, através de novos edifícios fundamentais para satisfazer as necessidades atuais e apoiar o programa da Quinta de Subserra.

Foi fundamental analisar e entender o conceito e a história que antecede as adegas atuais, procurando sempre uma essência no espaço e a composição criada nestes edifícios.

A adega surge como uma necessidade, tornando-se prioridade para o projeto desenvolvido, qualificando não só a produção vinícola, a economia, o turismo, atualmente ineficientes, mas também, dando conta de que será possível através deste novo edifício dar continuidade à Quinta de Subserra. Este novo equipamento procurou um equilíbrio entre o esforço que este requer, tanto programático, como de escala e a integração num lugar com história, identidade e uma paisagem ribatejana de exceção.

O espaço e a experiência, requerem referencias, algumas mais adequadas para o que irá ser o novo edifício, e logo escolhidas para evidenciar os conceitos principais da construção do espaço e experiências. De certo modo, esta análise e as referências indiciadas ou mais próximas provam que o conceito de base acabará por ser dominado por decisões e escolhas tanto quanto possível harmonizadas com o entorno.



Sendo assim, o projeto foi originado através de um equilíbrio entre a inserção de um equipamento no território, nunca esquecendo a história e as evoluções constantes do lugar, os usos e o programa, em relação à construção imaginária de espaços e experiências no edifício concebido: conciliando a temática principal com o projeto desenvolvido, um olhar distinto como uma nova perspetiva e uma nova forma de habitar e experienciar a Quinta de Subserra.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

"Torre de Palma Wine Hotel / João Mendes Ribeiro" 18 Nov 2014. ArchDaily. Acesso em 2 jan 2023. <https://www.archdaily.com/566944/torre-de-palma-wine-hotel-joao-mendes-ribeiro> ISSN 0719-8884 (em inglês)

Berger, John (2018) *Modos de Ver*, Antígua Editores Refratários, Lisboa

Chrysopoutos, Philip (2021) *Uma História do Vinho na Grécia Antiga*. [Online] Available at: https://greekreporter.com/2021/12/07/wine-ancient-greece/ [Acessed 27th May 2022]

Costa, A. e Dolgner, M. (2003) *Enquadramento Legal do Enoturismo*. Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Instituto Politécnico da Guarda.

Curry, Andrew (2017) *Oldest Evidence of Winemaking Discovered at 8,000-Year-Old Village*. [Online] Available at https://www.nationalgeographic.com/history/article/oldest-winemaking-grapes-georgia-archaeology [Acessed 24th May 2022]



Fabião, Carlos (1998) *O vinho na Lusitânia:reflexões em torno de um problema arqueológico*. RPA. Volume 1, nº1 Lisboa:IPPAR, pp.169-198

Fernandes, Inês (2014) *A Quinta de Recreio no Concelho de Vila Franca de Xira* [Online] Available at https://www.researchgate.net/publication/284181913_A_Quinta_de_Recreio_no_Concelho_de_Vila_Franca_de_Xira

Hall, Edward (1986) *Dimensão Oculta*, Relógio D'Água Editores, Lisboa.

IVV (ND) *A Vinha e o Vinho em Portugal*. [Online] Available at https://www.ivv.gov.pt/np4/47/ [Acessed 25th May 2022]

Kotova, Tatyana (2022) *Code de Vino. Oneotherapy, Wine Treatment. Wine Doctor Alexander Kholopov*. [Online] Available at: https://www.codedevino.com/world-of-wine/scientific-discovey/oenotherapy-wine-treatment-wine-doctor-alexander-kholopov [Acessed 26th May 2022]

Link, Jeff (2018) Zaha Hadid: Maker of the 21st Century. [Online] Available at https://www.archdaily.com.br/br/907343/zaha-hadid-a-mente-criativa-do-seculo-xxi [Acessed 28th May 2022]

Lopes, Mariana (2017) *Um Portal Desbloqueado* [Online] Available at https://grandesescolhas.com/um-portal-desbloqueado/ [Acessed 24th October 2022]

Martin, Isabel (2020) *Arquitetura (des)industrial: 8 projetos que ressignificam o espaço da máquina.* [Online] Available at https://www.archdaily.com.br/br/926578/arquitetura-des-industrial-8-projetos-que-ressignficam-o-espaco-da-maquina



McGovern, Patrick (ND) *Ancient Wine: The First Wine: Na Archaeochemical Detective Story*. [Online] Available at https://www.penn.museum/sites/biomoleculararchaeology/?page_id=19 [Acessed 25th May 2022]

Owen, James (2011) *Earliest Known Winery Found in Armenian Cave*. [Online] Available at https://www.nationalgeographic.com/culture/article/10111-oldest-wine-press-making-winery-armenia-science-ucla [Acessed 24th May 2022]

Pallasma, Juhani (2011) *Os Olhos da Pele: A artquitetura e os sentidos*, Bookman, Porto Alegre.

Peiser, Jaclyn (2021) *A 1,500-yar-old wine factory was found in Israel. Experts say it's the largest known winery from that era.* [Online] Available at https://www.washingtonpost.com/nation/2021/10/11/wine-factory-yavne-israel-archeology/ [Acessed 27th May 2022]

Pires, Amílcar (eds.) (2016) *A Villa Renascentista- Arquitetura, Jardins e Paisagem*. Caleidoscópio.

Vila Franca de Xira, Câmara Municipal, 1992-In. 8º de 411 págs. Broch. Coleção Património Local/Edições da Câmara Municipal Nº 2.

Yates, Frances (2007) *A Arte da Memória*, Edition UNICAMP, Campinas, SP.

Zumthor, Peter (2018) *A Feeling of History*, Verlag Scheidegger Spiess AG, Zurich.

Zumthor, Peter (2019*) Atmósferas*, 2019, Editorial Gustavo GILI, SL, Barcelona.

# ANEXOS

00 Paineis de Apresentação de Projeto -

01 Maquetas -

02 Referencias de Projeto

03 Processo de Projeto

04 Levantamento da Quinta de Subserra

05 Reabilitar Paços e Quinta Nobres, Projetar no Património: Quinta Subserra

# Índice de Figuras

01 Maqueta de Território 1.10000

02 Maqueta de Território 1.10000

03 Maqueta da Quinta de Subserra 1.500

04 Maqueta da Quinta de Subserra 1.500

05 Maqueta da Adega 1.200

06 Maqueta da Adega 1.200

07 Maqueta Conceptual da Adega 1.200

08 Relação da adega com a topografia

09 Sala de Provas

10 Espaço de envelhecimento

11 Planta Piso -1

12 Planta Piso 0

13 Planta piso 1

14 Cortes Longitudinais

15 Alçados

16 Relação com o Território

17 Entrada da Adega

18 Atrio de entrada/ distribuição

19 Planta Piso -2 | Planta Piso -1

20 Planta Cobertura | Planta Piso 0

21 Cortes

22 Cortes

23 Relação com o Existente

24 Zona de Vinificação

25 Espaço Exterior

26 Relação entre cotas / patamares

27 Planta Piso 0

28 Corte Longitudinal

29 Alçado

30 Relação com o Território

31 Alçado

32 Perspetiva na Zona de escritórios

33 Plantas Piso 0 | Piso 1

34 Alçados

35 Modelo tridimensional fisico

36 Espaço de chegada

37 Ligação entre o existente e o construido

38 Espaço de Vinficação

39 Zonas de estar

40 Winebar

41 Sala de Provas

42 Plantas piso 0 | Piso 1



43 Integração com a paisagem vinícola

44 Espaço de Vinificação / Zona de provas

45 Envelhecimento

46 Planta Piso 0 | Piso 1

47 Cortes

48 Alçados

49 Relação com o território

50 Visualização 3D da Adega

51 Espaço de envelhecimento / Sala de Provas

52 Planta piso -1

53 Planta Piso 0

54 Planta Piso 1

55 Roden Crater

56 Entrada

57 Espaço de Reflexão

58 Tunel

59 Tunel

60 Refinaria

61 Entrada do Labirinto

62 Vista aerea do Labirinto

63 Dinâmica do Labirinto

64 Opacidade / Transparencia

65 Perfurar planos

66 Exploração de planos

67 Perspetiva entre planos

68 Espaço amplo

69 Atravessar o olhar

70 Mirante

71 Relação com o território

72 Espaço de Contemplação

73 Relação entre planos e Infinito

74 Planta Piso 0

75 Planta Cobertura

76 Cortes

77 Alçados

78 Alçado

79 Perspetiva com escala humana

80 Vista aérea

81 Vazio

82 Luz zenital

00 Paineis de Apresentação de Projeto

00

Quinta de Subserra

# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

GUILHERME F.S. VIEIRA

FAUL FEVEREIRO 2023

PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

# 01

## Planta Território
## Territory plan

**Escala** Scale 1.5000

N

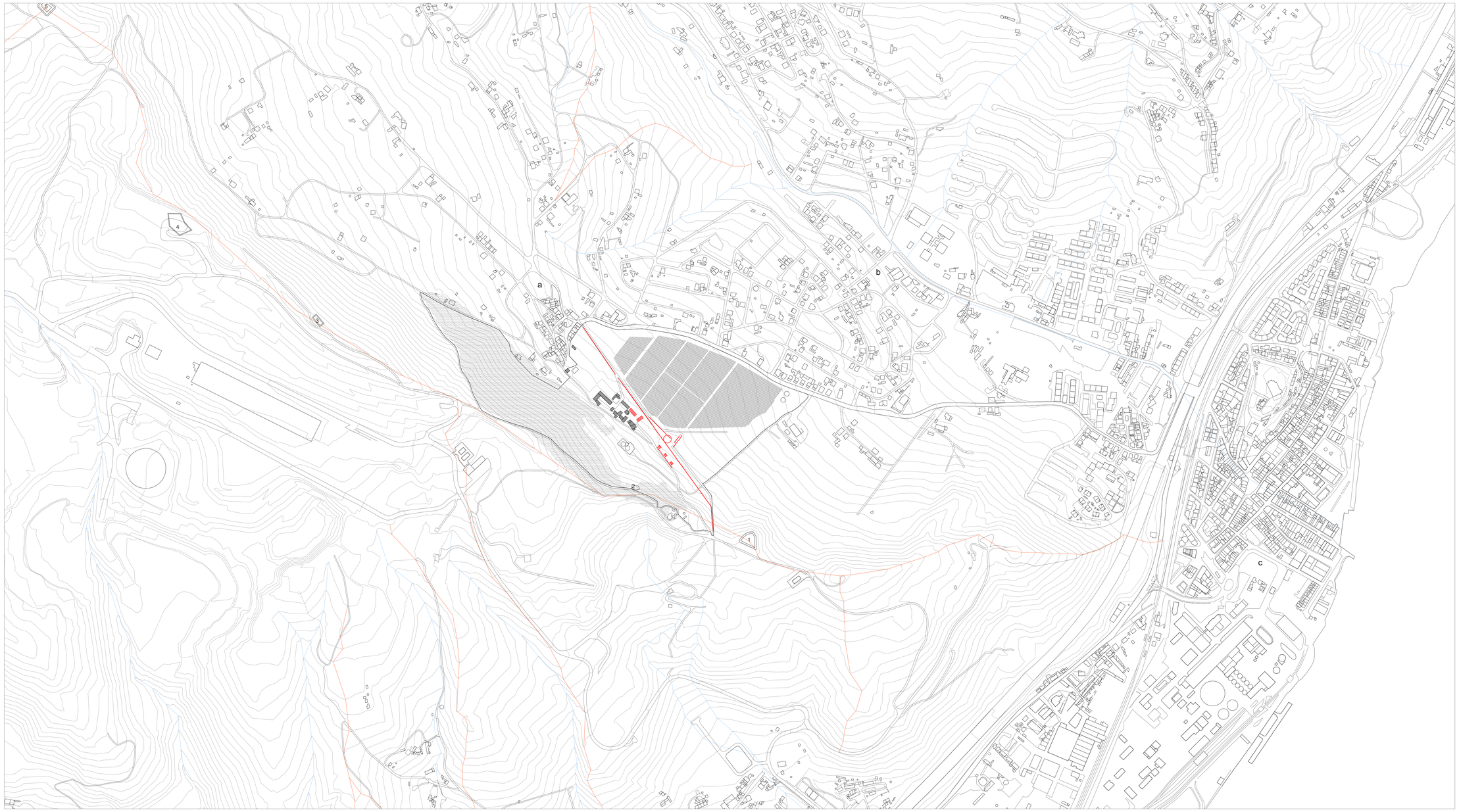
LEGENDA
LEGEND

- LIMITE DA PROPRIEDADE DA QUINTA DE SUBSERRA
- CUMEEIRA / PERCURSO DA LINHA DEFENSIVA DE TORRES
- VIAS PRINCIPAIS - A1 - N
- LINHAS DE ÁGUA
- INTERVENÇÃO

| | |
|---|---|
| SUBSERRA | a |
| SÃO JOÃO DOS MONTES | b |
| ALHANDRA | c |

LINHA DEFENSIVA DE TORRES

| | |
|---|---|
| 1º FORTE DE SUBSERRA | 1 |
| BATERIA NOVA DE SUBSERRA | 2 |
| REDUTO 2º DE SUBSERRA | 3 |
| REDUTO 3º DE SUBSERRA | 4 |
| FORTE NOVO DA COSTA | 5 |




# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA


VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

GUILHERME F.S. VIEIRA

FAUL FEVEREIRO 2023

PROF. ARQ. PEDRO PACHECO// PROF. DR. PAULO PEREIRA

# 02

## Planta de Subserra
## Subserra Plan

**Escala** Scale 1.2000

N

LEGENDA
LEGEND

PROGRAMA GERAL (ACTUAL)

| | |
|---|---|
| ANEXOS | 0 |
| INSTALAÇÕES SANITÁRIAS | 1 |
| ARRUMOS | 2 |
| ROTULAGEM | 3 |
| LOJA/LABORATÓRIO | 4 |
| RECEÇÃO | 5 |
| CASA DAS MÁQUINAS | 6 |
| CASA HERBÁRIA | 7 |
| CASA DOS TRABALHADORES | 8 |
| REFEITÓRIO | 9 |
| CAMARATAS | 10 |
| ARRUMOS | 11 |
| ARRUMOS | 12 |
| ALOJAMENTO | 13 |
| ALOJAMENTO | 14 |
| ALOJAMENTO | 15 |
| ADEGA | 16 |
| ESCRITÓRIO/ ARRUMOS | 17 |
| ATELIER DE ARTES | 18 |
| CAPELA | 19 |
| PALÁCIO | 20 |
| CISTERNA/ ARRUMOS | 21 |
| ARRUMOS | 22 |
| VESTUÁRIOS | 23 |
| CASA MÁQUINAS/ ARRUMOS | 24 |
| GRUTA DE FRESCO | 25 |
| BALNEÁRIOS | 26 |
| MATA / BOSQUE | 27 |
| JARDINS | 28 |
| JARDIM DE BUXO | 29 |
| CAMPO POLIDESPORTIVO | 30 |
| POMARES | 31 |
| VINHA | 32 |

LINHA DEFENSIVA DE TORRES

| | |
|---|---|
| 1º FORTE DE SUBSERRA | 1 |
| BATERIA NOVA DE SUBSERRA | 2 |

# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

GUILHERME F.S. VIEIRA

FAUL FEVEREIRO 2023

PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

# 03

## Evolução XVII - XXI
## Evolution XVII - XXI

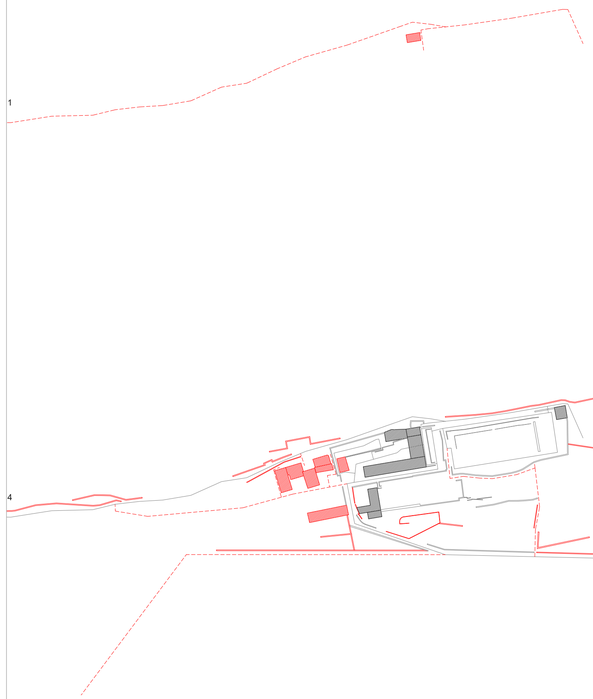
**Escala** Scale 1.2000

N

**LEGENDA**
LEGEND

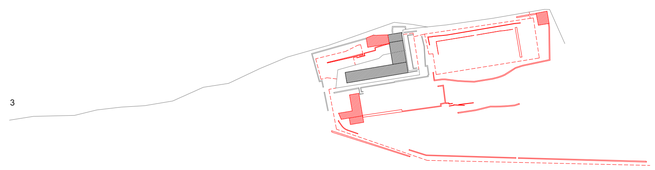
| | |
|---|---|
| **SÉCULO XVII - 1633**<br>CAPELA SÃO JOSÉ | 1 |
| **SÉCULO XVII - 1680**<br>PALÁCIO S.SEVERINO, CISTERNA | 2 |
| **SÉCULO XVIII**<br>CASA DO CASEIRO, MIRANTE<br>GALINHEIRO, VESTUÁRIO | 3 |
| **SÉCULO XIX**<br>CASA PARA TRABALHADORES<br>ADEGA, CASA DO PÃO | 4 |
| **SÉCULO XIX**<br>CASA DA MARQUESA, ARRUMOS,<br>CASA DA COCHEIRA, HABITAÇÃO | 5 |
| **SÉCULO XX**<br>CASA DA MARQUESA, ARRUMOS,<br>CASA DA COCHEIRA, HABITAÇÃO | 6 |
| **SÉCULO XXI**<br>CHALÉS, ANEXOS, GARAGEM<br>ANEXO PARA A ADEGA | 7 |
| **INTERVENÇÃO**<br>1 FASE DA INTERVENÇÃO - ENOTECA<br>SHOWROOM - ALOJAMENTO LOCAL | 8 |
| **INTERVENÇÃO**<br>2 FASE DA INTERVENÇÃO - ENOTECA<br>SHOWROOM - ALOJAMENTO LOCAL | 9 |

1

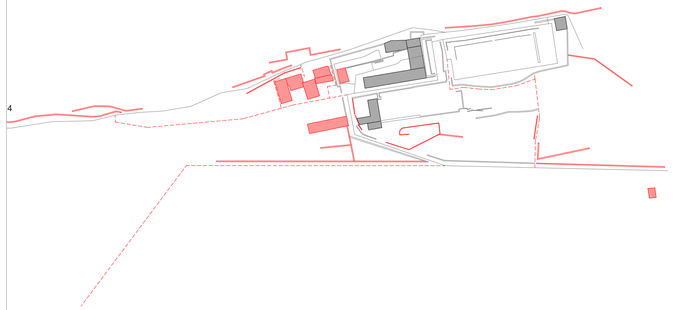


2

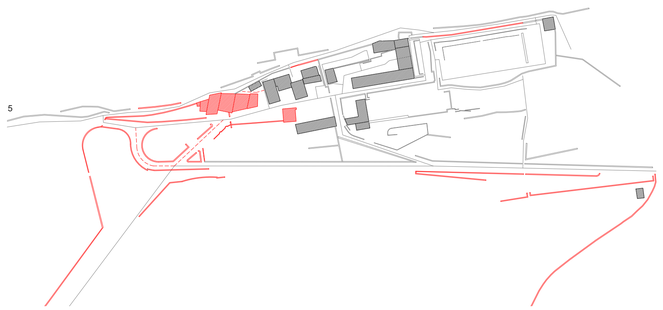
3



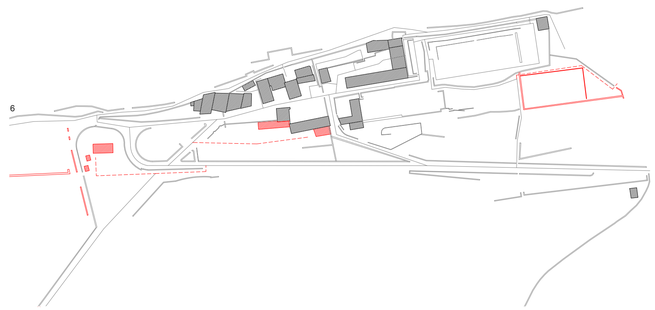
4



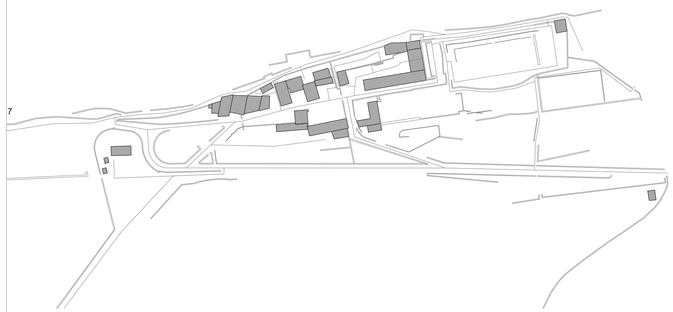
5



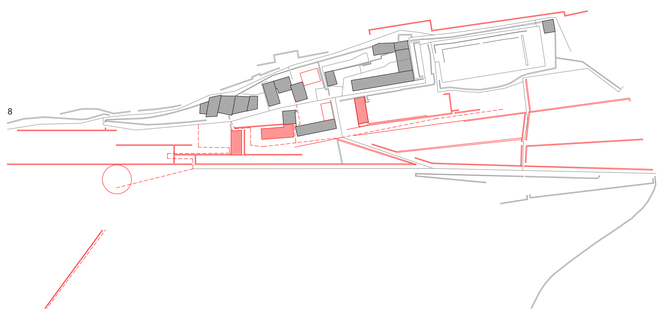
6



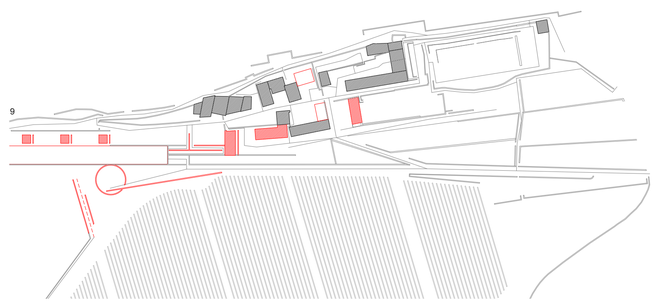
7



8



9



# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA


VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

GUILHERME F.S. VIEIRA

FAUL FEVEREIRO 2023

PROF. ARQ. PEDRO PACHECO// PROF. DR. PAULO PEREIRA

# 04

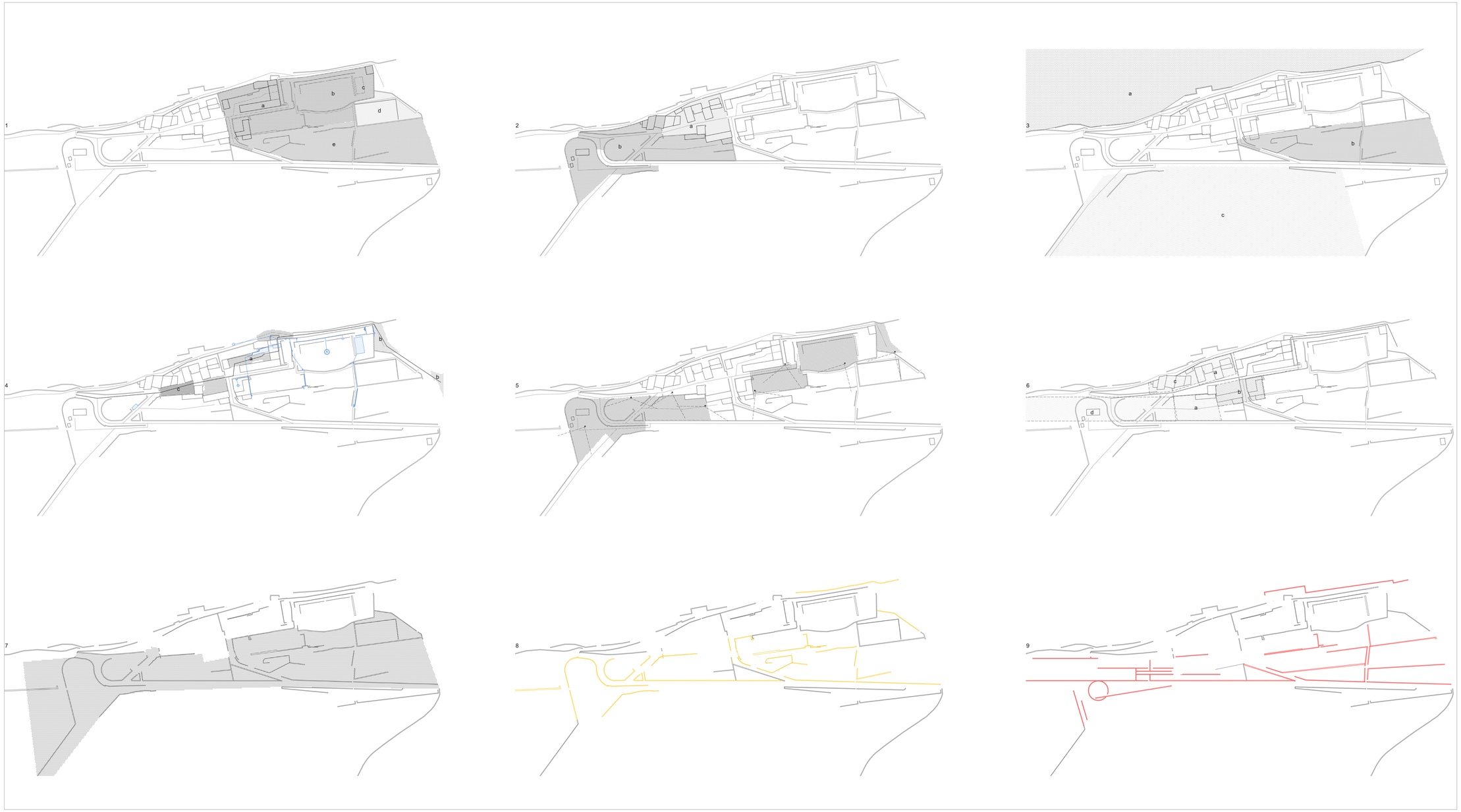
## Mapas de Análises
## Analysis Maps

**Escala** Scale 1.2000

N

LEGENDA
LEGEND

| | |
|---|---|
| ZONA NOBRE - LAZER | 1 |
| PALÁCIO | a |
| JARDIM DE BUXO | b |
| TANQUE DE ÁGUA / PISCINA | c |
| CAMPO POLIDESPORTIVO | d |
| POMARES | e |
| ZONA OPERÁRIA - ENTRADA | 2 |
| ALOJAMENTO DE TRABALHADORES | a |
| ENTRADA / GESTÃO DE RESÍDUOS | b |
| ZONA AGRÍCOLA | 3 |
| MATA / BOSQUE | a |
| POMARES | b |
| VINHA | c |
| SISTEMA HIDRICO/ PÁTIOS | 4 |
| PÁTIOS | a |
| LARGO | b |
| PÁTIO / MIRANTE | c |
| MIRANTES | 5 |
| INTERVENÇÃO NO EDIFICADO | 6 |
| ALOJAMENTO LOCAL / REFEITÓRIO | a |
| ENOTECA/ SHOWROOM | b |
| ADMINISTRAÇÃO/ RECEÇÃO | c |
| ADEGA / ENTRADA | d |
| ZONA DE QUALIFICAÇÃO DE MUROS | 7 |
| DEMOLIÇÕES | 8 |
| INTERVENÇÃO | 9 |




# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

GUILHERME F. S. VIEIRA

FAUL FEVEREIRO 2023

PROF. ARQ. PEDRO PACHECO// PROF. DR. PAULO PEREIRA

# 05

## Planta Actual
## Present Plan

**Escala** Scale 1.600

N

LEGENDA
LEGEND

MURP MURO PEDRA SECA À VISTA
PVCG PAV. CALÇADA GRANITO
PVCC PAV. CALÇADA CALCÁRIO
PVLC PAV. LAJETAS CALCÁRIO
PVSO PAV. SAIBRO

PAR. - PAREDES
PAV. - PAVIMENTO
PVCG - 100 X100 MM
PVCC - 100X100 MM
PVLC - 400X600 MM

ACESSO À QUINTA DE SUBSERRA

ÁRVORES EXISTENTES

# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

GUILHERME F. S. VIEIRA
FAUL FEVEREIRO 2023
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

# 06

## Planta Demolições
## Demolition Plan

Escala Scale 1.600

N

LEGENDA
LEGEND

DEMOLIÇÕES

PROGRAMA GERAL (ACTUAL)

| | |
|---|---|
| ANEXOS | 0 |
| INSTALAÇÕES SANITÁRIAS | 1 |
| ARRUMOS | 2 |
| ROTULAGEM | 3 |
| LOJA/LABORATÓRIO | 4 |
| RECEÇÃO | 5 |
| CASA DAS MÁQUINAS | 6 |
| CASA HERDEIRA | 7 |
| CASA DOS TRABALHADORES | 8 |
| REFEITÓRIO | 9 |
| CAMARATAS | 10 |
| ARRUMOS | 11 |
| ARRUMOS | 12 |
| ALOJAMENTO | 13 |
| ALOJAMENTO | 14 |
| ALOJAMENTO | 15 |
| ADEGA | 16 |
| ESCRITÓRIO/ ARRUMOS | 17 |
| ATELIER DE ARTES | 18 |
| CAPELA | 19 |
| PALÁCIO | 20 |
| CISTERNA/ ARRUMOS | 21 |
| ARRUMOS | 22 |
| VESTUÁRIOS | 23 |
| CASA MÁQUINAS/ ARRUMOS | 24 |
| GRUTA DE FRESCO | 25 |
| BALNEÁRIOS | 26 |

ÁRVORES EXISTENTES

# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

GUILHERME F.S. VIEIRA
FAUL FEVEREIRO 2023
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

# 07

## Planta Intervenções
## Intervention plan

Escala Scale 1.600

N

LEGENDA
LEGEND

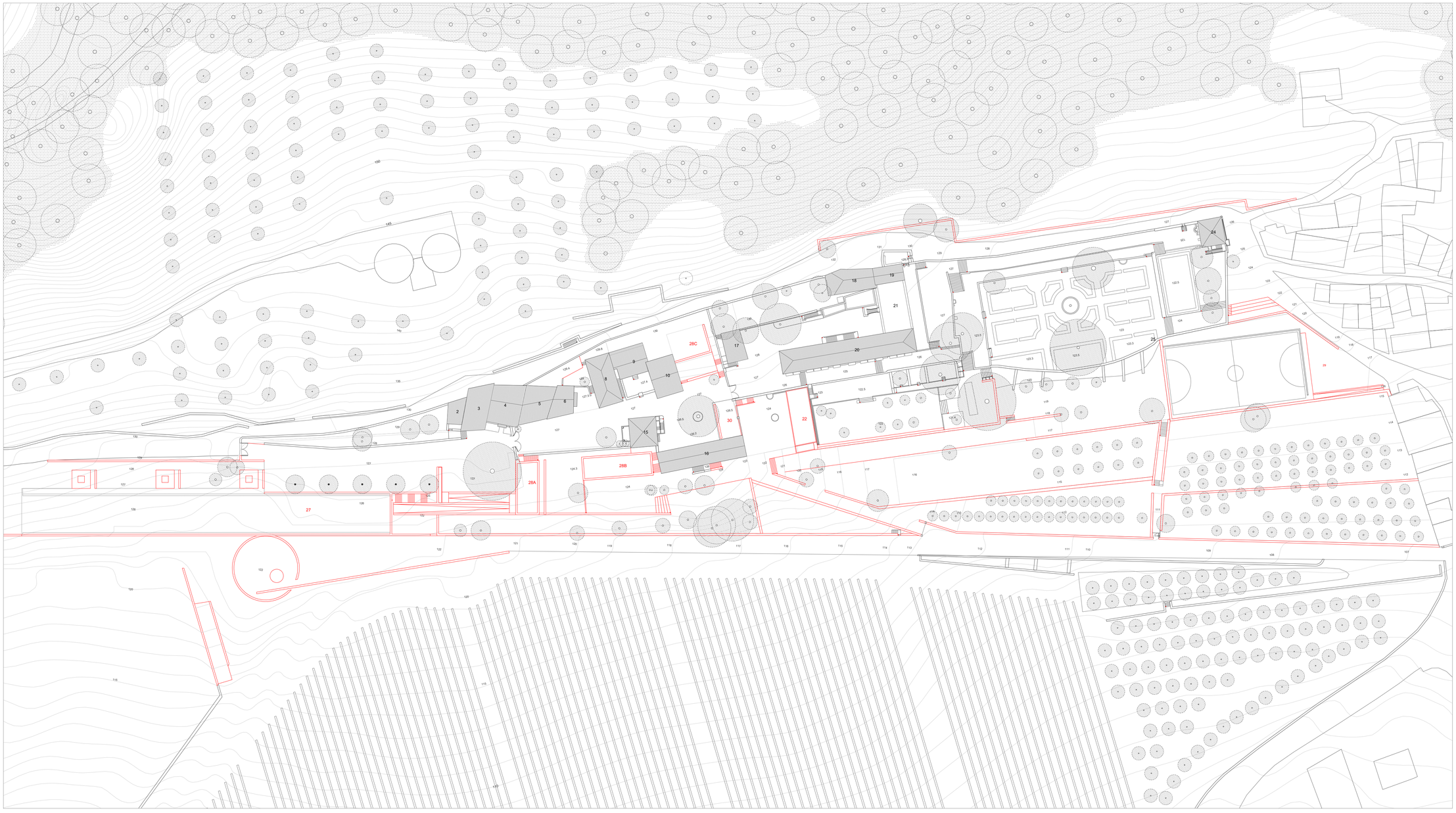
INTERVENÇÃO

PROGRAMA GERAL

| | |
|---|---|
| CASA HERBÁRIA | 2 |
| ARRUMOS | 3 |
| CASA TRABALHADORES | 4 |
| RECEÇÃO | 5 |
| GABINETE DE ADMINISTRAÇÃO | 6 |
| ALOJAMENTOS | 8 |
| COZINHA COMUM | 9 |
| ALOJAMENTOS | 10 |
| CASA DO CASEIRO | 15 |
| ENOTECA | 16 |
| ARRUMOS/JARDINAGEM | 17 |
| LAVANDARIA | 18 |
| CAPELA | 19 |
| PALÁCIO | 20 |
| CISTERNA/ ARRUMOS | 21 |
| SHOWROOM WINES | 22 |
| CASA MÁQUINAS/ MIRADOURO | 24 |
| GRUTA DE FRESCO | 25 |
| ADEGA | 27 |
| ALOJAMENTOS | 28A |
| ALOJAMENTOS | 28B |
| ALOJAMENTOS | 28C |
| BALNEÁRIOS | 29 |
| COZINHA/ BALNEÁRIOS | 30 |

ÁRVORES EXISTENTES

ÁRVORES PROPOSTAS




# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA


VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

GUILHERME F.S. VIEIRA

FAUL. FEVEREIRO 2023

PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

08

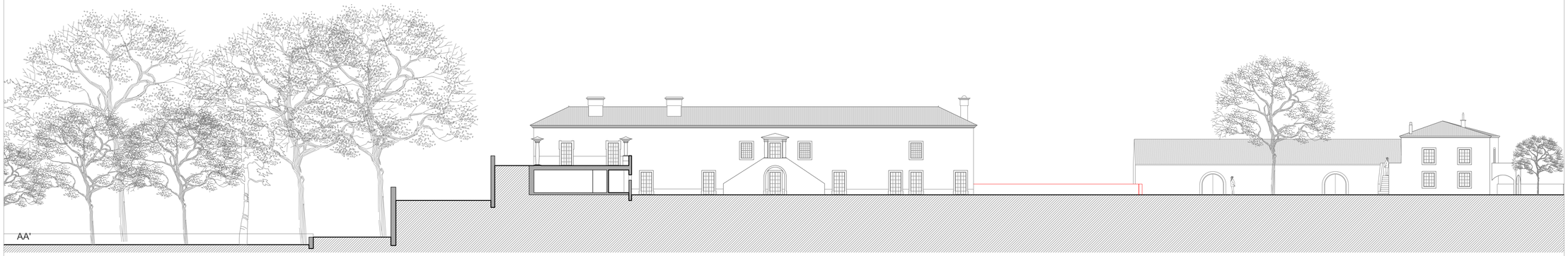
Cortes AA' - BB'
AA' - BB' Section

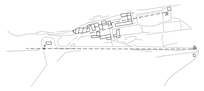
Escala Scale 1.200

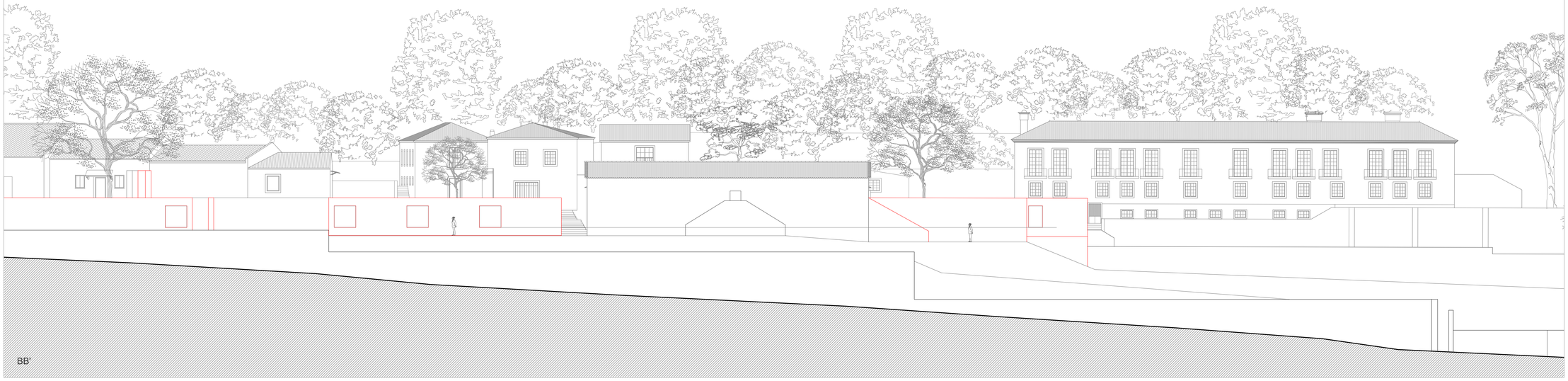
N

LEGENDA
LEGEND

INTERVENÇÃO






# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

GUILHERME F. S. VIEIRA
FAUL. FEVEREIRO 2023
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

# 09

## Planta Cota 131
## 131 Quota Plan

**Escala** Scale 1.600

N

LEGENDA
LEGEND

INTERVENÇÃO

PROGRAMA GERAL

| | |
|---|---|
| CASA HERBÁRIA | 2 |
| ARRUMOS | 3 |
| CASA TRABALHADORES | 4 |
| RECEÇÃO | 5 |
| GABINETE DE ADMINISTRAÇÃO | 6 |
| ALOJAMENTOS | 8 |
| COZINHA COMUM | 9 |
| ALOJAMENTOS | 10 |
| CASA DO CASEIRO | 15 |
| ENOTECA | 16 |
| ARRUMOS/JARDINAGEM | 17 |
| LAVANDARIA | 18 |
| CAPELA | 19 |
| EVENTOS RELIGIOSOS | 20 |
| CISTERNA/ ARRUMOS | 21 |
| SHOWROOM WINES | 22 |
| CASA MÁQUINAS/ MIRADOURO | 24 |
| GRUTA DE FRESCO | 25 |
| ADEGA | 27 |
| ALOJAMENTOS | 28A |
| ALOJAMENTOS | 28B |
| COZINHA/ BALNEÁRIOS | 30 |

ÁRVORES EXISTENTES

ÁRVORES PROPOSTAS

# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

GUILHERME F.S. VIEIRA
FAUL FEVEREIRO 2023
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO// PROF. DR. PAULO PEREIRA

# 10

## Planta Cota 128
General plan

**Escala** Scale 1.600

N

LEGENDA
LEGEND

INTERVENÇÃO

PROGRAMA GERAL

| | |
|---|---|
| CASA HERBÁRIA | 2 |
| ARRUMOS | 3 |
| CASA TRABALHADORES | 4 |
| RECEÇÃO | 5 |
| GABINETE DE ADMINISTRAÇÃO | 6 |
| ALOJAMENTOS | 8 |
| COZINHA COMUM | 9 |
| ALOJAMENTOS | 10 |
| CASA DO CASEIRO | 15 |
| ENOTECA | 16 |
| ARRUMOS/JARDINAGEM | 17 |
| LAVANDARIA | 18 |
| CAPELA | 19 |
| PALÁCIO | 20 |
| CISTERNA/ ARRUMOS | 21 |
| SHOWROOM WINES | 22 |
| CASA MÁQUINAS/ MIRADOURO | 24 |
| GRUTA DE FRESCO | 25 |
| ADEGA | 27 |
| ALOJAMENTOS | 28A |
| ALOJAMENTOS | 28B |
| ALOJAMENTOS | 28C |
| BALNEÁRIOS | 29 |
| COZINHA/ BALNEÁRIOS | 30 |

ÁRVORES EXISTENTES

ÁRVORES PROPOSTAS

# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

GUILHERME F.S. VIEIRA

FAUL FEVEREIRO 2023

PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

# 11

## Planta Cota 125
## 125 Quota Plan

**Escala** Scale 1.600

N

LEGENDA
LEGEND

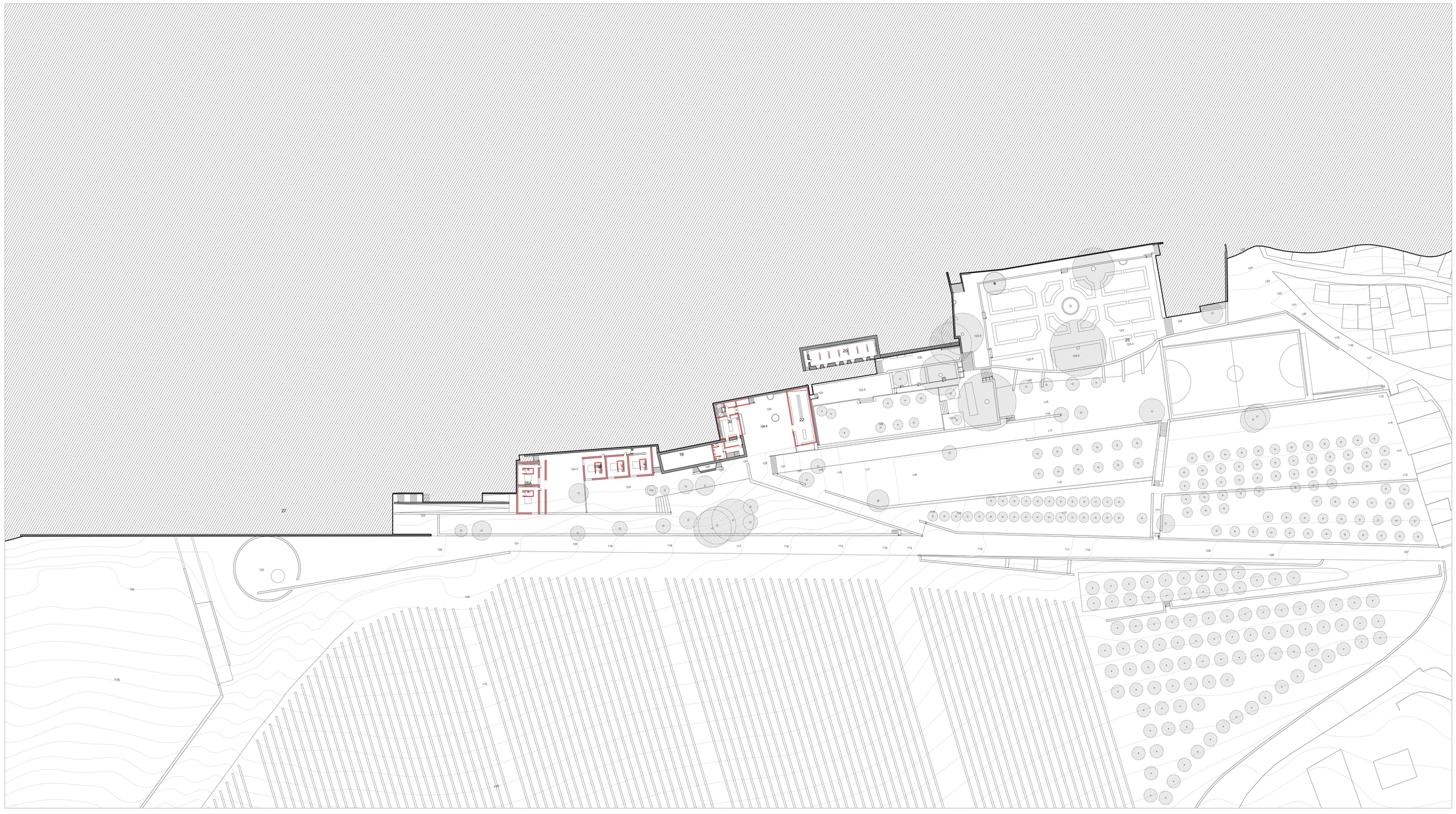
INTERVENÇÃO

PROGRAMA GERAL

| | |
|---|---|
| ENOTECA | 16 |
| EVENTOS RELIGIOSOS | 20 |
| CISTERNA/ ARRUMOS | 21 |
| SHOWROOM WINES | 22 |
| GRUTA DE FRESCO | 25 |
| ADEGA | 27 |
| ALOJAMENTOS | 28A |
| ALOJAMENTOS | 28B |
| BALNEÁRIOS | 29 |
| COZINHA/ BALNEÁRIOS | 30 |

ÁRVORES EXISTENTES

ÁRVORES PROPOSTAS



# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORÂNEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

GUILHERME F. S. VIEIRA
FAUL FEVEREIRO 2023
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

12

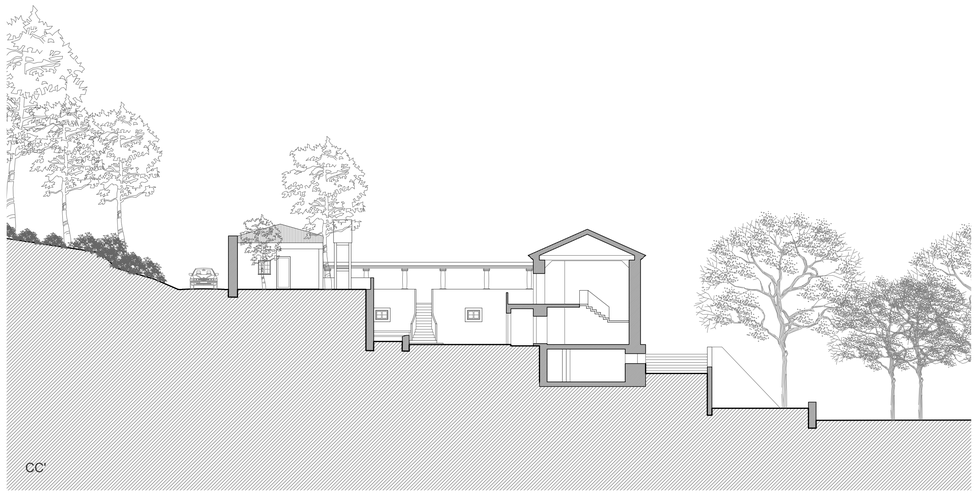
# Cortes AA' - BB'
AA' - BB' Section

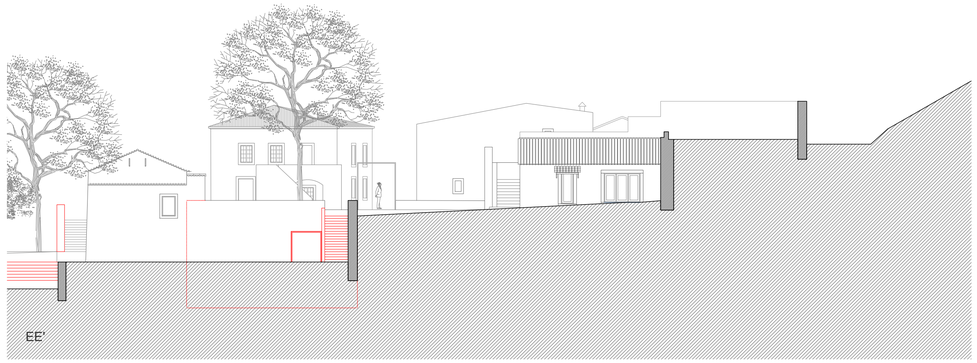
**Escala** Scale 1.200

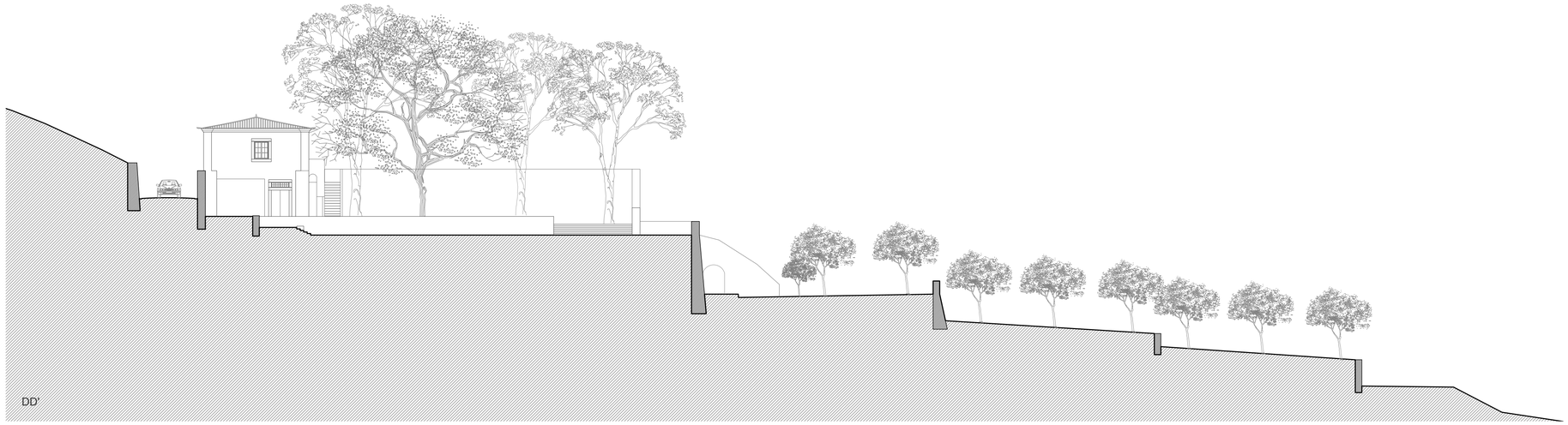
N

LEGENDA
LEGEND

INTERVENÇÃO



# OLHAR DISTINTO
UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA
GUILHERME F.S. VIEIRA
FAUL FEVEREIRO 2023
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

# 13

## Planta Cobertura
## Roof plan

Escala Scale 1.200

N

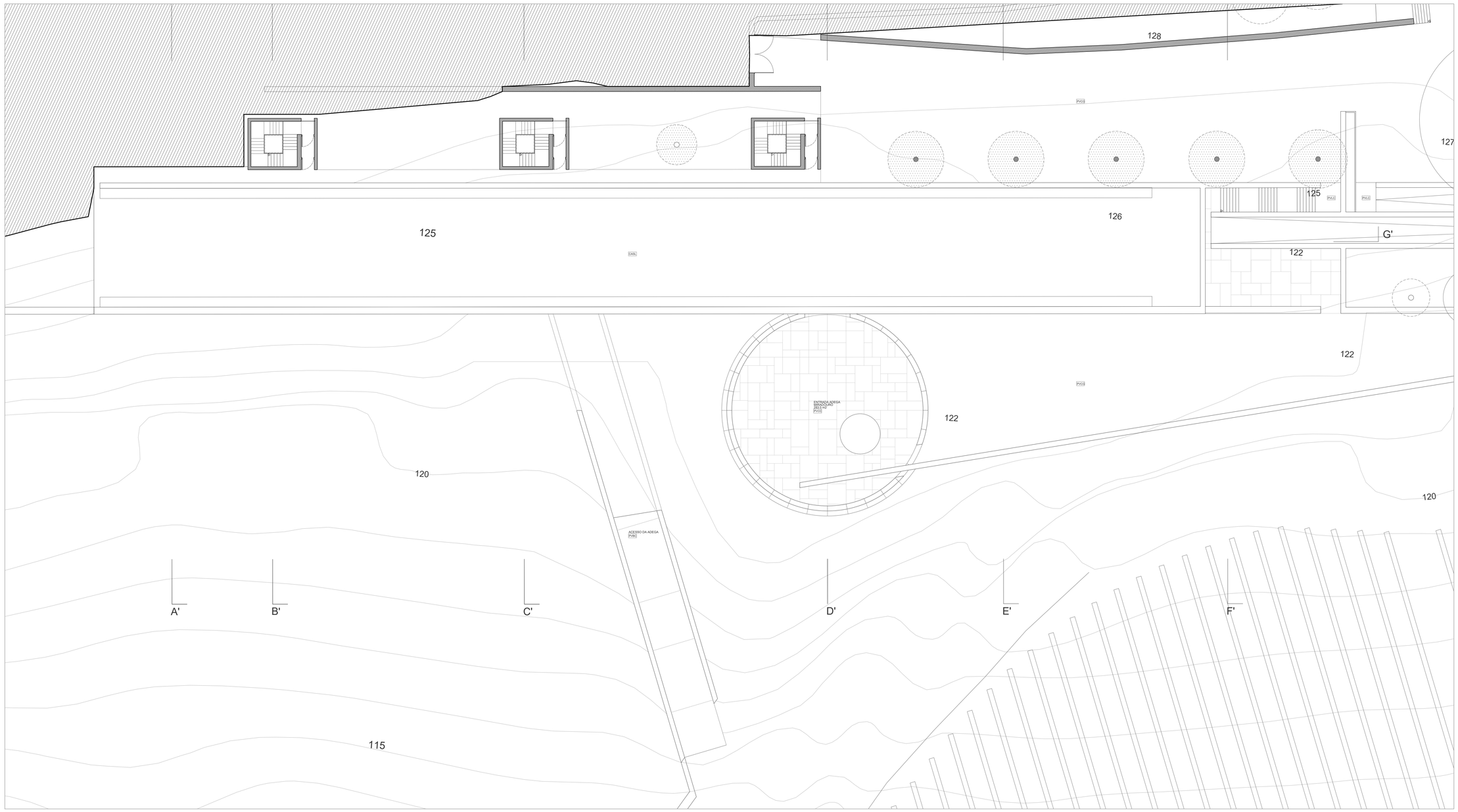
LEGENDA
LEGEND

PARB PAR. BETÃO
PARP PAR. PEDRA SECA À VISTA
PARL PAR. LSF
PVMB PAV. MICROBETÃO
PVBC PAV. MICROBETÃO COLORIDO
PVCG PAV. CALÇADA GRANITO
PVCC PAV. CALÇADA CALCARIO
PVLC PAV. LAJETAS CALCARIO
PVSO PAV. SAIBRO
ECML ESCADAS METÁLICAS
CASL COBERTURA AJARDINADA - SOLO LOCAL

PAR. - PAREDES
PAV. - PAVIMENTO

ÁREA DE CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO

PISO -2 2054 m2
PISO -1 1339 m2
PISO 0 1203 m2
TOTAL 4596 m2




# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

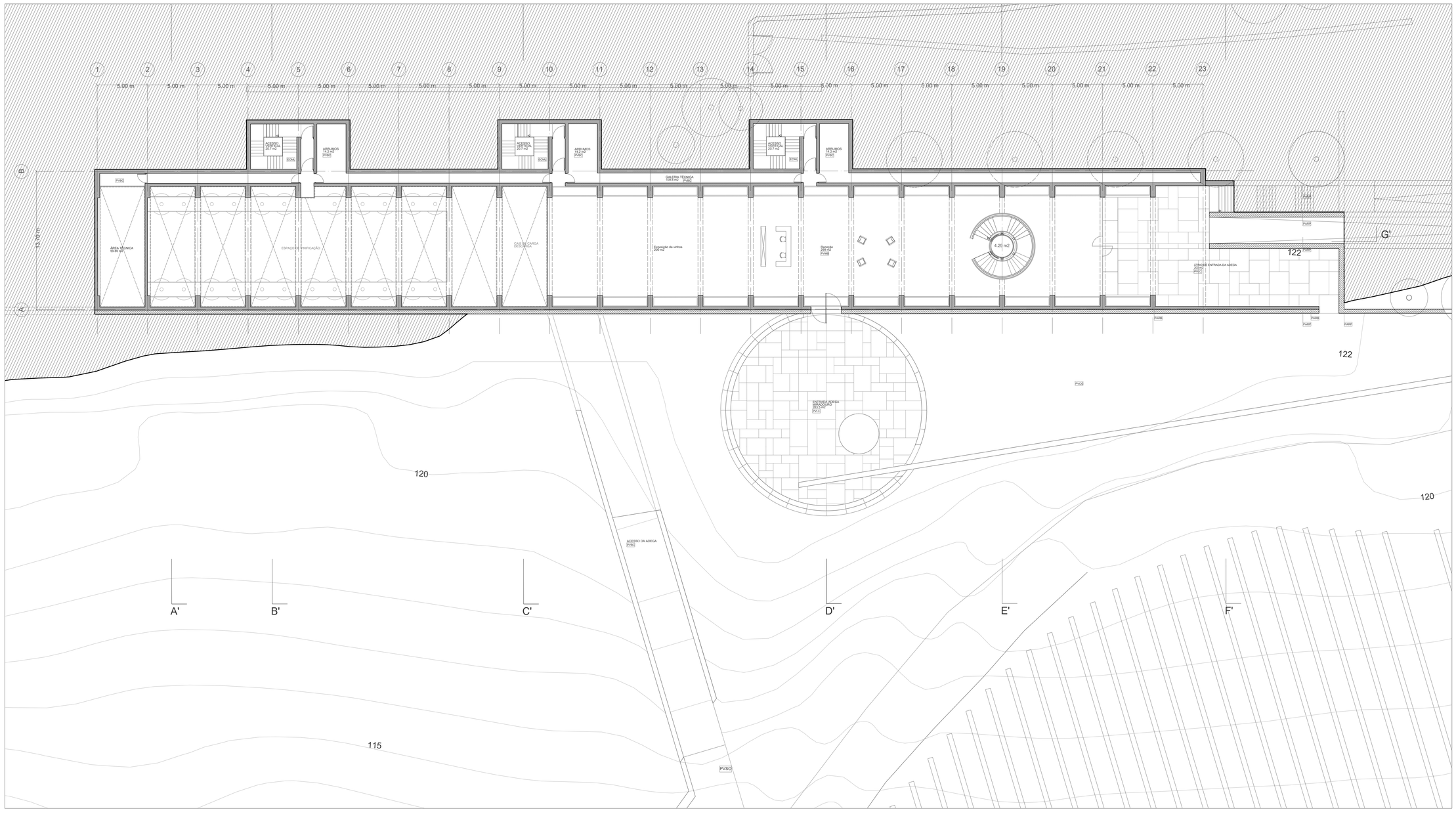
VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

GUILHERME F.S. VIEIRA
FAUL FEVEREIRO 2023
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO PROF. DR. PAULO PEREIRA

# 14

## Planta piso 0
## Ground Floor plan

**Escala** Scale 1.200




LEGENDA
LEGEND

PARB PAR. BETÃO
PARP PAR. PEDRA SECA À VISTA
PARL PAR. LSF
PVMB PAV. MICROBETÃO
PVBC PAV. MICROBETÃO COLORIDO
PVCG PAV. CALÇADA GRANITO
PVCC PAV. CALÇADA CALCARIO
PVLC PAV. LAJETAS CALCARIO
PVSO PAV. SAIBRO
ECML ESCADAS METÁLICAS

PAR. - PAREDES
PAV. - PAVIMENTO

ÁREA DE CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO

PISO -2 2054 m2
PISO -1 1339 m2
PISO 0 1203 m2
TOTAL 4596 m2

PROGRAMA PISO 0 COTA 123

| | |
|---|---|
| ENTRADA / MIRADOURO | 283.5 m2 |
| ÁTRIO DE ENTRADA | 200 m2 |
| RECEPÇÃO | 499 m2 |
| EXPOSIÇÃO DE VINHOS | 200 m2 |
| GALERIA TECNICA | 109.8 m2 |
| ACESSOS VERTICAIS X 3 | 62.1 m2 |
| ARRUMOS X 3 | 42.6 m2 |
| ZONA TÉCNICA | 59.85 m2 |
| CIRCULAÇÃO X 3 | 18.9 m2 |

# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

GUILHERME F.S. VIEIRA
FAUL FEVEREIRO 2023
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

15

# Planta piso -1
## Level -1 plan

Escala Scale 1.200

LEGENDA
LEGEND

PVMB PAV. MICROBETÃO
PVBC PAV. MICROBETÃO COLORIDO
PARB PAR. BETÃO
PARL PAR. LSF
ECML ESCADAS METÁLICAS

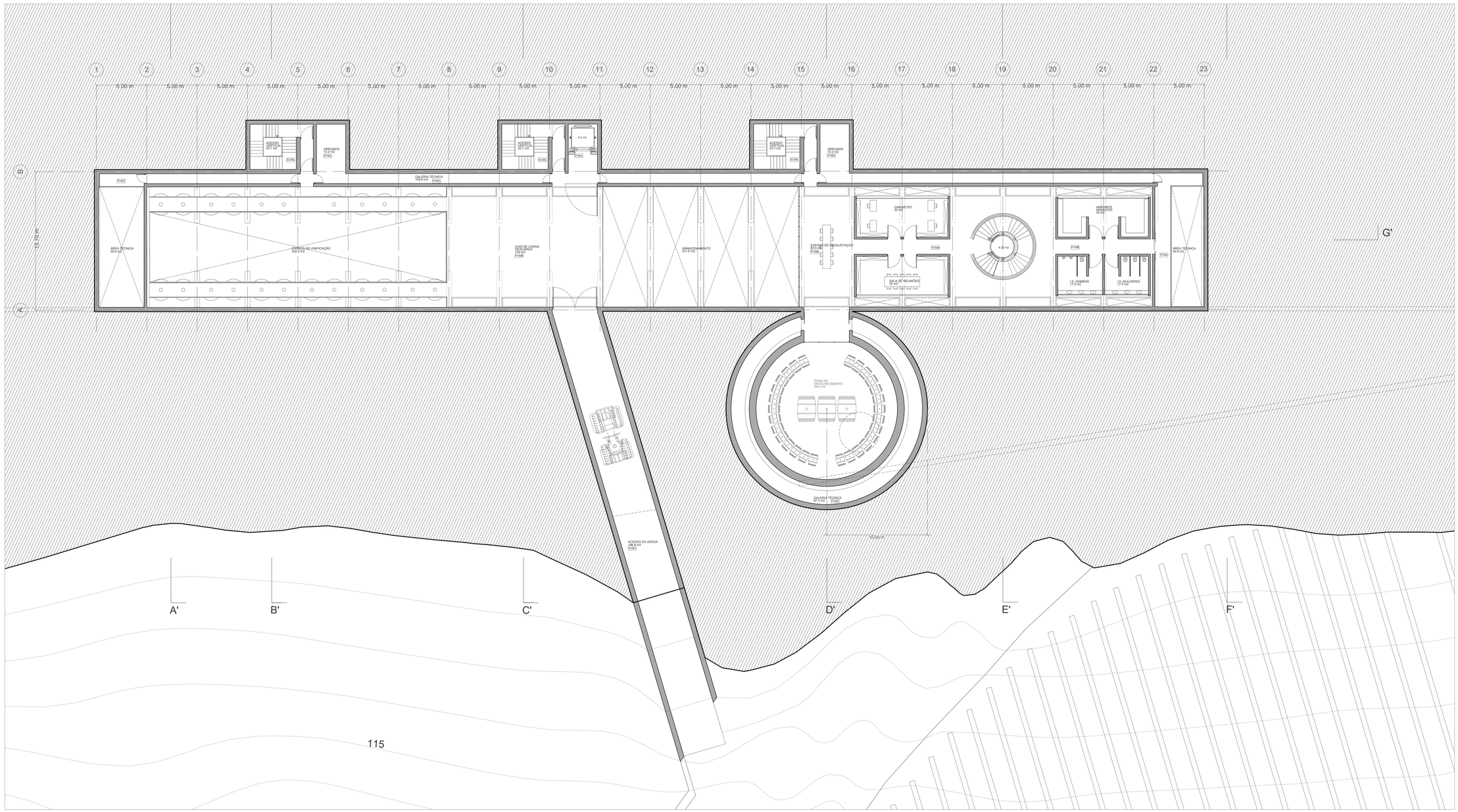
PAV. PAVIMENTOS
PAR. PAREDES

ÁREA DE CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO

PISO -2 2054 m2
PISO -1 1339 m2
PISO 0 1203 m2
TOTAL 4596 m2

PROGRAMA PISO -1 COTA 118

| | |
|---|---|
| SALA DE REUNIÕES | 35 m2 |
| GABINETES | 35 m2 |
| ARRUMOS/ARQUIVOS | 35 m2 |
| I.S.HOMENS | 17.5 m2 |
| I.S.MULHERES | 17.5 m2 |
| ARRUMOS X 3 | 42.6 m2 |
| ZONA TÉCNICA | 59.8 m2 |
| ACESSO VERTICAL X 3 | 62.1 m2 |
| ESPAÇO DESGUSTAÇÃO | 80.5 m2 |
| ZONA ENVELHECIMENTO | 283.5 m2 |
| GALERIA TÉCNICA | 87.3 m2 |
| ARMAZENAMENTO | 231.6 m2 |
| CARGAS E DESCARGAS | 145 m2 |
| ACESSO À ADEGA | 186.8 m2 |
| ZONA DE VINIFICIÇÃO | 352.4 m2 |
| GALERIA TÉCNICA | 109.8 m2 |
| ZONA TÉCNICA | 59.8 m2 |
| CIRCULAÇÃO | 166.9 m2 |




# OLHAR DISTINTO
UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

GUILHERME F.S. VIEIRA
FAUL FEVEREIRO 2023
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

# 16

## Planta piso -2
## Level -2 plan

**Escala** Scale 1.200

N

LEGENDA
LEGEND

PVMB PAV. MICROBETÃO
PVBC PAV. MICROBETÃO COLORIDO
PARB PAR. BETÃO
PARL PAR. LSF
ECML ESCADAS METÁLICAS

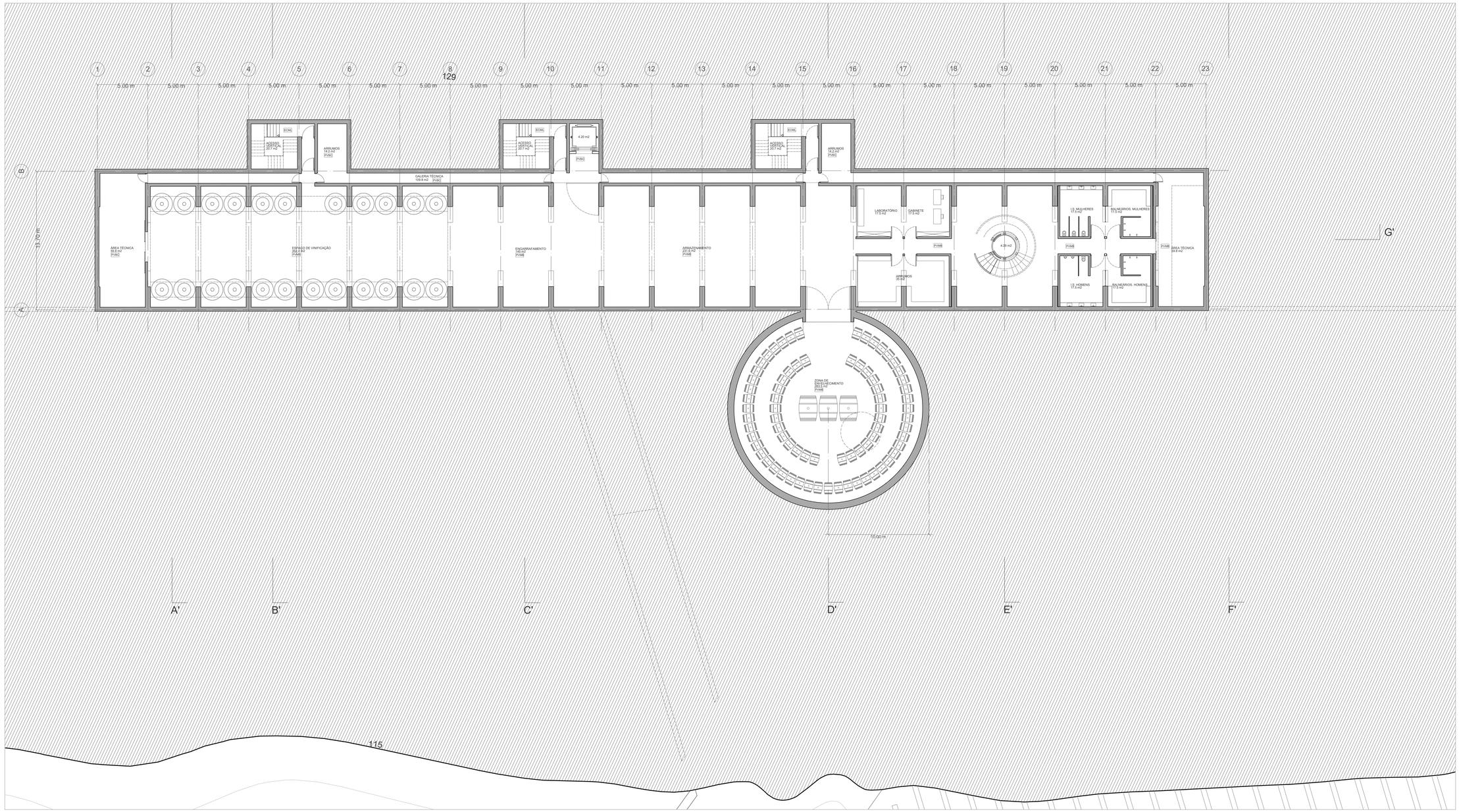
PAV. PAVIMENTOS
PAR. PAREDES

ÁREA DE CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO

PISO -2 2054 m2
PISO -1 1339 m2
PISO 0 1203 m2
TOTAL 4596 m2

PROGRAMA PISO -2 COTA 115

| | |
|---|---|
| LABORATORIO | 17.5 m2 |
| GABINETE | 17.5 m2 |
| ARRUMOS | 35 m2 |
| I.S. MULHERES | 17.5 m2 |
| BALENÁRIOS MULHERES | 17.5 m2 |
| I.S HOMENS | 17.5 m2 |
| BALENÁRIOS HOMENS | 17.5 m2 |
| ARRUMOS X 3 | 42.6 m2 |
| ÁREA TÉCNICA | 59.8 m2 |
| ACESSO VERTICAL X 3 | 62.1 m2 |
| ZONA ENVELHECIMENTO | 283.5 m2 |
| ARMAZENAMENTO | 231.6 m2 |
| ENGARRAFAMENTO | 145 m2 |
| ZONA DE VINIFICIÇÃO | 352.4 m2 |
| GALERIA TÉCNICA | 109.8 m2 |
| ÁREA TÉCNICA | 59.8 m2 |
| CIRCULAÇÃO | 166.9 m2 |




# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

GUILHERME F. S. VIEIRA

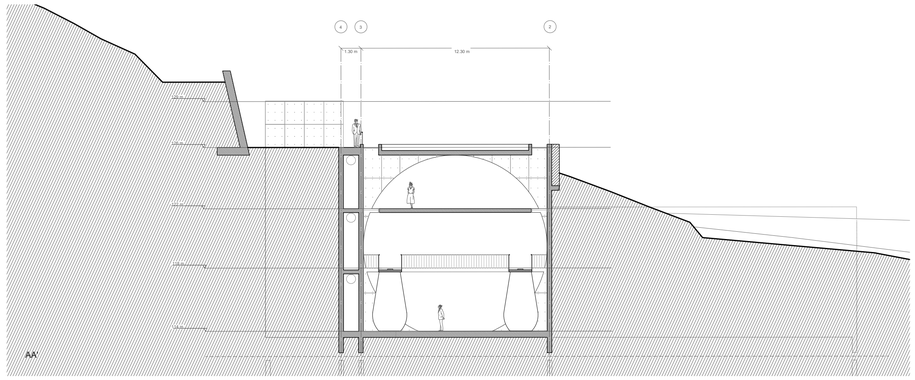
FAUL FEVEREIRO 2023

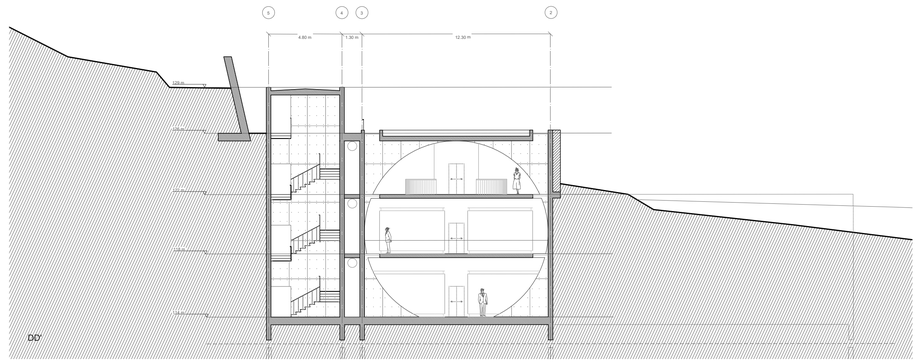
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

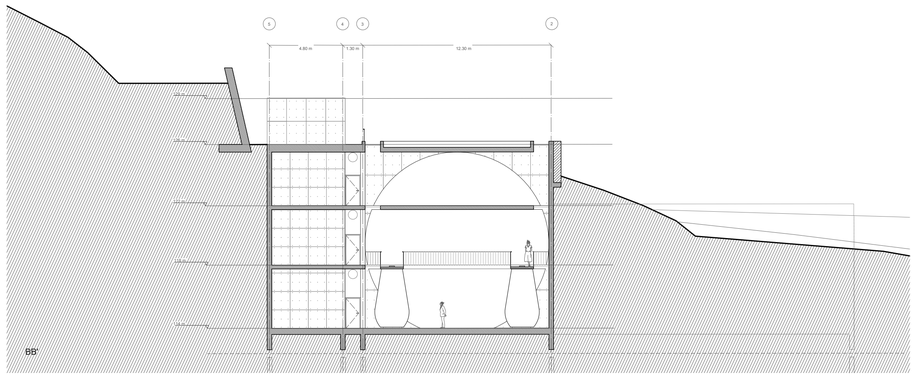
17

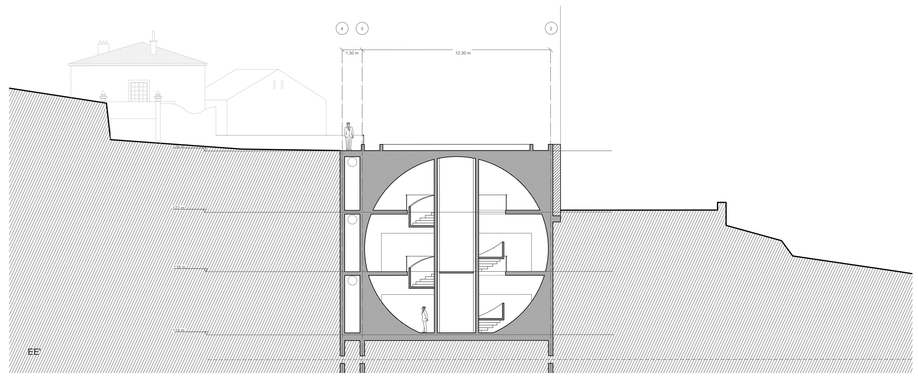
Cortes Transversais
Cross Sections

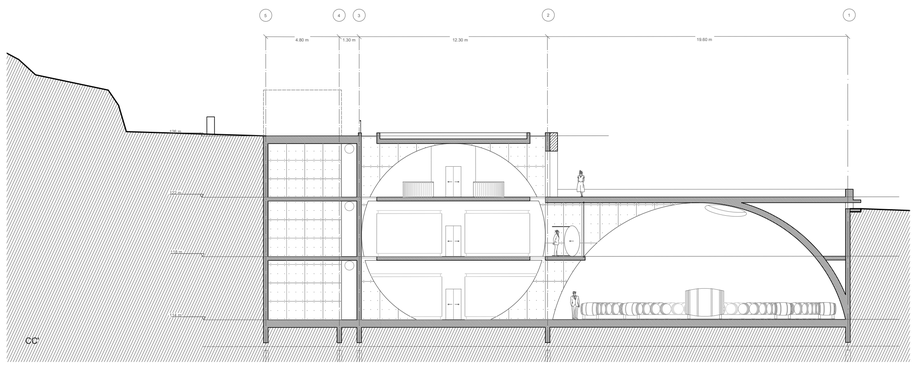
**Escala** Scale 1.200

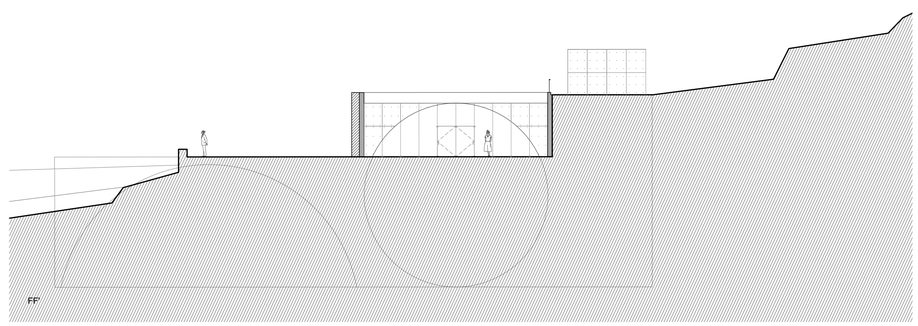


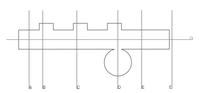



# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

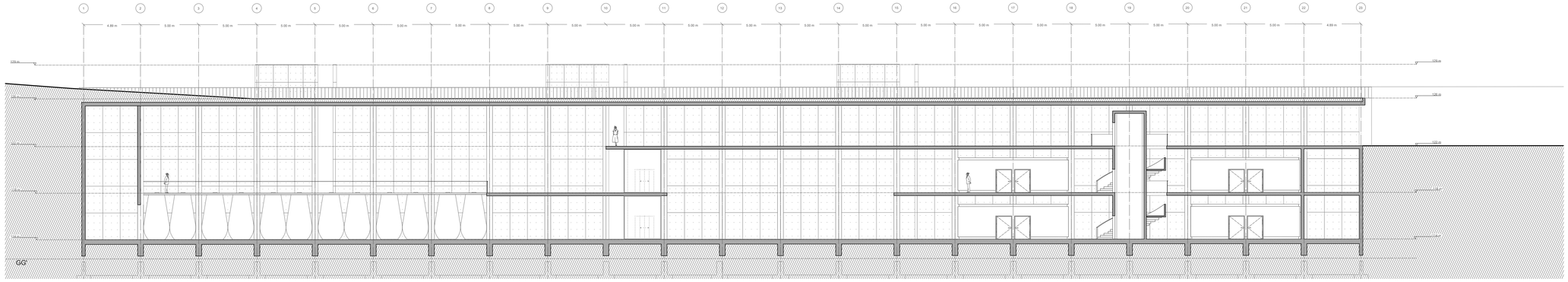
VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

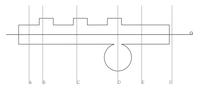
GUILHERME F.S. VIEIRA
FAUL FEVEREIRO 2023
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

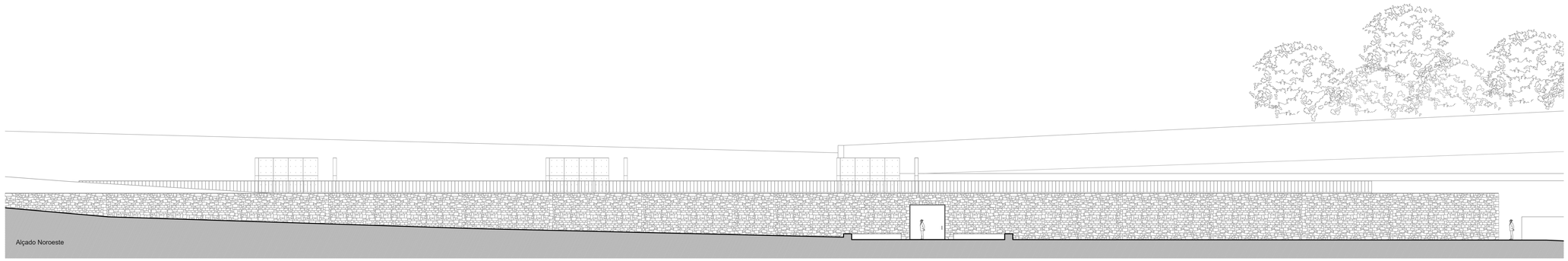
18

Corte Longitudinal
Longitudinal Section
Alçado Noroeste
NorthWest

**Escala** Scale 1.200






# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA

GUILHERME F.S. VIEIRA
FAUL FEVEREIRO 2023
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

# 19

## Corte CC' Detalhe
## Detail CC' Section

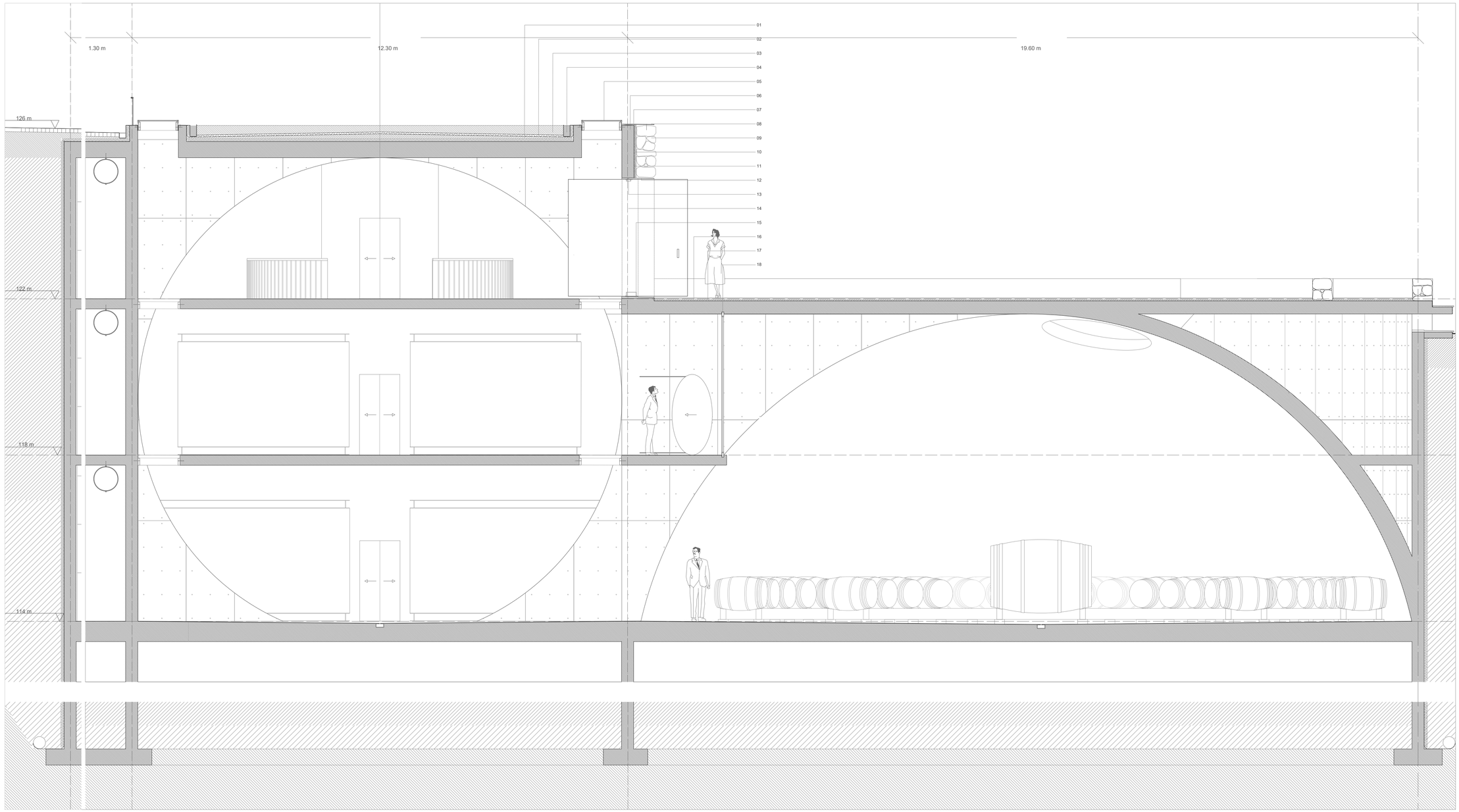
**Escala** Scale 1.50

N

LEGENDA
LEGEND

| | |
|---|---|
| CAMADA DE FORMA | 01 |
| MEMBRANA DRENANTE 40 MM | 02 |
| SOLO | 03 |
| CALEIRA METÁLICA 10 MM | 04 |
| CAIXILHO - PITCH GLAZED | 05 |
| BETÃO | 06 |
| CALÇO DE MADEIRA | 07 |
| CHAPA AÇO CORTEN 20MM | 08 |
| PAREDE PEDRA SECA | 09 |
| ISOLAMENTO XPS 60MM | 10 |
| MEMBRANA BETUMINOSA | 11 |
| CHAPA METÁLICA 20MM | 12 |
| SYSTEM M PIVOT FRISTJURGENS | 13 |
| PORTA METÁLICA - 2.95M-2.90M | 14 |
| SOLEIRA PEDRA CALCÁRIO | 15 |
| LAJETAS DE PEDRA CALCÁRIO | 16 |
| SAIBRO | 17 |
| CAIXILHO METÁLICO | 18 |






# OLHAR DISTINTO

**UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA**

**VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA**

GUILHERME F S. VIEIRA

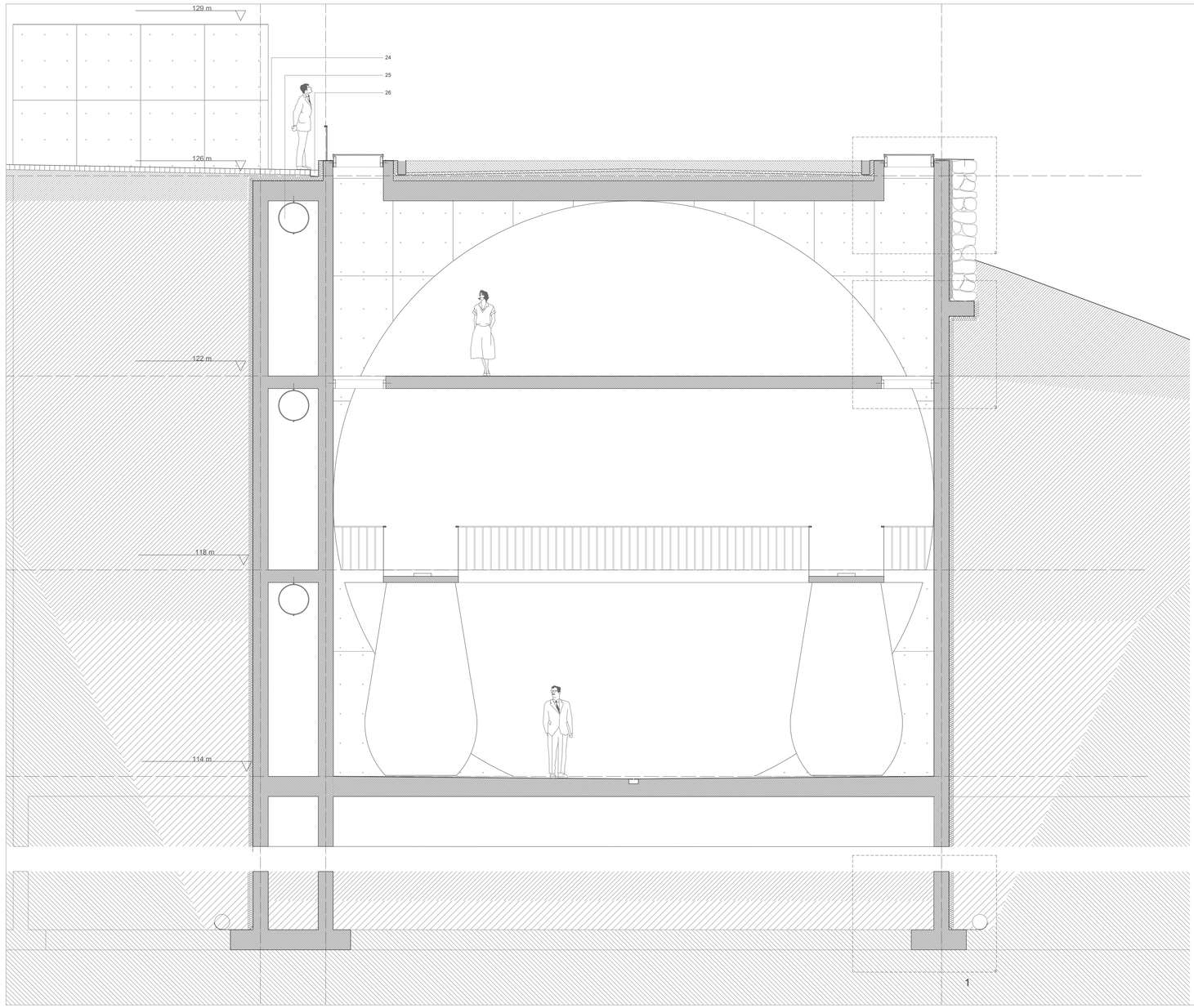
FAUL FEVEREIRO 2023

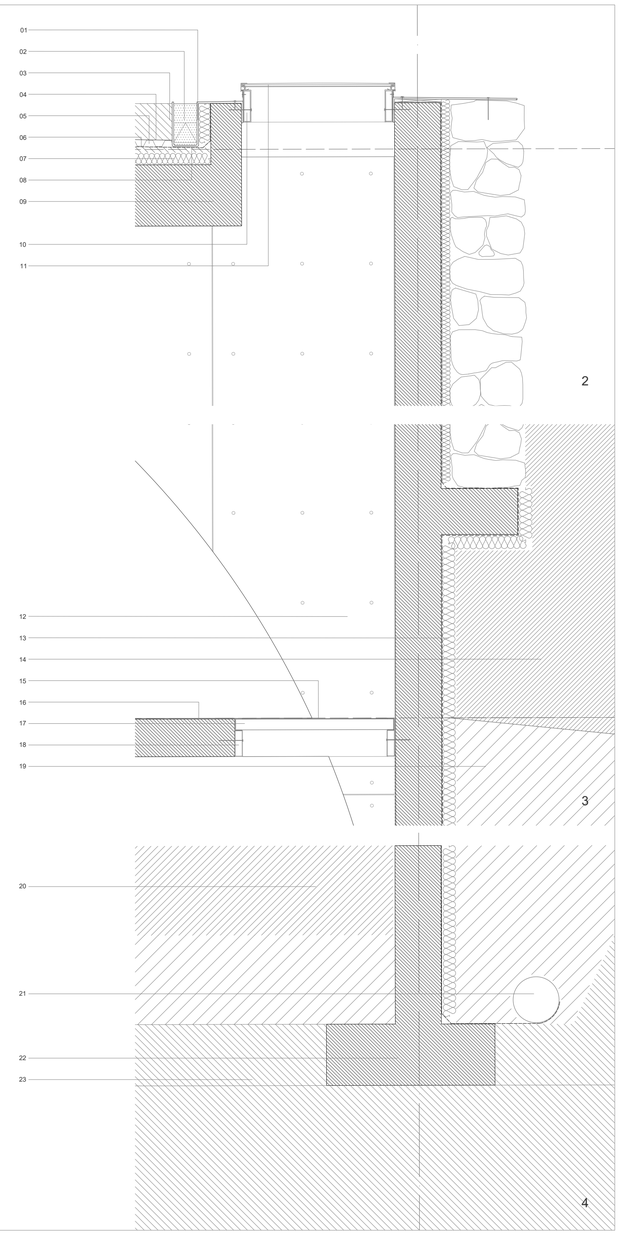
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

# 20

## Corte AA' Detalhe
## Detail AA' Section

**Escala** Scale 1.50 / 1.20

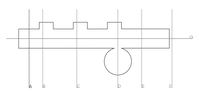



LEGENDA
LEGEND

| | |
|---|---|
| CORTE AA' - 1.50 | 1 |
| DETALHE COBERTURA - 1.20 | 2 |
| DETALHE LAJE / SUPORTE DA PAREDE DE PEDRA - 1.20 | 3 |
| DETALHE FUNDAÇÃO - 1.20 | 4 |

| | |
|---|---|
| CALEIRA/CAPIAMENTO | |
| CHAPA METÁLICA 10 MM | 01 |
| PEDRA DE SEIXO LAVADA | 02 |
| SOLO | 03 |
| MANTA GEOTEXTIL | 04 |
| CAMADA DE DRENAGEM | 05 |
| MEMBRANA BETUMINOSA | 06 |
| ISOALMENTO XPS 40 MM | 07 |
| CAMADA DE FORMA DE BETÃO | 08 |
| BETÃO | 09 |
| CAIXILHO - PITCH GLAZED | 10 |
| VIDRO DE FOLHA DUPLA - 6/4 MM | 11 |
| LAMINAS BETÃO ESTRUTURAIS | 12 |
| ISOLAMENTO XPS 80 MM | 13 |
| GRAVILHA | 14 |
| VIDRO TEMPERADO 4MM | 15 |
| PAVIMENTO MICROBETÃO 5MM | 16 |
| POLICARBONATO TRANSLÚCIDO 50 MM | 17 |
| CAIXILHO METÁLICO PRETO | 18 |
| ENROCAMENTO | 19 |
| GRAVILHA | 20 |
| DRENO 300 MM DE DIAMETRO | 21 |
| FUNDAÇÃO CORRIDA DE BETÃO | 22 |
| SOLO | 23 |
| CALÇADA CALCARIO 100X100MM | 24 |
| CONDUTA DE AR - AÇO INOX | 25 |
| CALEIRA/CAPIAMENTO | |
| CHAPA METÁLICA 10 MM | 26 |



# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA


GUILHERME F.S. VIEIRA

FAUL FEVEREIRO 2023

PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

21

Visualização 3D
Render

Espaço de receção

OLHAR DISTINTO
UMA ADEGA CONTEMPORÂNEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA
GUILHERME F.S. VIEIRA
FAUL FEVEREIRO 2023
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO| PROF. DR. PAULO PEREIRA

Visualização 3D
Render

Perspetiva na zona de serviços

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA
GUILHERME F.S. VIEIRA
FAUL FEVEREIRO 2023
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

OLHAR DISTINTO
UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

Visualização 3D
Render

Espaço de envelhecimento

# OLHAR DISTINTO

UMA ADEGA CONTEMPORÂNEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA
GUILHERME F.S. VIEIRA
FAUL FEVEREIRO 2023
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO/ PROF. DR. PAULO PEREIRA

24

Visualização 3D
Render

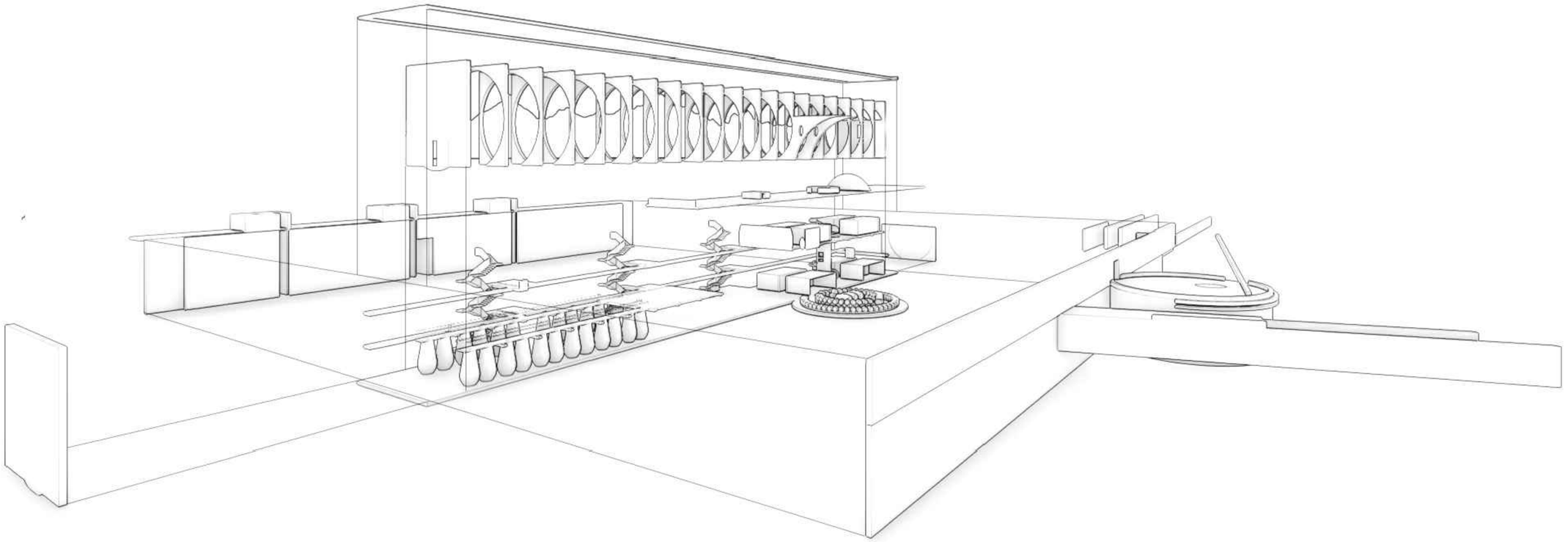
Perspetiva na zona de vinificação

OLHAR DISTINTO
UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA
GUILHERME F.S. VIEIRA
FAUL FEVEREIRO 2023
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO| PROF. DR. PAULO PEREIRA

25

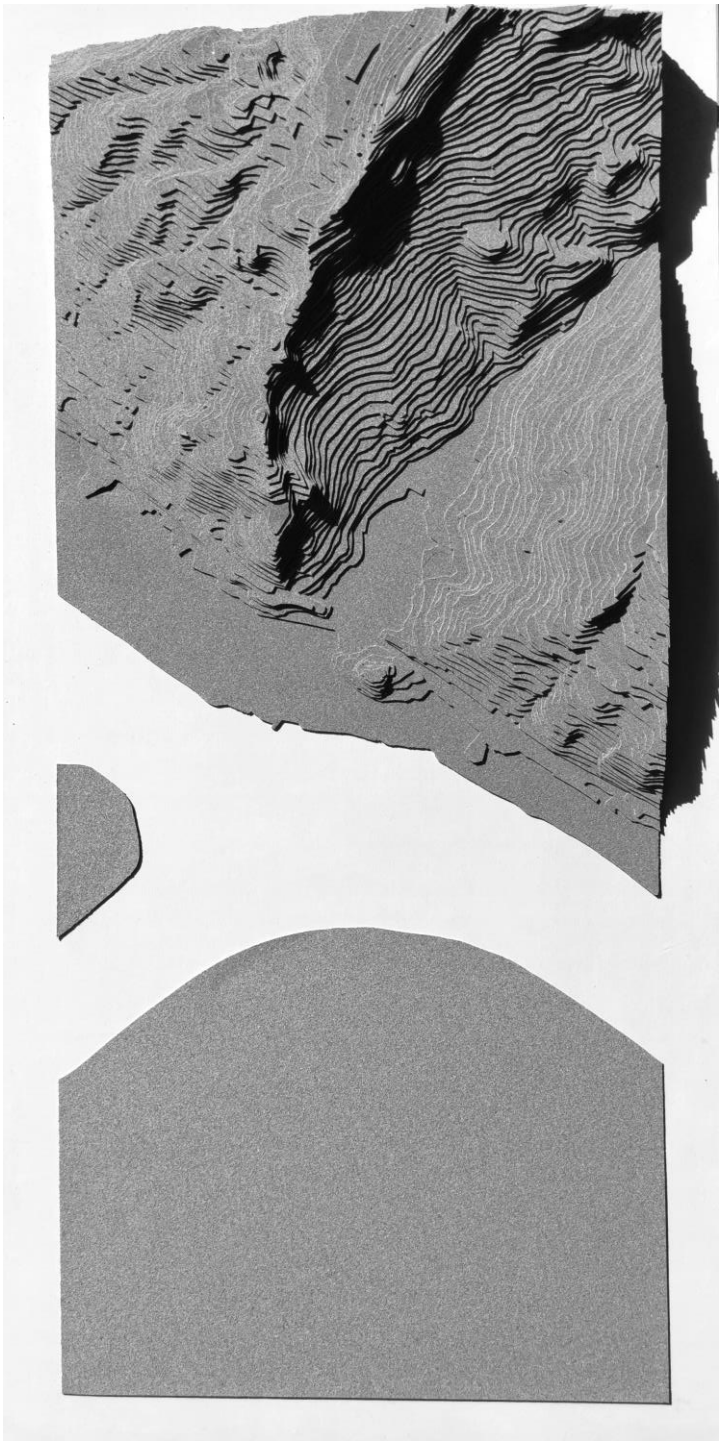
Axonometria
Axonometry



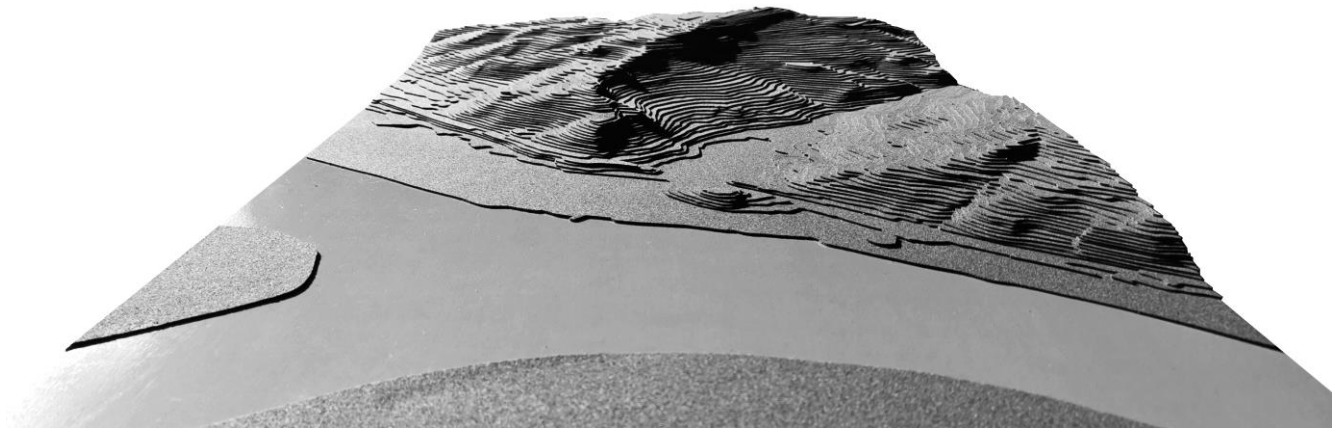
OLHAR DISTINTO
UMA ADEGA CONTEMPORANEA NA QUINTA DE SUBSERRA

VILA FRANCA DE XIRA, LISBOA
GUILHERME F.S. VIEIRA
FAUL FEVEREIRO 2023
PROF. ARQ. PEDRO PACHECO PROF. DR. PAULO PEREIRA

# 01 Maquetas

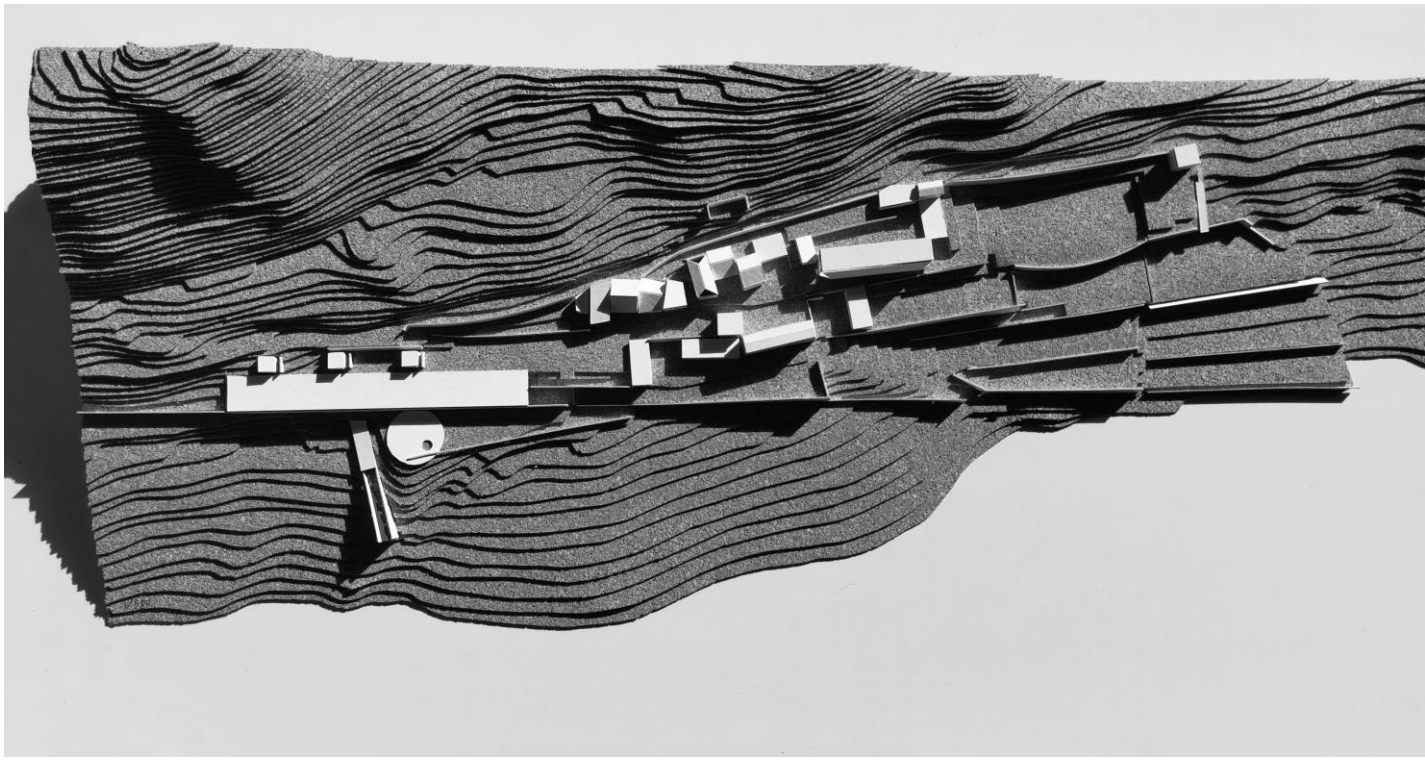


**01** Maqueta de Território 1.10000

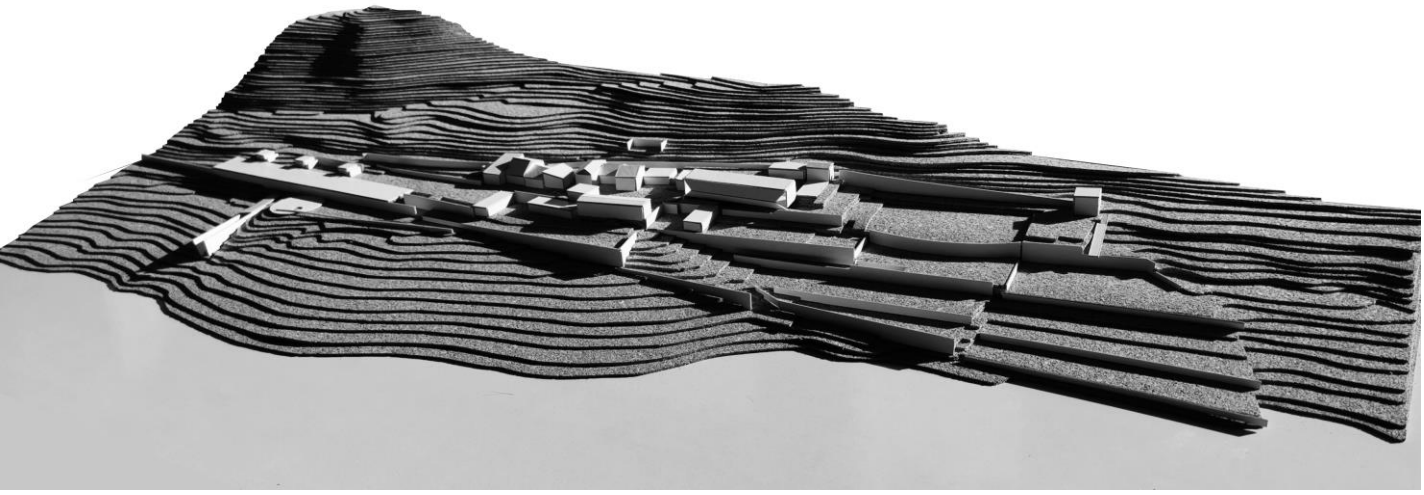




02 Maqueta de Território 1.10000

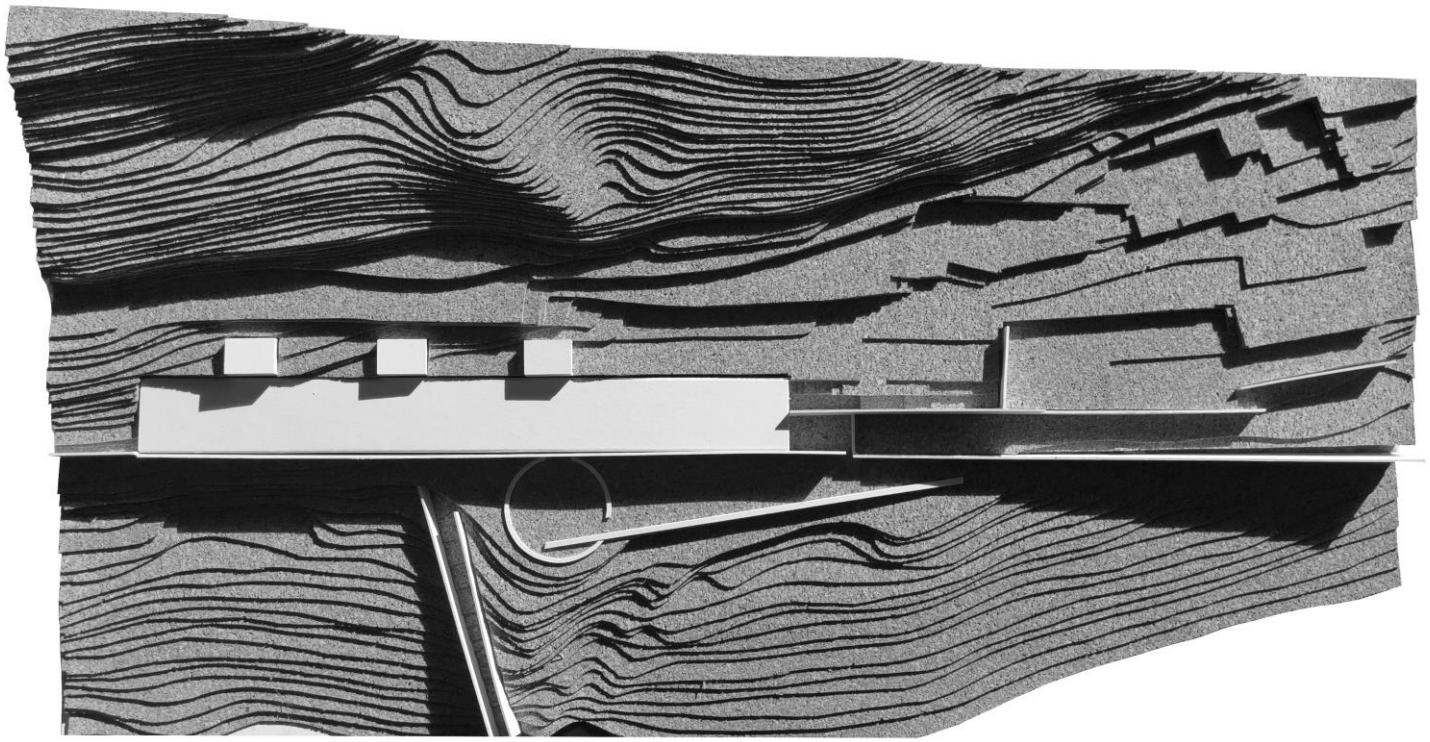


**03** Maqueta da Quinta de Subserra 1.500

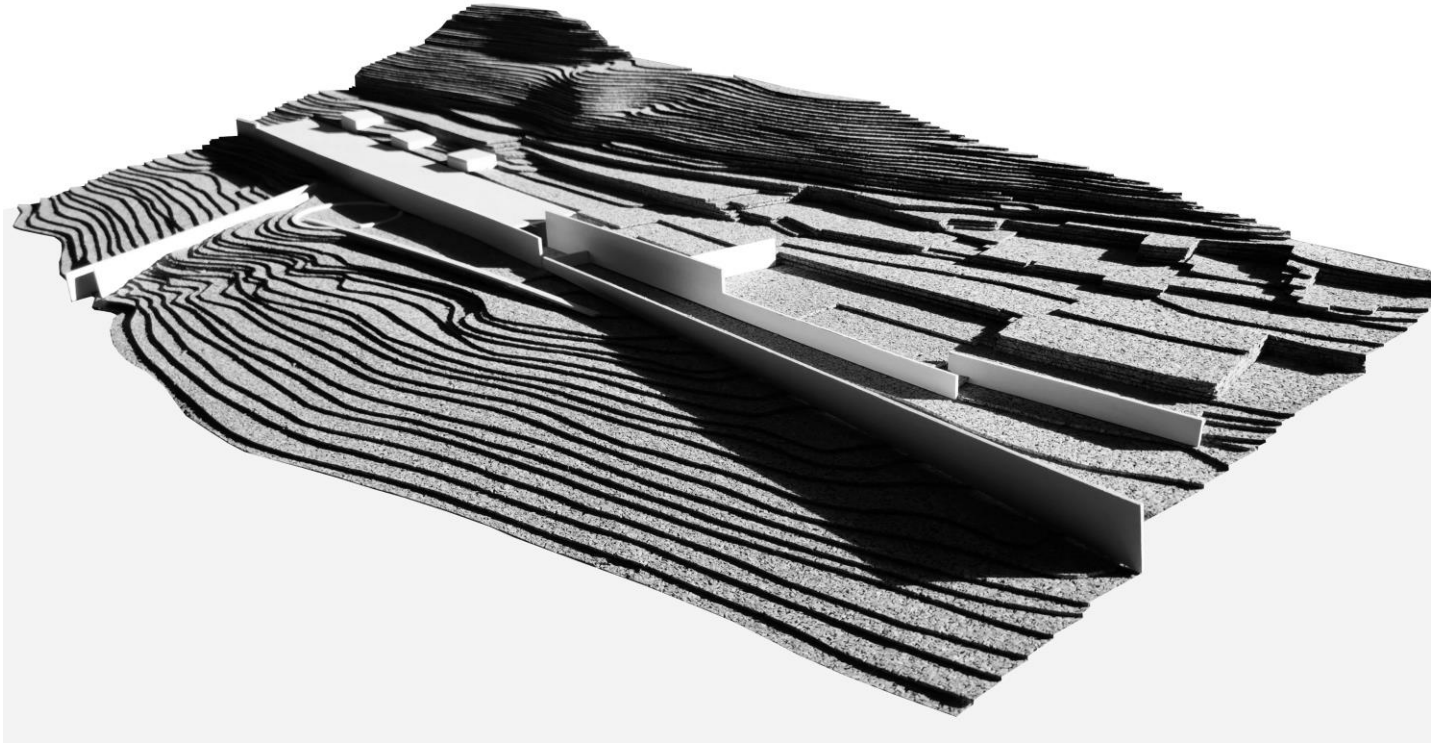




04 Maqueta da Quinta de Subserra 1.500

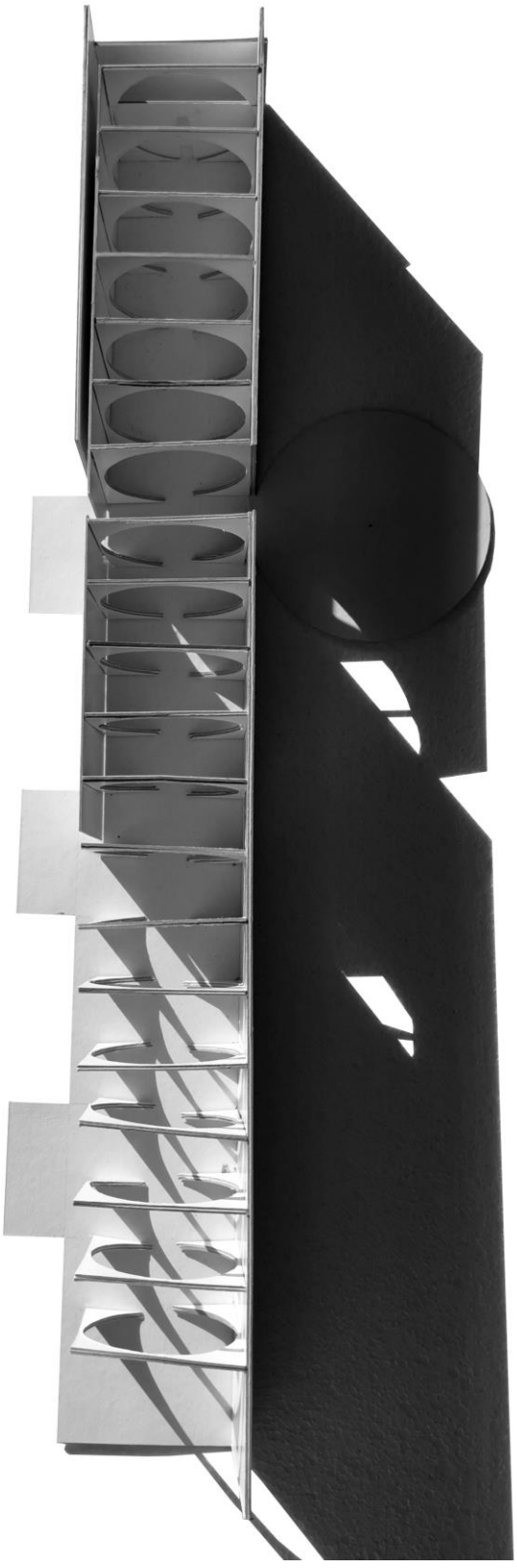


**05** Maqueta da Adega 1.200





**06** Maqueta da Adega 1.200





07 Maqueta Conceptual da Adega 1.200

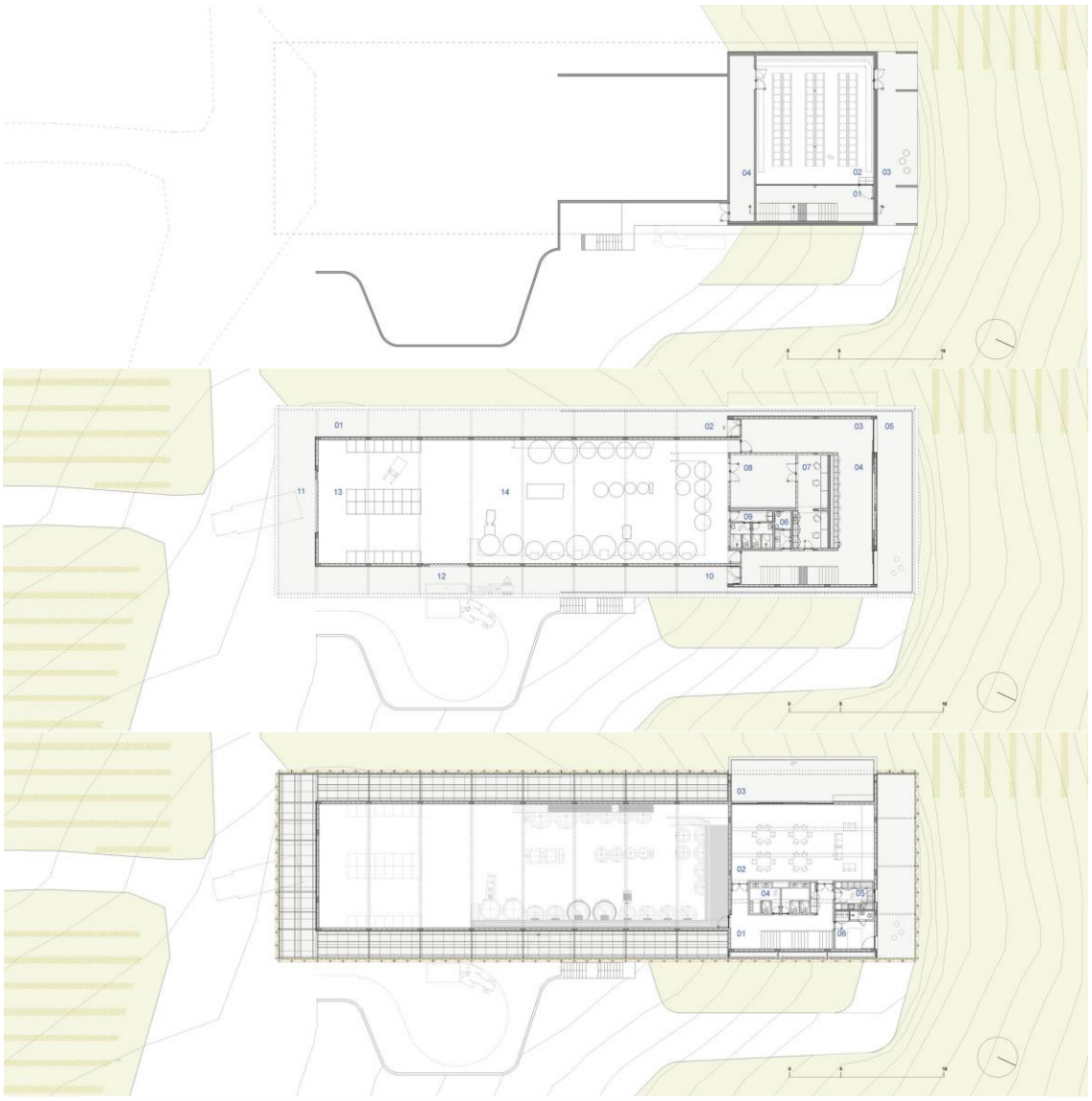
# Adega 23

Castelo Branco, Sarnadas de Rodão

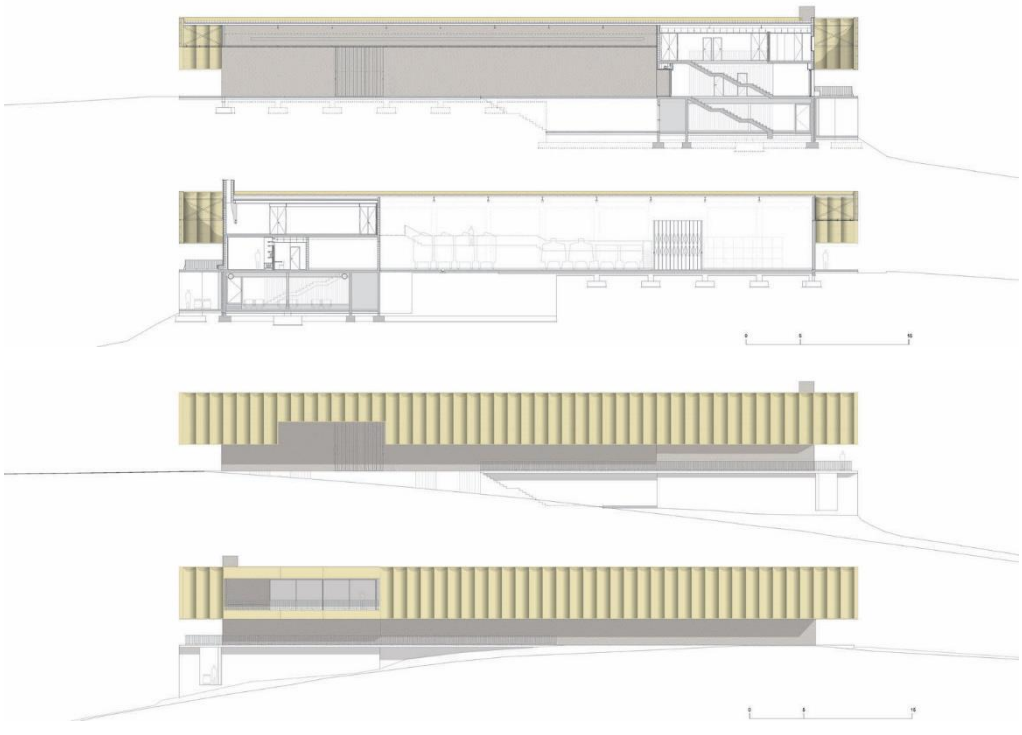
Atelier RUA

2017

1700 m2





11 | 12 | 13 | 14 | 15

Herdade do Freixo

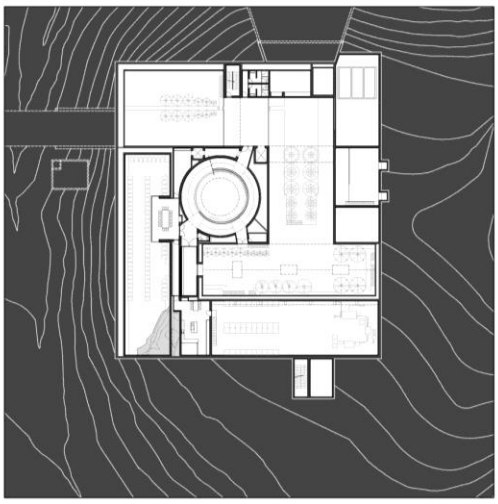
Alentejo, Redondo

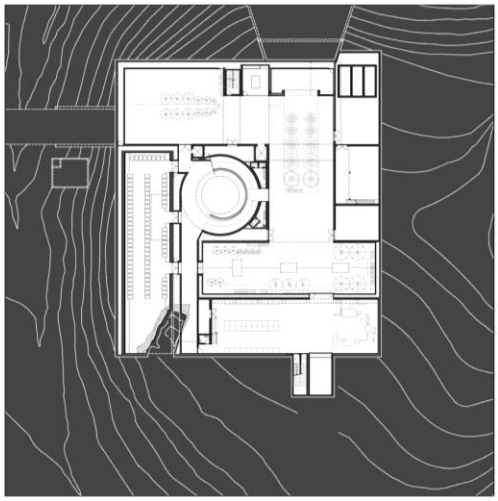
Frederico Valsassina

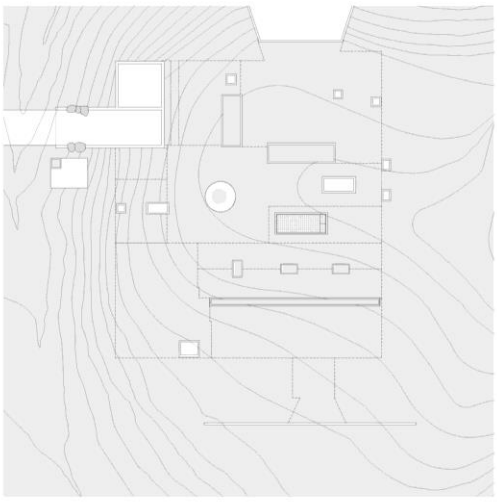
2016

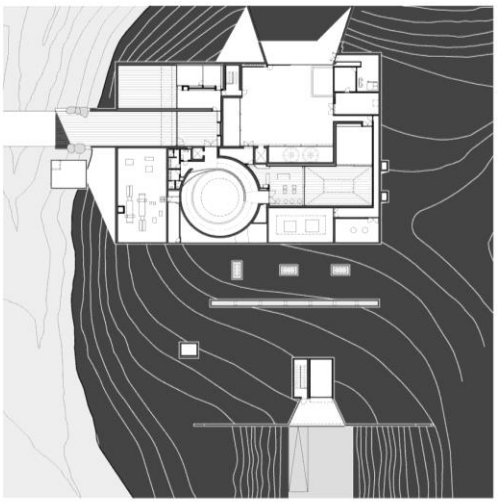
1941 m2

16 | 17 | 18

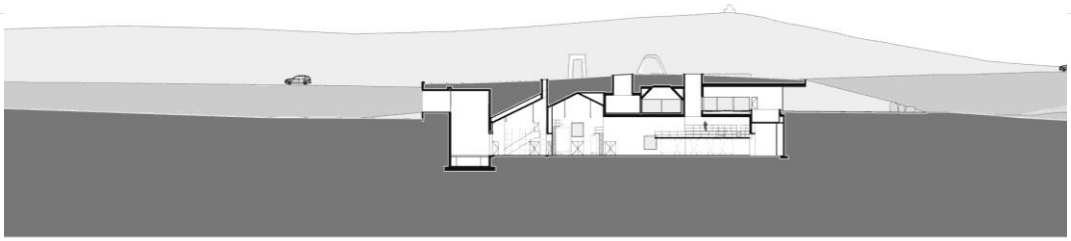


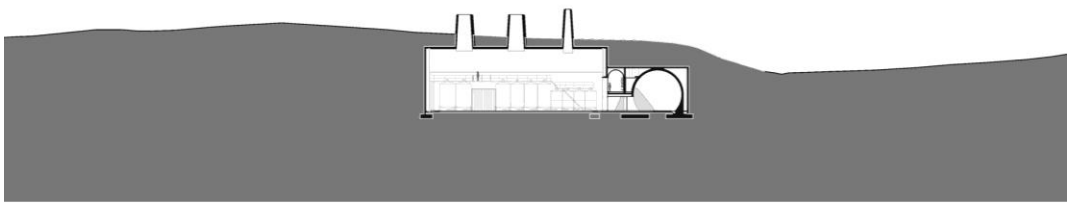


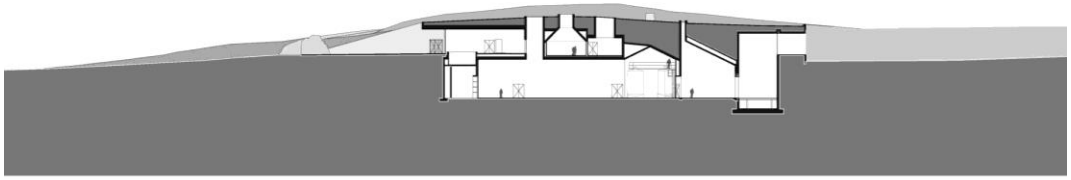


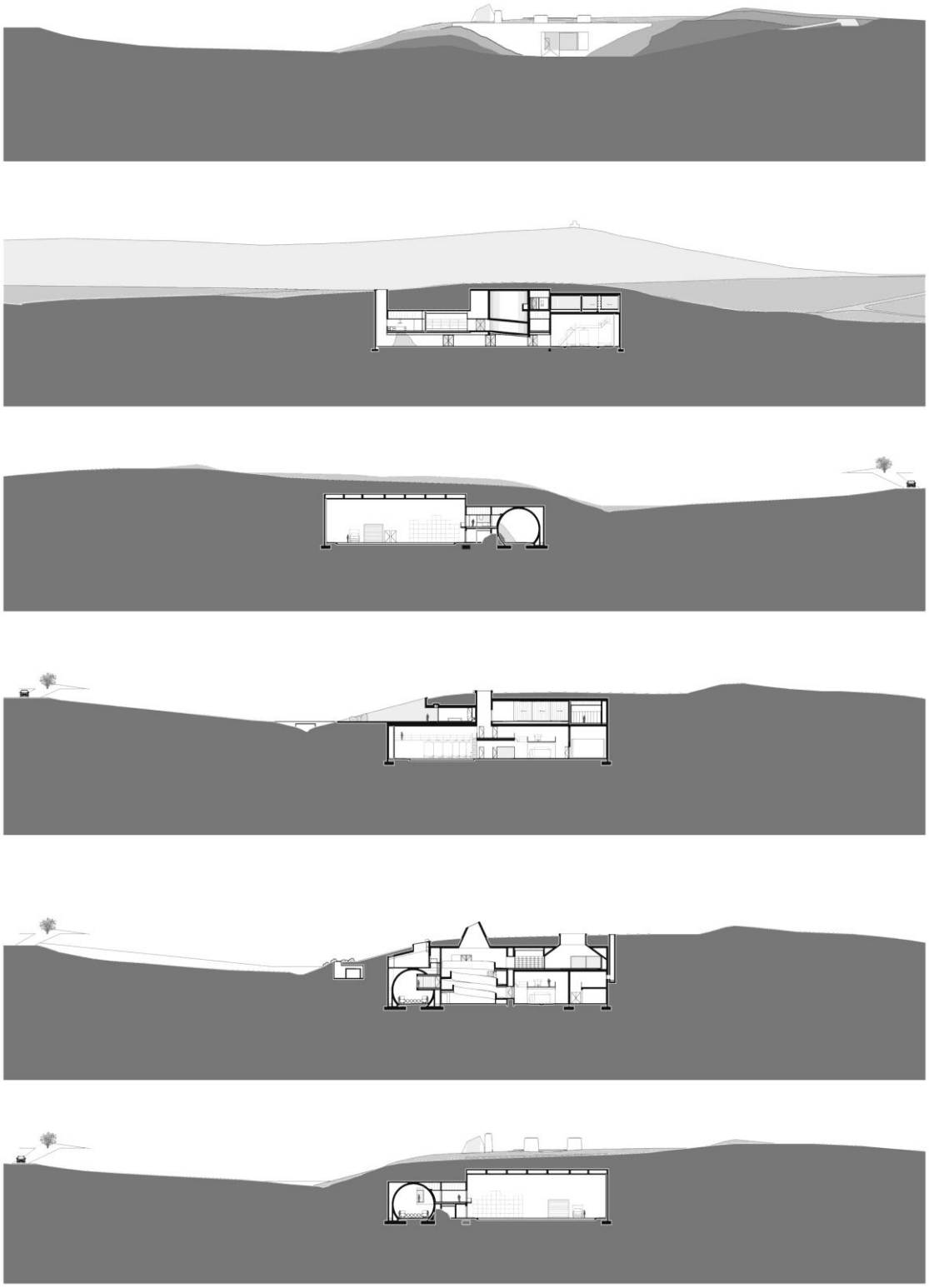












248

Clos Pachem

Espanha, Gratallops

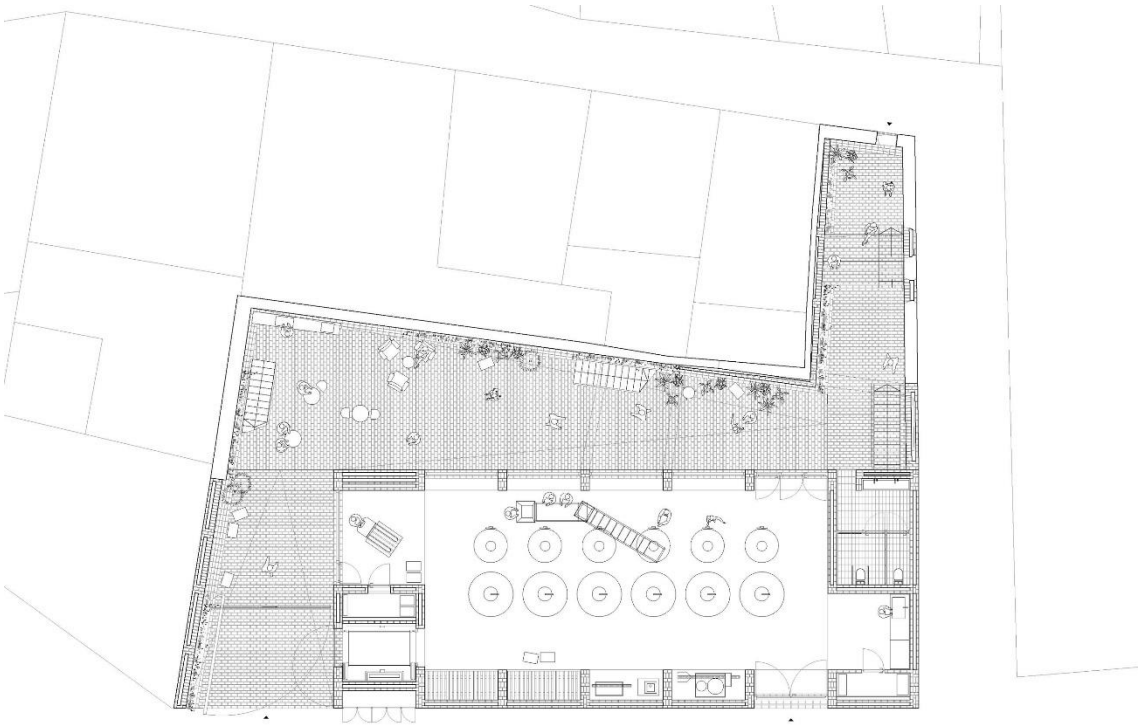
HARQUITECTS

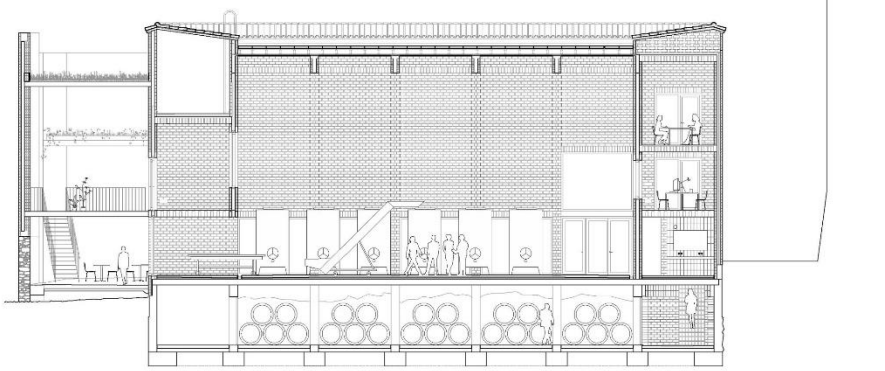
2019

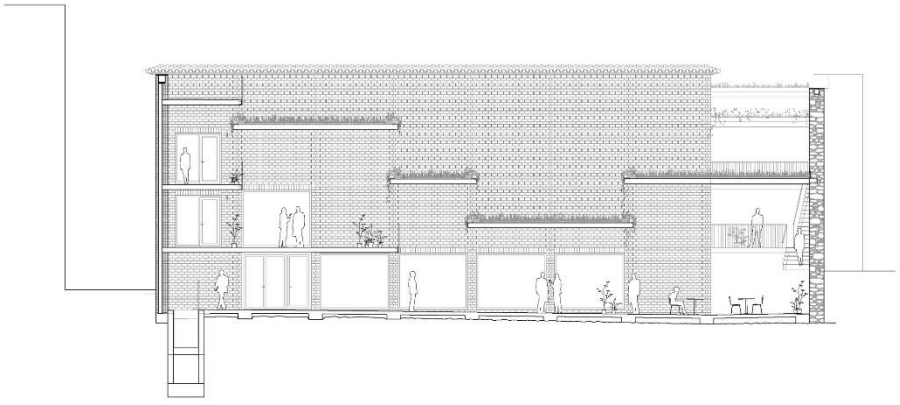
1117 m2

250

251







Dominus

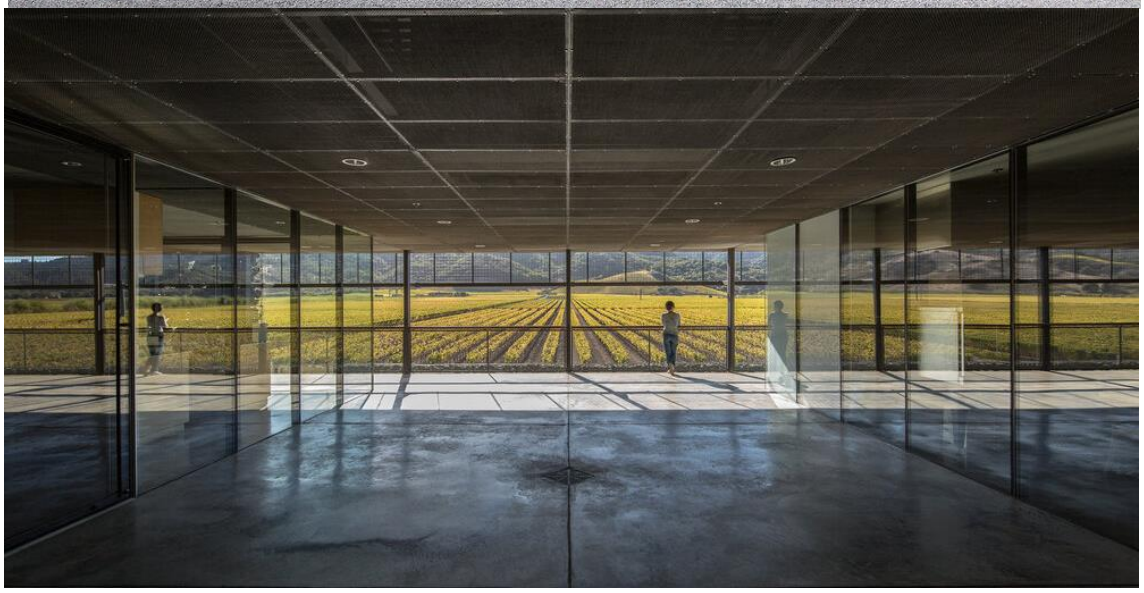
EUA, Napa

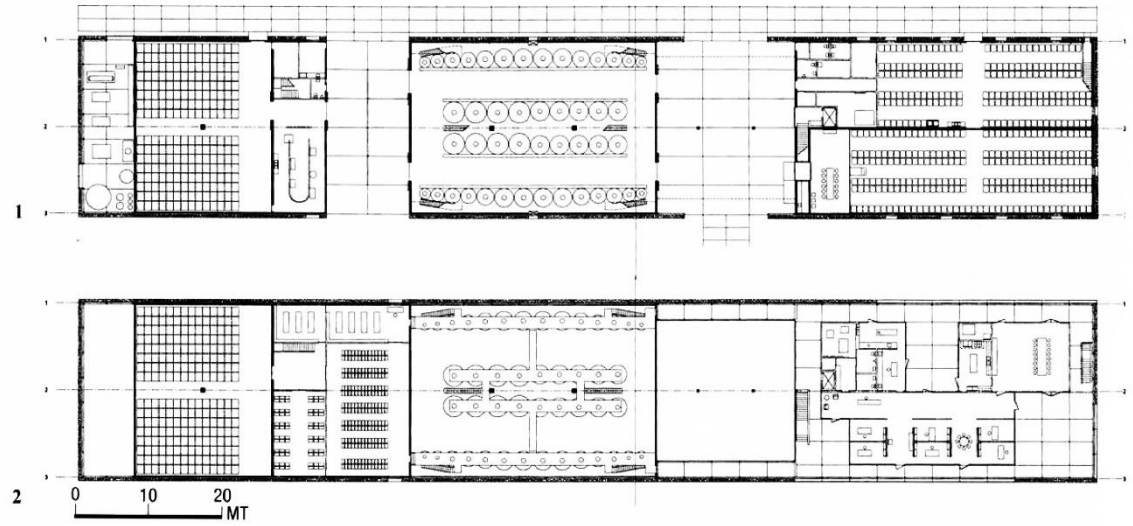
Herzog & de Meuron's

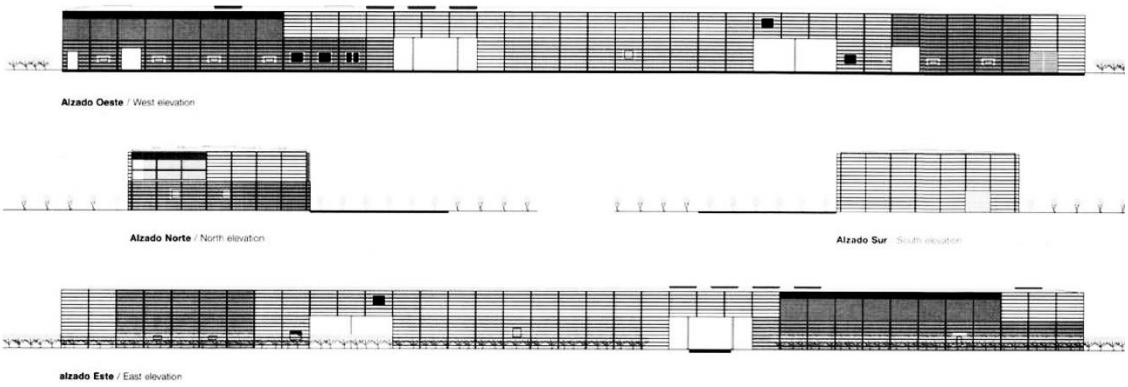
1997

4100 m2

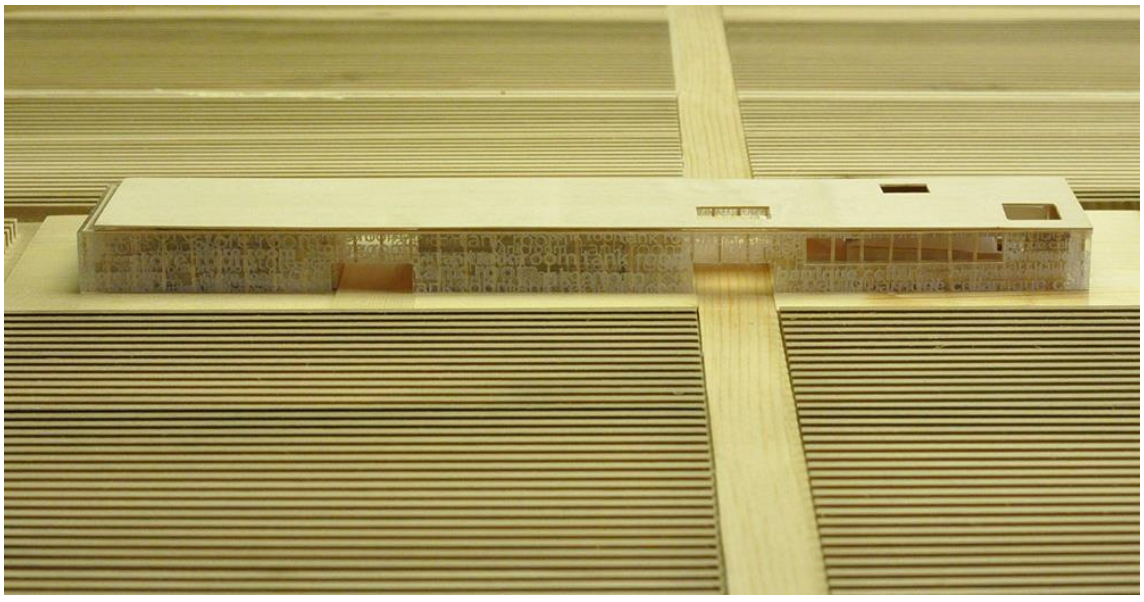
254




1
2
0
10
20
MT


Alzado Oeste / West elevation
Alzado Norte / North elevation
Alzado Sur / South elevation
alzado Este / East elevation

255



33 | 34 | 35

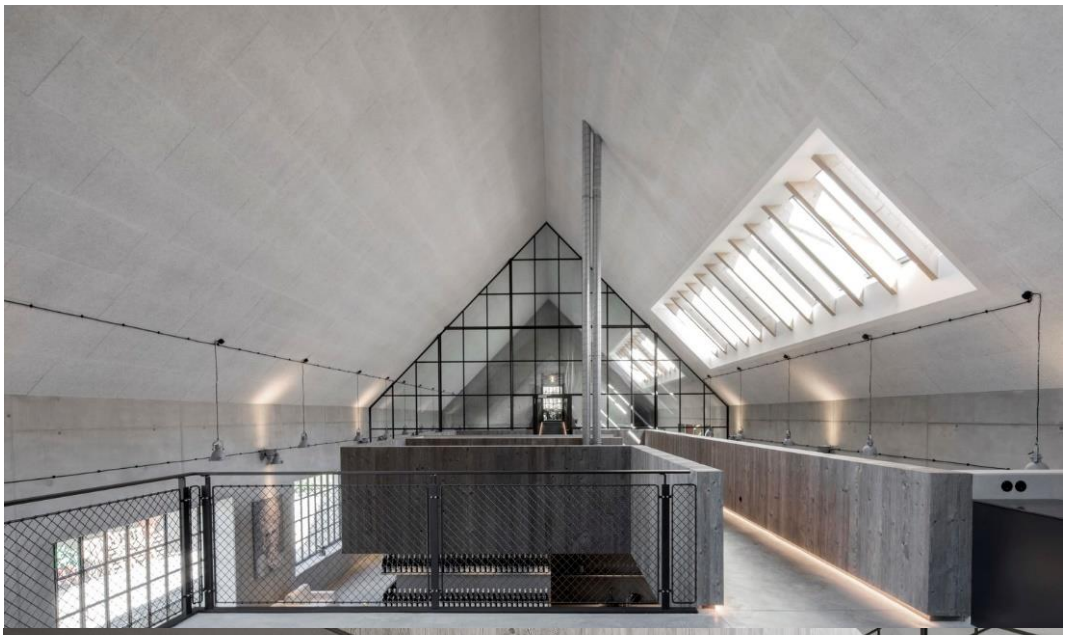
Clemens Strobl

Áustria, Kirchberg Am Wagram

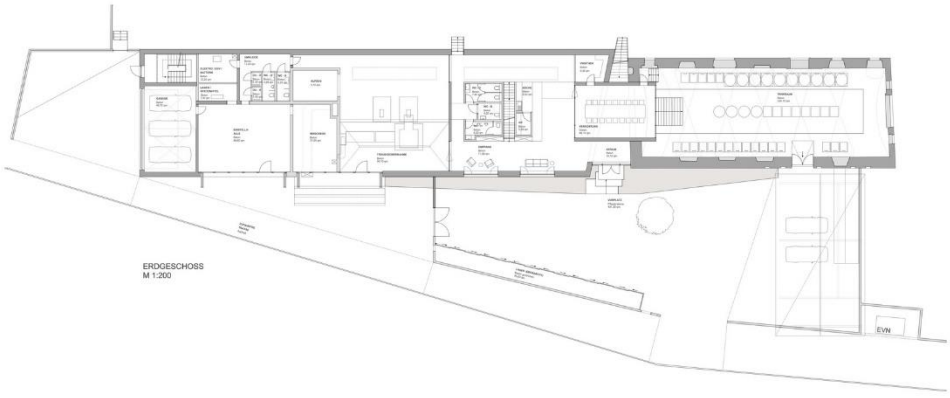
Destilat

2019

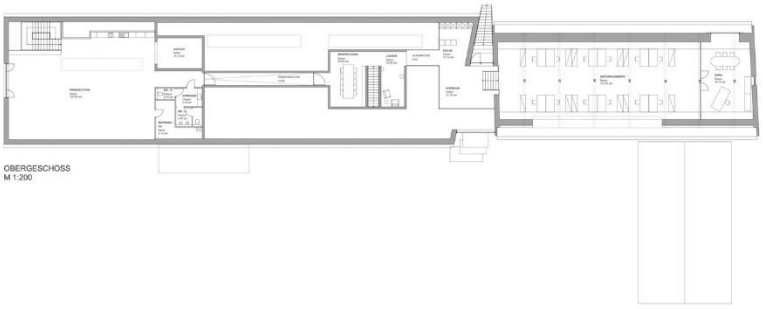
2000 m2



39 | 40 | 41




260




destilat

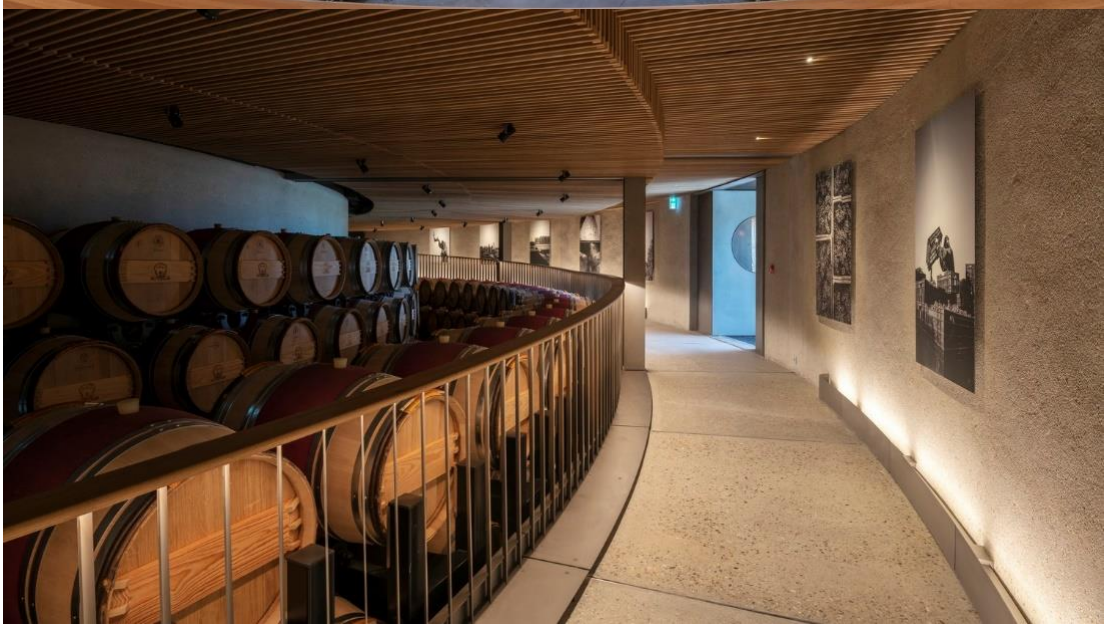
Le Dome

França, Bordeaux

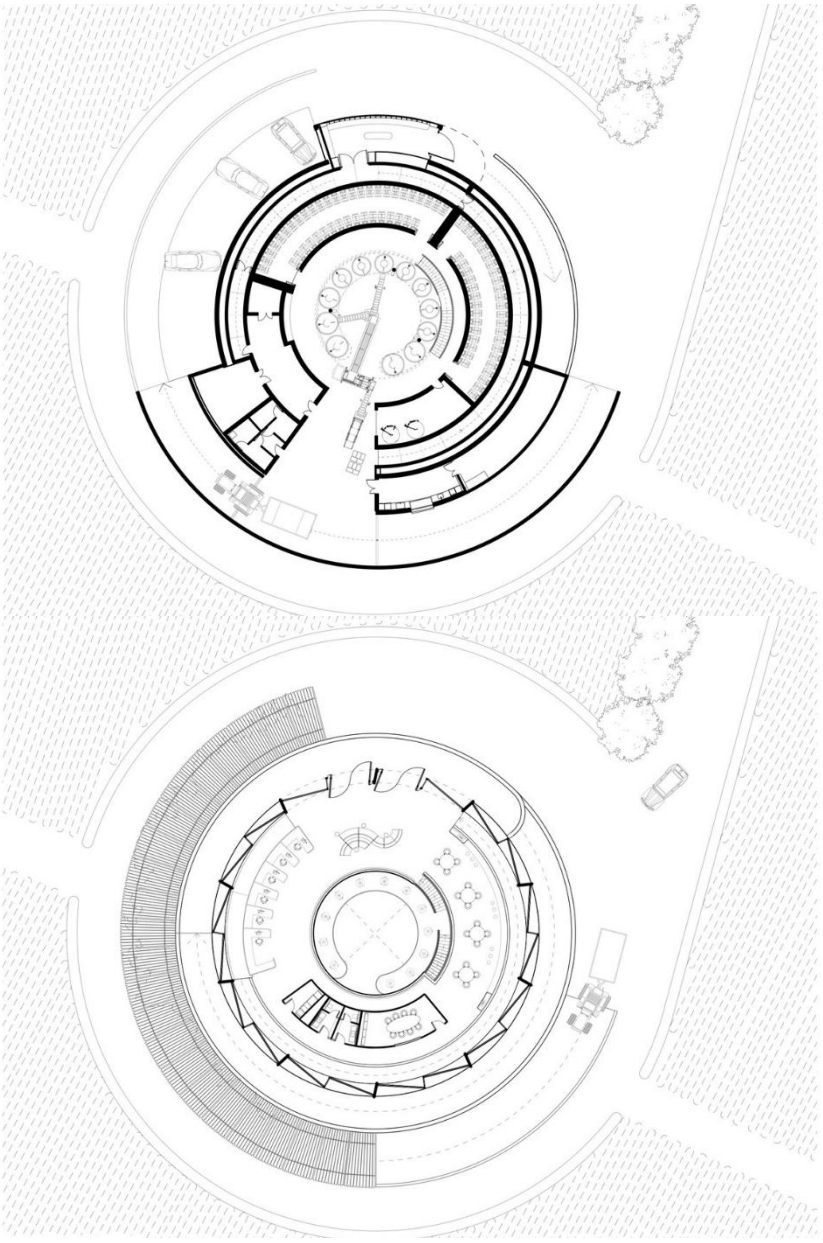
Foster + Parterns

2021

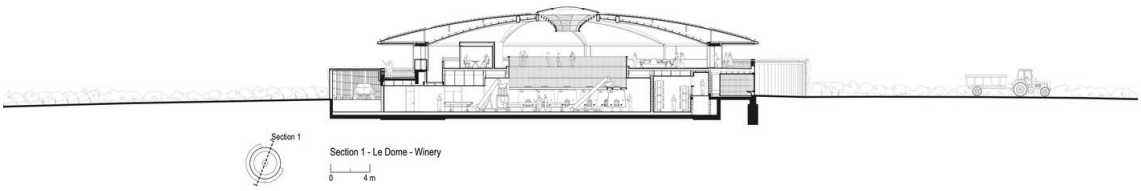
1600 m2

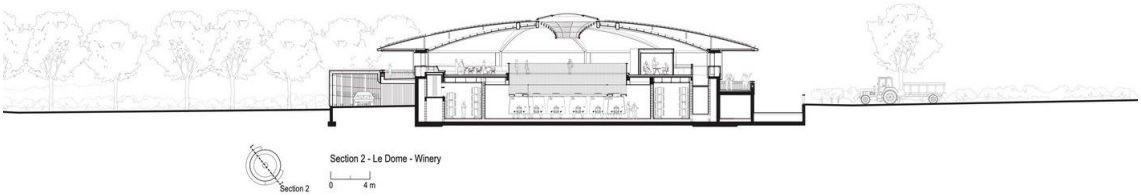


43 | 44 | 45

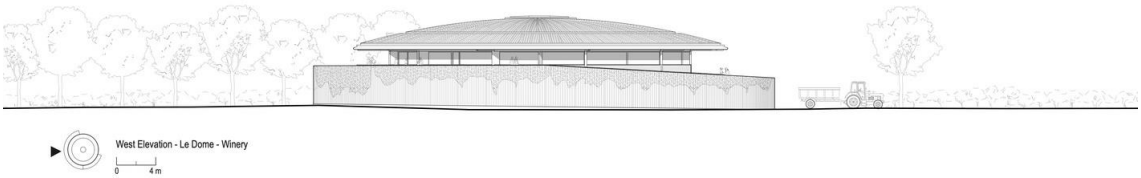


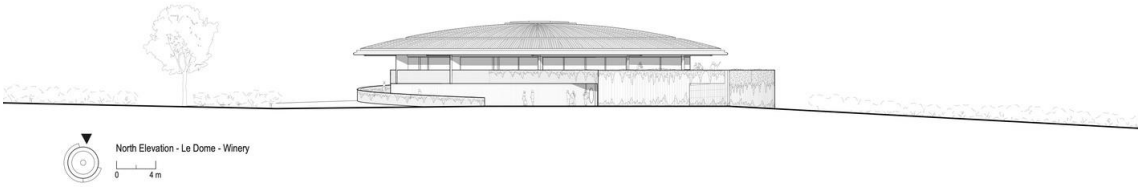
263


Section 1
Section 1 - Le Dome - Winery
0 4 m


Section 2
Section 2 - Le Dome - Winery
0 4 m

264


West Elevation - Le Dome - Winery
0 4 m


North Elevation - Le Dome - Winery
0 4 m

Quinta de Santo António

Portugal, Douro

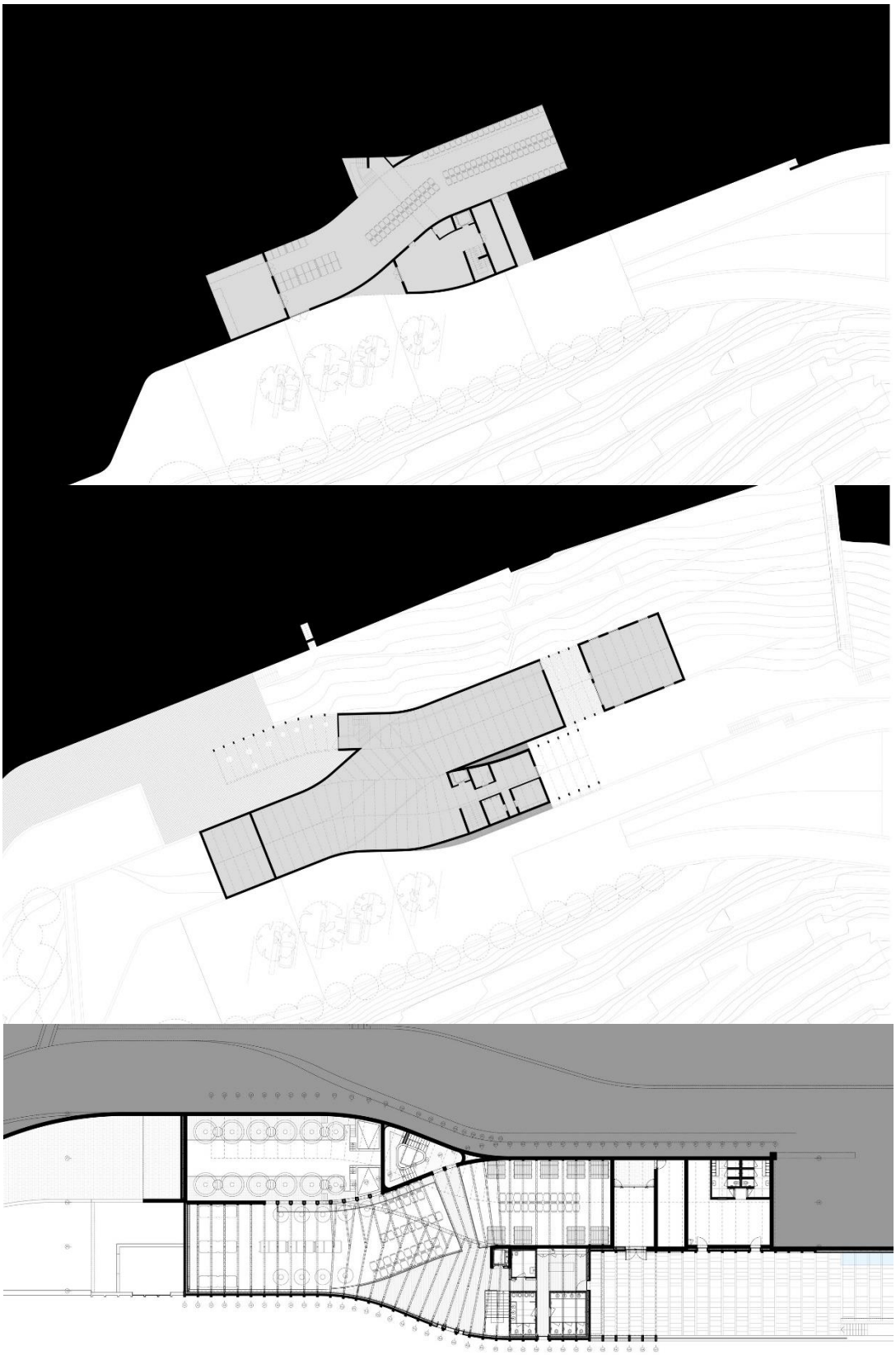
Atelier Sérgio Rebelo

2019

900 m2

1° Premio

49 | 50 | 51



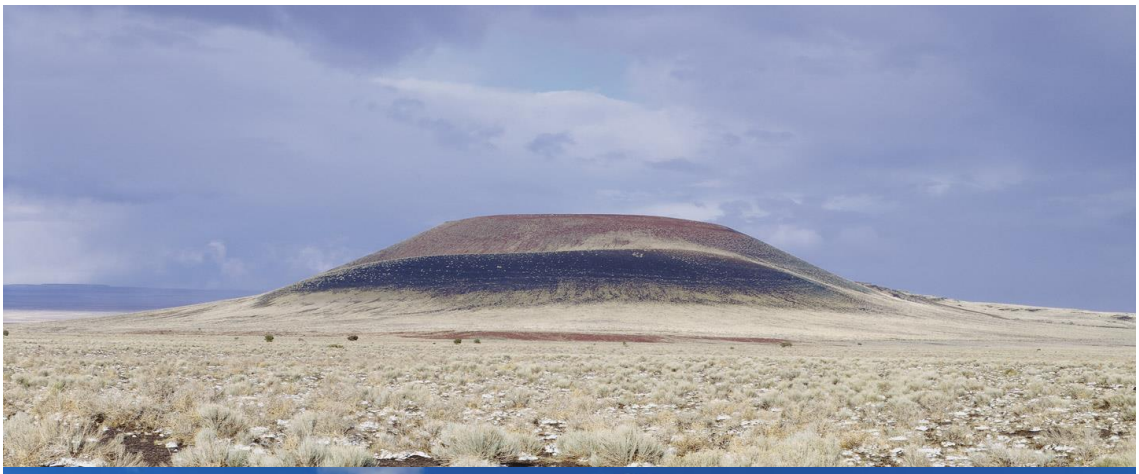
268

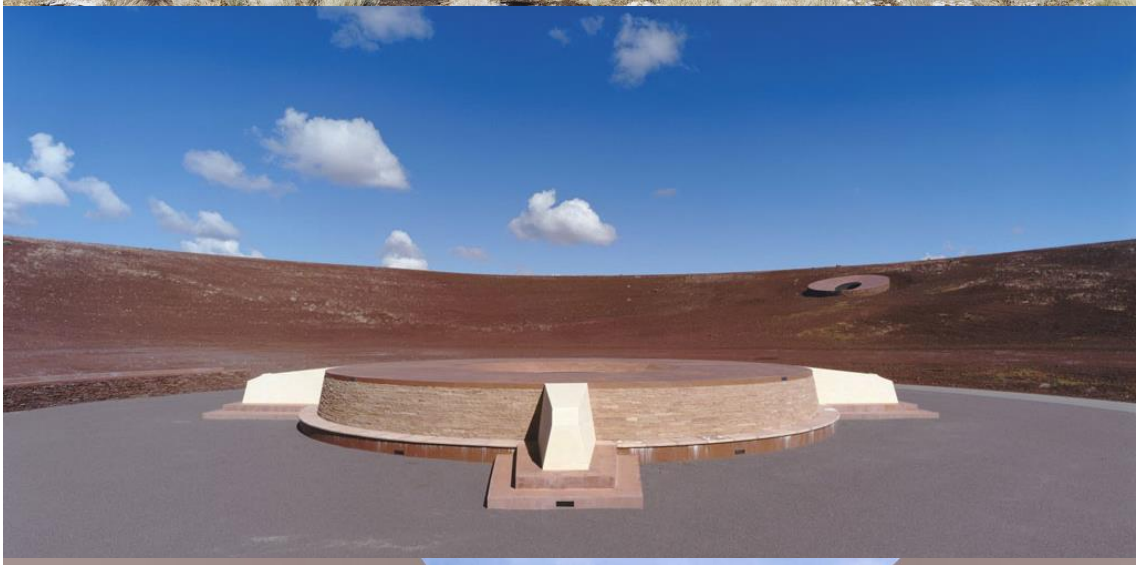
Roden Crater

EUA, Norte Arizona

James Turrel

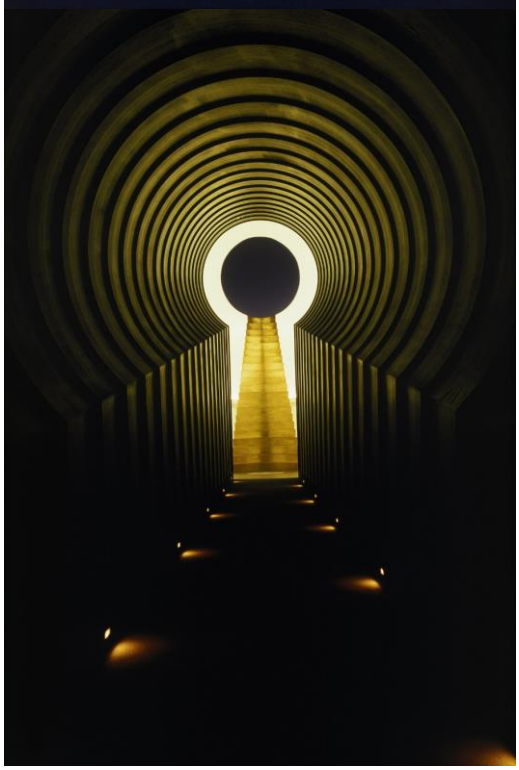
1977 –??? (2024)





55 | 56 | 57

271

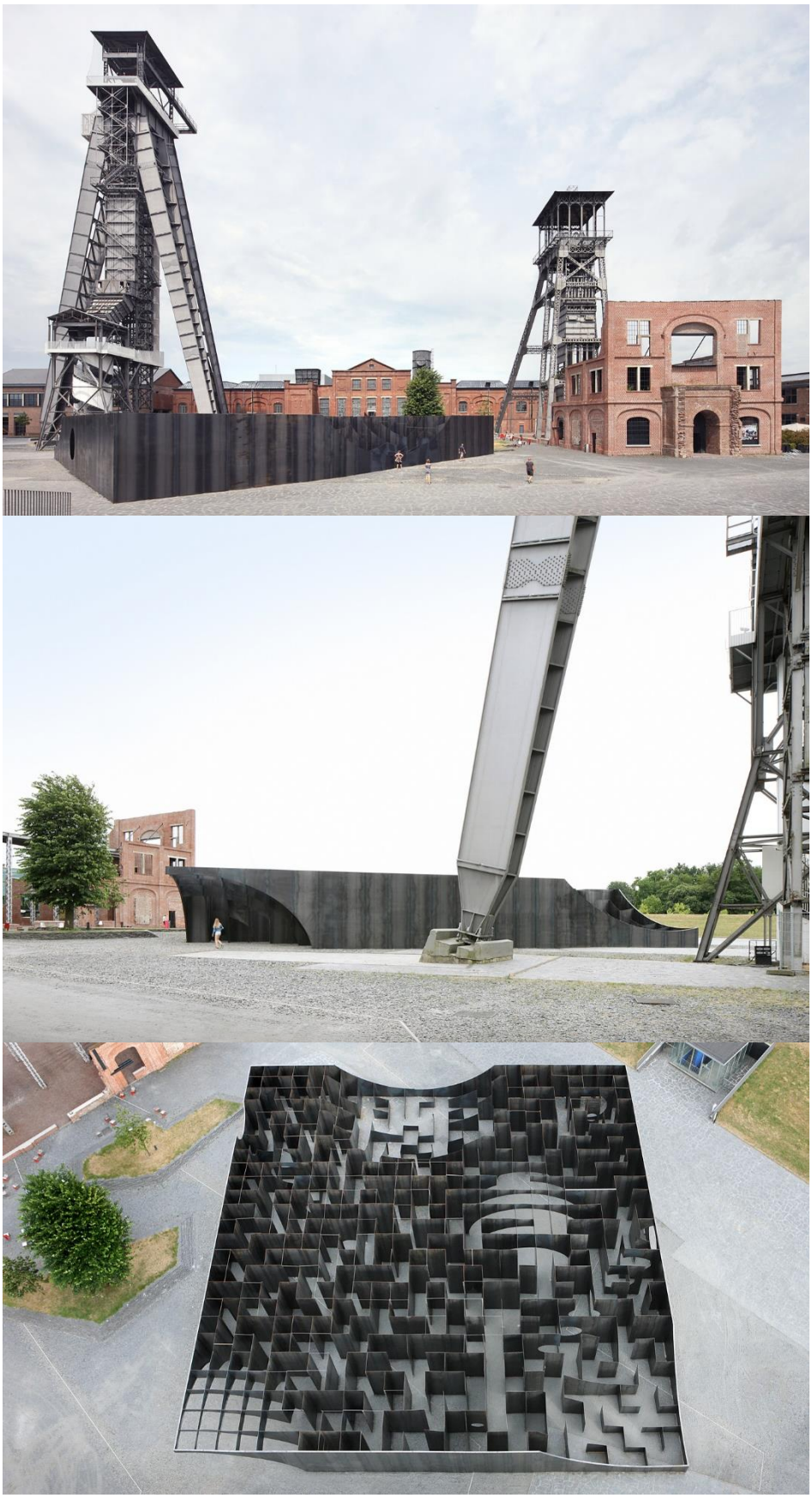


Labirinto de Vazios Genk

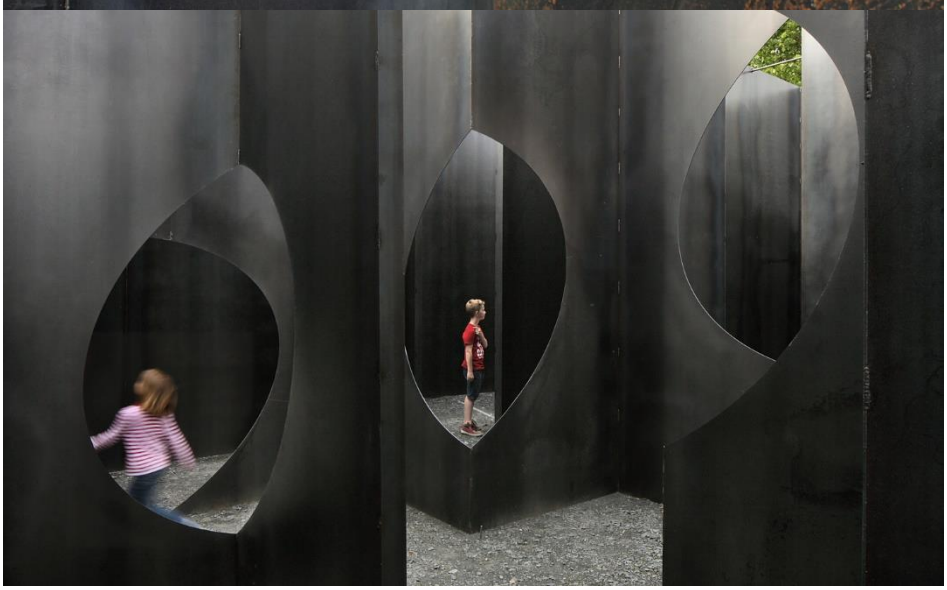
Bélgica, Genk

Bollinger + Grohmann

2015

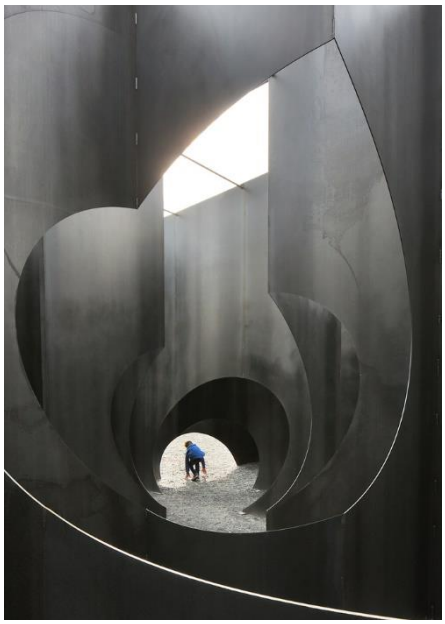


60 | 61 | 62



63 | 64 | 65

276



66 | 67 | 68 | 69

Saya Park

Coreia do Sul

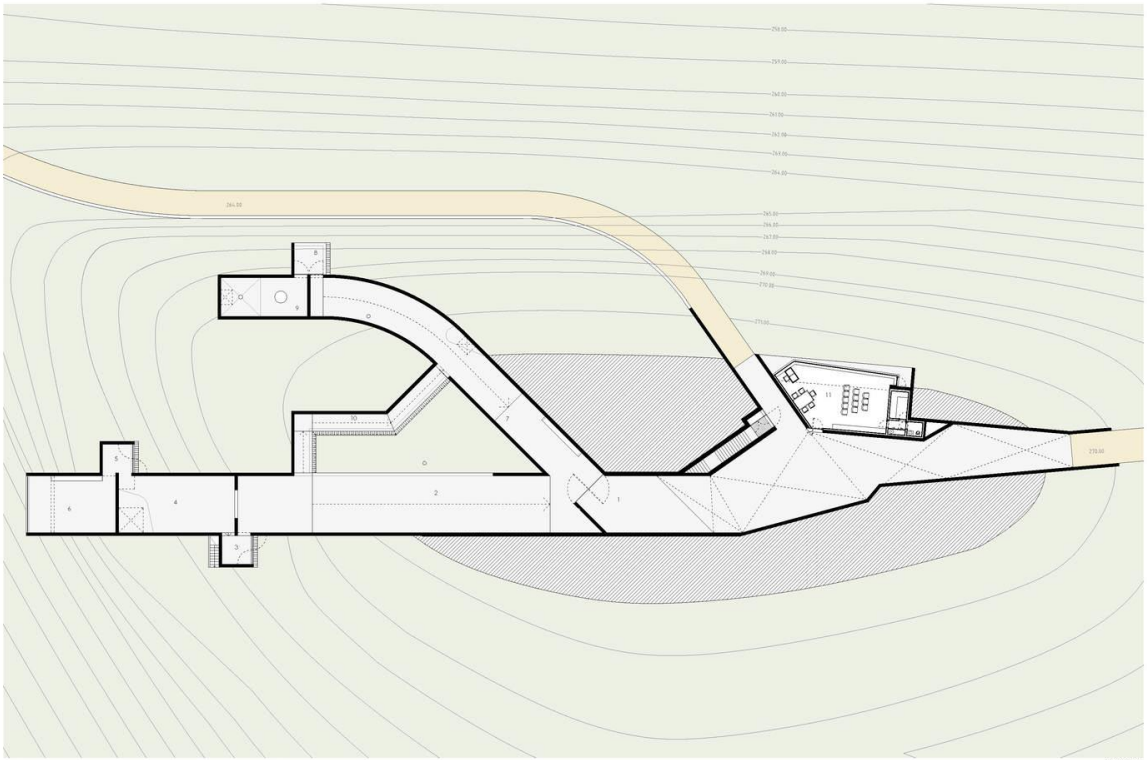
Siza Vieira, Carlos Castanheira

2018

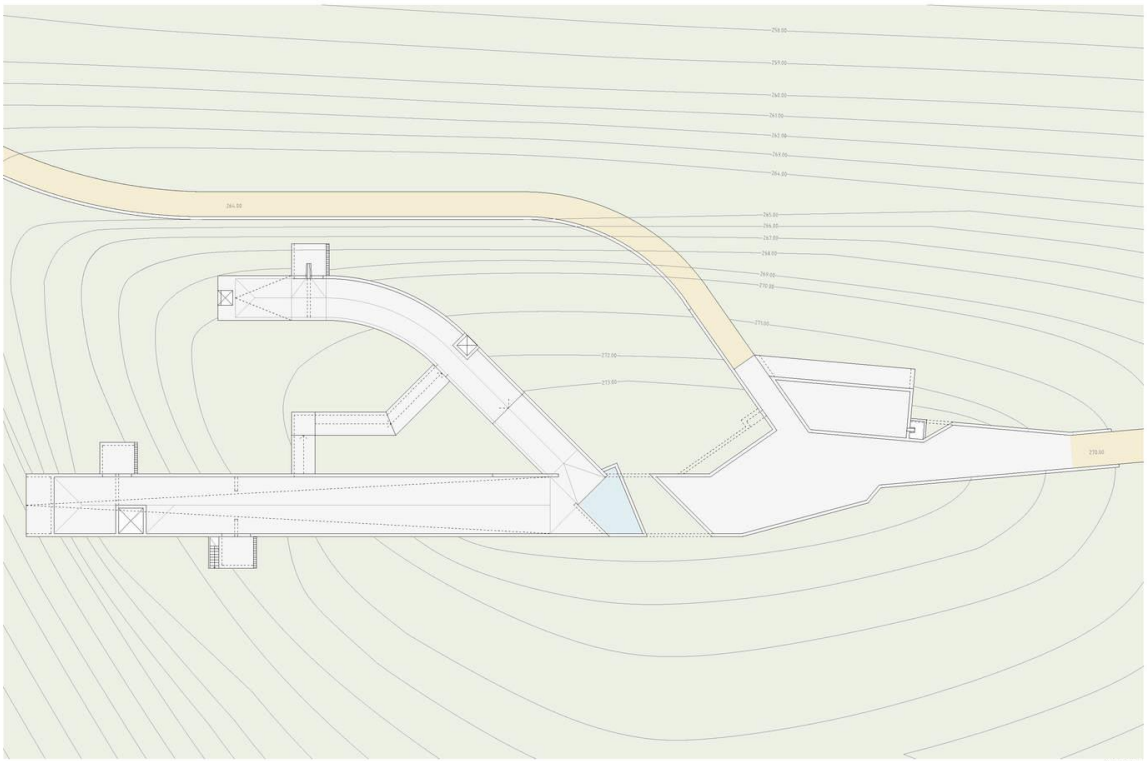
1370 m2

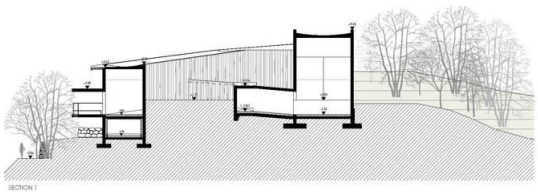
278

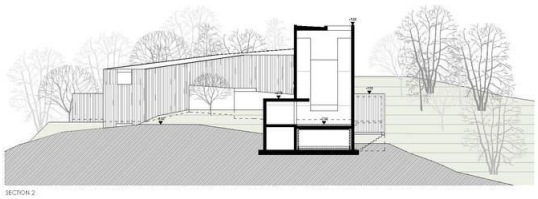
279

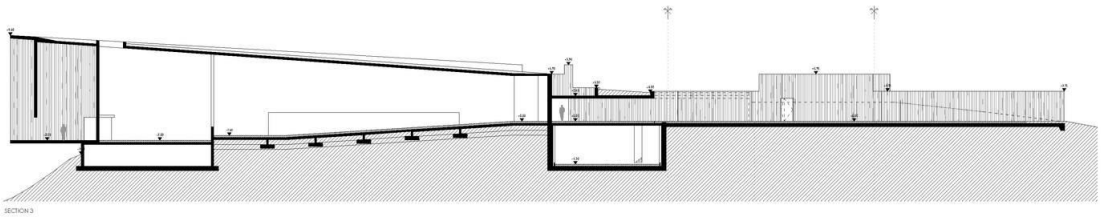

1. ENTRANCE
2. EXHIBITION SPACE 1
3. BALCONY 1
4. EXHIBITION SPACE 2
5. BALCONY 2
6. EXHIBITION SPACE 3
7. EXHIBITION SPACE 4
8. BALCONY 3
9. EXHIBITION SPACE 5
10. TUNNEL
11. LIBRARY
FLOOR PLAN

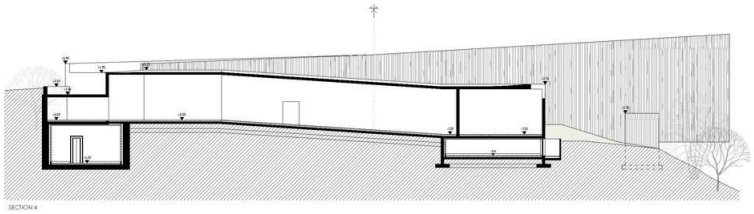
280

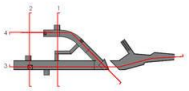

ROOF PLAN

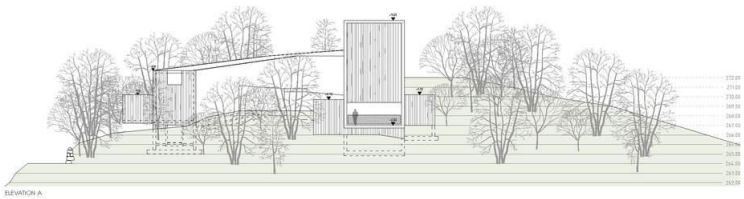


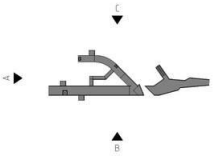


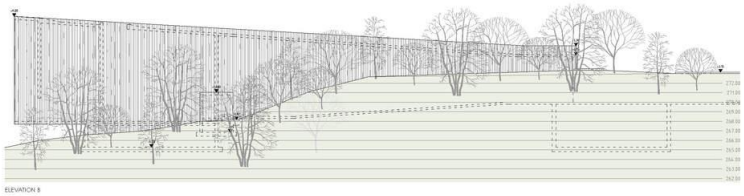


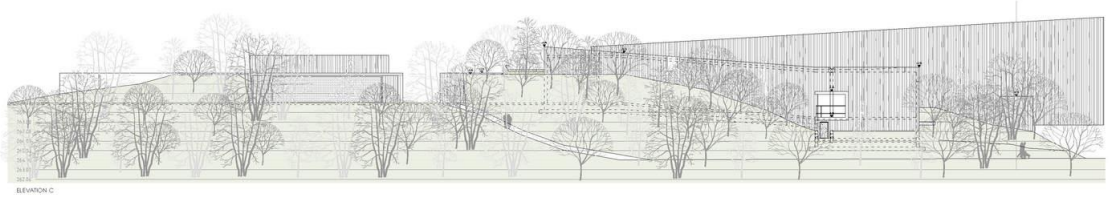


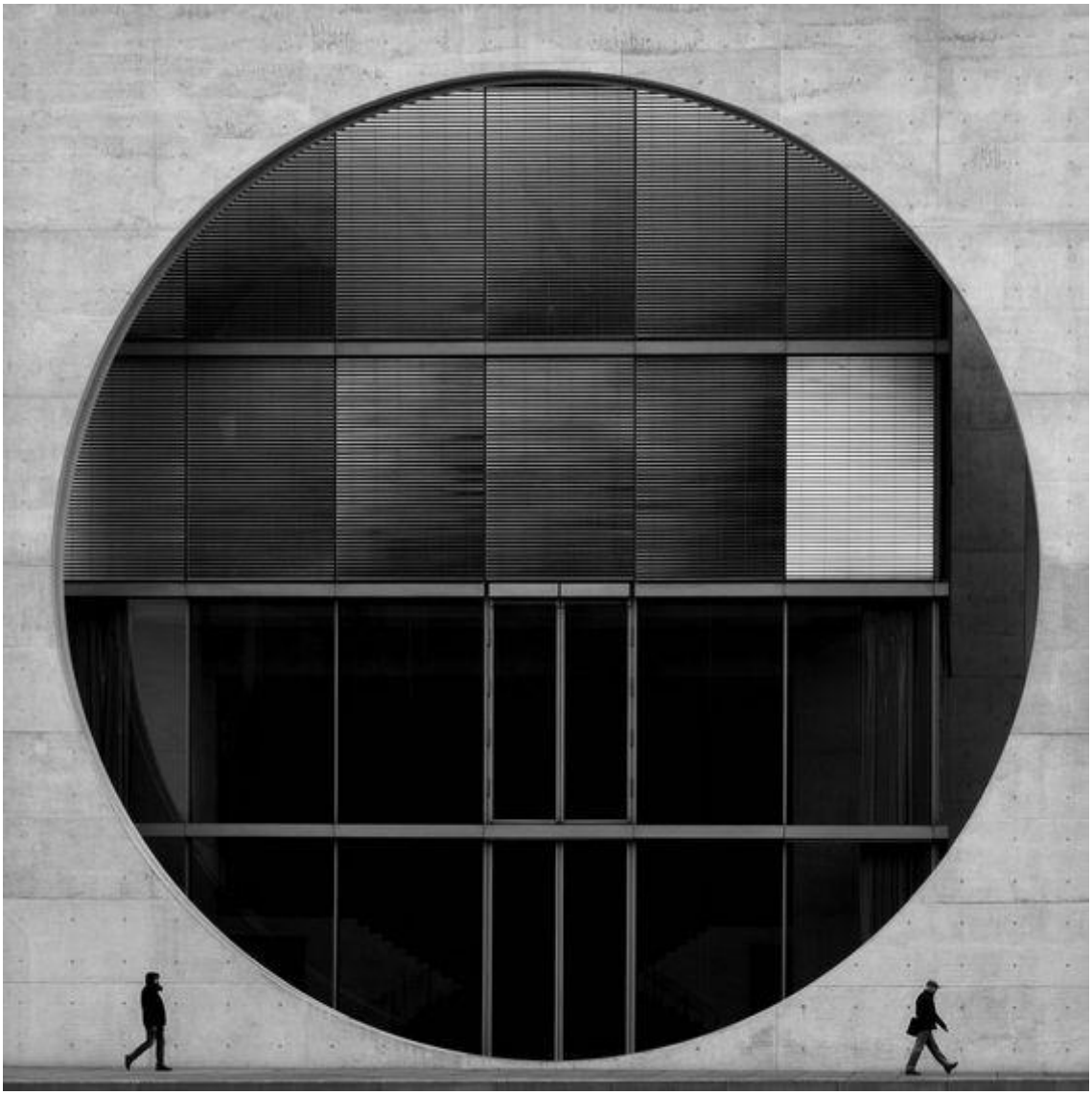








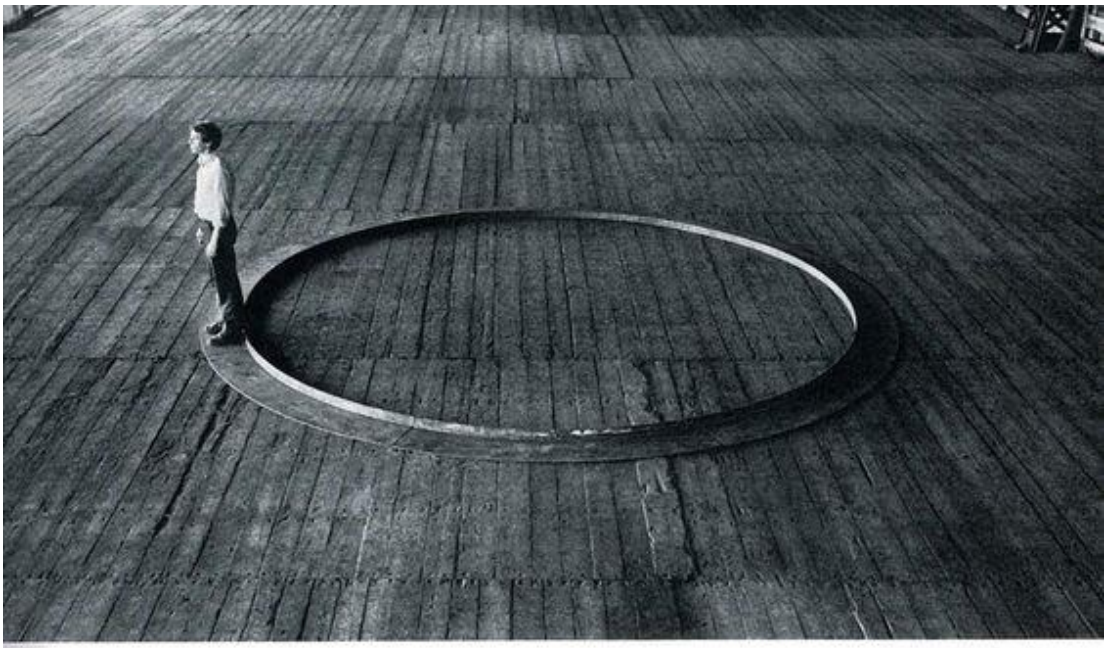




284

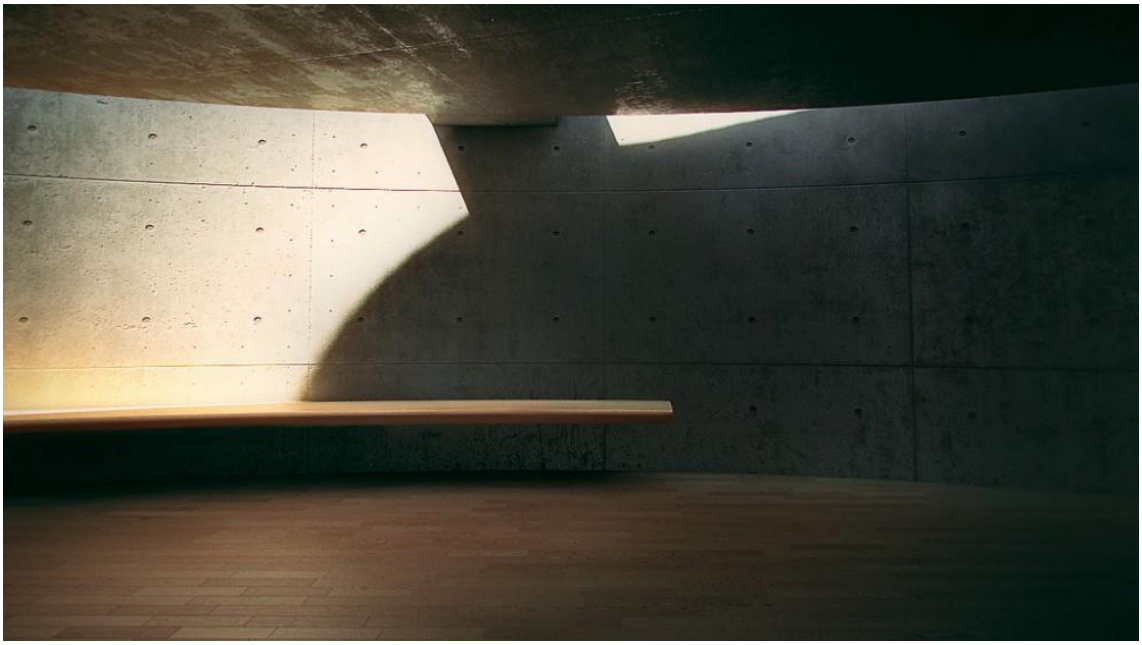
285

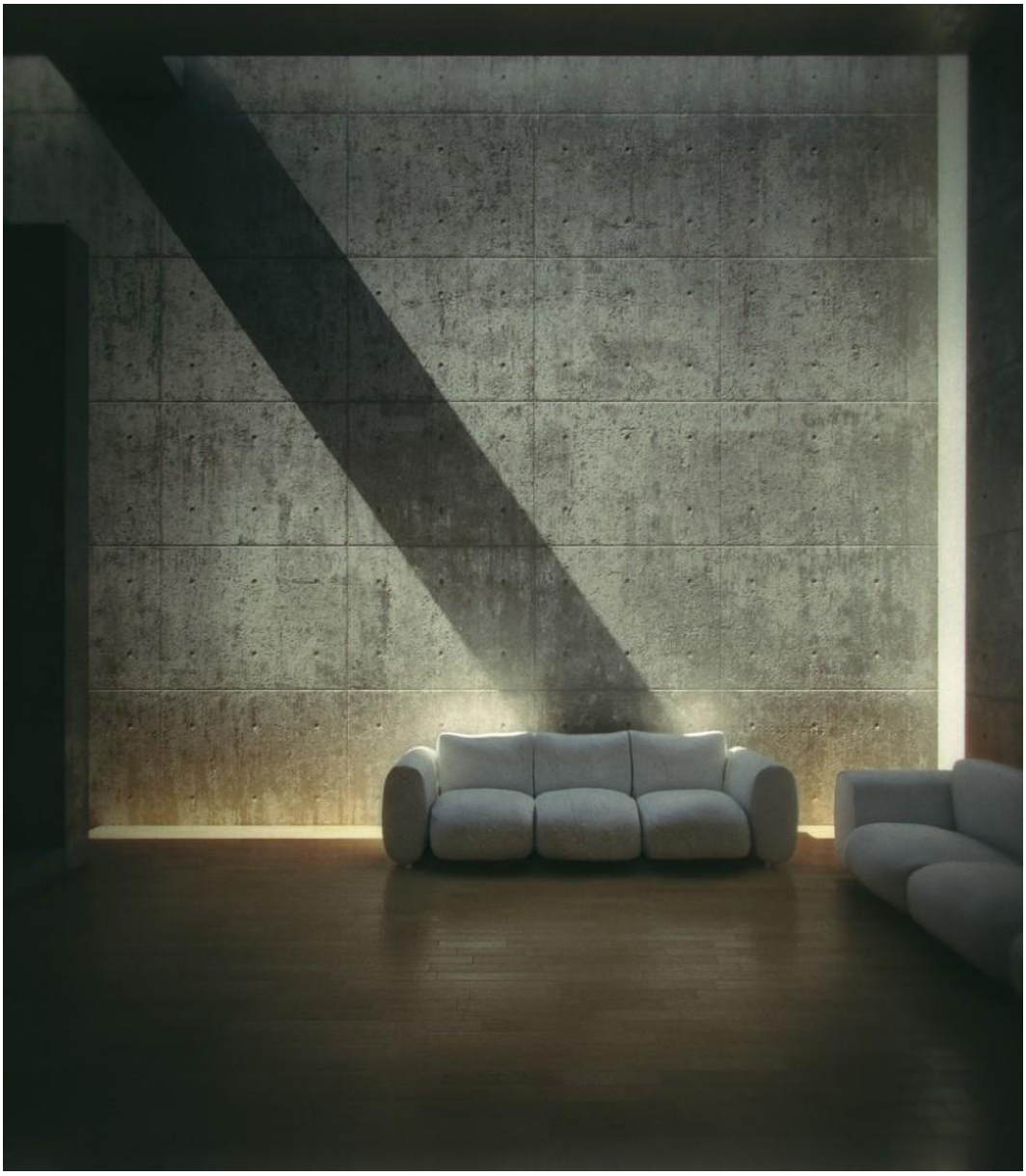
286



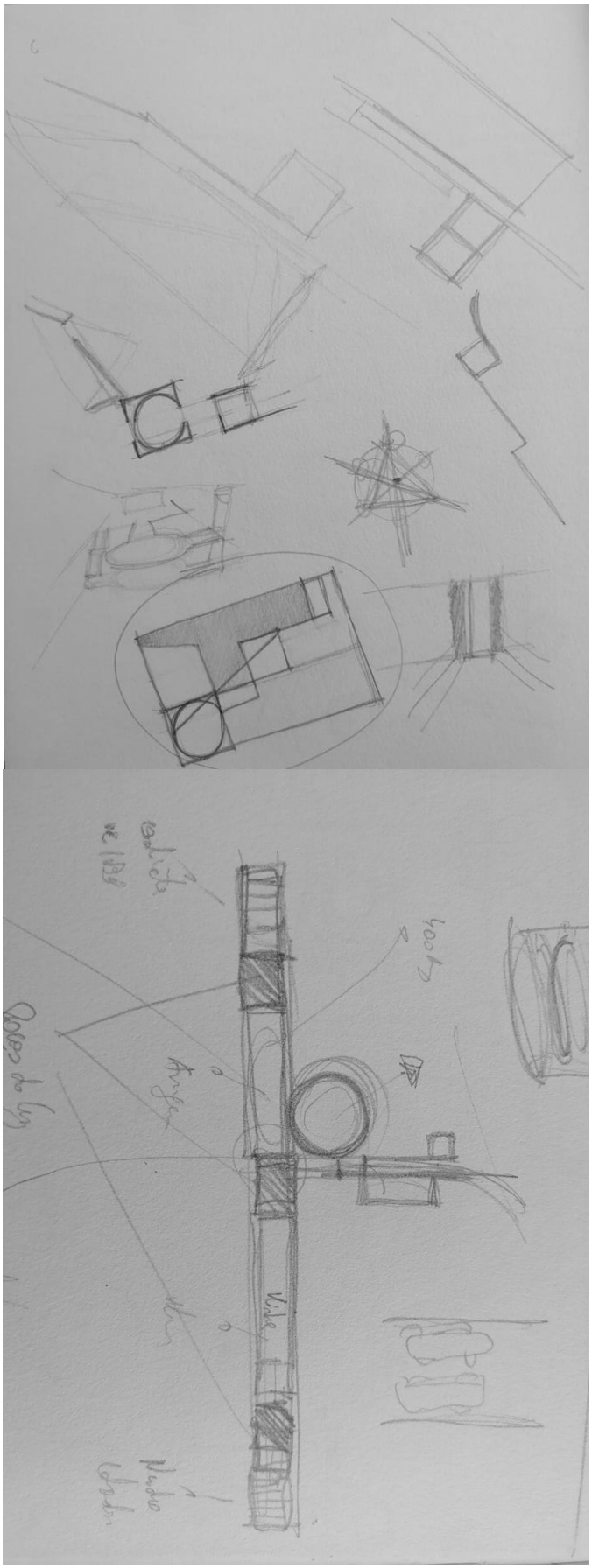
287

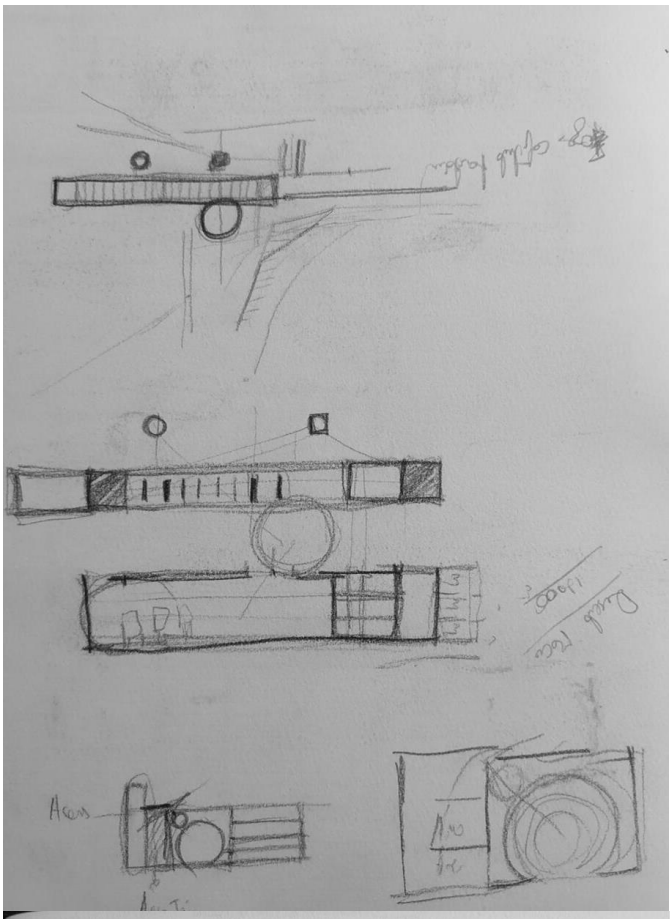
288

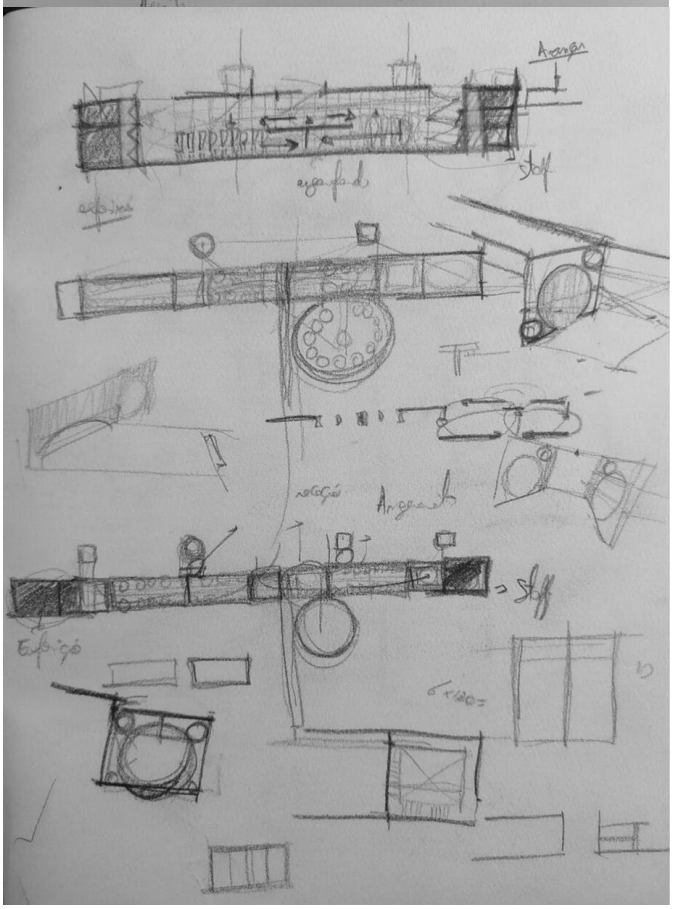


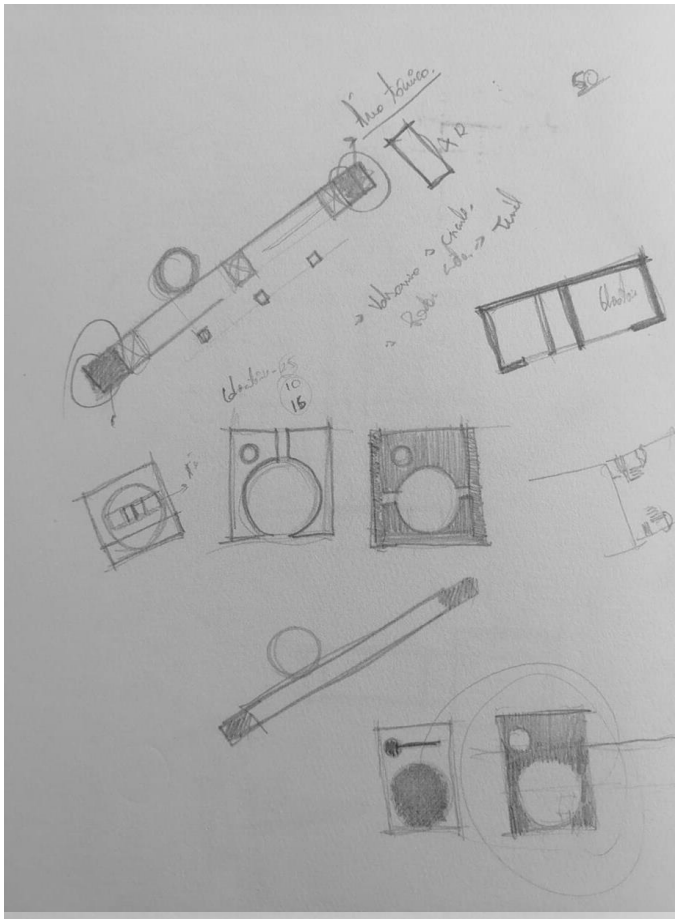


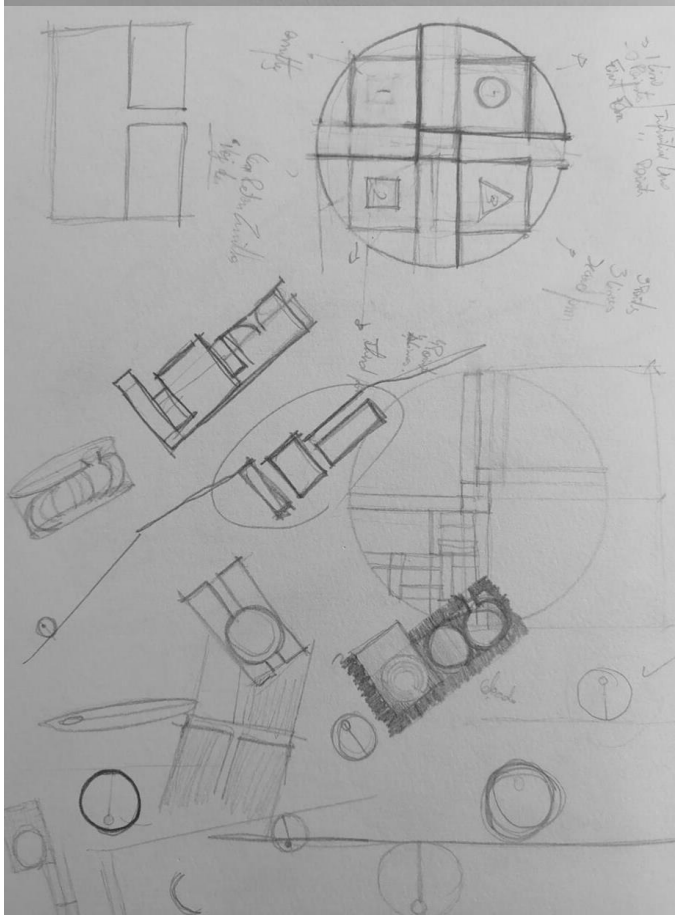
289

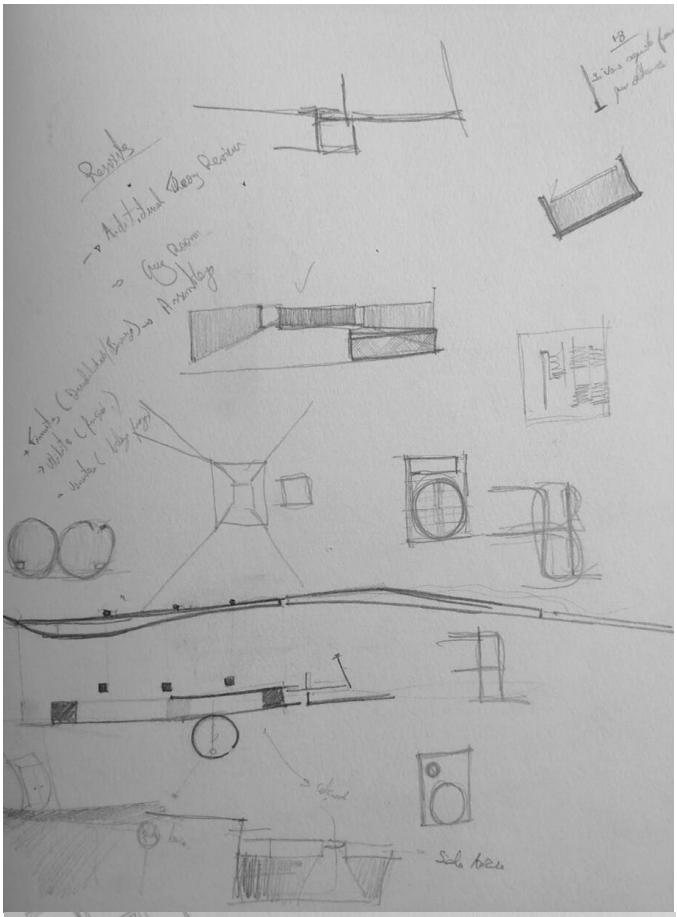


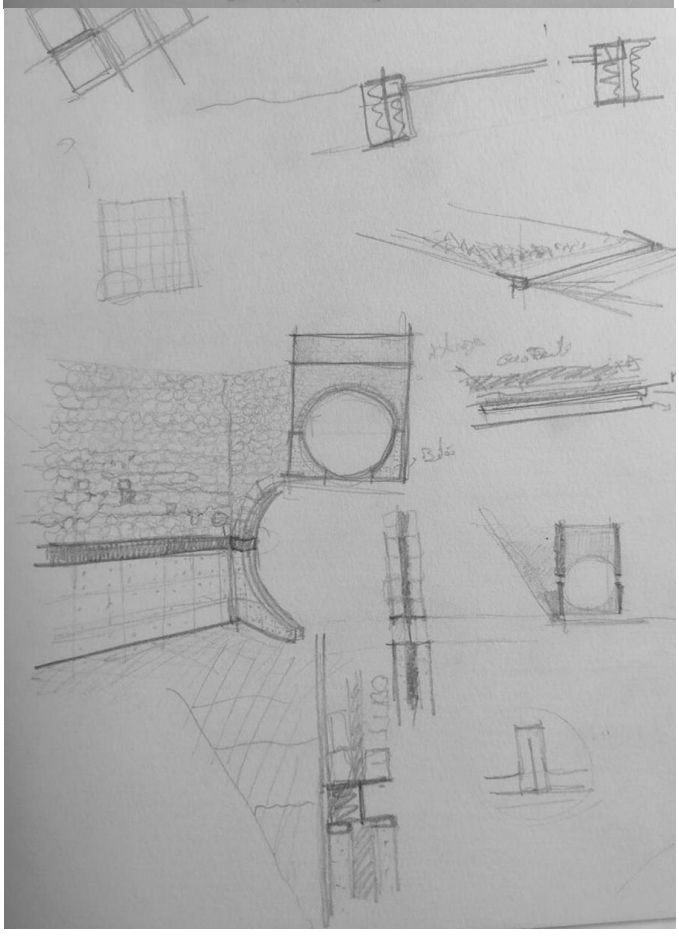


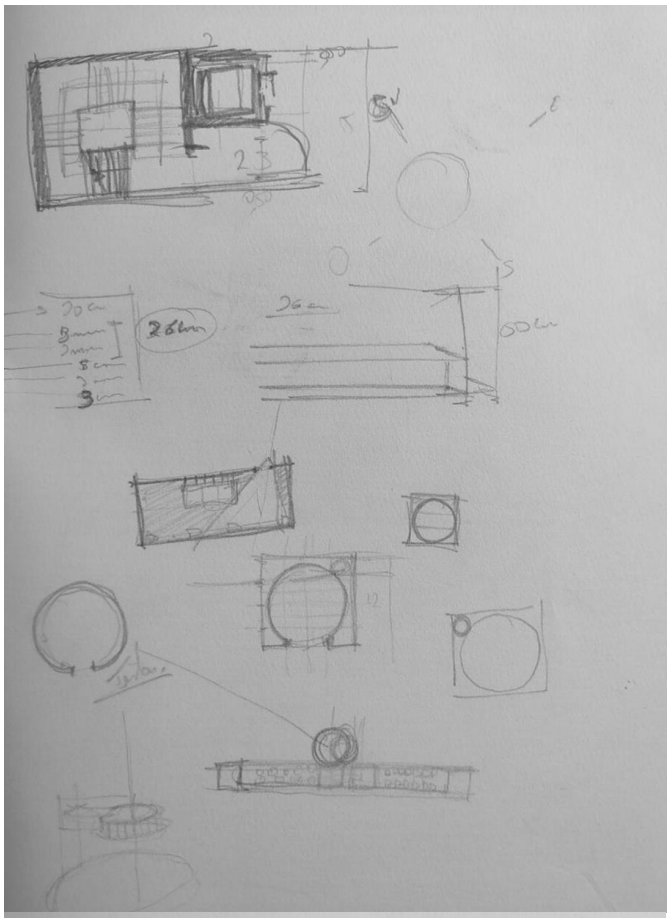


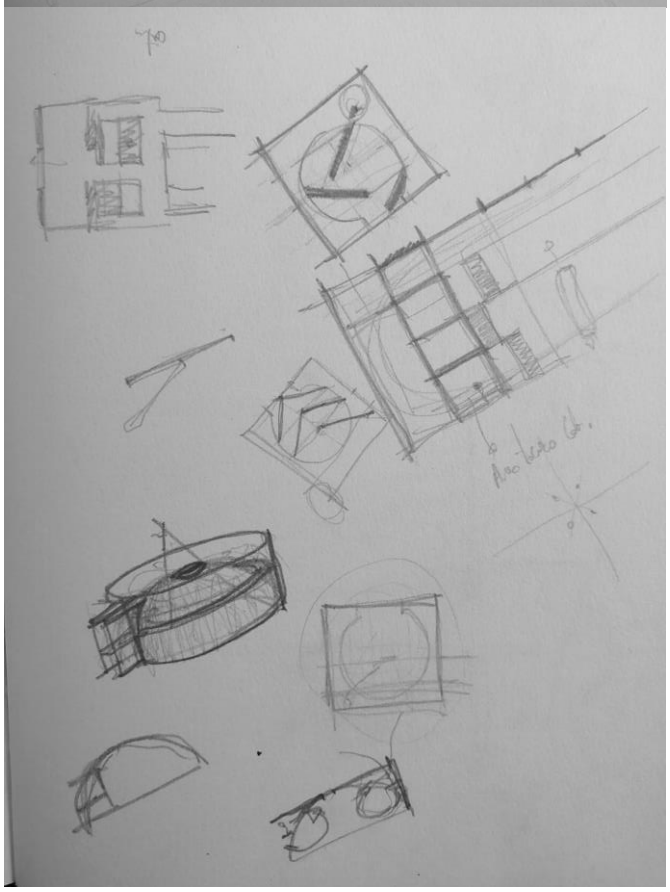


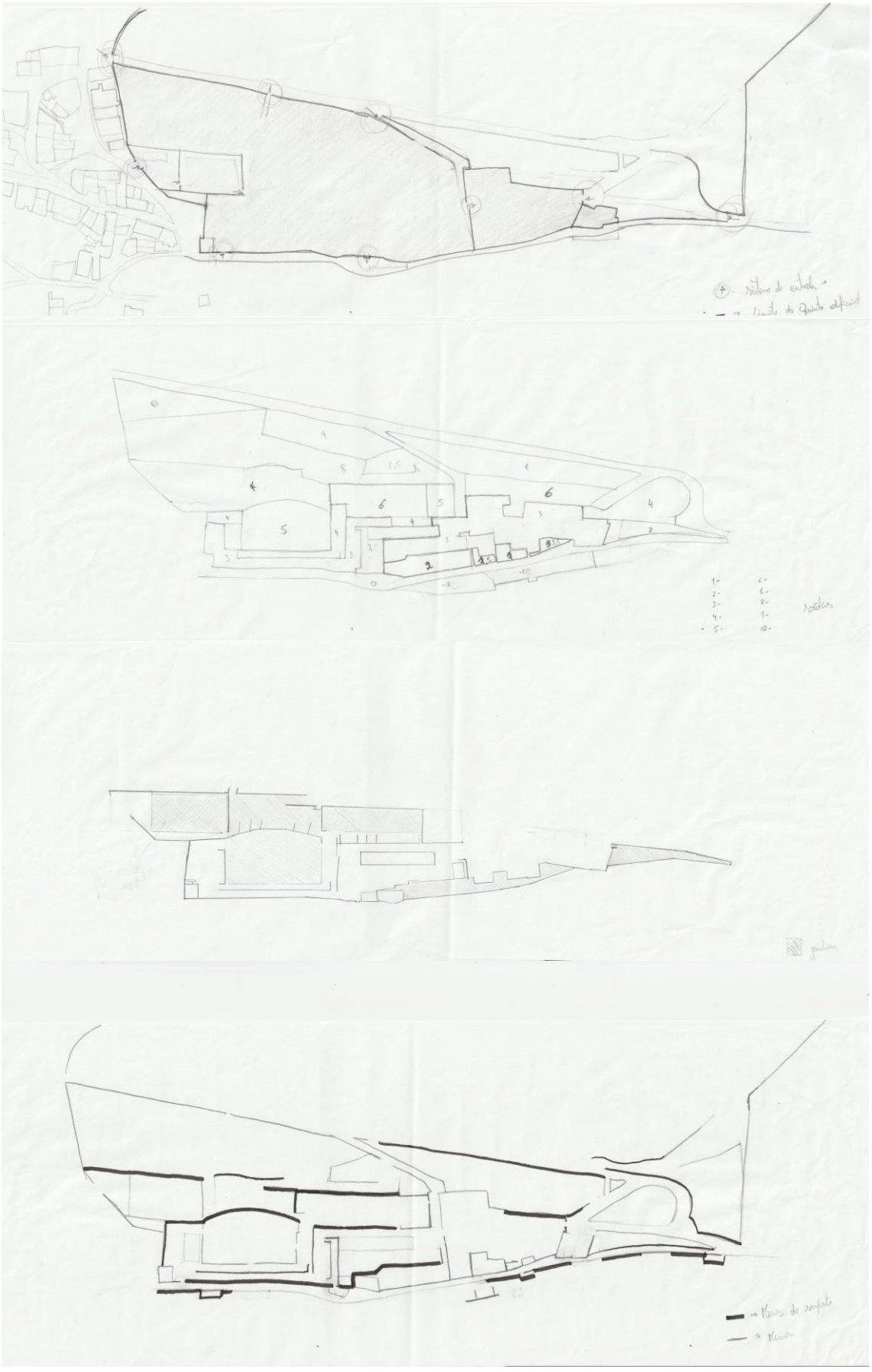


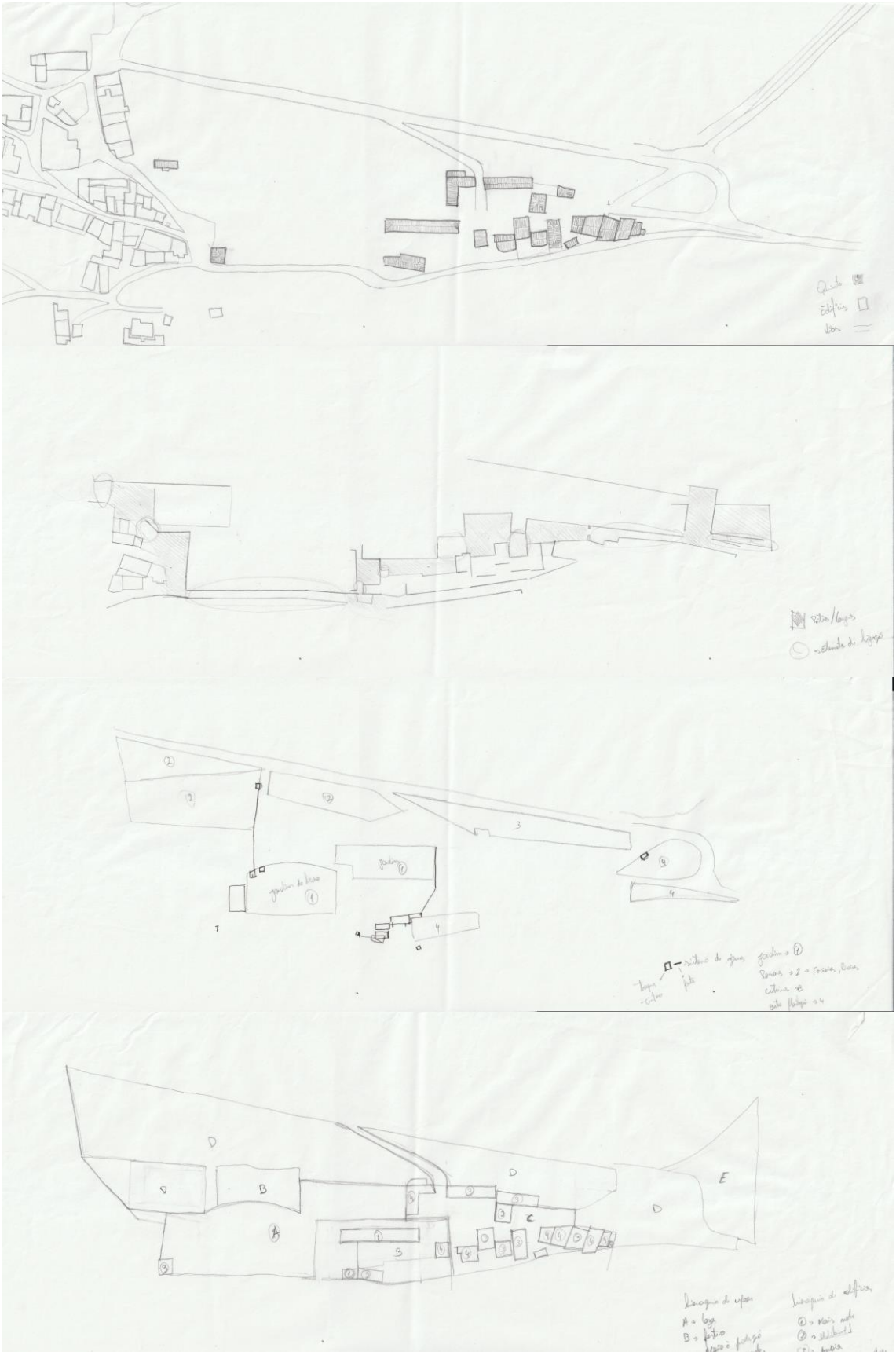


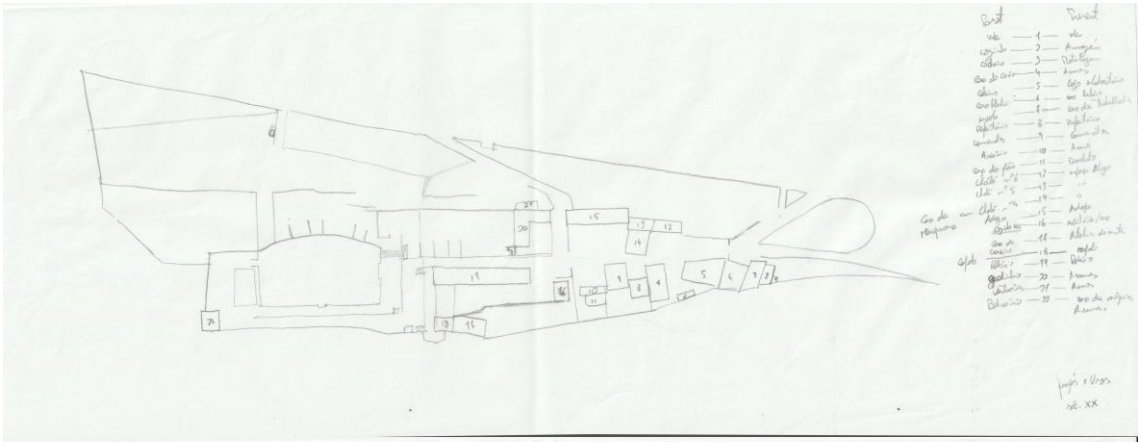


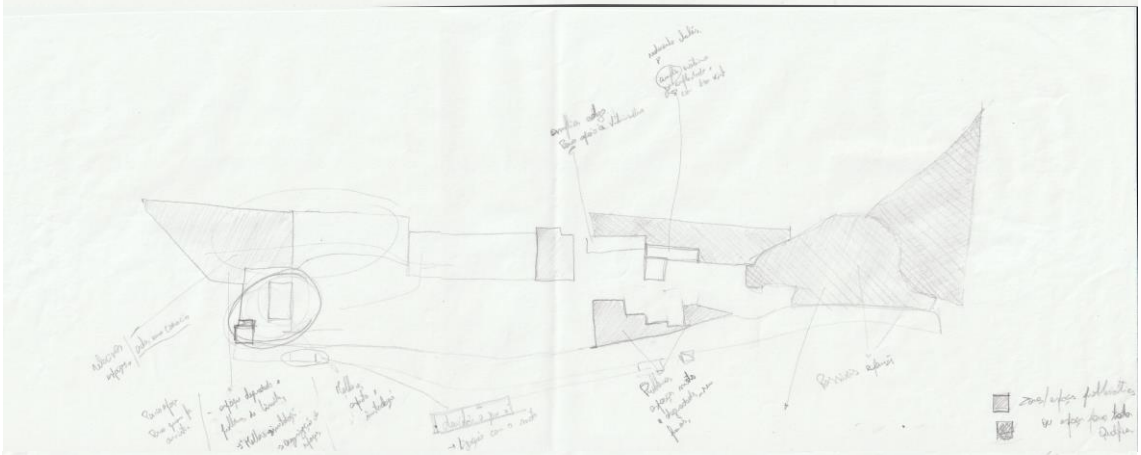


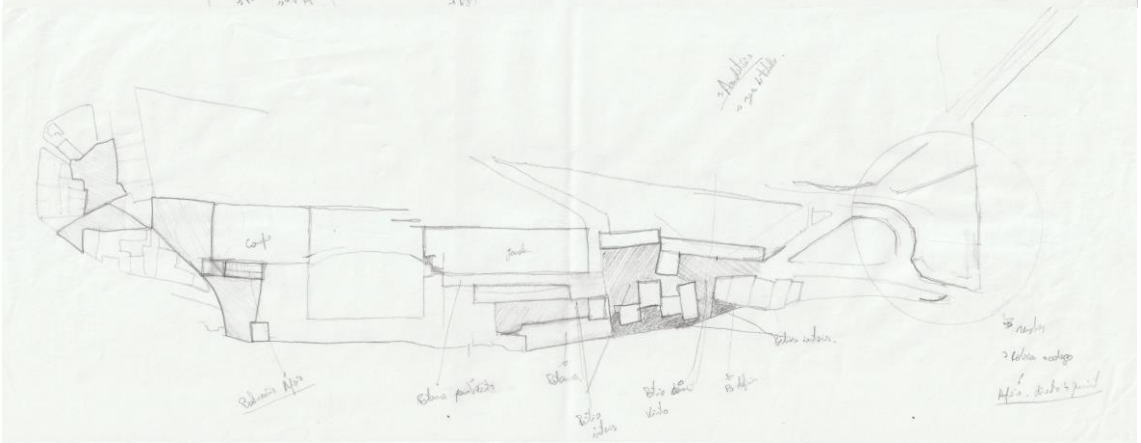


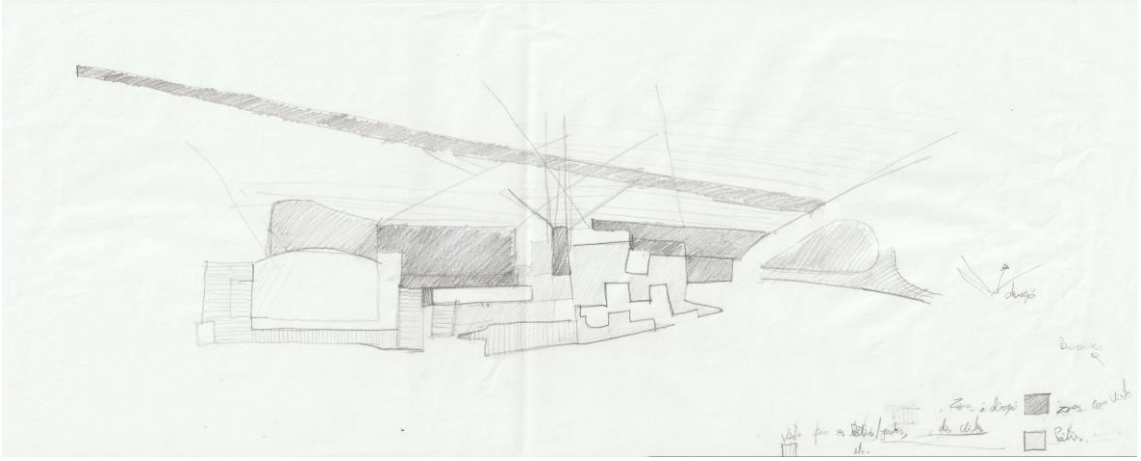


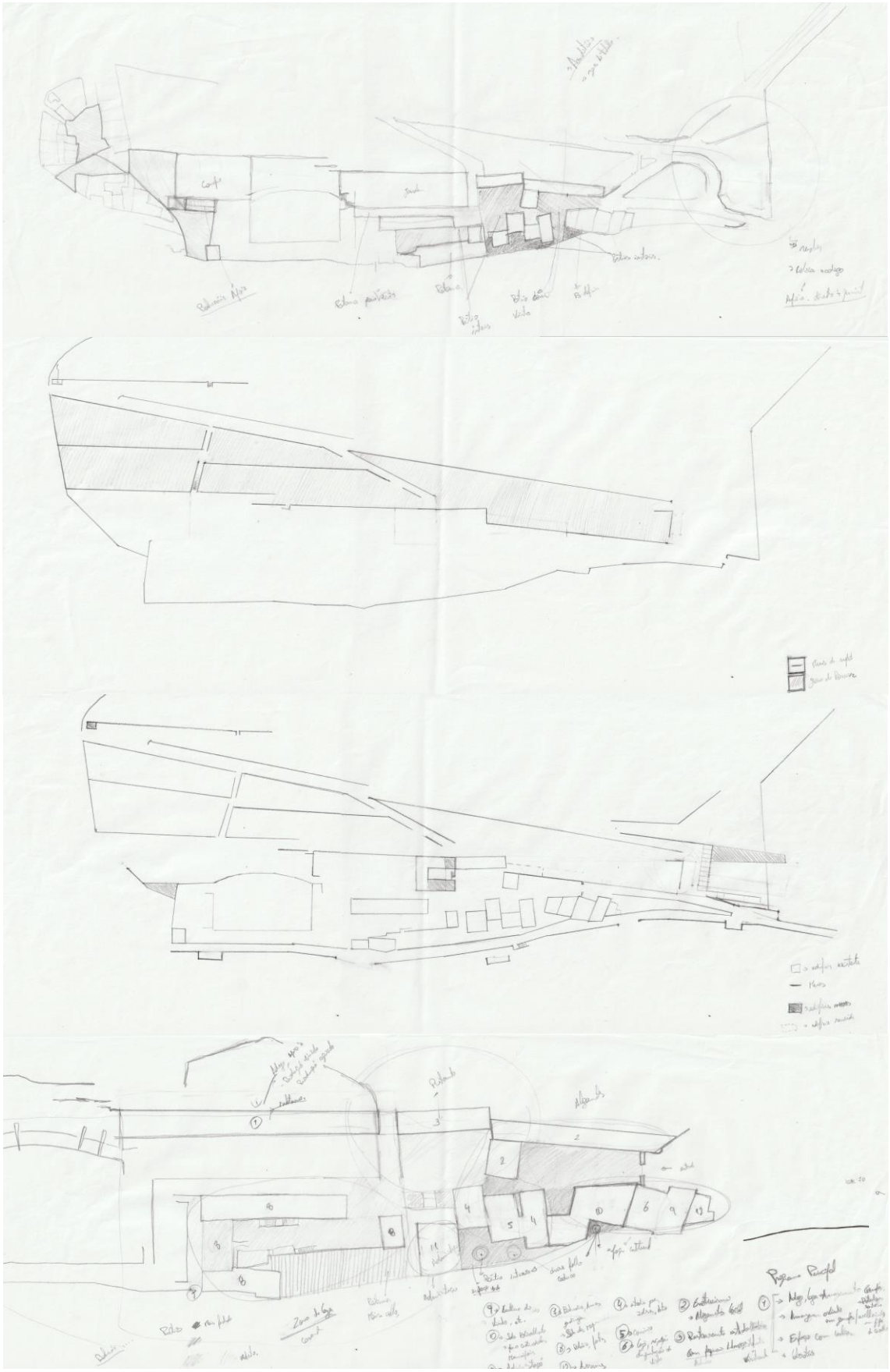


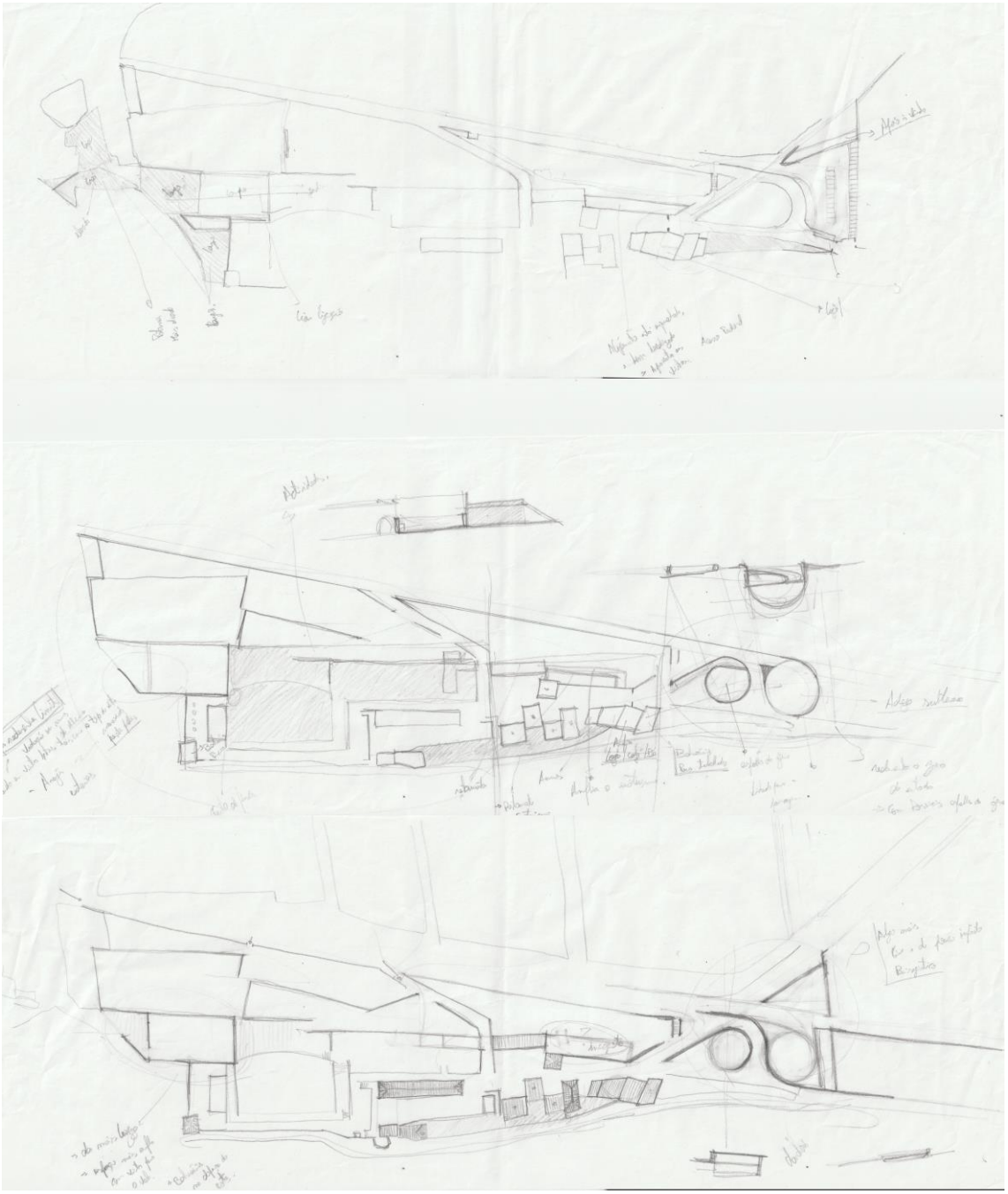


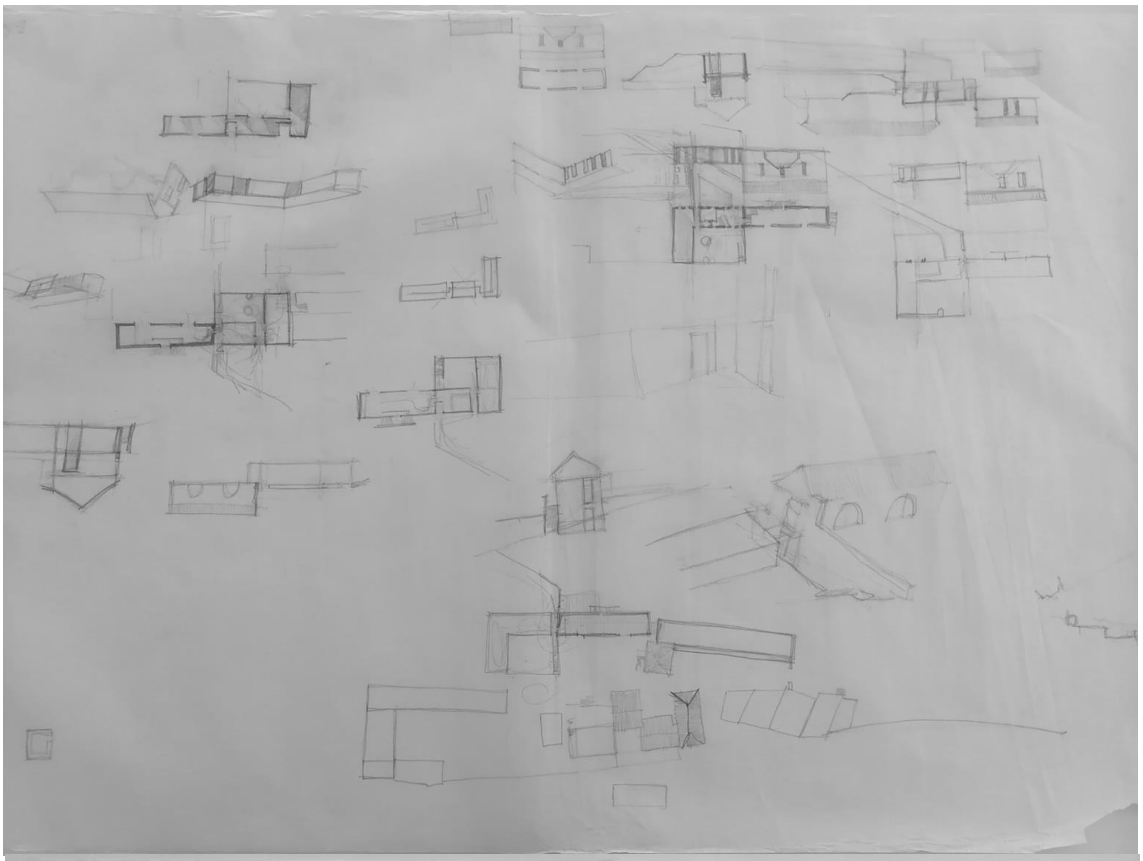


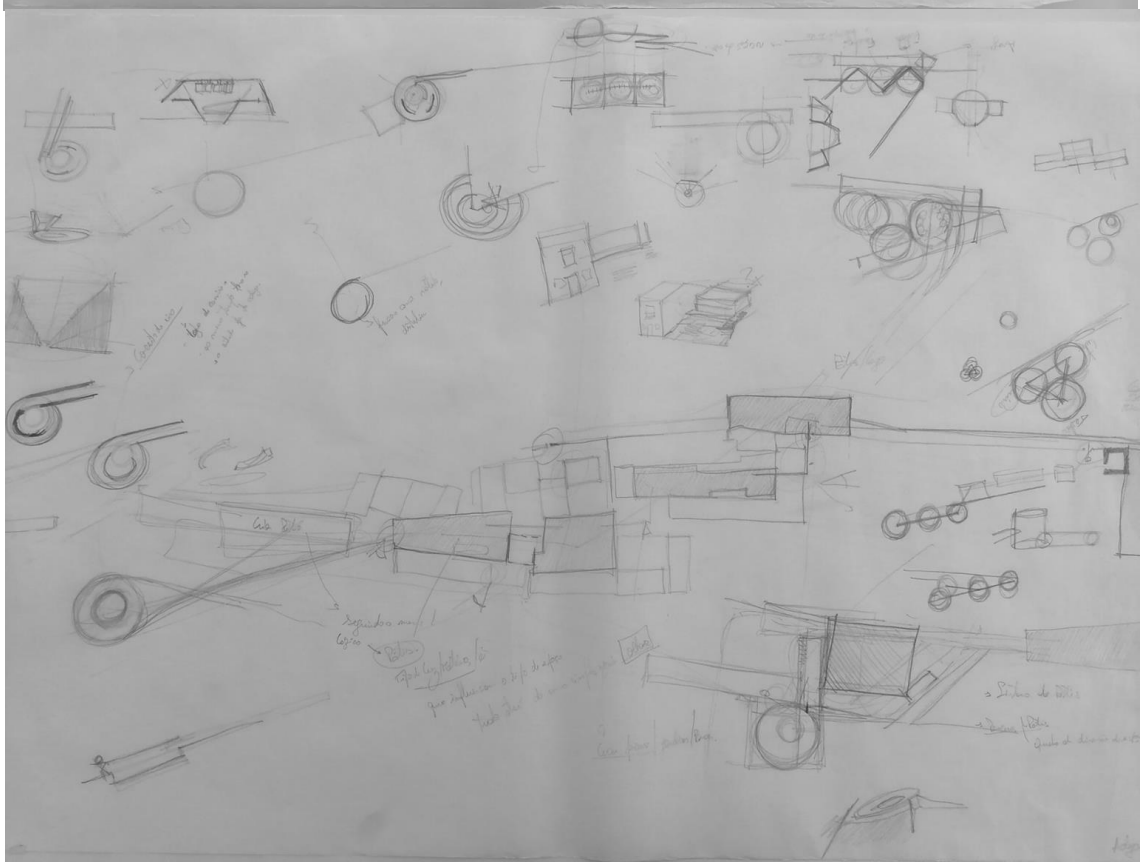


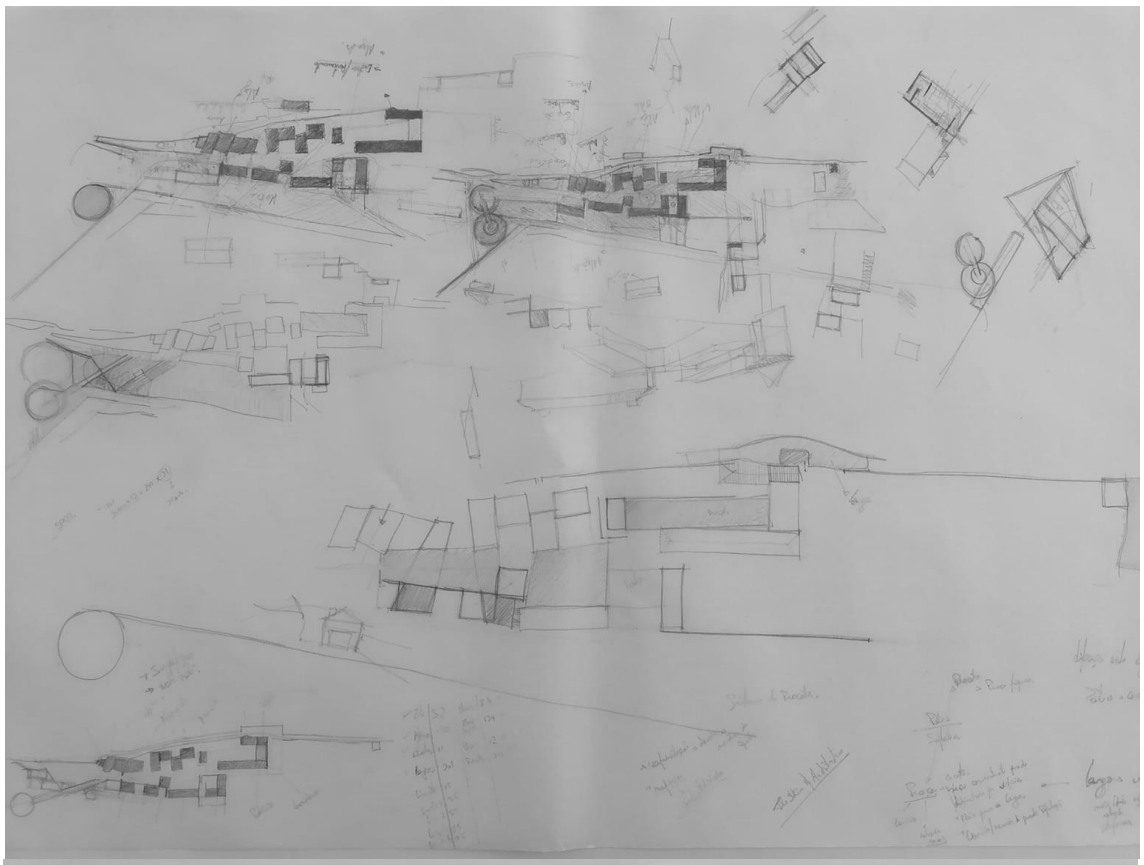


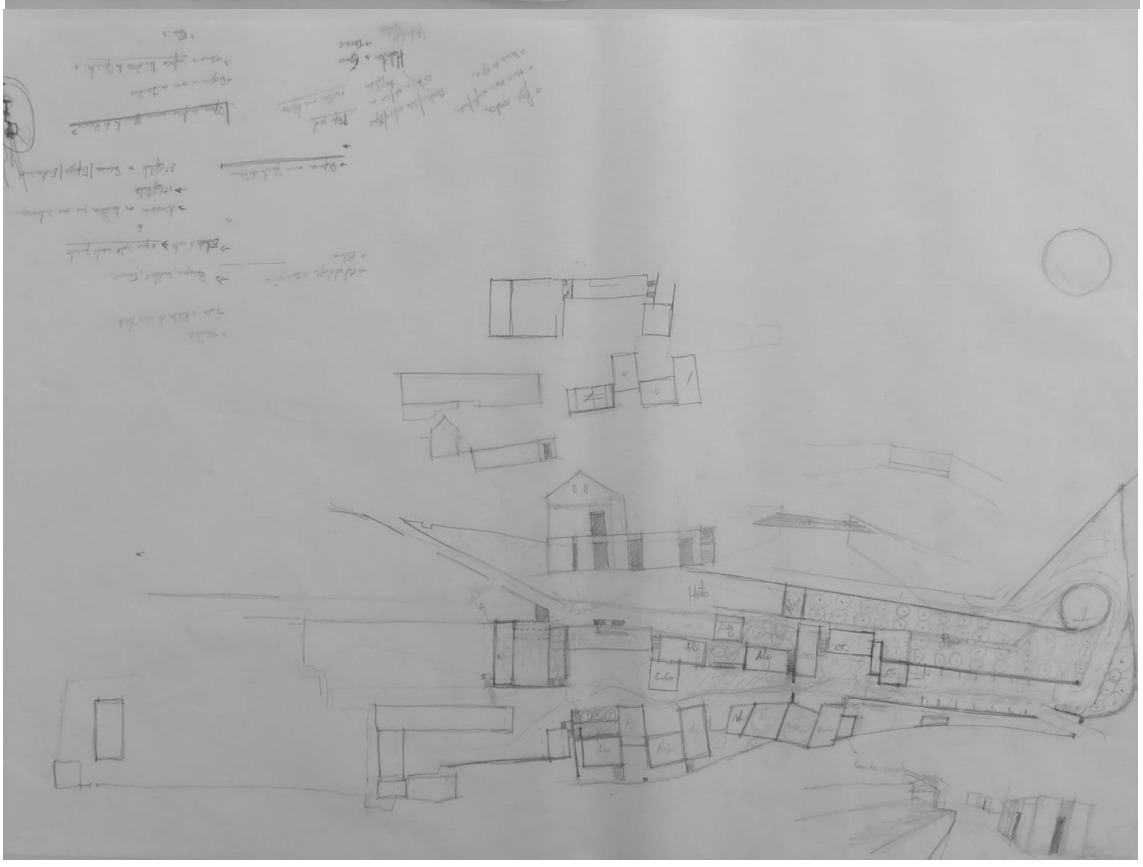


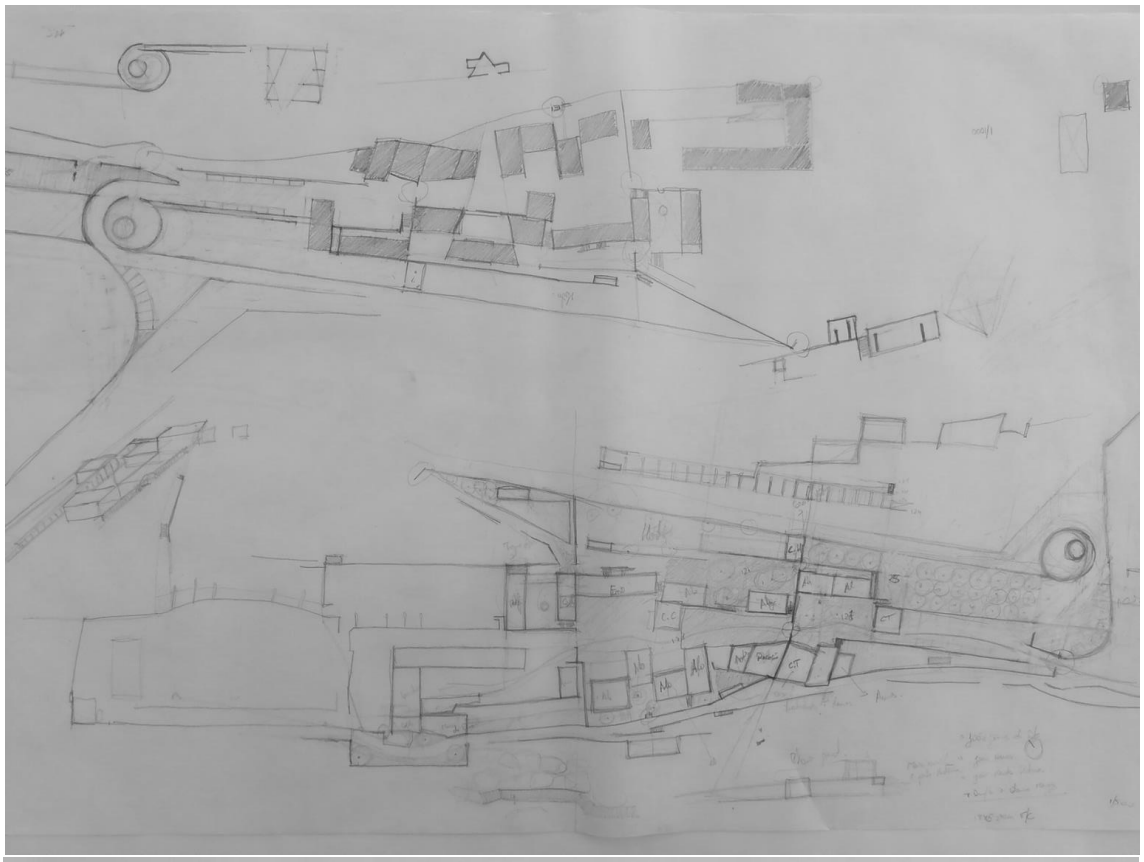


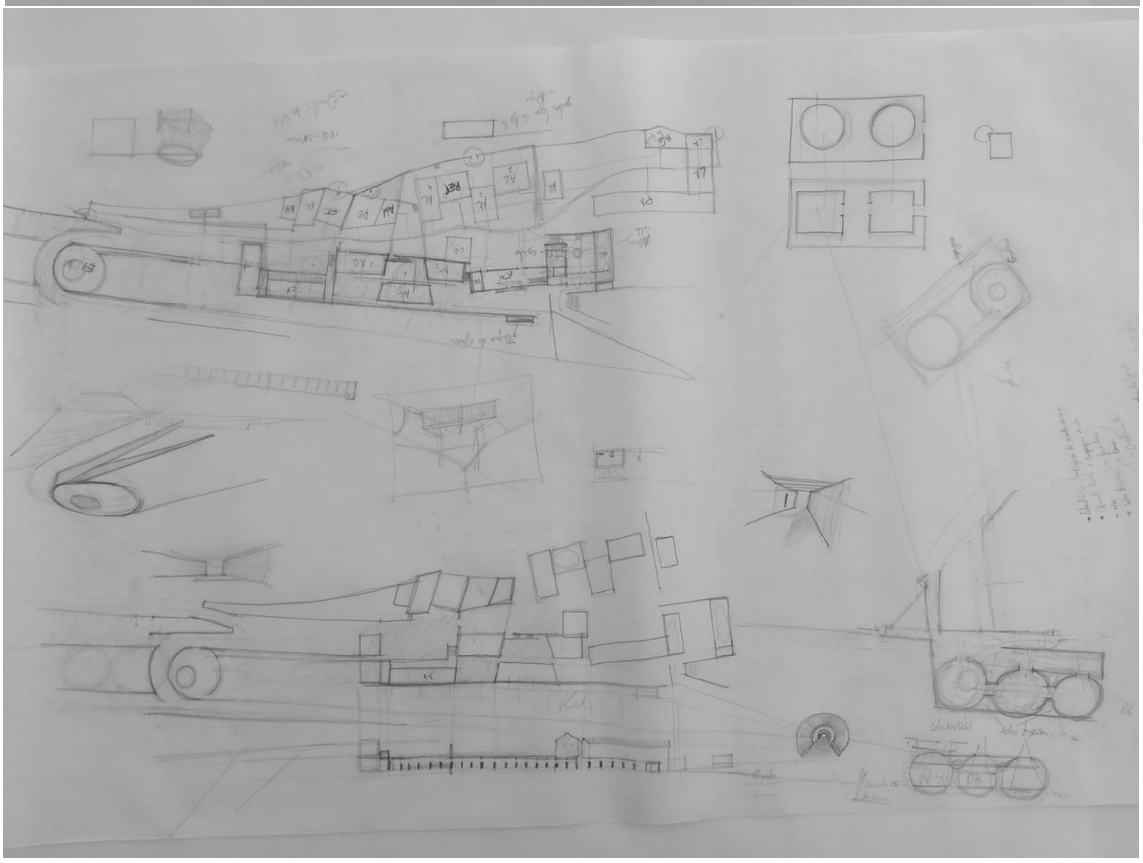


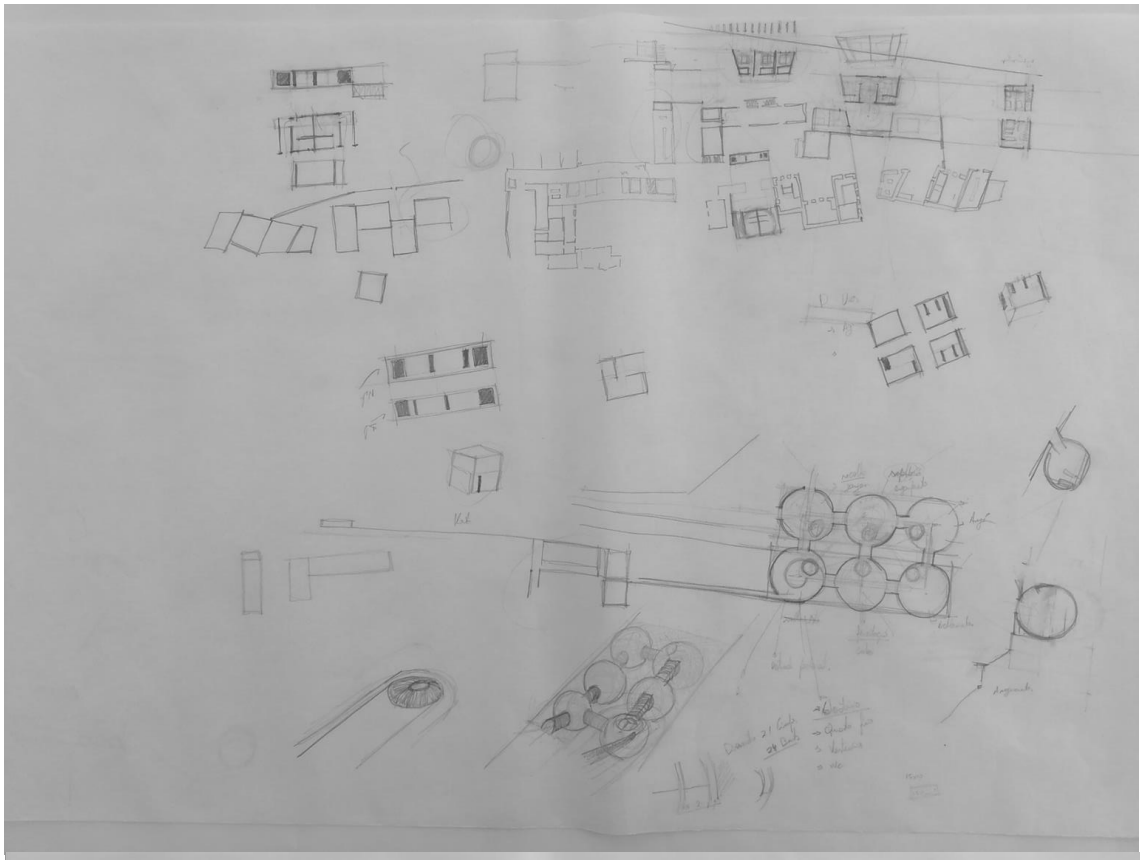


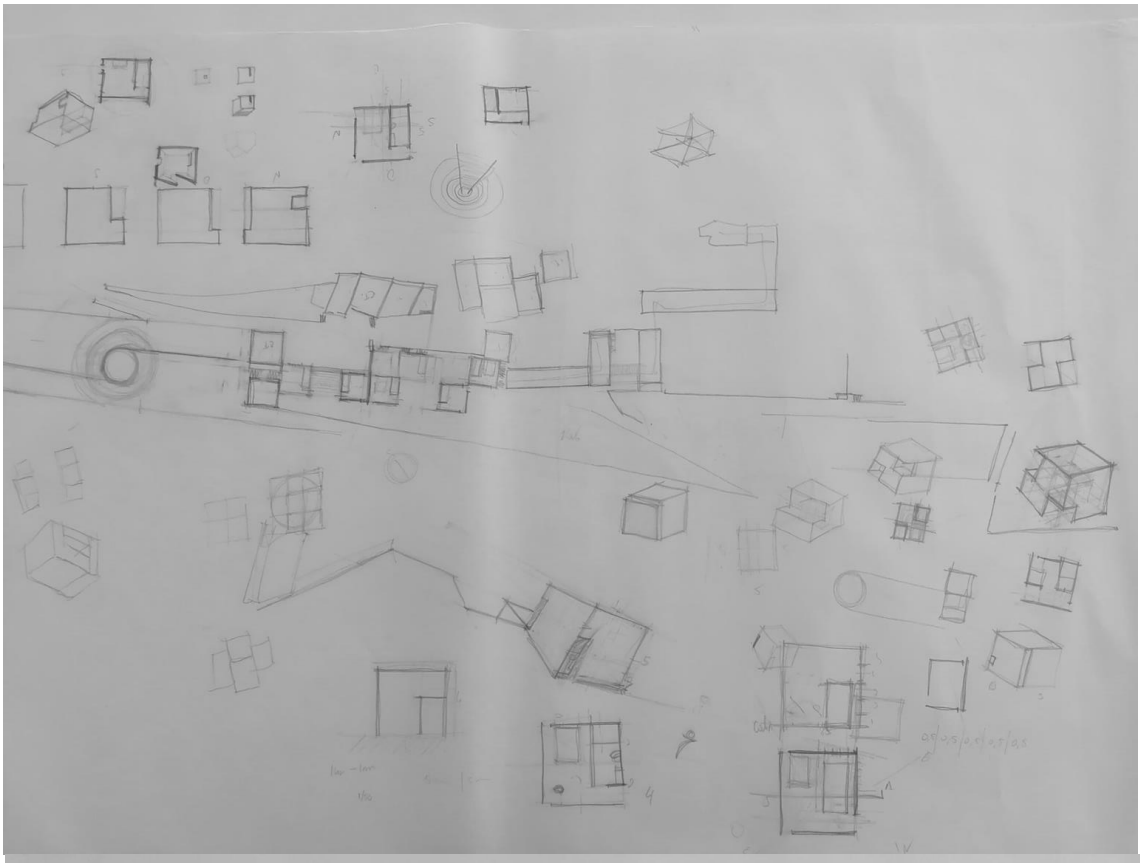


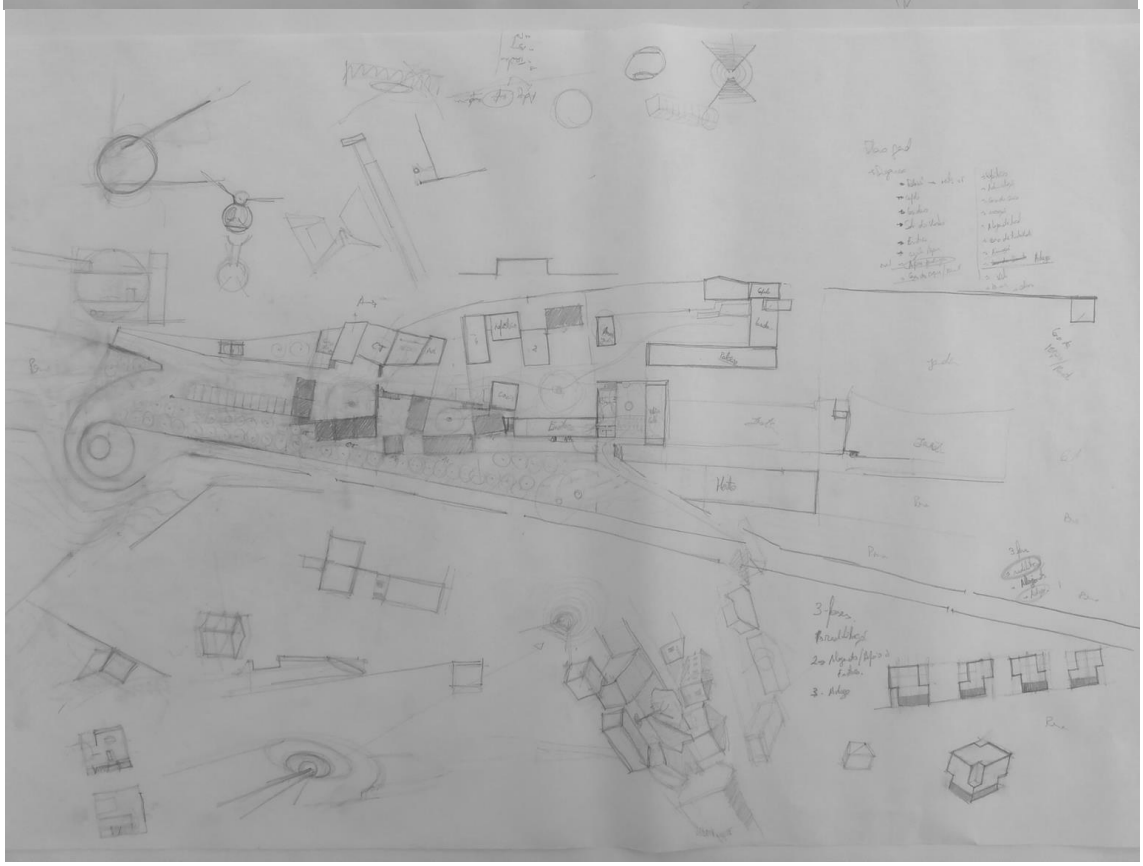


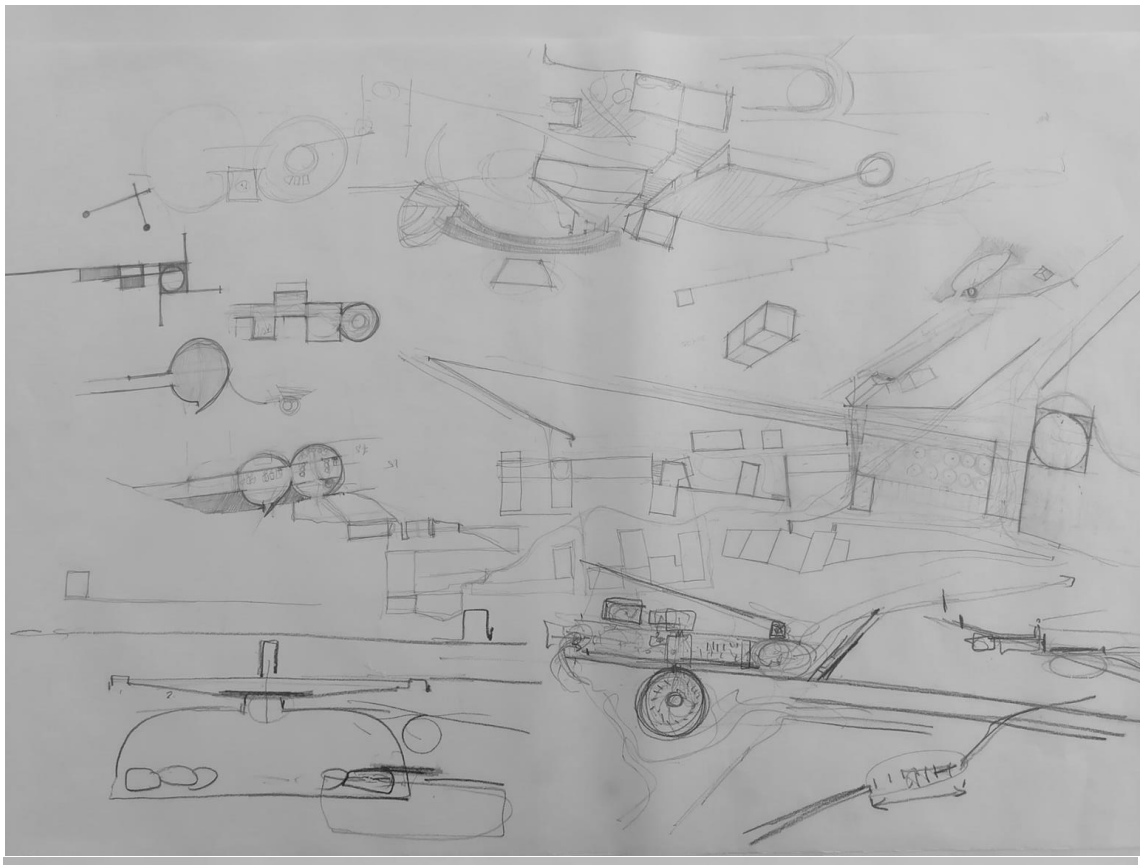


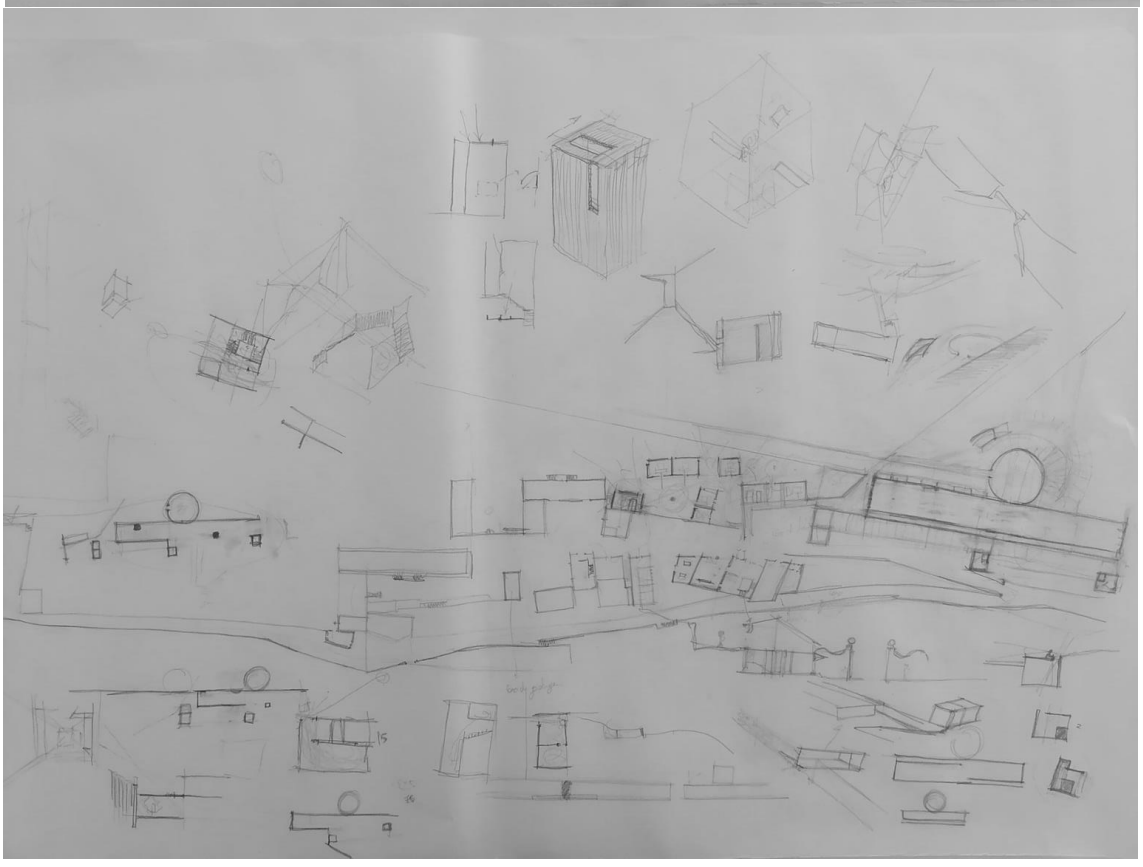


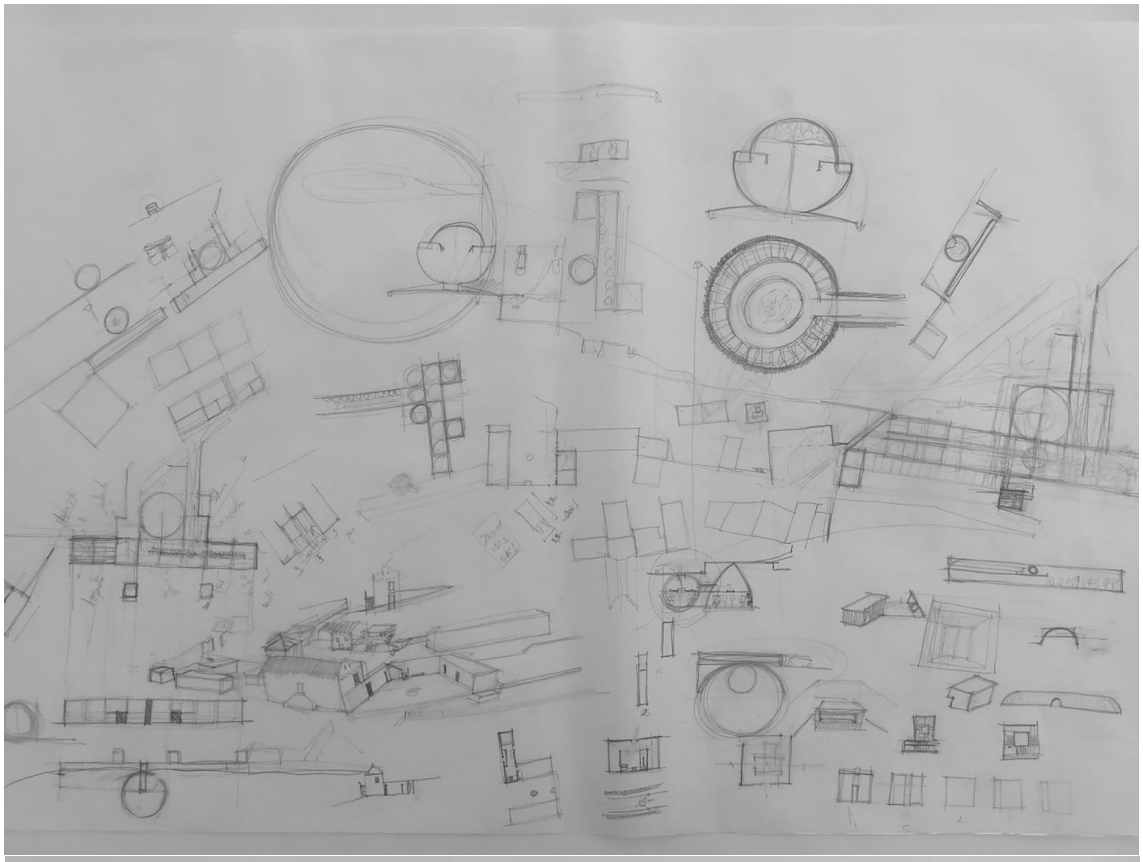


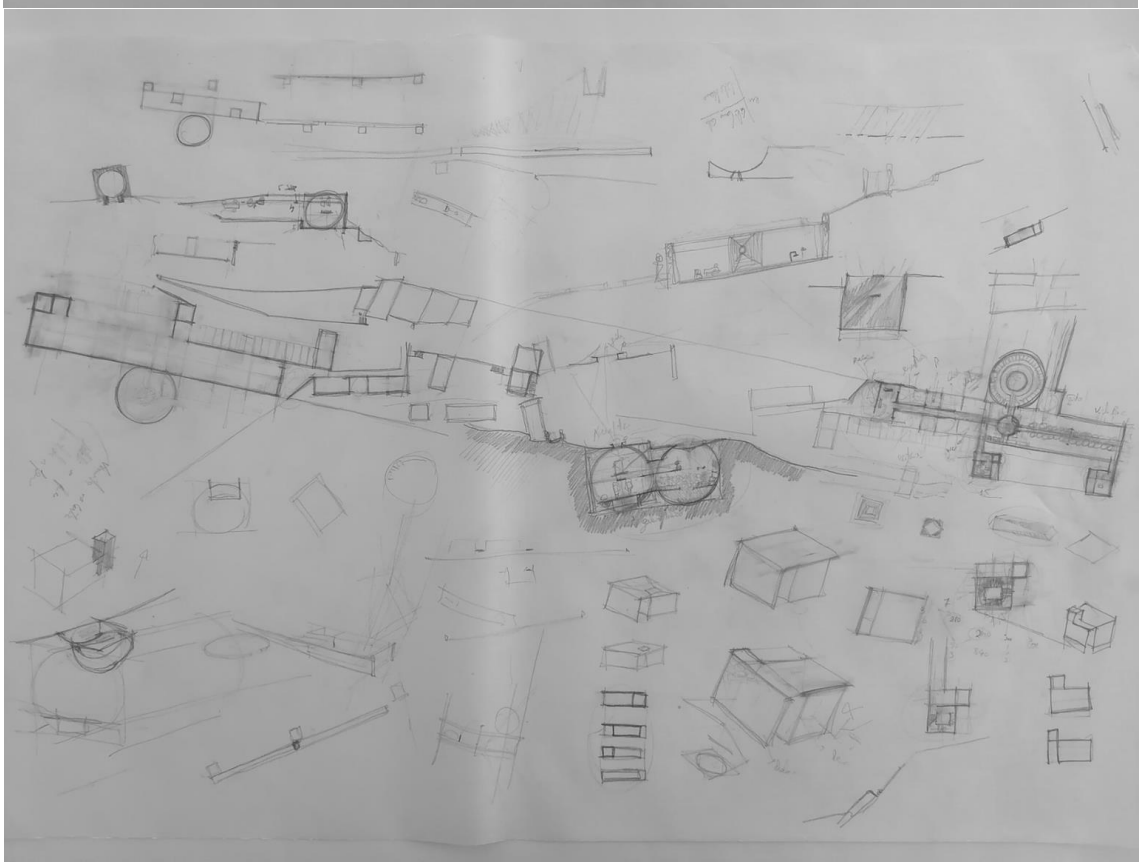


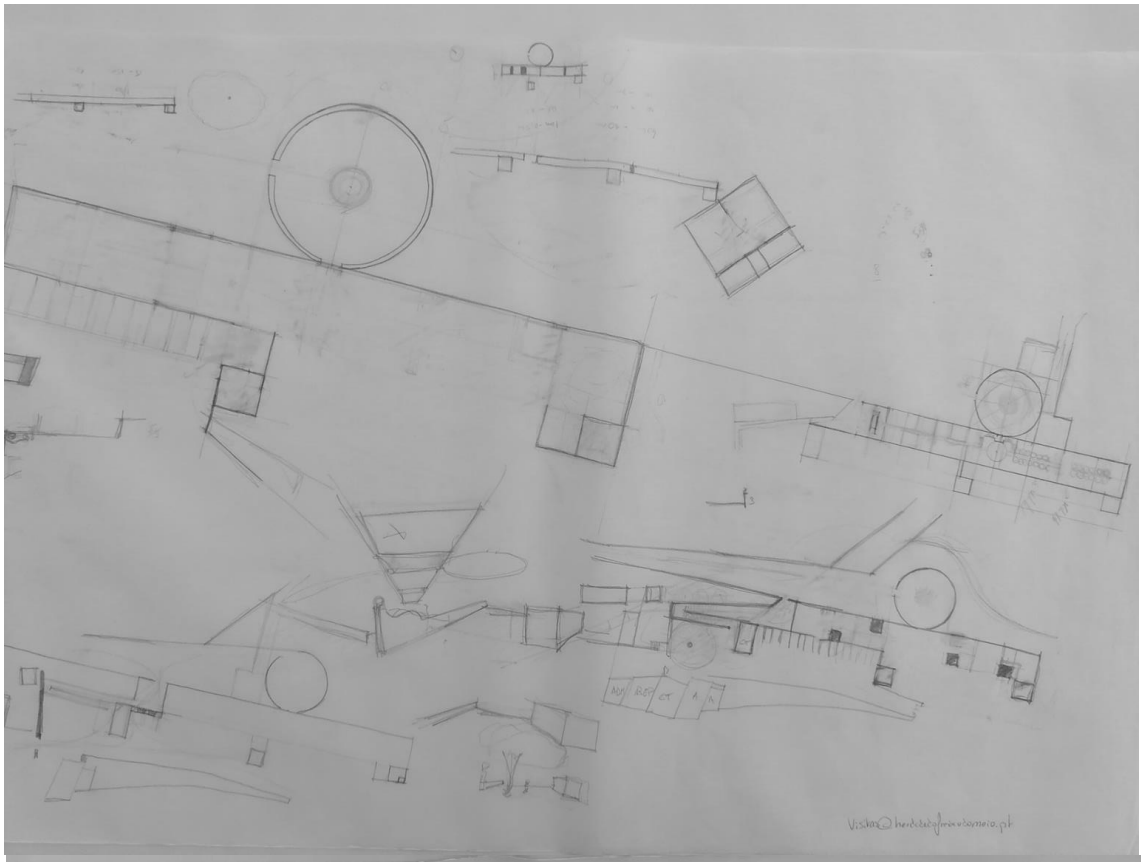


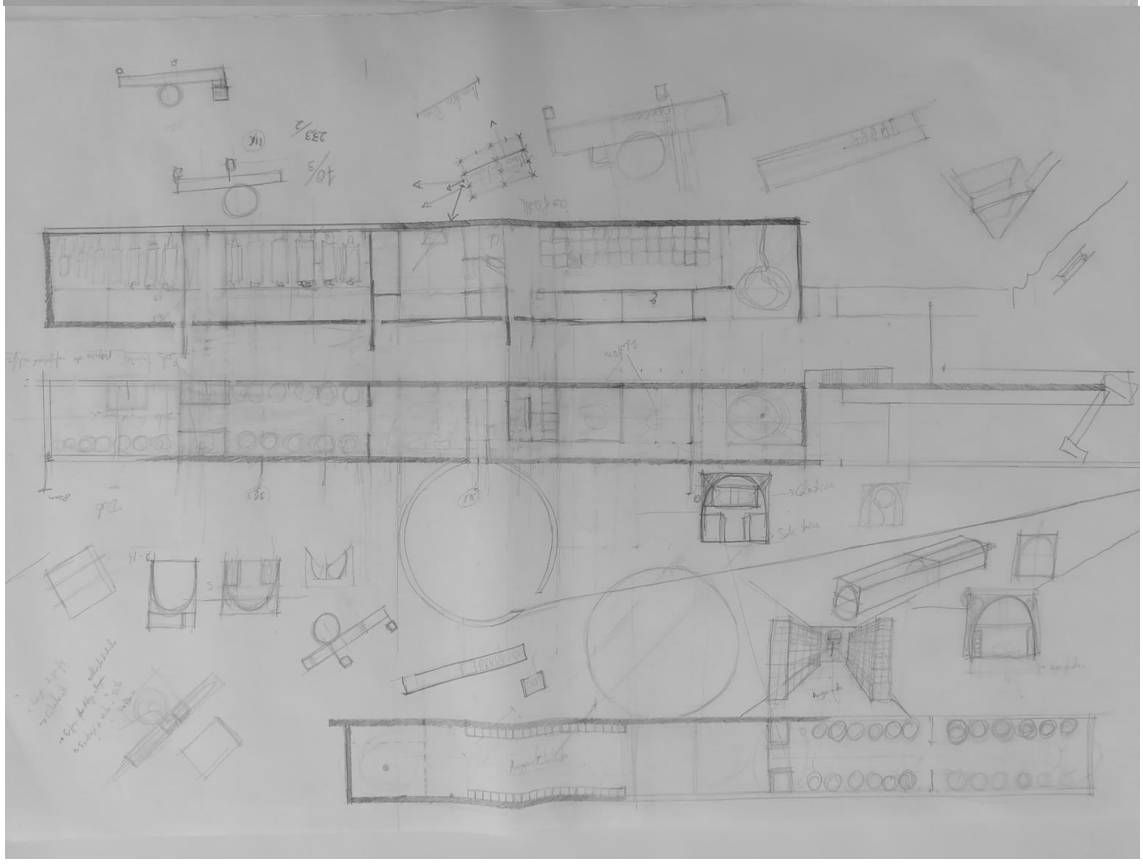


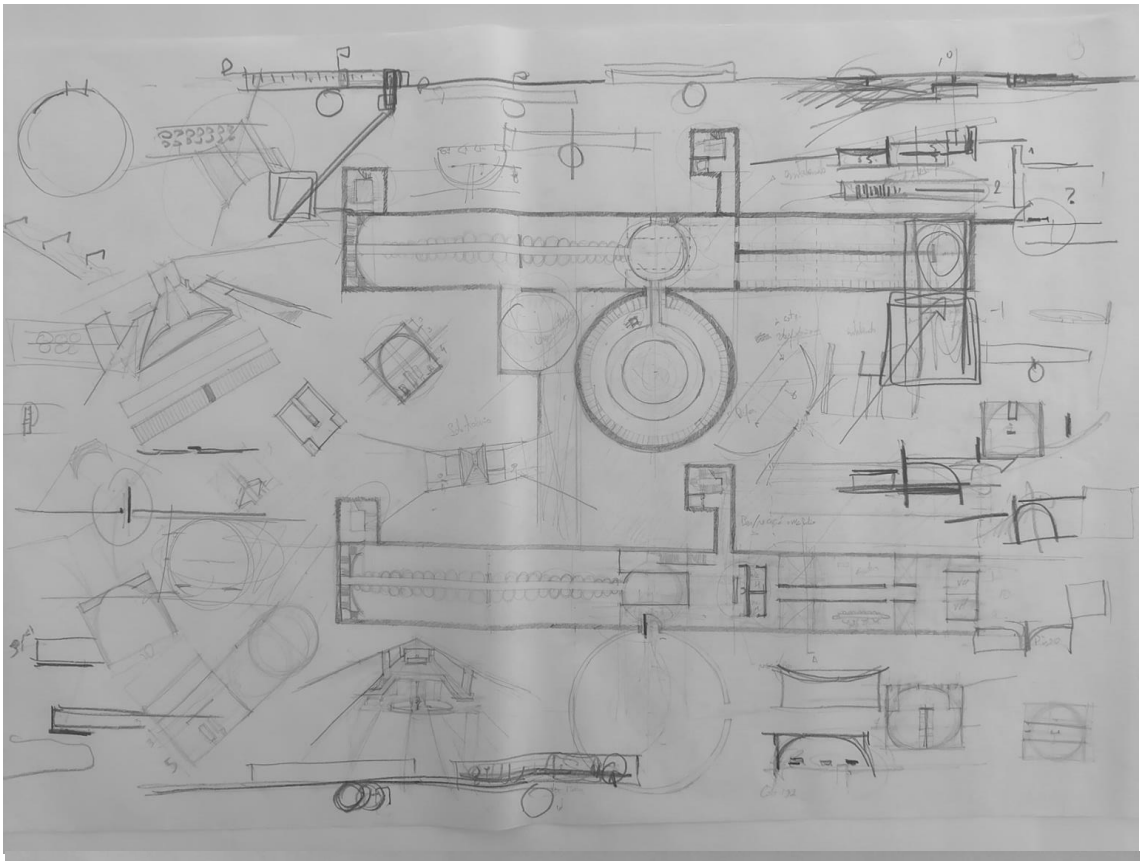




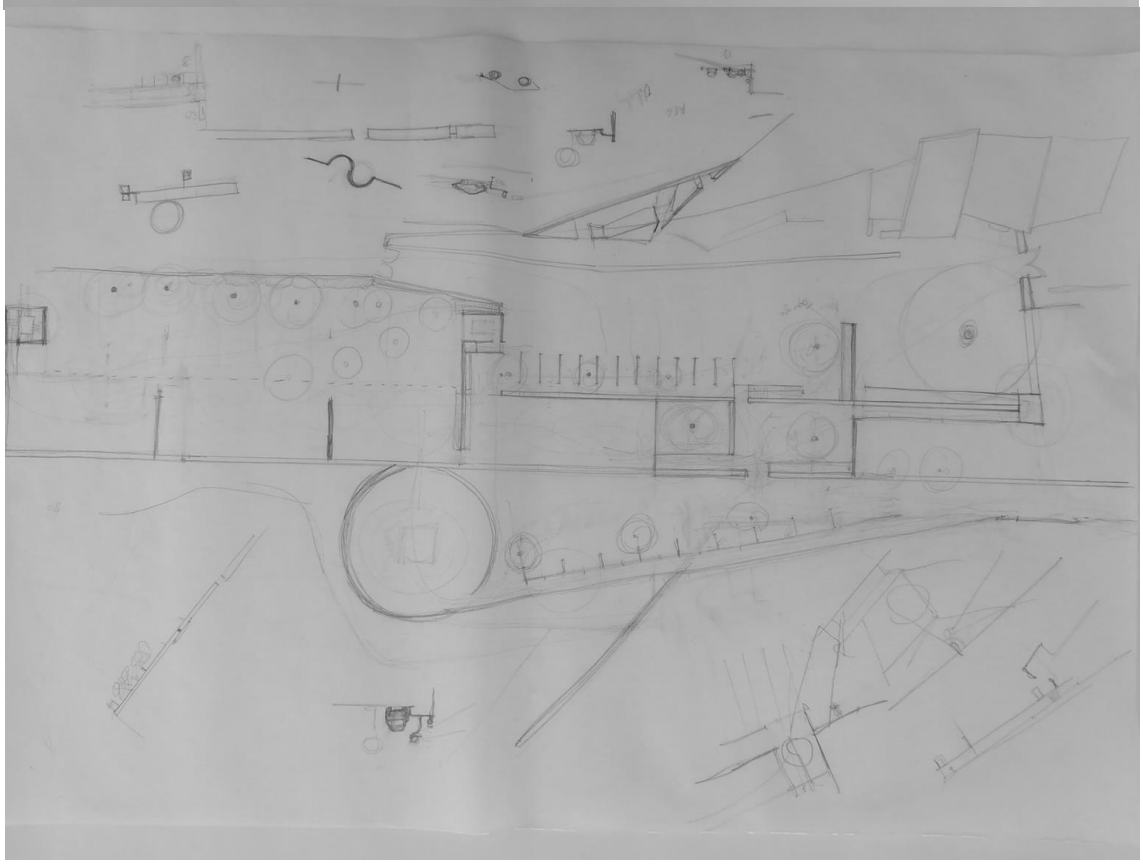


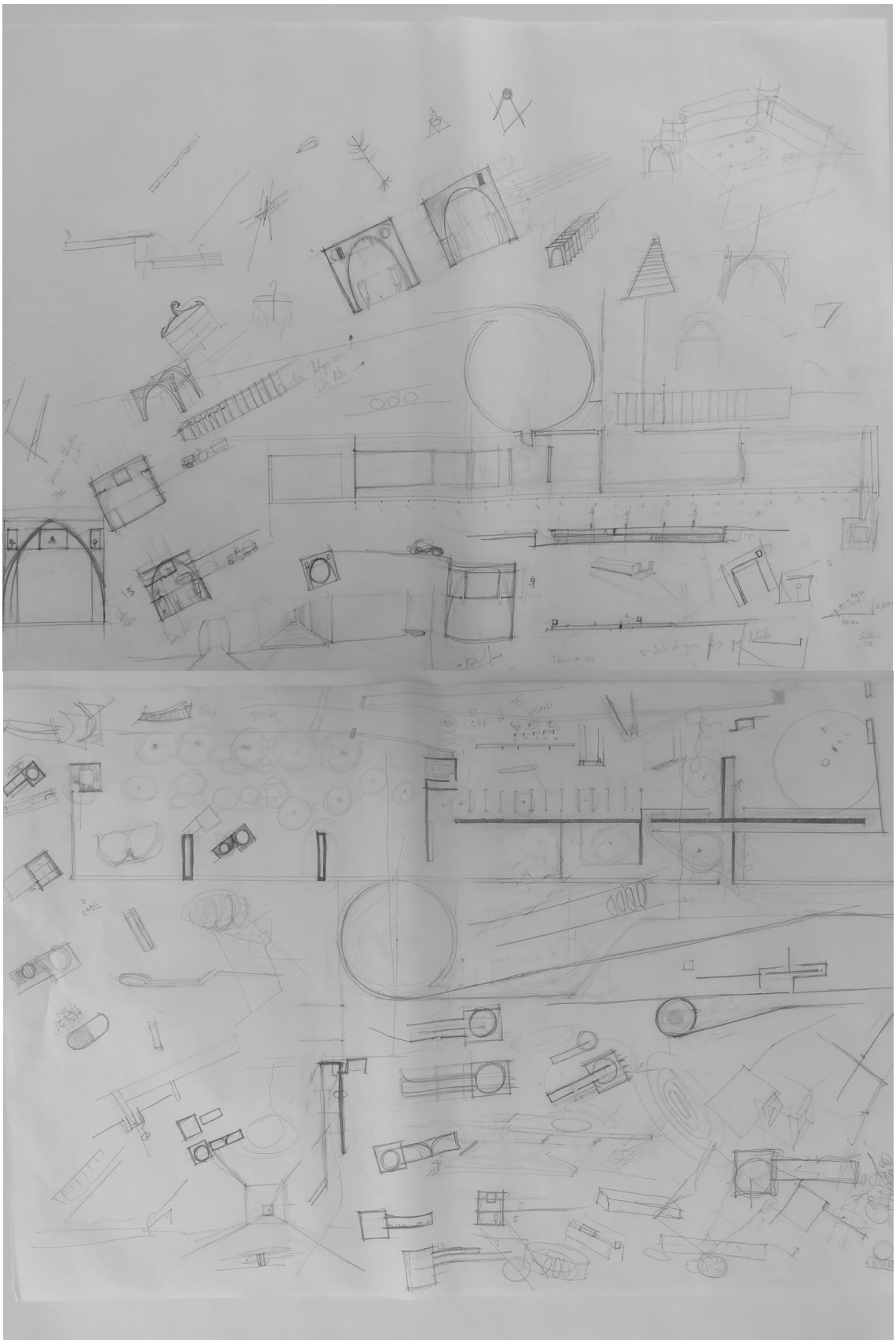


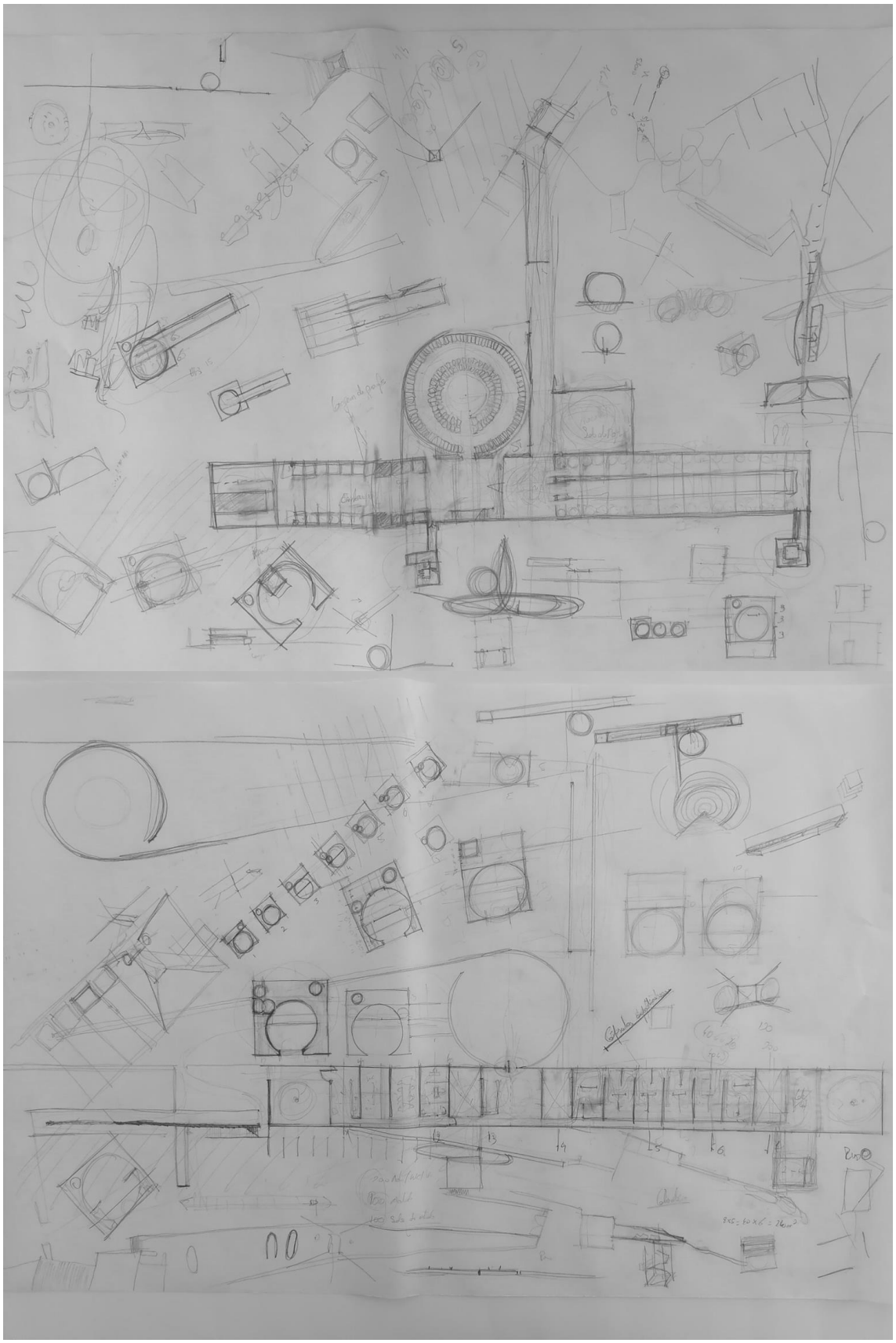


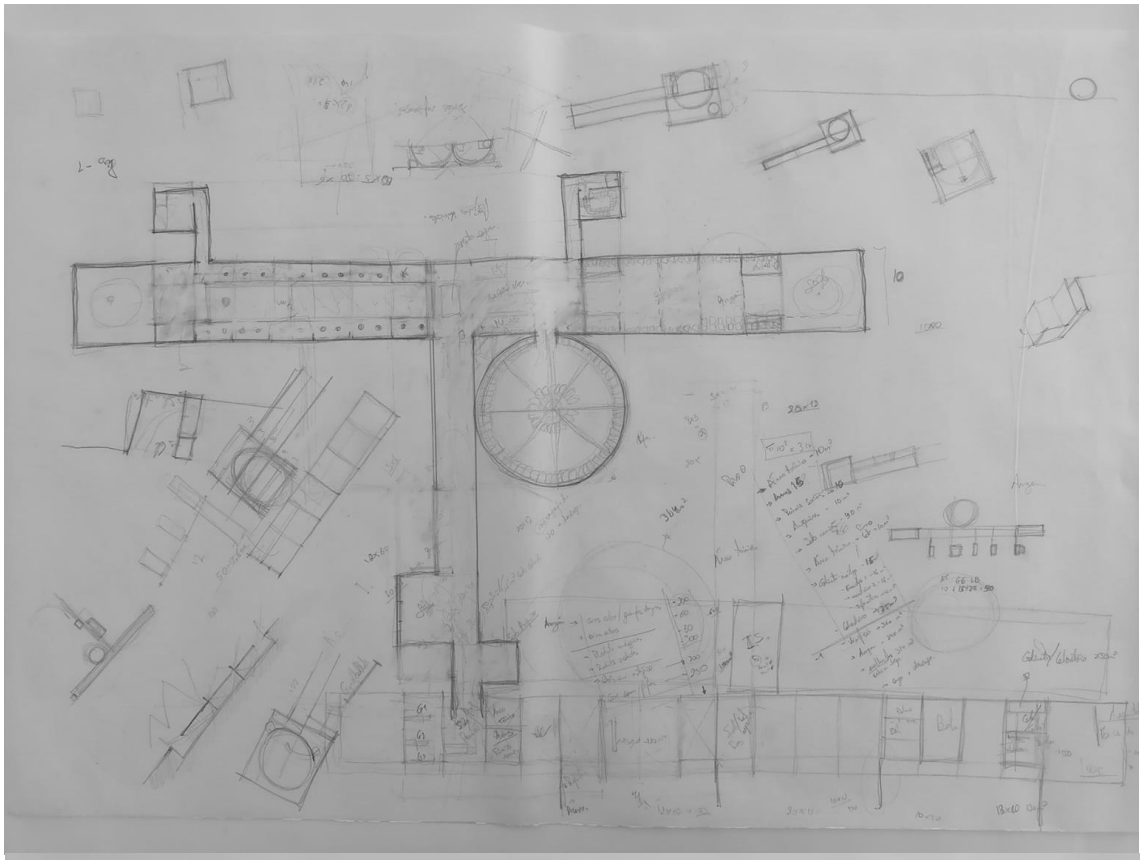


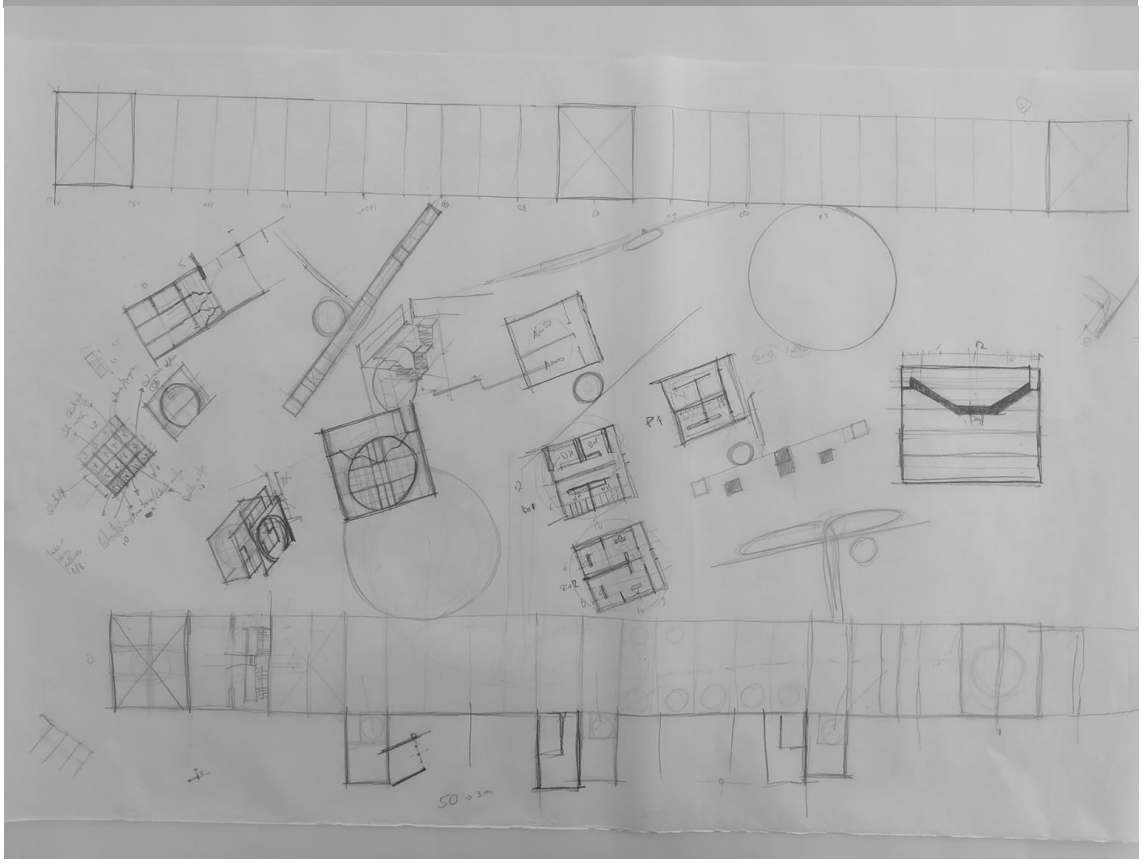
310

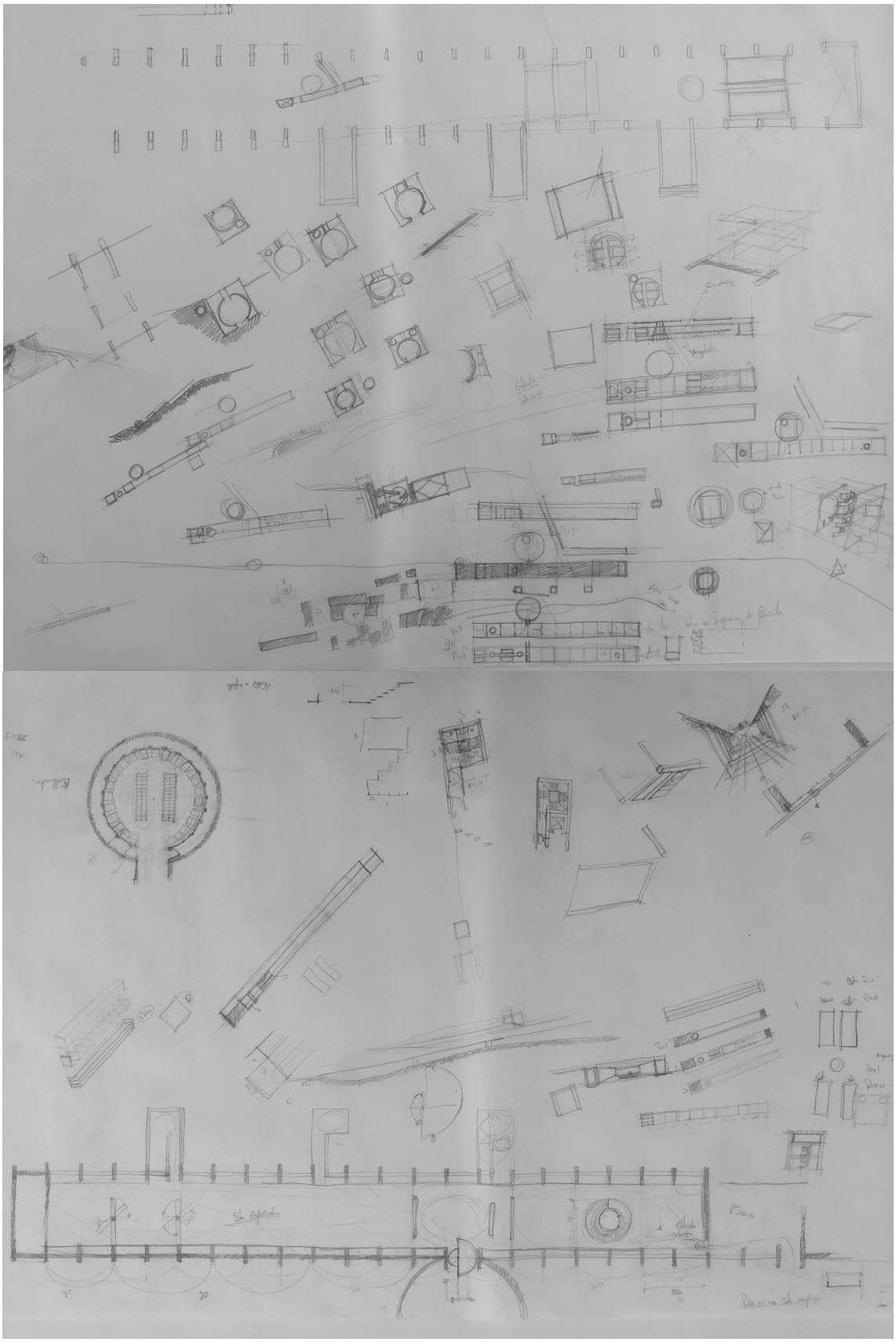


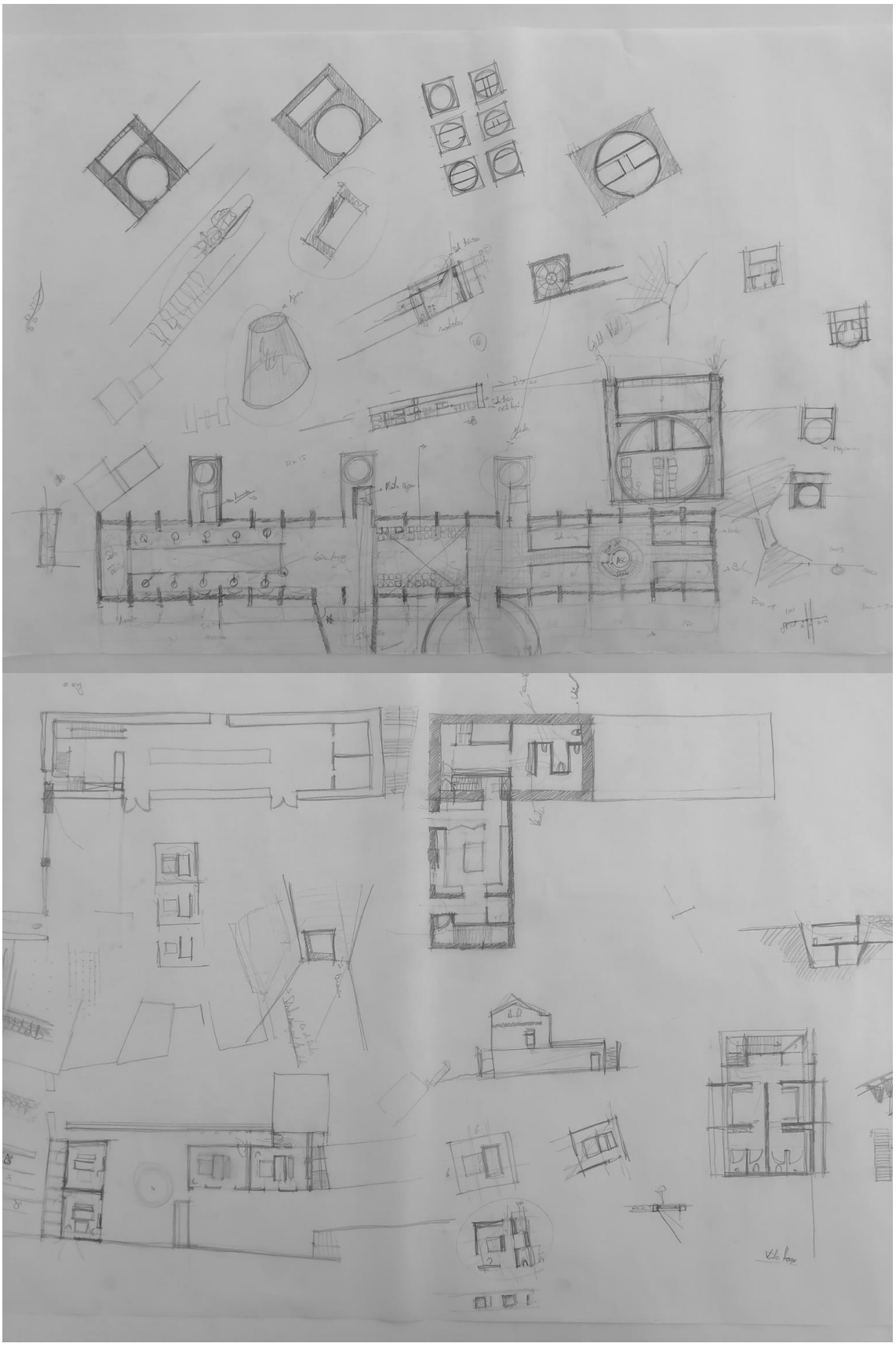


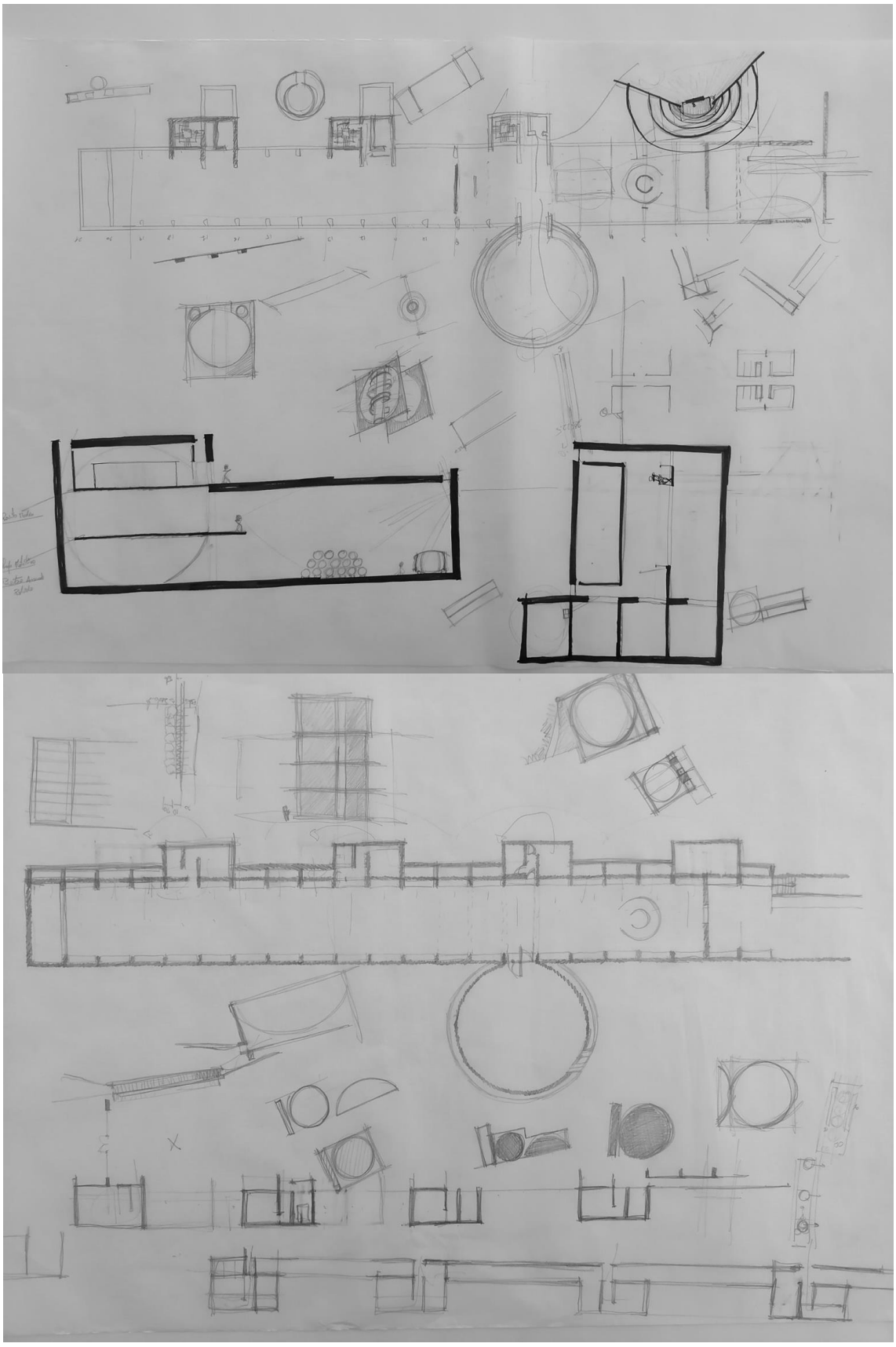


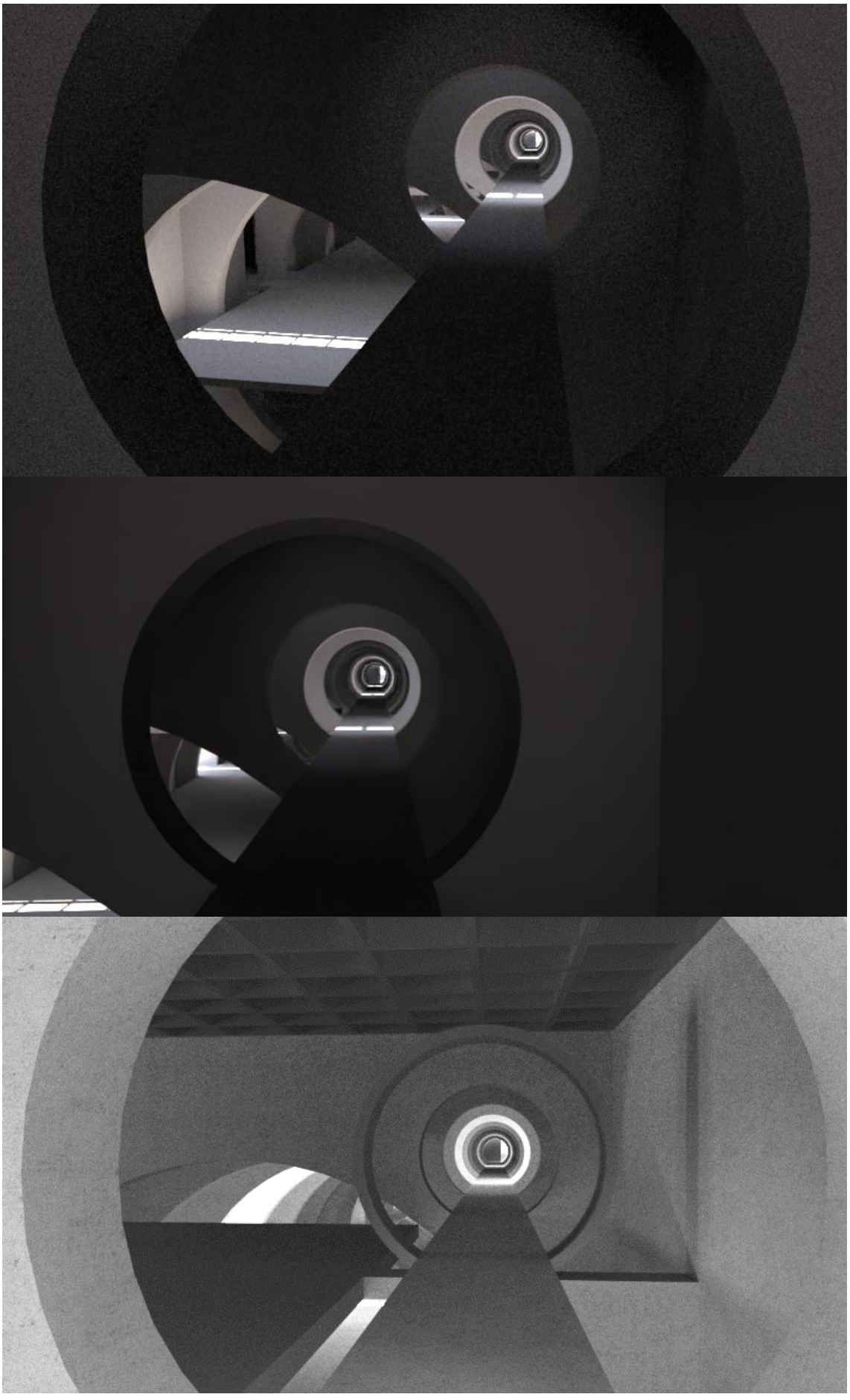


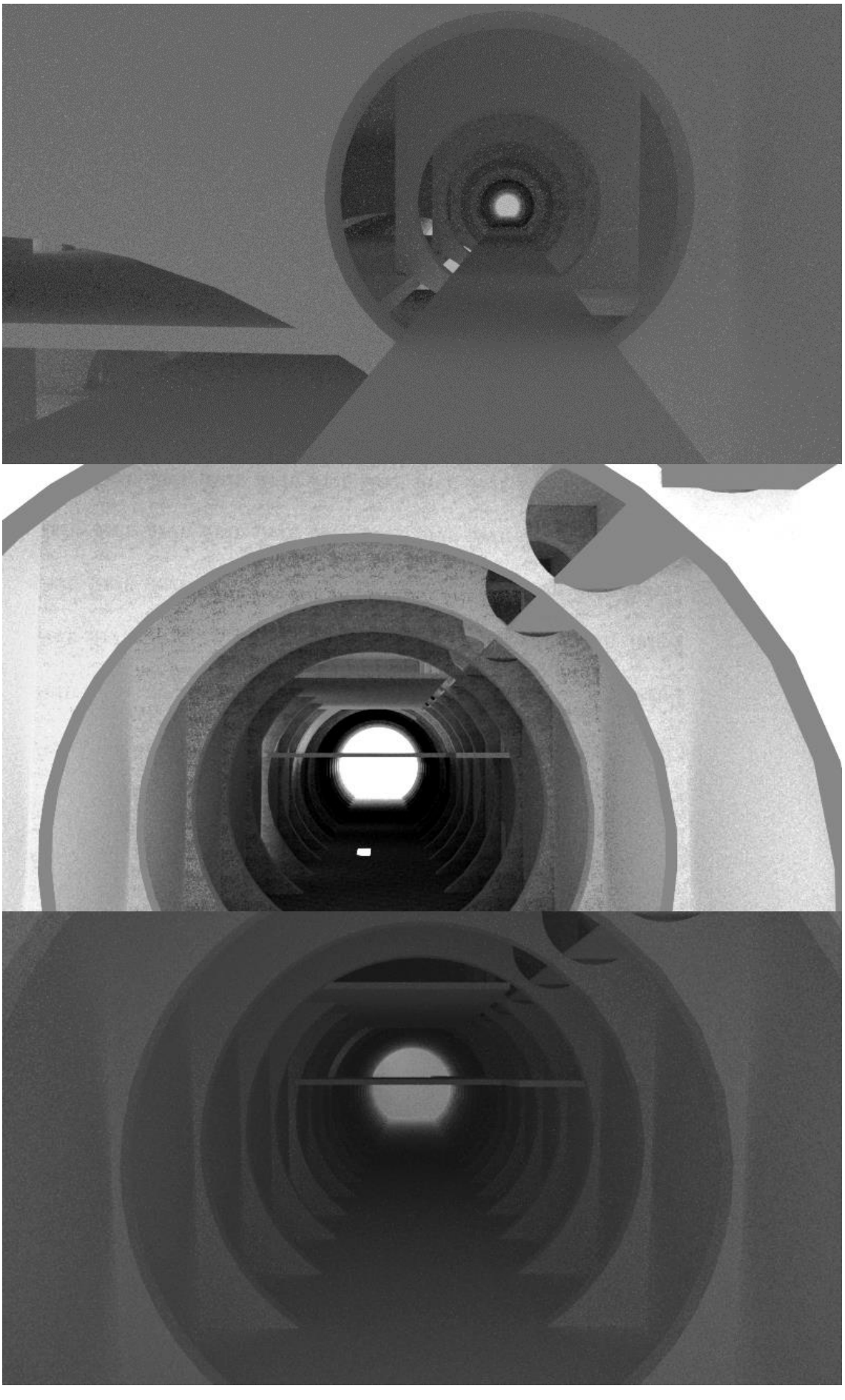


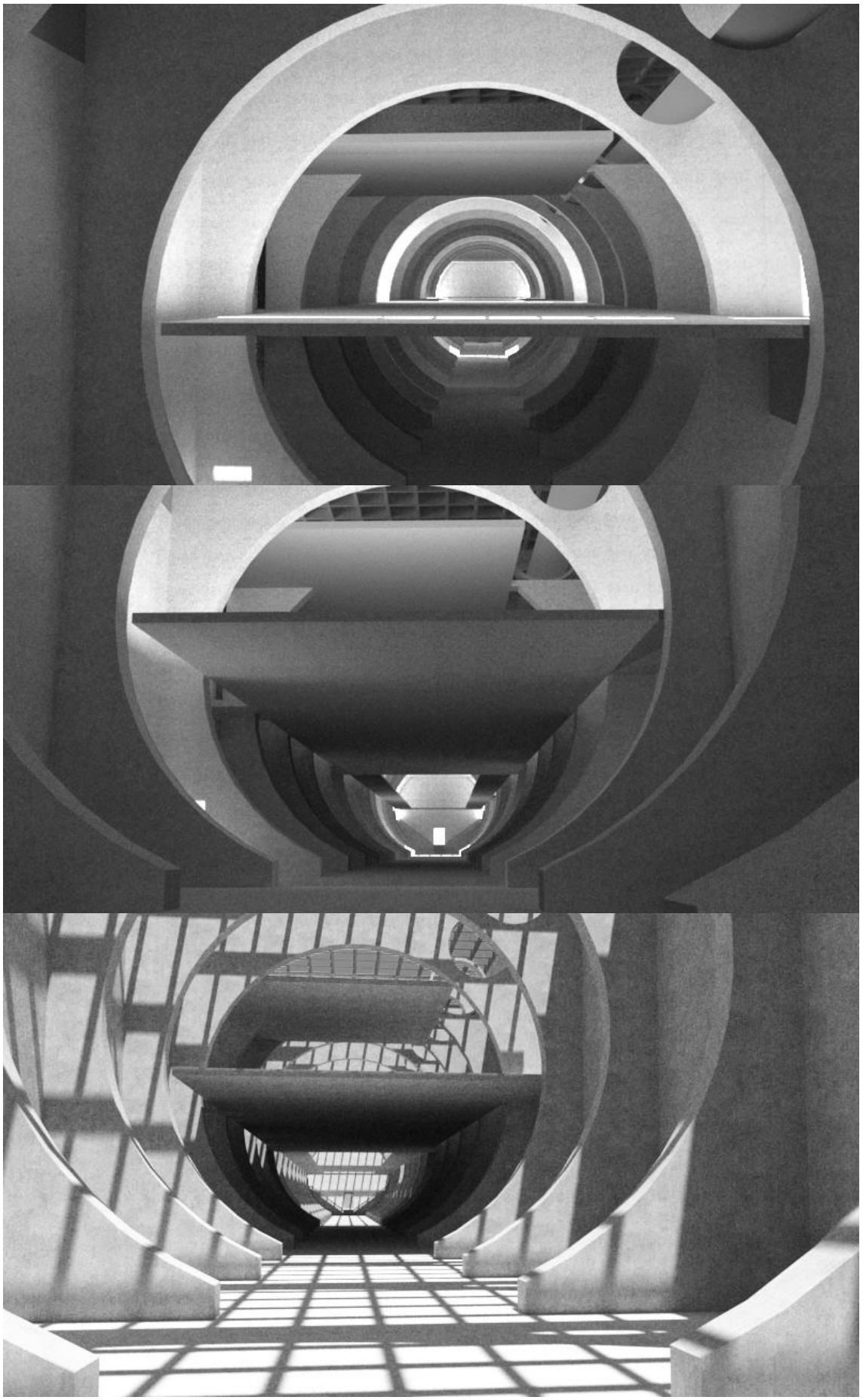


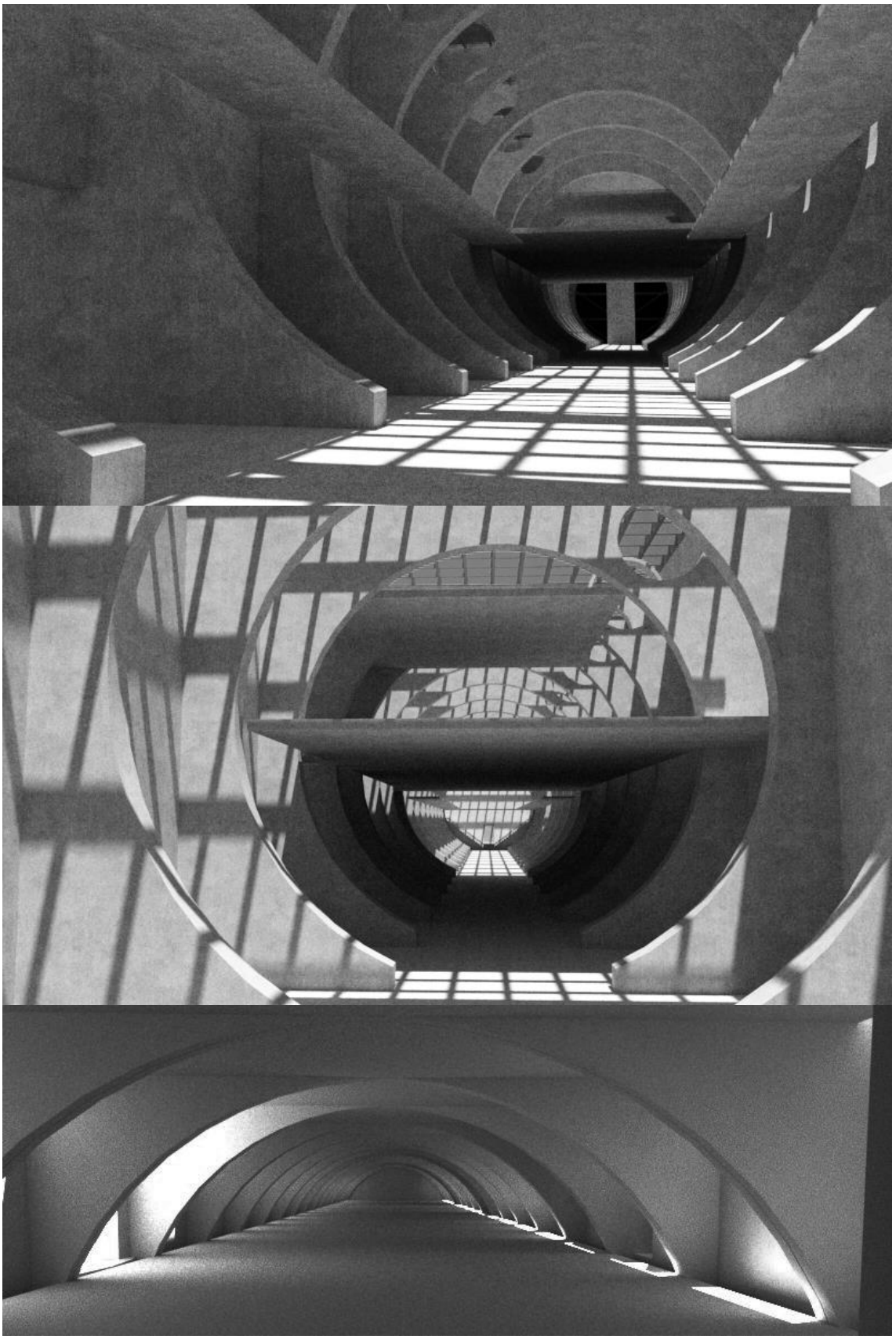




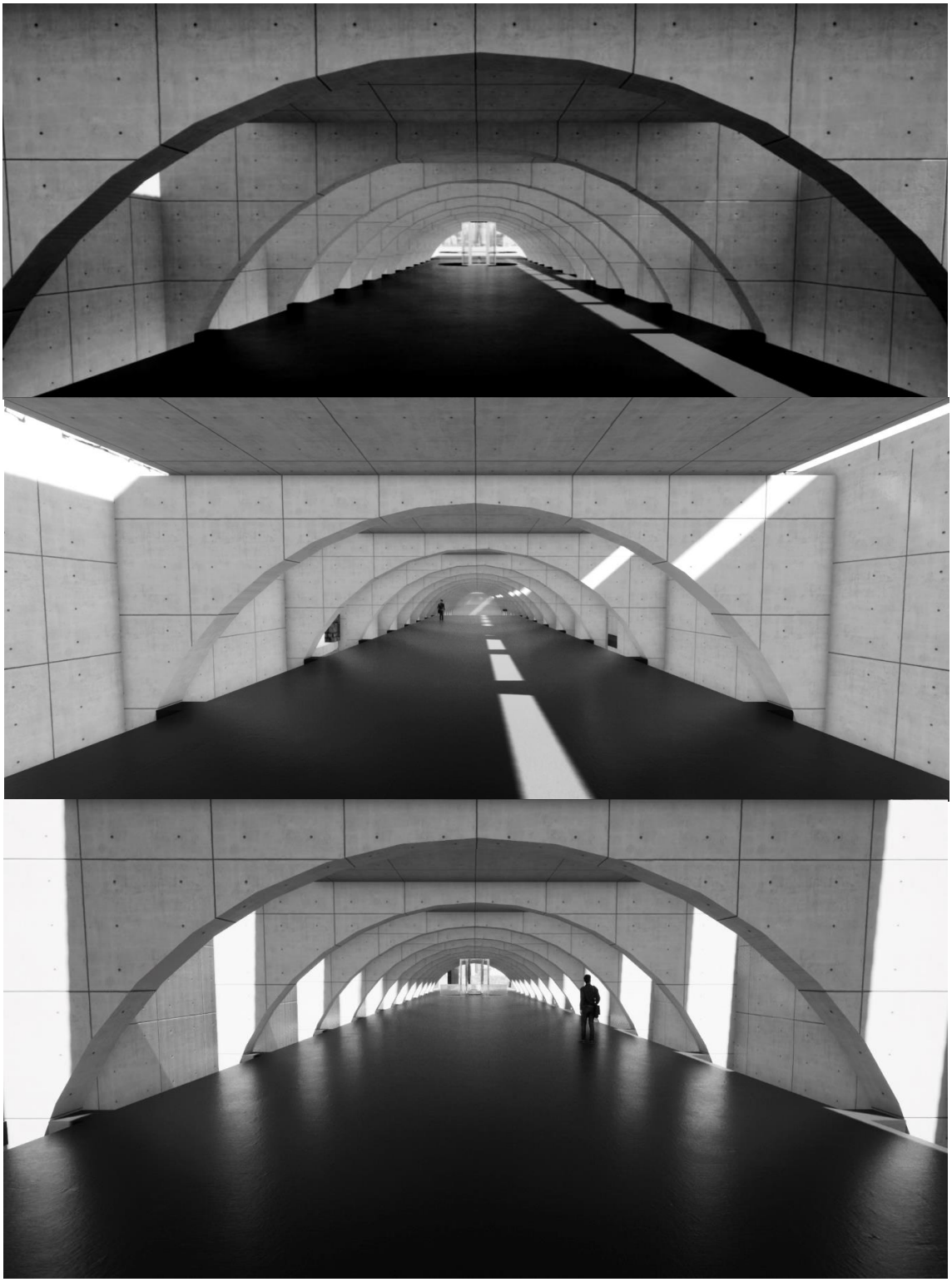


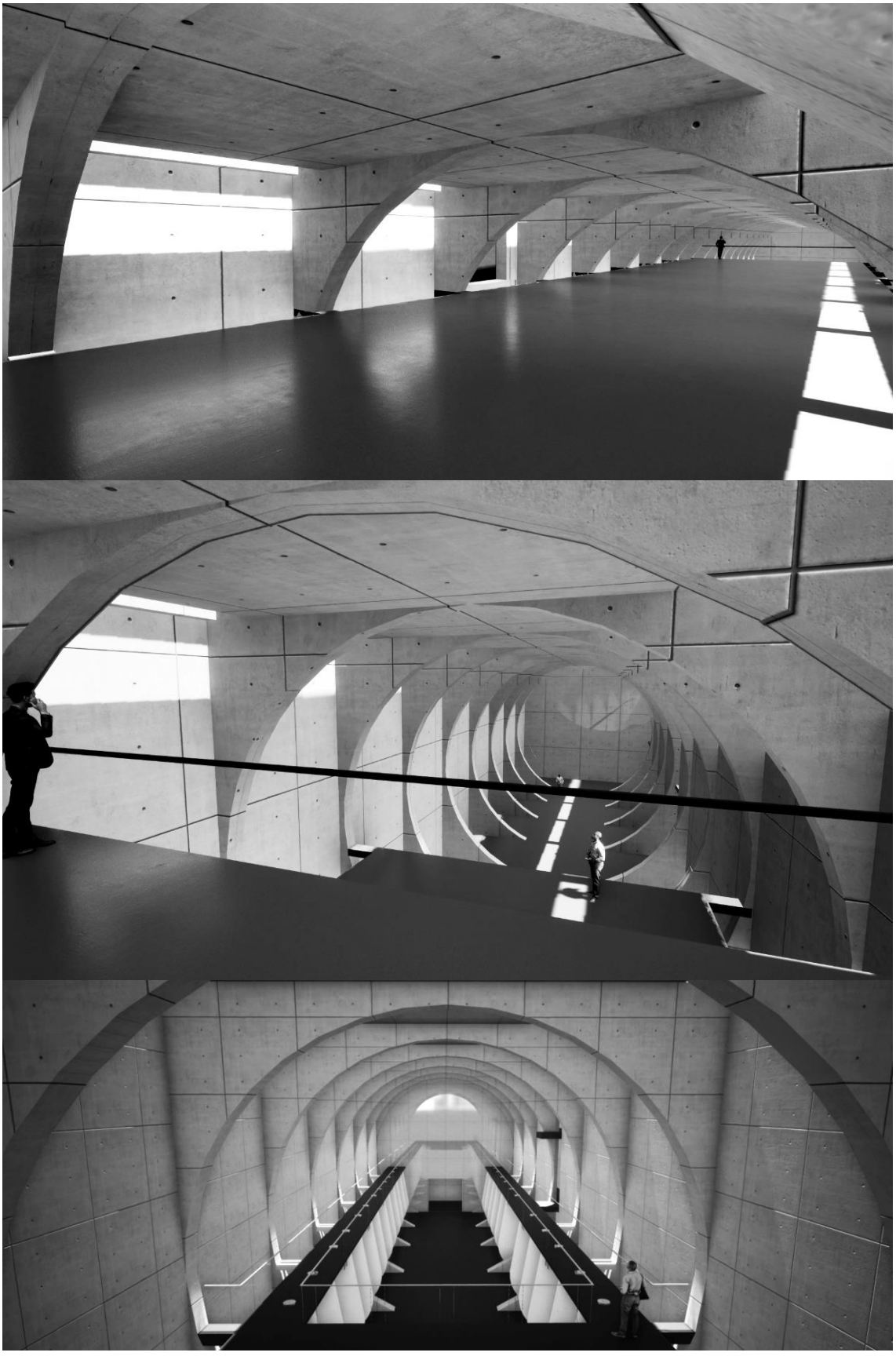


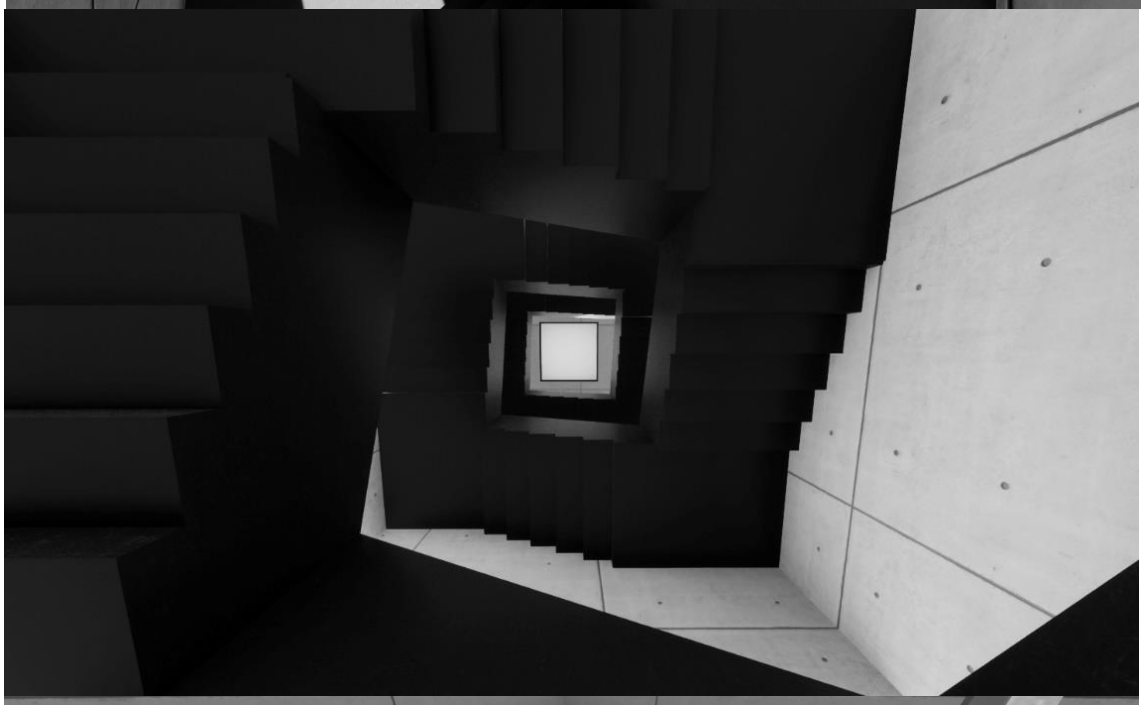


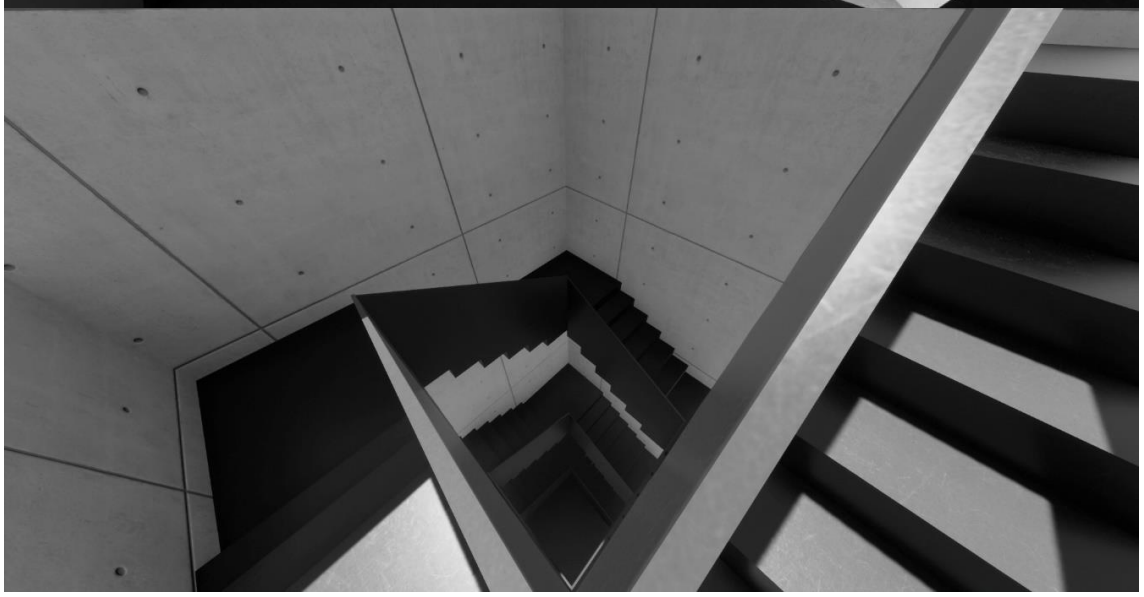


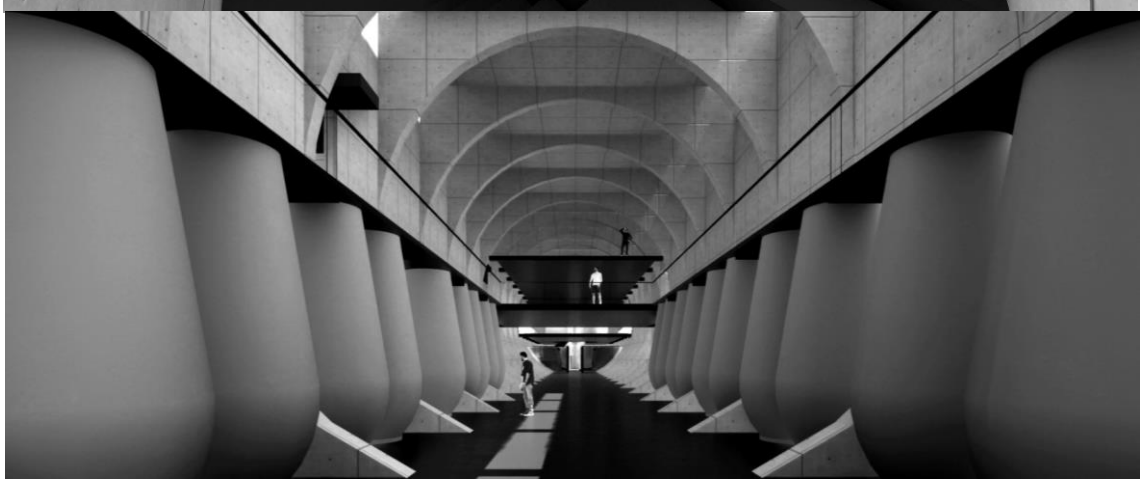
320



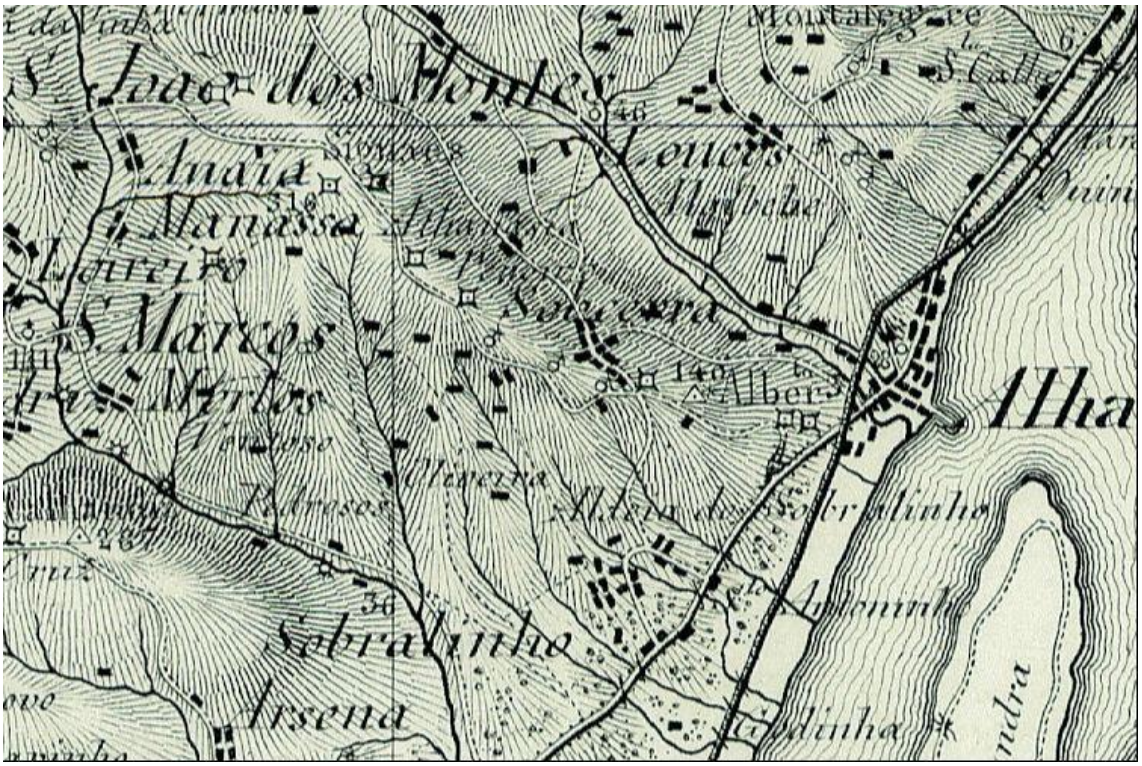




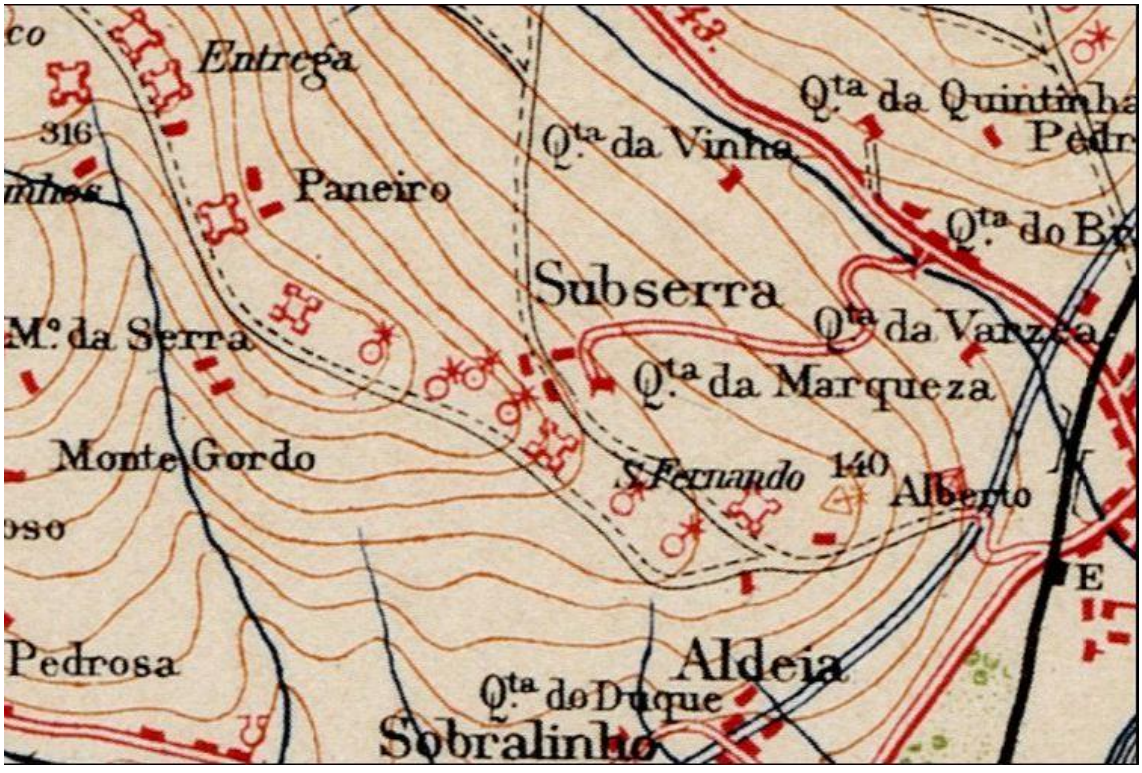


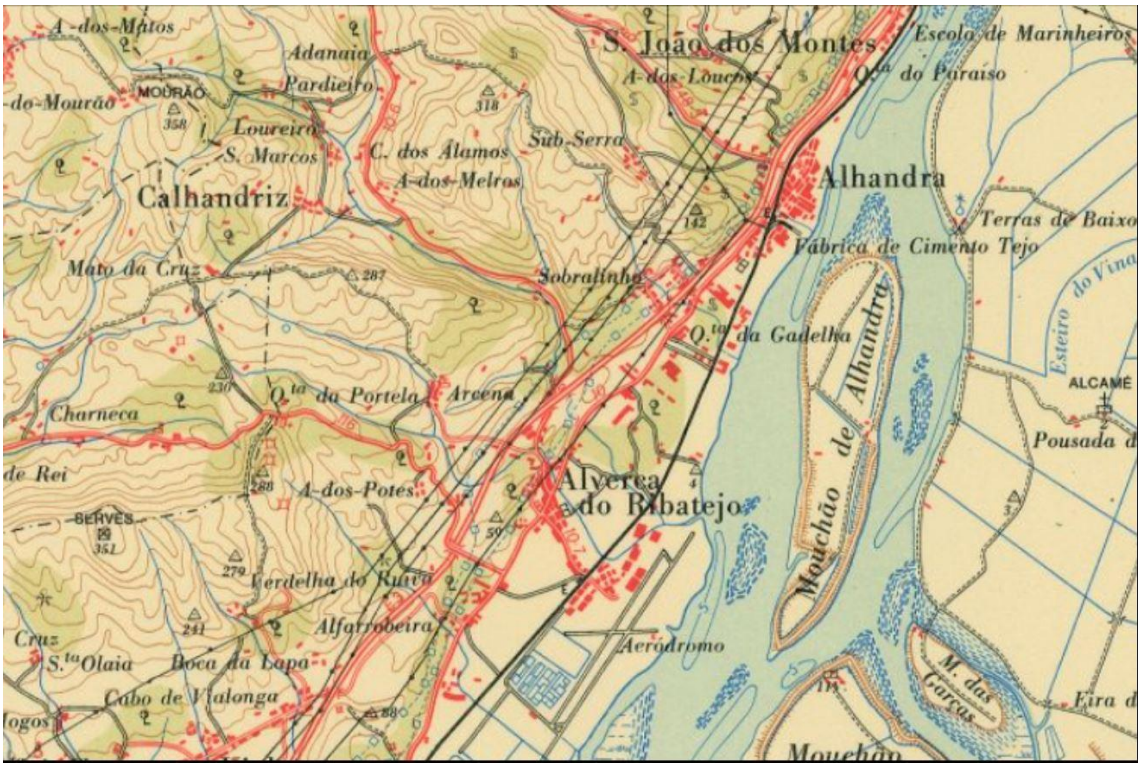


# 04 Levantamento Quinta de Subserra

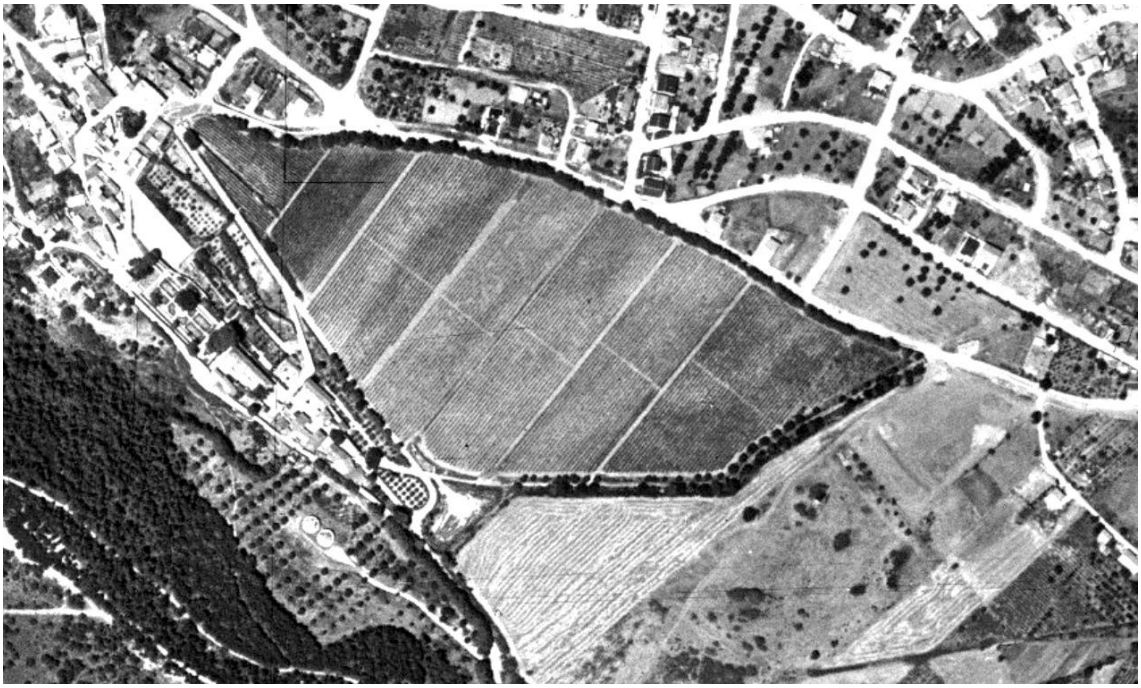

Sobralinho
Ilha

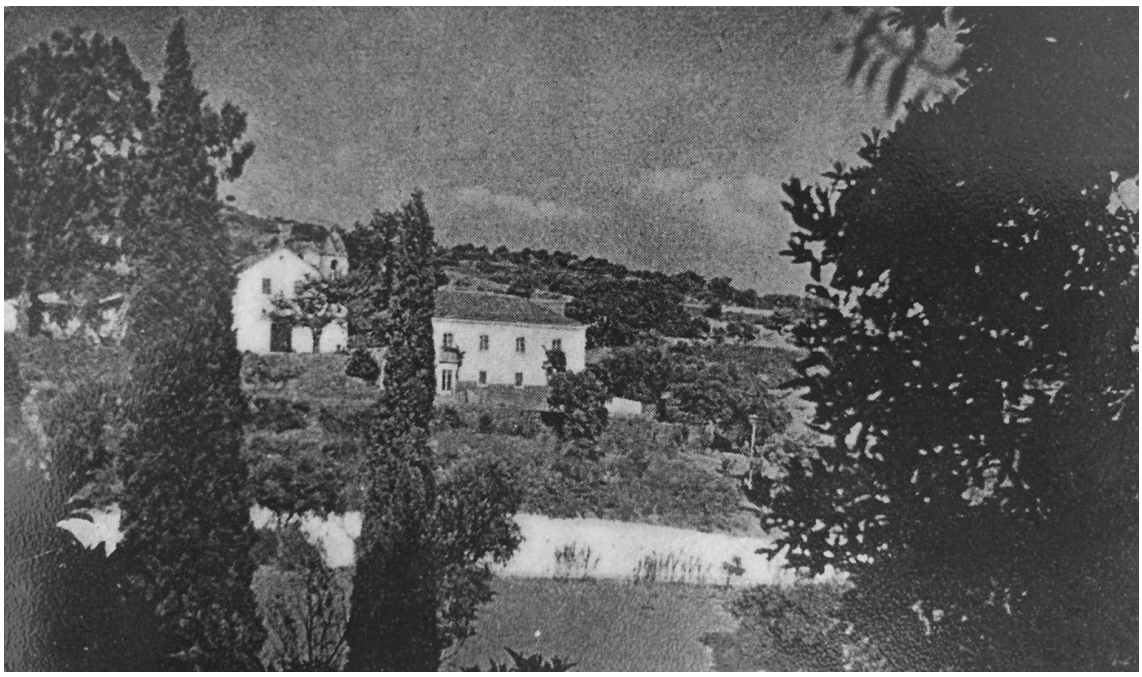
328

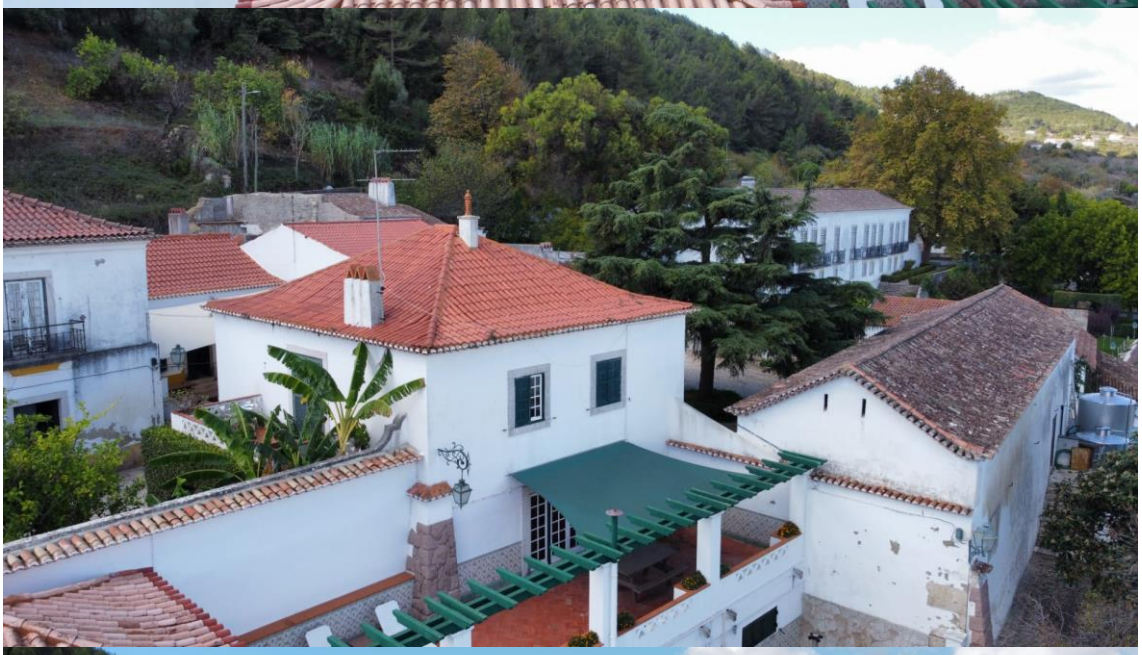

Entrega
316
Paneiro
Q.ta da Vinha
Q.ta da Quintinha
Subserra
Q.ta da Varzea
Q.ta da Marqueza
M.º da Serra
Monte Gordo
S. Fernando
140
Alberto
E
Pedrosa
Aldeia
Q.ta do Duque
Sobralinho

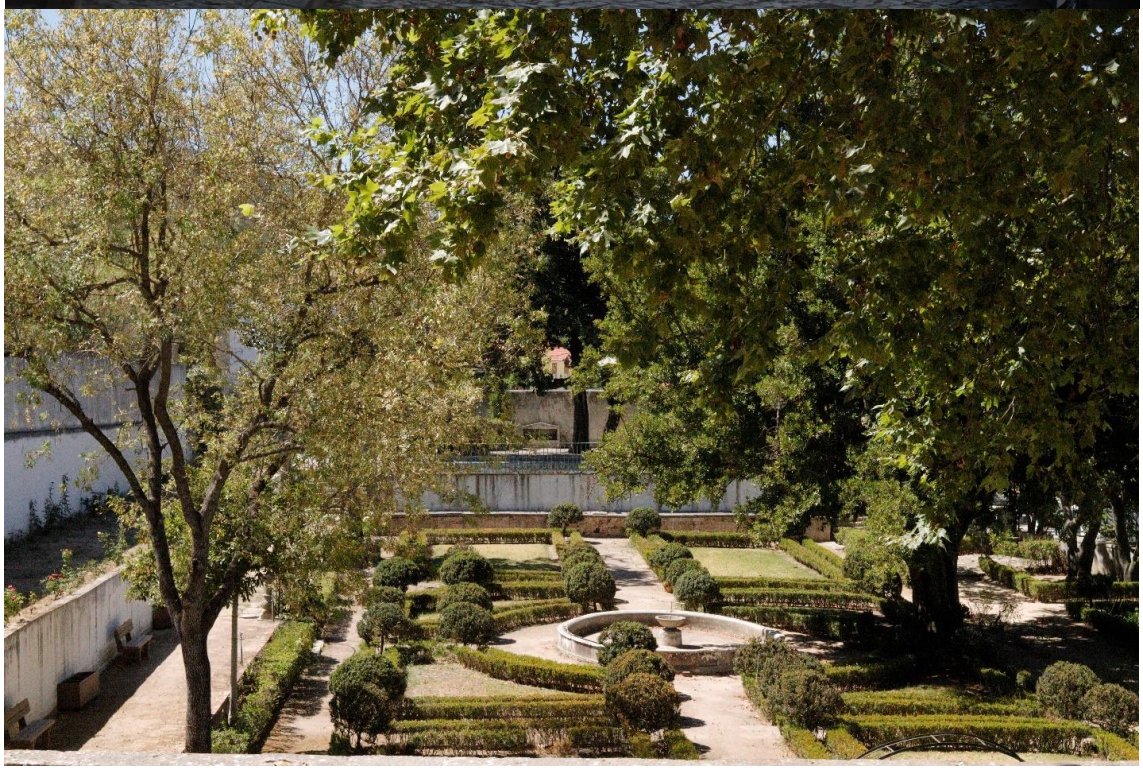

A-dos-Matos
Adanaia
Pardieiro
MOURÃO
do-Mourão
Loureira
S. Marcos
C. dos Álamos
A-dos-Melros
Sub-Serra
S. João dos Montes
A-dos-Loucos
Escola de Marinheiros
Q.ta do Paraíso
Alhandra
Terras de Baixo
Fábrica de Cimento Tejo
Calhandriz
Mato da Cruz
Sobralinho
Q.ta da Gadelha
Esteiro do Vinagre
ALCAMÉ
Pousada d
Charneca
Q.ta da Portela
Areena
de Rei
A-dos-Potes
Alverca
do Ribatejo
Mouchão de Alhandra
SERVES
Cerdelha do Ruivo
Alfarrobeira
Cruz
S.ta Olaia
Boca da Lapa
Aerodromo
Cabo de Vilalonga
M. das Garças
Mouchão

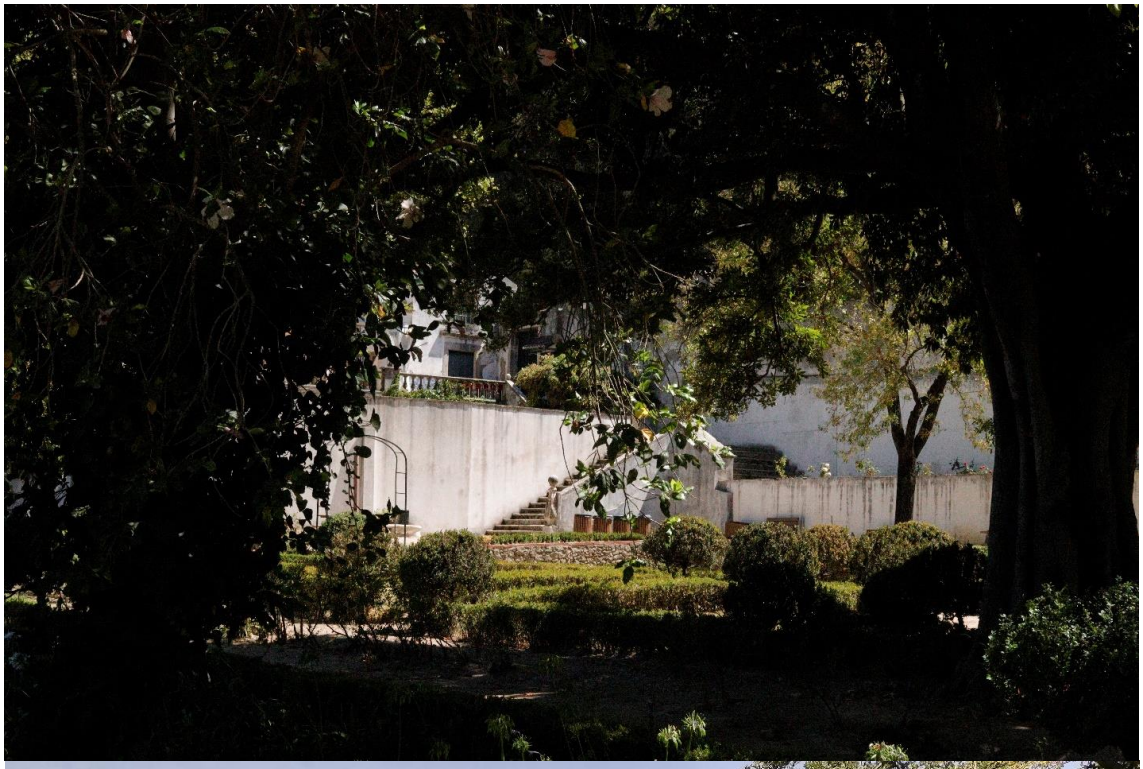












# 05 Reabilitar Paços e Quinta Nobres, Projetar no Património: Quinta Subserra

# Reabilitar Paços e Quintas Nobres, Projetar no Património: QUINTA SUBSERRA

Análise e propostas de requalificação da turma MIArq5B com os Professores José Aguiar e Pedro Pacheco

© 2020/2021
Vol 1 Setembro | 2020/2021

FACULDADE DE ARQUITECTURA UT LISBOA, Rua Sá Nogueira, 1349-055 Lisboa, Portugal

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida em qualquer forma ou por qualquer meio eletrónico ou mecânico (incluindo fotocópia, gravação ou armazenamento e recuperação de informações) sem a permissão por escrito dos editores.

Este livro dividido em três partes, resulta da compilação dos trabalhos dos alunos do 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura ( turma B - Unidade Curricular Laboratório de Projeto VI - 1º Semestre), com regência do Professor José Aguiar e do Professor Pedro Pacheco

Elementos do Grupo

Cristiana Coruche 20161032
Guilherme Vieira 20171352
Gonçalo Amaral
Laura Mendes 20201021

Contribuições
Camara municipal de Vila franca

# INDICE


**LIVRO I**

**TEMAS DE ANÁLISE**

***HISTÓRIA E ICONOGRAFIA***
Texto histórico e cartografias

***EDIFICIOS HISTÓRICOS***
Fotografias do patrimonio

***TERRITÓRIO E PAISAGEM***
Mapas e Deseinhos sintezados

***DESENHO***
Desenhos com o território

***ARQUITETURA***
Desenhos das estruturas e edificios

**LIVRO II**

**CASOS DE ESTUDO**

***QUINTA***
Descrição simples

***QUINTA***
Descrição simples

***QUINTA***
Descrição simples

***QUINTA***
Descrição simples

**LIVRO III**

**PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO**

***PROPOSTA DE GRUPO***
Desenhos e mapas

**LIVRO IV**

**PROPOSTAS INDIVIDUAIS**

***TEMA***
Cristiana

***TEMA***
Guilherme

***TEMA***
Gonçalo

***TEMA***
Laura

# LIVRO I

***HISTÓRIA E ICONOGRAFIA***
Texto histórico e cartografias

**As Linhas de Torres**

Um sistema militar defensivo constituído por três linhas defensivas, que teve como base fortificar pontos colocados no topo das colinas para controlar os caminhos de acesso à capital. Contava com 152 obras militares quando concluído, tornando-se assim o sistema de defesa mais eficaz da história militar.

“Depois desta segunda invasão, o comando das tropas luso-britânicas compreendeu a necessidade de construir várias fortificações que formassem uma linha de defesa da capital do reino, no caso de se verificar uma nova invasão das tropas francesas.

Seriam assim edificadas, por ordem de Wellesley, as Linhas de Defesa de Lisboa, ou Linhas de Torres, um conjunto de 152 fortificações que se estendia por cerca de 80 quilómetros, distribuídas entre Torres Vedras e o rio Tejo, e que asseguravam a defesa da costa atlântica e a do estuário do rio.

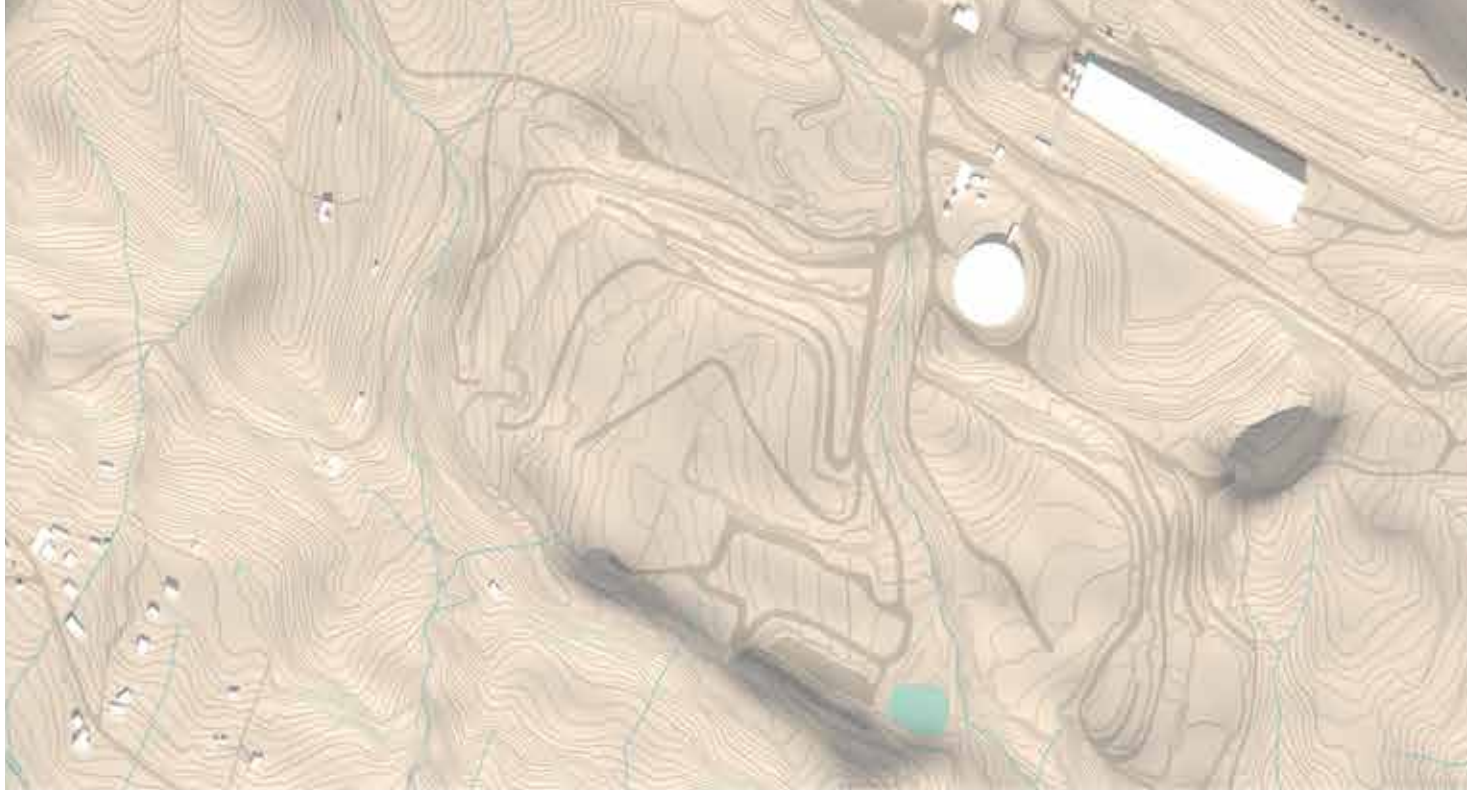
“Estes fortes eram estruturas de pequenas dimensões que se desenvolviam em planimetria poligonal, circundada por um fosso seco, albergando poucas peças de artilharia e tendo capacidade para companhias que não excediam os 300 homens. A sua implantação aproveitava os obstáculos naturais da região, e entre as diversas fortificações foram construídas estradas militares, que asseguravam não só a comunicação e mobilidade entre aquelas, mas também mantinham aberto o caminho para o mar, no caso de ser necessária uma retirada das tropas inglesas.

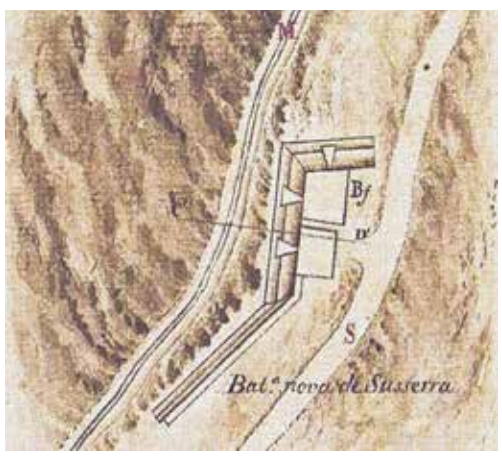
As estruturas foram divididas por três linhas principais, que atravessavam diversos concelhos. A 1.ª Linha iniciava-se na foz do rio Sizandro, em Torre Vedras, estendendo-se até Alhandra, a 2.ª linha ligava Ribamar a Póvoa de Santa Iria, mais concretamente à zona que viria a chamar-se posteriormente Forte da Casa, a 3.ª linha completava um perímetro em volta das zonas de praia junto à foz do rio Tejo, numa área de 3 quilómetros entre o Forte de São Julião da Barra e Paço de Arcos. Existia ainda uma 4.ª linha na margem sul do Tejo.

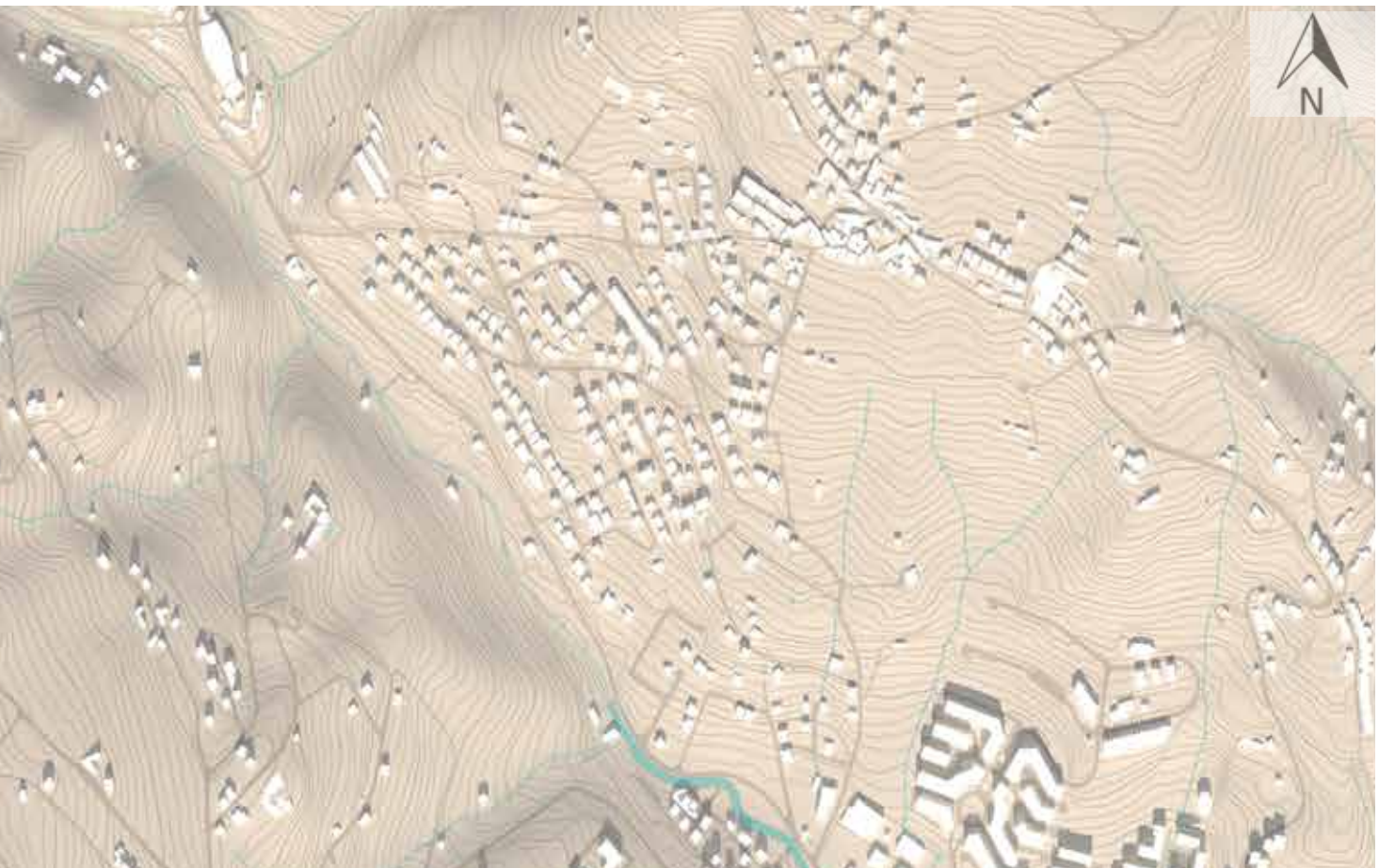
Na realidade, este sistema adaptava os princípios de fortificação abaluartada a uma disposição em linha, para uma melhor adaptação à topografia da região circundante à cidade de Lisboa, sendo considerado o mais eficiente sistema de fortificações de campo da história da arquitectura militar.

Erigidas de forma sigilosa e com a ajuda das populações locais, as Linhas de Torres permitiram que em Outubro de 1810 as tropas luso-britânicas usassem o factor surpresa como determinante para a derrota do exército francês, quando este invadiu pela terceira e última vez o território português sob os comandos do marechal Massena.”

Catarina Oliveira








Bateria Nova de Subserra | Obra Militar nº 114B

É uma bateria militar de defesa, que integrava na 1ª Linha de defesa de Torres Vedras. O seu objetivo era, em conjunto com as canhoneiras, defender de flanco o ataque à Bateria de São Fernando e cruzar fogo com a artilharia do Forte nº114 (Forte Primeiro da Subserra). Composta por escarpa, contraescarpa e canhoneiras, esta está construída a 195 metros de altitude e protege a estrada que liga Arruda a Alhandra.

Forte Primeiro de Subserra | Forte nº114

É uma pequena estrutura de formato pentagonal constituída por terra e capeada a pedra que integrava na 1ªLinha da Defesa das Linhas das Torres Vedras.
Composto por uma peça de calibre 6, duas peças de calibre 9, três canhoneiras e uma guarnição para cem homens. Tinha como objetivo defender de flanco o ataque à Bateria de São Fernando (Forte nº4) e cruzar fogo com a Bateria Nova de Subserra.

Forte Segundo de Subserra | Forte dos Sacos - Obra nº115

Está localizado a sudoeste de São João dos Montes, ao norte do Jardim Municipal José Álvaro Vidal.
Forte construído a 264 metros de altitude, que funcionava como reduto de flanqueamento da frente escarpada de Alhandra e concebido para uma guarnição de cem soldados.

Casal da Entrega - Obra nº 116

Situado a noroeste da quinta da Subserra. A poucos kilometros do segundo forte da Subserra.

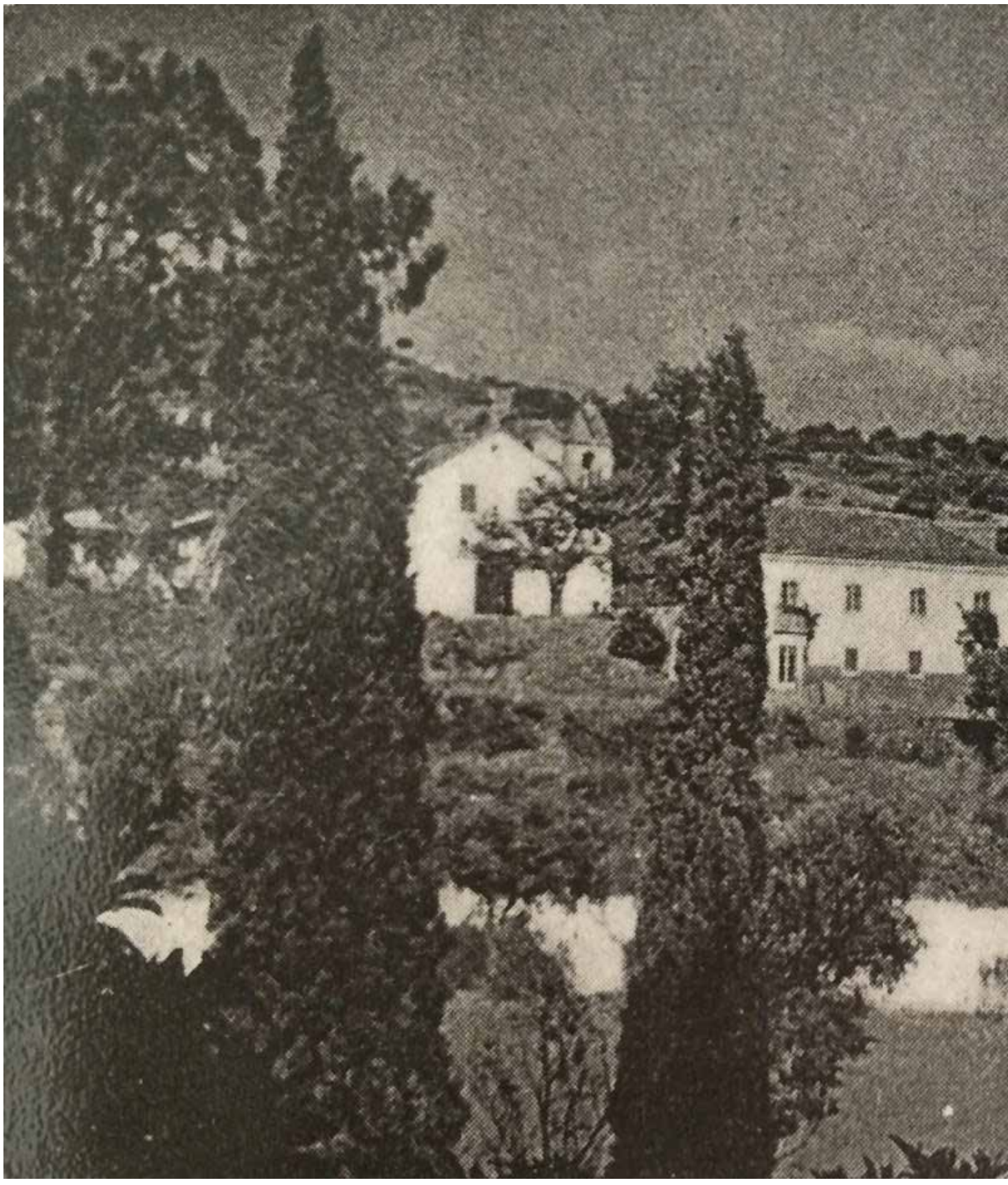
Cartografias dos fortes e da Bateria, retiradas no Site dos percurosos das linhas de Torres da Camara municipal de Vila Franca de Xira.

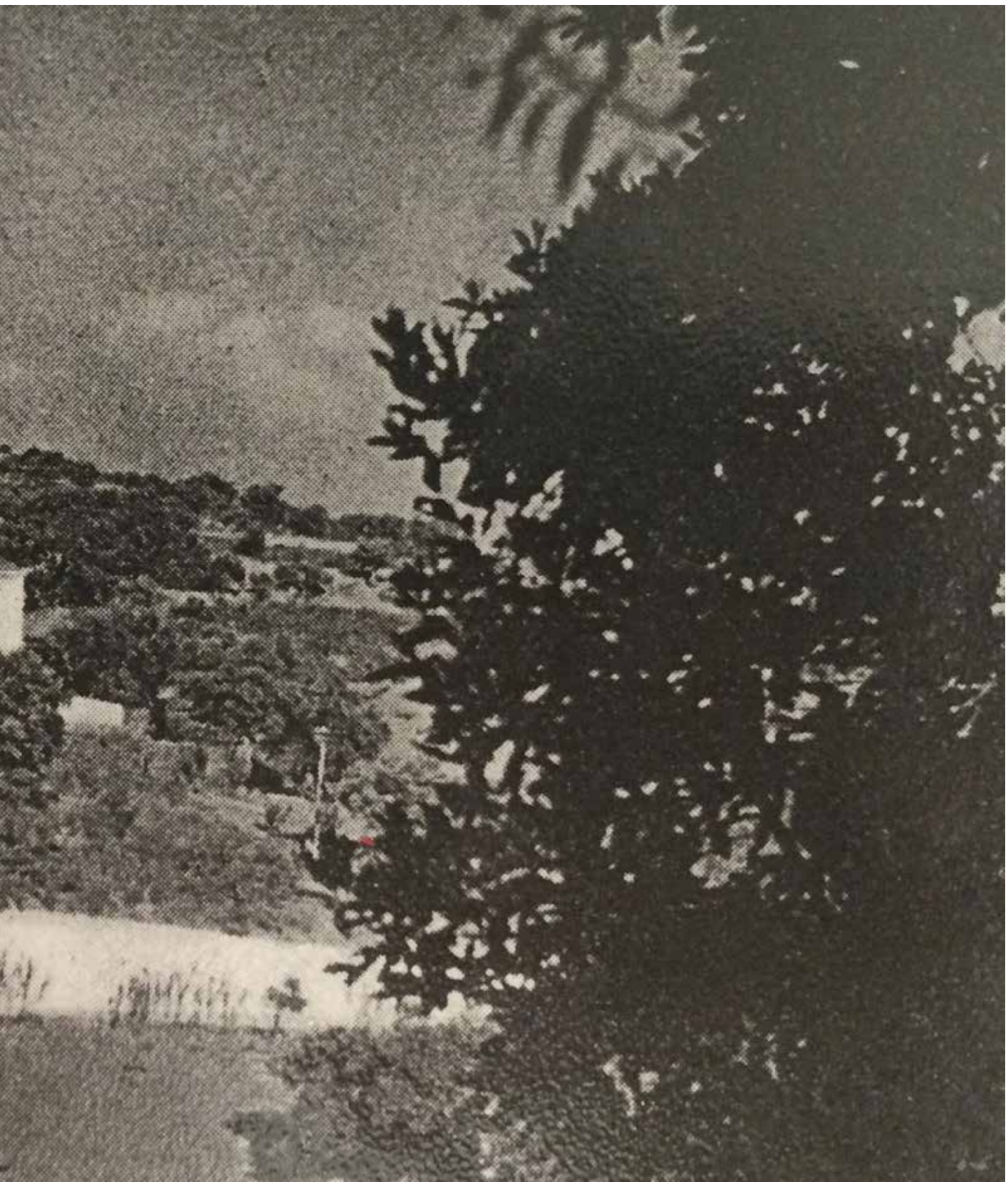
**Quinta da Subserra localizada na freguesia do Sobralinho, concelho de Vila Franca de Xira, Portugal**

A história da Quinta de Subserra é, durante mais de três seculos, a história de um morgadio e dos seus seguintes proprietários, ou seja, de um vínculo de uma classe nobr. Sabemos quem foram os senhores e os seus descendentes, quando nasceram e faleceram, com quem casaram, os seus nomes e os seus feitos.

“He este lugar o mais fresco que quantos o tejo ue por que de todas as partes esta cercado de arvores de fruito principalmente das de Espinho as quais estando verdes todo o anno o fazem parecer isento das injurias do tempo, as outras fruitas de Verão se colhem nesta terra de melhor sabor e perfeição que quantas se conhece em Europa. Nasce isto da bondade das agoas que arrebentando da serra regao abundantemente estes pomares e do sobejo della que pelas mais corre se faz hu grande tanque que serve para limpeza de todo o lugar. He este sítio saníssimo, e, não morrem os homens nele senão de muy larga idade” – Palavras de Manuel Severim de Faria, novembro de 1609.

Os Severins tinham solar na povoação da Subserra desde o princípio do século XV, quando, após a conquista de Ceuta, o fidalgo francês Pero Severim fora recompensado por D. João I com uma grande extensão de terras na região da Subserra. No início do seculo XVII várias famílias nobres possuíam quintas no lugar: Jácomes, Morais, Pedrosas, Pretos, Távoras e Pegados. A abundância de água, a excelência dos ares e a variedade que tem de design e paisagem eram certamente razões de peso na instalação de casas nobres no lugar. Em 1633, seculo XVII, Capitão Diogo da Veiga, um rico homem regressando da India, fundou a capela de S. José, dando início á “Quinta de Subserra”, que é continuada pela sua filha D. Barbara de Vasconcelos, (em 1680 mandara construir o palácio de São severino) e por um sobrinho desta, D. João Roxas de Azevedo. Deste período é a capela de S. José aumentada e com os seus azulejos seiscentistas e a tela pintada a óleo por Bento Coelho da Silveira, um pintor régio. Ainda na mesma capela se encontram os túmulos de D. João roxas de Azevedo e de sua esposa D. Maria Josepha de Contreras.

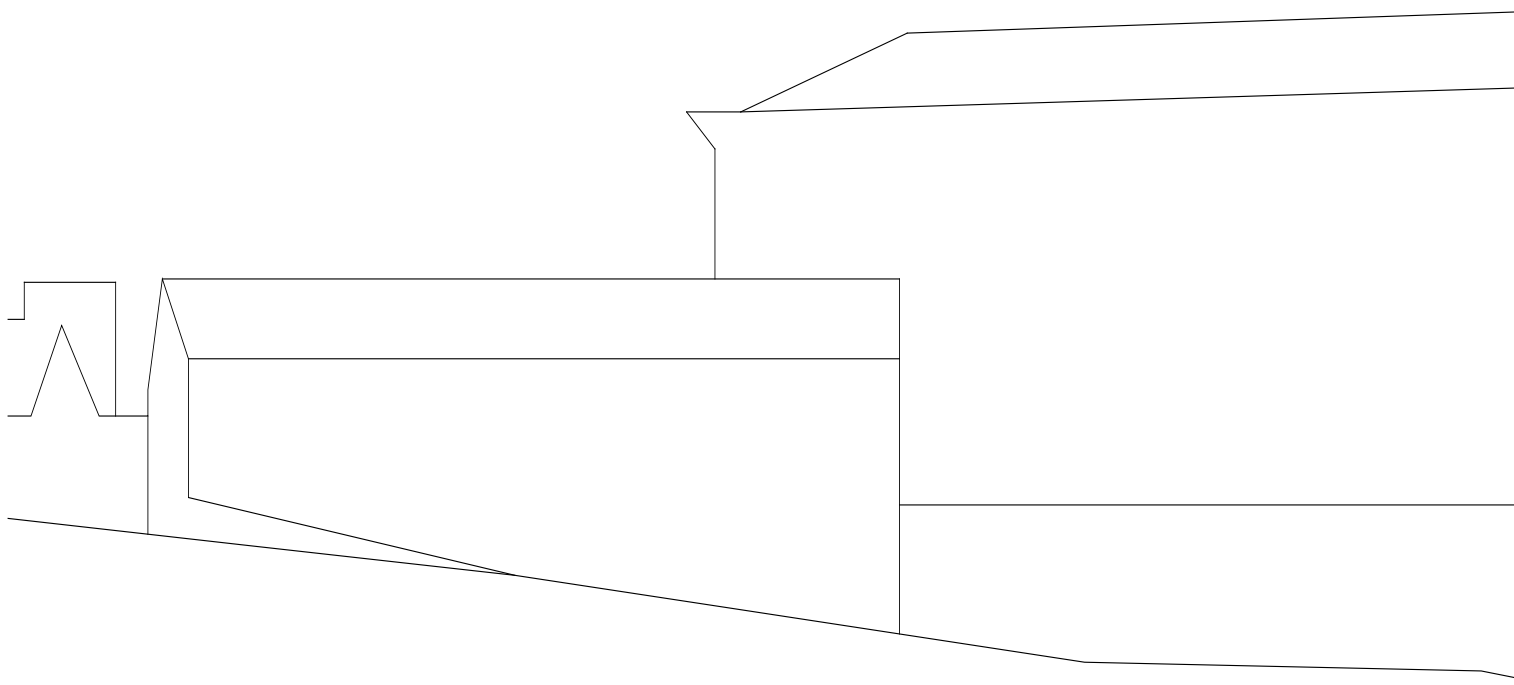




Prosseguindo a propriedade do morgadio nos seus variados descendentes, que através de casamentos, se ligam a outras casas nobres, surge-nos no início do seculo XIX, a "Quinta de Subserra" nas mãos de D. Isabel de Lemos e Roxas casada em segundas núpcias com Manuel Inácio Martins Pamplona. Regressados a Portugal em 1821 após o exilio motivado pelas simpatias napoleónicas do General Pamplona, reedificam a capela e palácio, este consideravelmente arruinado desde o terramoto de 1755. Uma lapide colocada sobre a fonte em frente a entrada do palácio, atesta o restauro dos imoveis da Quinta.

O seculo XIX será ainda o tempo das marquesas de Bemposta e Subserra – D. Maria Mância de Lemos Roxas Carvalho Teixeira Valnia (1804 - 1881) e a sua filha D. Maria Isabel de Lemos Roxas Saint Leger (1841 – 1920) – sendo a quinta um ponto de convívio da alta nobreza do tempo e objeto de visitas régias. A propriedade sofre alguns melhoramentos e arranjos, nomeadamente os jardins já existentes, a gruta dos embrechados, o tanque dos peixes os pombais e a estrada de acesso á quinta.

Nos finais do seculo XIX era a Quinta de Subserra a única casa de vulto no lugar, tendo as outras casas nobres entrado em decadência ou ruína. – "Foi outrora Subserra importante povoação muito habitada de fidalgos, que aqui tinham as suas casas e de homens de poucos moradores." – Lino de Macedo em 1839. A casa dos Severins depois dos Manueis, condes de Vila Flor, que fora o primeiro solar da localidade era já nesse tempo também uma lembrança. Com a morte da Marqueza de Rio Maior, em 1920, Bemposta e Subserra, sem descendência, a propriedade vai para o seu sobrinho Jose Luis de Almeida, 6º Marques do Lavradio. Entrada em decadência, a quinta é vendida e passa sucessivamente por vários proprietários durante o nosso seculo: Pierre Benoist, Silva Araújo e João Guedes de Sousa, sendo a este último que se devem alguns arranjos nos jardins e sobretudo na azulejaria exterior que é quase totalmente colocado no seu tempo. Em 1980 a Camara municipal de Vila Franca de Xira compra a Quinta de Subserra, tornando publico um património precioso do nosso concelho a que tem sido dado os necessários restauros e cuidados, simultaneamente com uma utilização por parte da população.



1633 — Fundação da Capela de São José, por Capitão Diogo da Veiga.

1680 — Dª Barbara Vasconcelos mandou construir o Palácio

1694 — Morre Dª Maria josefa de Contrevas

1697 — Venda de uma vinha por Grancisco Joorge Mora e Silvestre Pereira

1704 — Morre Dº João de Roxas Azevedo

1755 — Terramoto de Lisboa

1779 — Morre Dº João de Roxas Azevedo

1780 — Século XVIII - S. João Roxas e Azevedo manda construir os jardins e a rua ladeada de estátuas.

1820 — Reconstrução da Casa da Quinta, por D. Manuel Pamplona e D.ª Isabel de Roxas.

1821 — Reedificação da Capela e do Palácio após serem destruídos pelo terramoto de Lisboa em 1755.

1823 — Construção da estrada que liga a Quinta da Ponte à Quinta da Subserra, a mando de D. António Sousa.

1891 — Melhoramentos e arranjos na propriedade, como nos jardins, na gruta, no tanque dos peixes e pombais, e na estrada de acesso à quinta.

1895 — Reestruturação do jardim e colocação da azulejaria exterior por João Guedes de Sousa

1920 — Jardim convertido num pomar de ameixoeiras, após as invasões francesas

1940

1941 Melhoramentos pelo proprietário Pierre Benoist.

Obras gerais de consolidação e restauro no palácio, pelo proprietário João Guedes de Sousa. 1947 Reestruturação dos jardins e colocação de azulejos exteriores, no antigo tanque dos peixes – atualmente a piscina.

Projeto de reconstituição do jardim por Francisco Caldeira Cabral. 1950

manutenção e recuperação, transformaram-se duas casas existentes na quinta numa camarata com capacidade para 34 pessoas, e num refeitório, para 40 pessoas 1980 A quinta é adquirida pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, que executou obras de conservação, restauro e de recuperação do jardim pelo Arquiteto Paisagista Fernando Graça, obras de drenagem.

construção de um ringue polidesportivo e á recuperação da piscina

Acabamentoos em reboco, pintura de interiores com tinta de agua - palacio 1986

1987 Colocação de ladrilhos no pavimento das instalações sanitárias no piso superior da camarata e assentaento do piso terreo.

Restauros exteriores, nas fachadas 1989

1992 procedeu-se á reflorestação da zona da serra, atras da quinta com o apoio do Plano de Ação Florestal

Produção e criação de vinho, sendo que era de baixa qualidade 2000

2008 iniciado processo de renovação, com a plantação da 1.ª fase da nova vinha.

apoio de uma equipa multi disciplinar nas áreas de Viticultura, Enologia e Comunicação. 2015

2017 plantada a última fase da nova vinha.
produzidos cerca de 20.000L de vinho

Abertura da loja dos vinhos. Venda e Prova dos vinhos da Quinta. 2020

**Figura 1 Cartografia de 1859 (fornecida pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira).**

Esta figura representa a cartografia de 1859, que demonstra a envolvente e a localização da Quinta da Subserra. Visto que os acessos nesta zona são escassos existe uma dispersão na localização das várias quintas envolventes. A Quinta aproveita o declive para o abastecimento de águas.

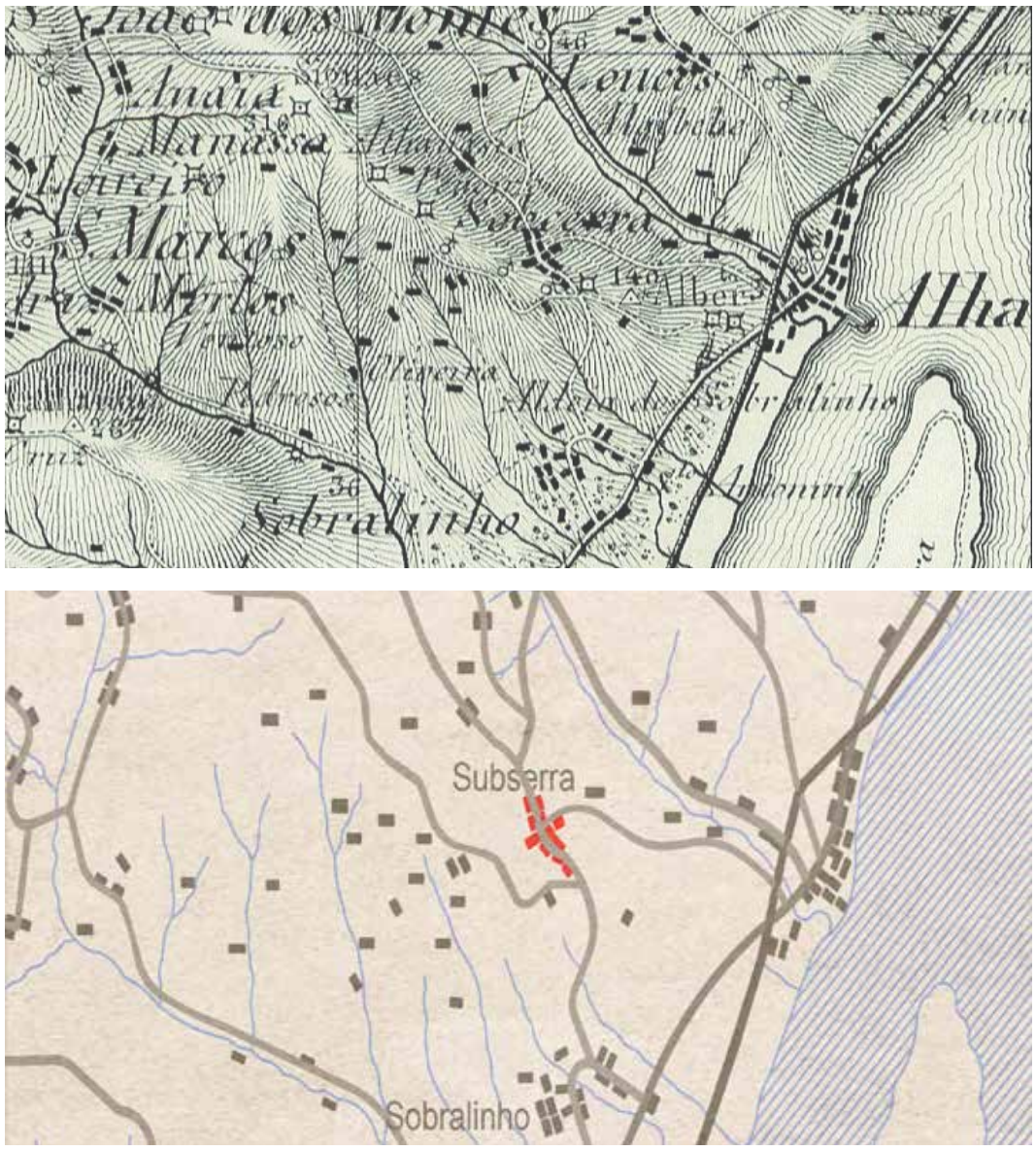
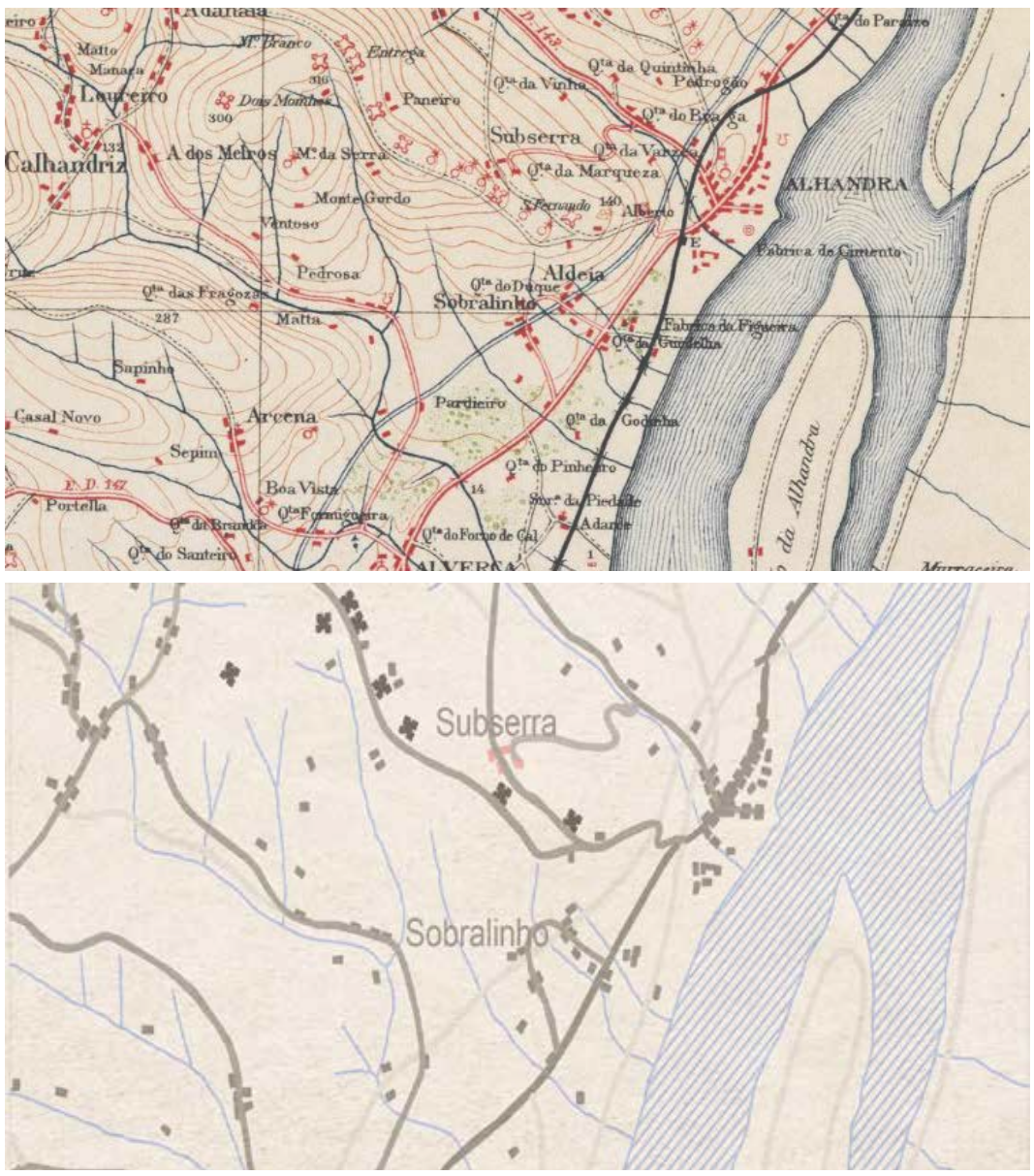



**Figura 2 Cartografia de 1903 (fornecida pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira).**

Há uma reformulação urbana na zona, onde se cria vias de acesso concentrando as várias zonas habitáveis em consonância com os acessos viários construídos. Muitas das quintas da imagem anterior deixam de ser habitadas até 1903. Em comparação com a imagem anterior, na figura 2 verifica-se uma evolução edificada da Quinta da Subserra.



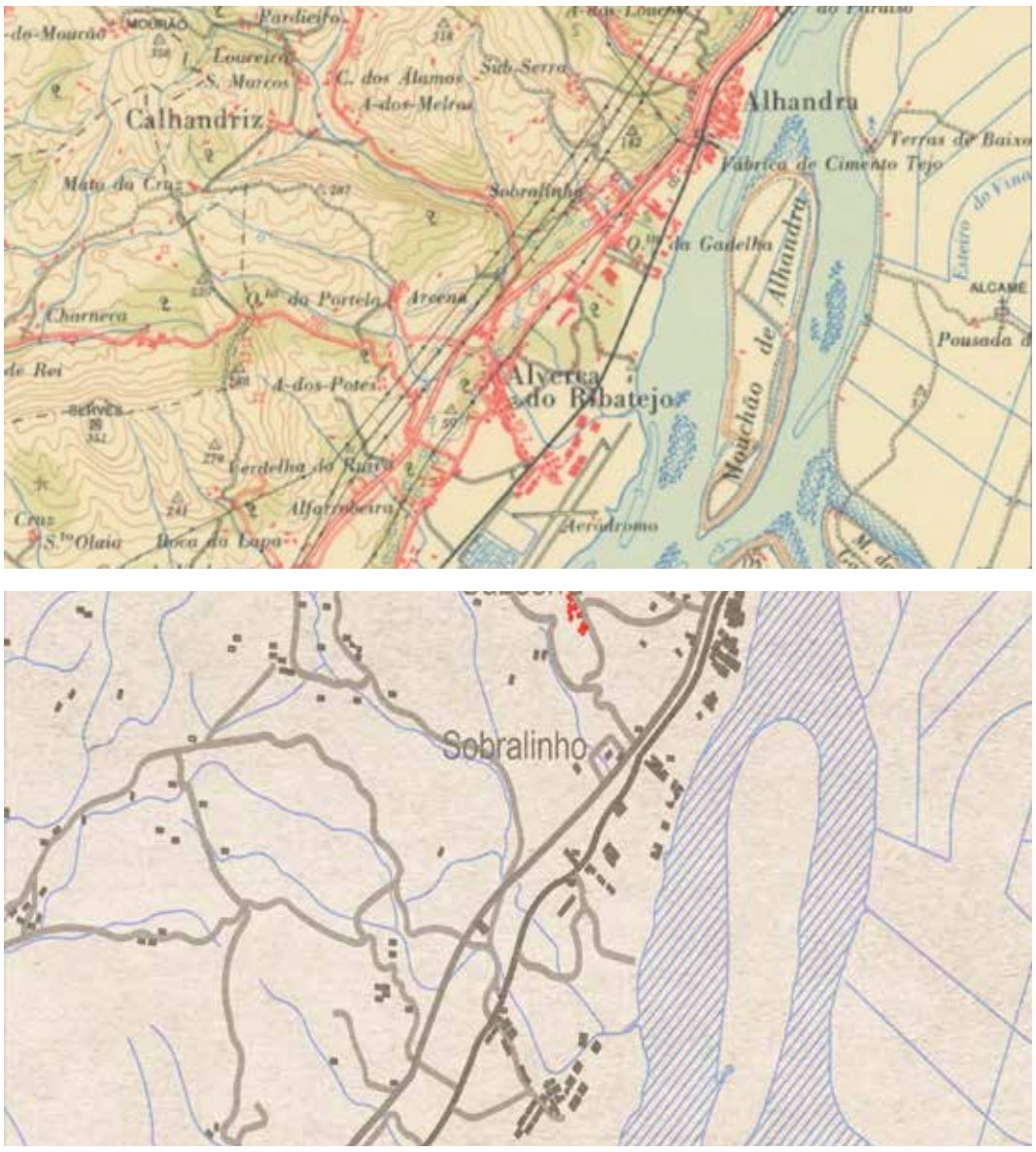



**Figura 3 Cartografia de 1970 (fornecida pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira).**

Verifica-se uma diminuição de habitação nos vales e um aumento significativo da construção perto da linha do rio.

A expansão da quinta aparenta continuar.

As linhas de acesso viárias mantêm-se até 1970.

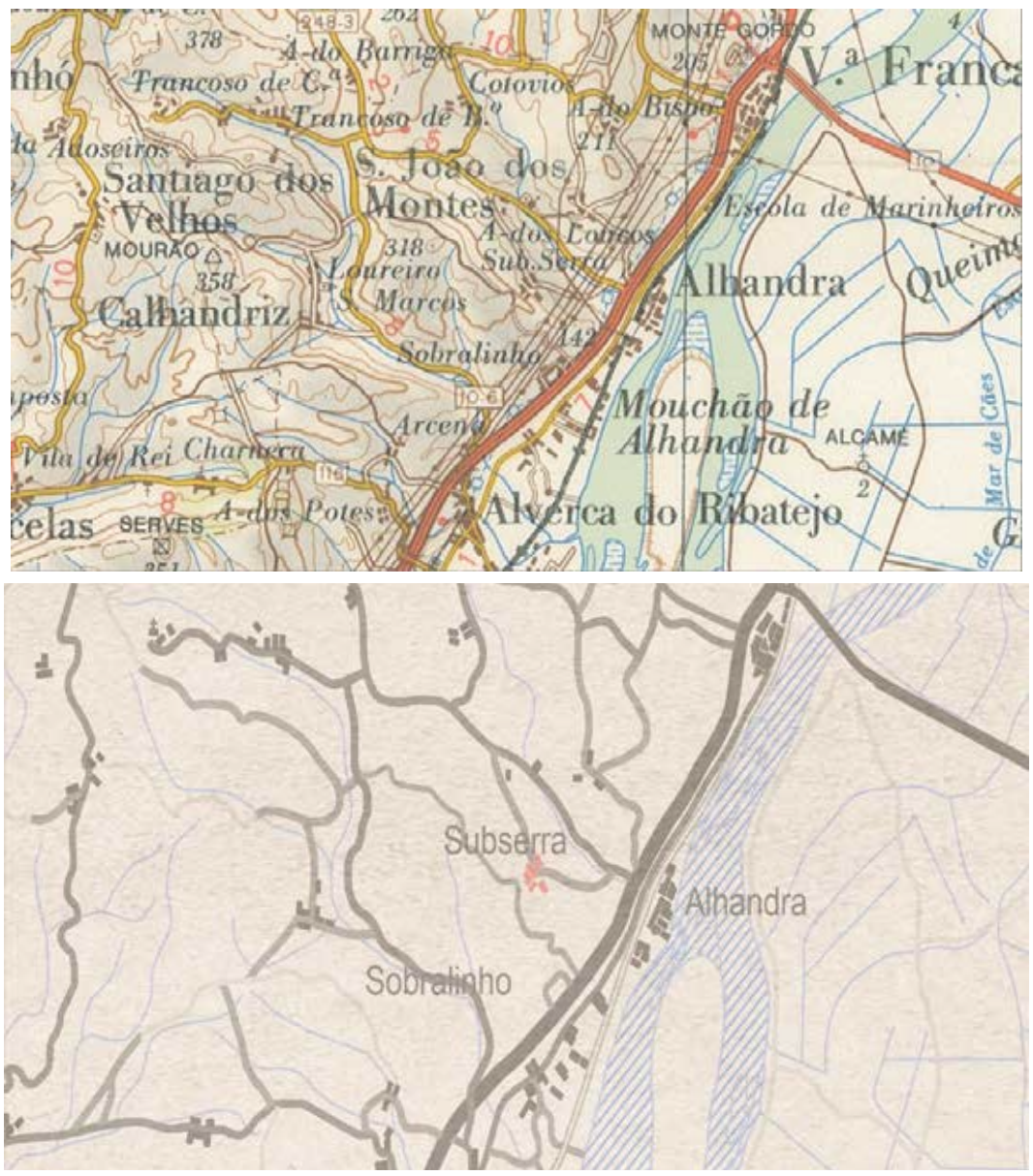



**Figura 4 Cartografia de 1974 (fornecida pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira).**

Melhoria dos acessos viários e mantêm semelhante a concentração habitacional como na imagem anterior.

Com estas alterações urbanas e melhorias viárias, a Quinta da Subserra acaba por ficar mais isolada, tornando-se, assim, das poucas quintas que ainda se mantém ativa.

# LIVRO I

***EDIFICIOS HISTÓRICOS***
Fotografias do patrimonio

SEC. XVII

SEC. XVI I- SEGUNDA METADE

SEC. XVIII

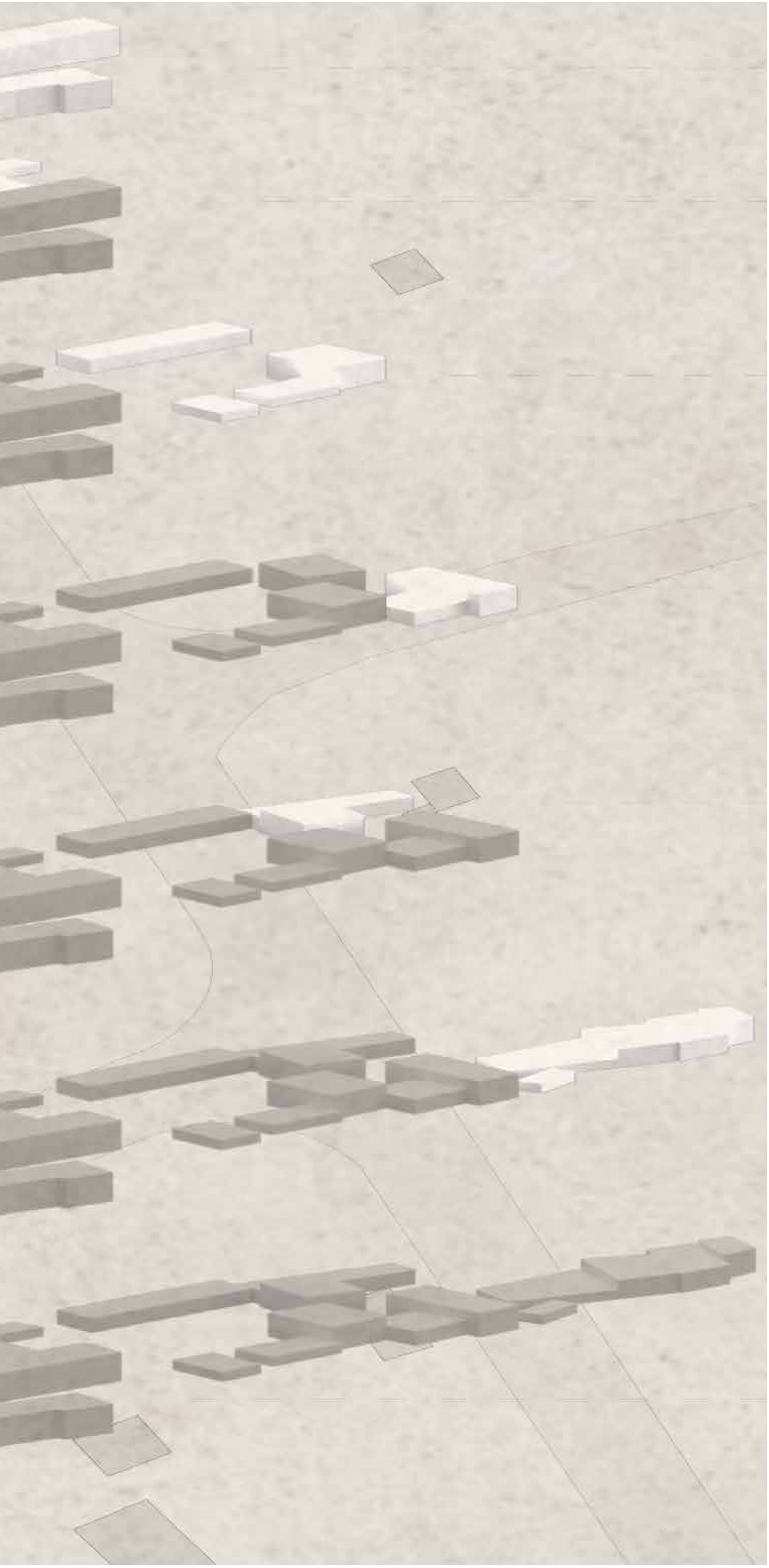
SEC. XIX

SEC. XIX- SEGUNDA METADE

SEC. XX

Planta Atual da Quinta

**EVOLUÇÃO DOS EDIFICIOS AO LONGO DOS TEMPOS**



**PROPRIEDADE E INTERVENÇÕES NO PATRIMÓNIO DA QUINTA**

"Adquirida pelo Município em 1980, a Quinta municipal de Subserra tem constituído desde então, e após um continuado esforço de recuperação do seu património e melhoramento do nível de qualidade das condições existentes, um importante apoio ao desenvolvimento de ações no âmbito socio – cultural, a par de uma atividade agrícola significativa. Sala de visitas acolhedora e digna, tem servido de pano de fundo a grande parte das iniciativas da camara municipal, designadamente as que se prendem com grupos de idosos, desportistas, jovens e crianças, bem como artesãos ou visitantes no âmbito das geminações do município havendo ainda a referir aspetos tao diversos como receções oficiais, filmagens, reportagens fotográficas de casamentos e encontros culturais, alguns de carater nacional. Desde abril de 1988 depois de recuperada a estrutura inicial já existente, encontra-se em funcionamento uma piscina, aberta durante o verão. O campo polidesportivo inaugura-se na mesma data permite a prática de variados desportos. Desde a data em que foi adquirida pela Autarquia uma das ações a que se deu a maior importância foi a da reabilitação da função agrícola da quinta. Atualmente, para alem dos viveiros de arvores e flores, destaca-se a produção de mais de 20000 litros de vinho tinto e branco…"" – Edição camara municipal de vila franca de xira – Departamento De economia e turismo ano 2000

Fotografias - Autoria dos autores do livro

Desde a aquisição da Quinta por de parte da Camara Municipal, em 1980, que a grande preocupação da camara municipal foi a recuperação das instalações existentes e a adaptação de outras, de molde a proporcionar boas condições de ocupação, maioritariamente de jovens e idosos. Assim, para alem de diversas obras de manutenção e recuperação, transformaram-se duas casas existentes na quinta numa camarata com capacidade para 34 pessoas, e num refeitório, para 40 pessoas. Procederam ainda á construção de um ringue polidesportivo e á recuperação da piscina, com instalação de equipamento para tratamento de águas, o que permitiu a sua abertura, não só aos utentes da Quinta, mas também á população de todo o concelho de vila franca de xira. Do ponto de vista do agrícola, mantiveram-se as culturas tradicionais existentes de quando adquiriram, destacando-se a produção de vinho, fruta diversa, em especial a uva de mesa, etc… Em 1992 procedeu-se á reflorestação da zona da serra, atras da quinta com o apoio do Plano de Ação Florestal. A Quinta é principalmente utilizada por grupos de idosos do Concelho, atras dos intercâmbios, que ali desfrutam uma semana de ferias anualmente. É também utilizada por grupos jovens e coletividades que aproveitam para realizarem estágios desportivos, acampar na zona do bosque, usufruir da piscina publica, e criar novas atividades na Quinta, bem como por delegações que visitam o Concelho. A Quinta de Subserra é também muito procurada para a realização de casamentos civis e reportagens fotográficas. – Edição camara municipal de vila franca de xira – Departamento De economia e turismo ano 2000

Fotografias - Autoria dos autores do livro

**ZONA EDIFICADA DA QUINTA**

A Quinta da Subserra foi fundada no século XVII, sempre com proprietários ligados à nobreza, é constituída por um solar, pela Capela de São José (no seu interior encontram-se azulejos seiscentistas e a tela do altar-mor, pintada a óleo por Bento Coelho da Silveira), instalações de carácter agrícola (adega e celeiros), jardins (com traçado geométrico), uma casa de fresco e uma fonte rocaille (grande interesse artístico). Estes azuleijos são da autoria de Bento Coelho da Silveira foi um pintor português, tendo sido um dos mais conceituados artistas portugueses do século XVII. Foi nomeado Pintor Régio de D. Pedro II em 1678. As suas obras são maioritariamente pintadas a óleo sobre tela, material inovador no século XVII, por influência italiana. Albert Haupt, em 1912, refere que os seus trabalhos são "maneiristas e espontâneos". A quinta da subserra é caracteriza por uma planta irregular, onde na cota superior se encontra a casa, o jardim formal e a piscina. Descendo até ao limite da propriedade existe uma plantação desordenada de laranjeiras, separada por uma vedação, encontra-se outra plantação de pessegueiros e macieiras. A acompanhar o caminho de acesso à quinta estão plantados eucaliptos.  A casa de planta em U, contém três pisos e é constituída pelo solar e por anexos acrescentados na fachada posterior. A partir do pátio, temos acesso a uma passagem que une a casa aos anexos – ao mesmo nível que o segundo piso da casa -, também temos acesso a um terraço - ao nível do primeiro andar – orientado a sudoeste. A partir dos extremos deste terraço, obtemos acesso ao jardim formal. A área construída da quinta está integrada numa vasta área agrícola, implantada ao longo do eixo vertical, onde se identificam 4 espaços distintos: Jardim de buxo articulado; Um terraço guardado na grade de pedra, com uma escada reta no final; O edifício principal e a capela localizam-se no piso superior, separados por dois pátios de níveis diferentes e ligados por uma escada com uma única camada de talha; A última área, separada do edifício principal, através de uma parede com grades, podemos ver várias estruturas que complementam a fazenda, como impressoras, adegas e casas de trabalhadores.

**Atividades socio culturais**

- Estadias de ferias de idosos, da primavera ao outono
- Passeios e encontros de idosos
- Passeios de crianças
- Ocupação de tempos livres de jovens
- Encontros, reuniões e convívios diversos
- Alojamento de visitantes e delegações
- Acampamentos 4cedencia para casamentos, fotografias, etc...
- Apoio a diversas atividades municipais

**Atividades agrícolas**

- Produção de vinho tinto e branco
- Produção de aguardente bagaceiro
- Produção de uva de mesa
- Produção de fruta diversa, batata, citrinos, pomares, etc...
- Viveiros de arvores e flores
- Animais de capoeira

– Edição camara municipal de vila franca de xira – Departamento De economia e turismo ano 2000

Fotografias - Autoria dos autores do livro

CAPELA

Ordenado a construção como já vos disse, por Capitão Diogo de Veiga e por sua filha D. Bárbara de Vasconcelos e foi reconstruída em 1680, destaca-se no seu interior os seguintes elementos patrimoniais:
Num espaço existe uma placa que podemos observar do lado direito da entrada da capela, no qual são mencionados os vários proprietários;
Noutra zona do interior da capela, os painéis azulejares seiscentistas que cobrem as paredes, designada azulejaria de padrão, característica da produção portuguesa do século XVII;
- Sepultados ainda temos os túmulos de D. João Roxas de Azevedo e sua mulher, D. Maria Josepha de Contreras;
Por fim temos uma tela pintada a óleo pelo pintor Bento Coelho da Silveira.
Esta pintura, realizada certamente no último terço do século XVII, naquele que será o período mais importante da sua produção artística, representa "Os Desposórios da Virgem", ou, se lhe quiserem chamar, "Os Desposórios de São José". Tem uma forma em semicírculo confirma-nos que a obra foi concebida para o local onde o ainda hoje ele permanece, no muro da capela-mor deste edifício. Observamos as figuras dispostas simetricamente - de São José ao centro, da Virgem Maria à direita, e do sacerdote à esquerda, de perfil para o espetador. No canto inferior esquerdo, observa-se uma figura de um pequeno acólito com o círio aceso na mão esquerda e com o braço direito, repete o movimento do sacerdote. Esta figura acentua a profundidade da composição, marcando o eixo que termina nas cabeças dos acompanhantes da Virgem, à direita. Na parte superior, o pintor Bento Coelho desenhou uma glória de anjinhos, dois dos quais se preparam para colocar coroas de flores nas cabeças dos noivos. A pintura mostra assim o momento solene da apresentação pelo sacerdote do anel de noivado. – Edição camara municipal de vila franca de xira – Departamento De economia e turismo ano 2000

Fotografias - Autoria dos autores do livro

PALÁCIO

O palacio foi mandado construido por D. Bárbara de Vasconcelos no mesmo momento que foi a capela em 1680. Este magnífico edifício atualmente corresponde à reconstrução encomendada por D. Inácio Pamplona e sua esposa no século XIX, devido ao terramoto no ano de 1755.

De planta retangular, apresenta 3 pisos um dos quais parcialmente enterrado e apenas visível na fachada principal (traseira), com vãos dispostos de forma irregular.

O piso terreo, ou primeiro piso, tem como entrada principal por de baix da escadaria, um longo corredor percorre os cinco quartos, quatro casas de banho e uma cozinha no fundo.

Já no piso superior, com dois acessos, um atraves da escadaria exterior e outro atraves da escadria interior central. Ao subirmos temos tambem um longo corredor, no qual percorre dois quartos situados ao lado da escada central e quatro grandes saloes, com lareira aberta. No ultimo salão, encontramos uma ligação com um patio coberto no exterior. Todas as divisões contem uma forma sequencial atraves do corredor, estas divisoes citadas em cima, dispõe uma vista previligiada para toda a Freguesia de Subserra até ao rio.

A fachada principal do edificio encontra-se voltada para o jardim, apresenta um conjunto de janelas peitorais, no piso principal, o topo da janela saliente é um varandim, e no fundo existe um porteiro com uma pinha.

Mas atrás, encontramos a entrada de acesso ao palácio. – Edição camara municipal de vila franca de xira – Departamento De economia e turismo ano 2000

Fotografias - Autoria dos autores do livro

**JARDINS**

Os jardins da Quinta de Subserra desenvolveram-se segundo vários patamares, duas costas diferentes.
O Jardim do Buxo, assume claramente as características do jardim de buxo de influência italiana, como era próprio da época, apresentando uma estrutura ortogonal, com lago oval ao centro, este com repuxo em taça, e canteiros delimitados por duplas sebes geometricamente desenhados e posicionados, criando varios caminhos possiveis e agradaveis.
De notar a conversão de um jardim em Pomar de ameixoeiras por um casal de franceses, proprietário da quinta entre 1941 e 1945, bem como o projeto de reconstituição do jardim de Caldeira Cabral, em 1950.
Através do caminho que percorre ao longo deste jardim principal, acedemos a um outro espaço, a uma cota mais elevada, onde poderemos observar um tanque com paisagem magnifica da Subserra.
Este Jardim de Buxo foi dividido em doze canteiros, que delimitam cinco caminhos longitudinais e oito transversais, tendo como peça central um lago oval com repuxo e taça. Junto ao muro – na zona sudoeste – num plano superior - encontra-se um tanque retangular revestido a azulejo policromado em azul, amarelo e branco que foi adaptado para uma piscina. Nesta mesma zona, deparamo-nos com uma construção de dois pisos – semelhante a uma torre – na qual há uma fonte de embrechados assente no seu pano murário.

– Edição camara municipal de vila franca de xira – Departamento De economia e turismo ano 2000

Fotografias - Autoria dos autores do livro

**TANQUE OU PISCINA**

Entre este jardim e a horta temos um muro de suporte com cerca de quatro metros de altura, suportado por contrafortes. Juntos destes, no nível inferior, há um caminho que conduz à casa de fresco, que como a piscina, contém azulejos policromados em azul, amarelo, roxo e branco nas paredes.
Entre a fachada principal da casa e o muro que delimita a propriedade, existe um relvado com jardins namoradeiros revestidos a azulejos com a mesma cromática que o tanque e o interior da casa de fresco.

TANQUE – Mais conhecido na epoca como tanque dos peixes, foi já em meados do século XX, pela ação do seu proprietário João Guedes de Sousa, o seu revestimento azulejar e adaptação a piscina.

FONTE – Trata-se de uma fonte de embrechados com uma taça rocaille assente no pano murário de um edifício de dois pisos (este edificio é o apoio á piscina). A fonte de embrechados relaciona-se com o do “rustic grotto”, que se expande desde meados do século XVI pela França, Inglaterra, Alemanha e Flandres e que irá influenciar mais diretamente a iconografia dos embrechados portugueses.
– Edição camara municipal de vila franca de xira – Departamento De economia e turismo ano 2000

Fotografias - Autoria dos autores do livro

**Gruta dos embruchados ou gruta de fresco**

O termo “embrechado” surge pela primeira vez num dicionário português, no início do século XVIII, sendo relativo a “pedrinhas, conchas, bocados de cristal e de outras matérias com que se fazem rochas e grutas nos jardins”, definição muito precisa que denota o conhecimento do tema da gruta de feição rústica como um dos traços peculiares na construção de jardins. As conchas são normalmente provenientes da costa Atlântica e do mar Mediterrâneo (são vieiras estriadas, conchas lisas de tonalidade róseas, conchas nacaradas e pequenos búzios de cor castanha). As pedras são geralmente calcárias e retiradas das pedreiras da região, por vezes utilizando o basalto nas linhas de contorno. Utilizavam-se ainda vidros coloridos encomendados no estrangeiro, sobretudo em Itália, onde a arte do vidro era objeto de culto; vidros esses que pretendiam sugerir pedras raras, como a obsidiana (rocha vidrada negra de origem vulcânica), ou pedras preciosas ou semipreciosas como as turquesas, ágatas, safiras ou esmeraldas. Entre este jardim e a zona de horta, existe um muro de suporte com cerca de 4 metros de altura, sustentado por contrafortes, paralelamente ao qual temos um outro caminho, que nos permite aceder à casa de fresco, ou gruta de embrechados. – Edição camara municipal de vila franca de xira – Departamento De economia e turismo ano 2000

Fotografias - Autoria dos autores do livro

**Zonas Agricolas, plantações de citrinos e zonas de pomares**

A quinat desde o seu inicio sempre se dedicou á agricultura, diverosos terrenos eramos cedidos para a sua produção. A produçã e a platação agricola, centrou-se em espaços de citrinos e outras zonas ao inicio da quinta para pomares, essencialmente de fruta.

Fotografias - Autoria dos autores do livro

Fotografias : Helder Dias e Mário Saldanha - Para o jornal da Camara Municipal de Vila franca de Xira

Fotografias : Helder Dias e Mário Saldanha - Para o jornal da Camara Municipal de Vila franca de Xira

**Produção Vinular**

A Quinta de Subserra, fundada no século XVII, sempre teve tradição de produção de vinha ao longo da encosta da serra. Porém, quando foi adquirida pelo Município de Vila Franca de Xira, oferecia uma produção irregular e de baixa qualidade, tendo por isso, em 2008, sido iniciado processo de renovação, com a plantação da 1.ª fase da nova vinha, de modo a recuperar a tradição de produção de vinho neste espaço.
No final de 2015, investiram neste projecto de forma mais consistente, contando desde aí com o apoio de uma equipa multidisciplinar nas áreas de Viticultura, Enologia e Comunicação, numa clara aposta na qualidade e na inovação sustentavel do Vinho.
Desde essa data a adega da Quinta de Subserra foi remodelada, foram implementadas novas metodologias de produção vinicular e foi criada a primeira marca de vinhos do Concelho – "Encostas de Xira".
A imagem de marca foi desenvolvida pelo Vasco Gargalo – ilustrador e cartoonista vila-franquense, que alia elementos de tradição e modernidade nos novos rótulos em qualquer produto pertendido.
Já em 2017 foi plantada a última fase da nova vinha. Uma produção está assente em oito parcelas de vinha de castas brancas - ARINTO, FERNÃO PIRES e MOSCATEL e de variedades tintas - CASTELÃO, TOURIGA NACIONAL (2), TOURIGA FRANCA e SYRAH, numa vinha virada a nascente, uma meia encosta da Denominação IGP-Lisboa.

"Esta colheita teve como base todas as castas de solos argilo-calcários com rendimentos abaixo de 8000 l/ha, garantindo vinhos tintos de maceração prolongada em lagares, e com uma intensidade cromática de vermelho rubi onde se alia um nariz de frutos pretos intensos de cereja fresca. Na boca os vinhos são elegantes e sendo os taninos longos e finos. Nos vinhos brancos mantém-se a elegância e uma frescura das castas em predominância e um final de boca macio, redondo e com retrogosto." - Site Da Camara Municipal de Vila Franca de Xira \ Gastronomia

Fotografias - Autoria da camara Municipal de Vila Franca de Xira

**Produção agricola**

Em 1992 procedeu-se á reflorestação da zona da serra, atrás da quinta com o apoio do Plano de Ação Florestal.
A Quinta de Subserra é principalmente utilizada por grupos de idosos do Concelho, atras dos intercâmbios, que ali desfrutam uma semana de ferias anualmente. É também utilizada por grupos jovens e coletividades que aproveitam para realizarem estágios desportivos, acampar na zona do bosque, usufruir da piscina publica, e criar novas atividades na Quinta, bem como por delegações que visitam o Concelho. A Quinta de Subserra é também muito procurada para a realização de casamentos civis e reportagens fotográficas.

A produção na Quinta era de Laranjas, Oliveiras, Vinha, Maçeeiras, cerejeiras e bananeiras. Sendo que algumas destas produçoes desapareceram com o tempo, e com a passagem do mandato da Quinta para a Camara municipal de Vila Franca de Xira, o planeamento que se esta a decorrer, é na avaliação dos solos para voltar a cultivar estas arvores de fruto, algumas já estao vincadas em terrenos, outras ainda esta a prepatrar o solo para ser suficentemente fertil para as plantações, devido a cada arvore ter uma necessidade diferente.

Imagens simplesmente ilustrativas retiradas do google.

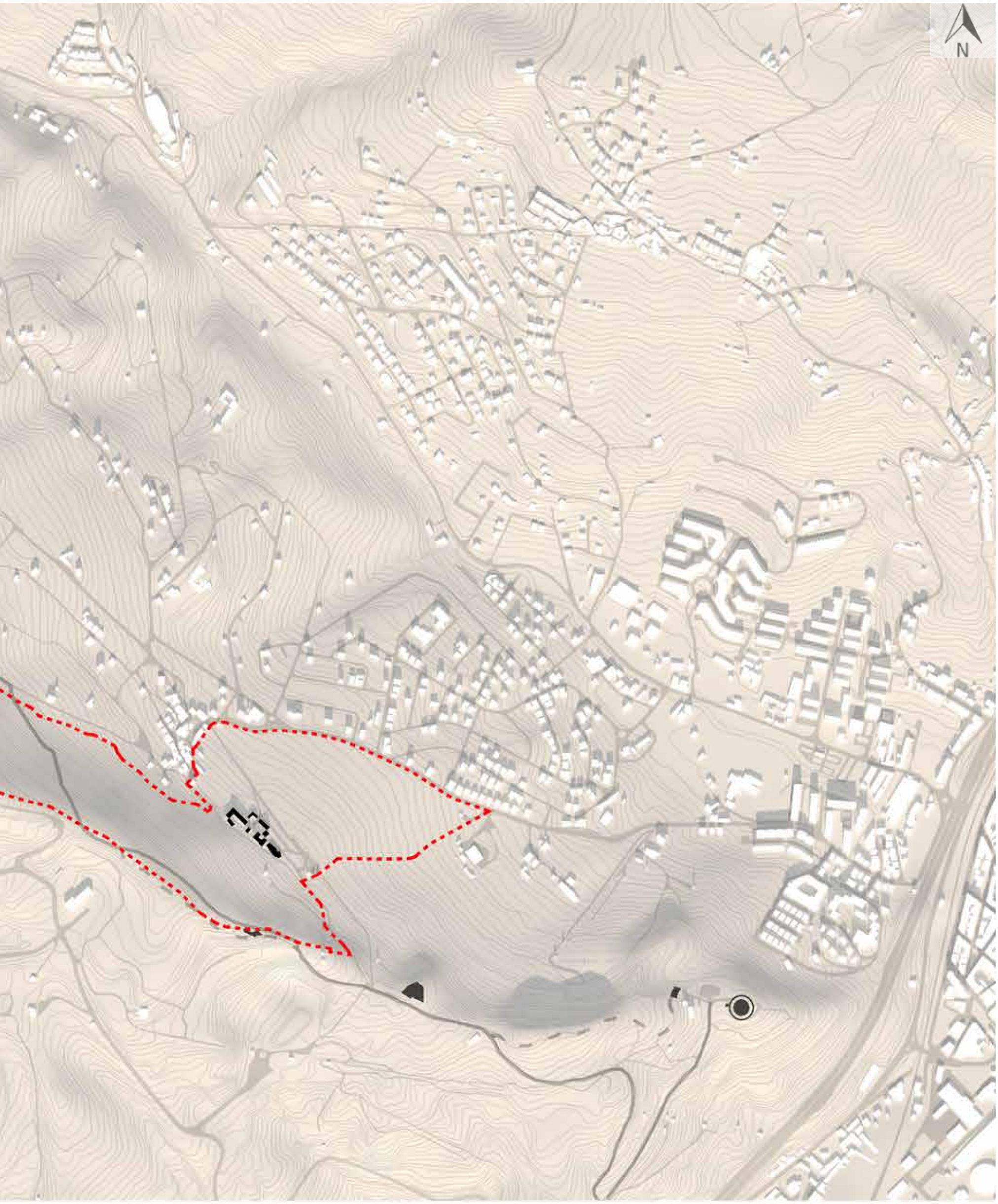
# LIVRO I

***TERRITÓRIO E PAISAGEM***
Mapas e Deseinhos sinteza-dos

**Mapa de Localização com as linhas de torres**

Limite da Quinta

Linha de torres




Escala 1:7500

**Mapa Rodoviária e Vias**

Quinta Subserra

Vias rodoviárias

Sistemas terciários

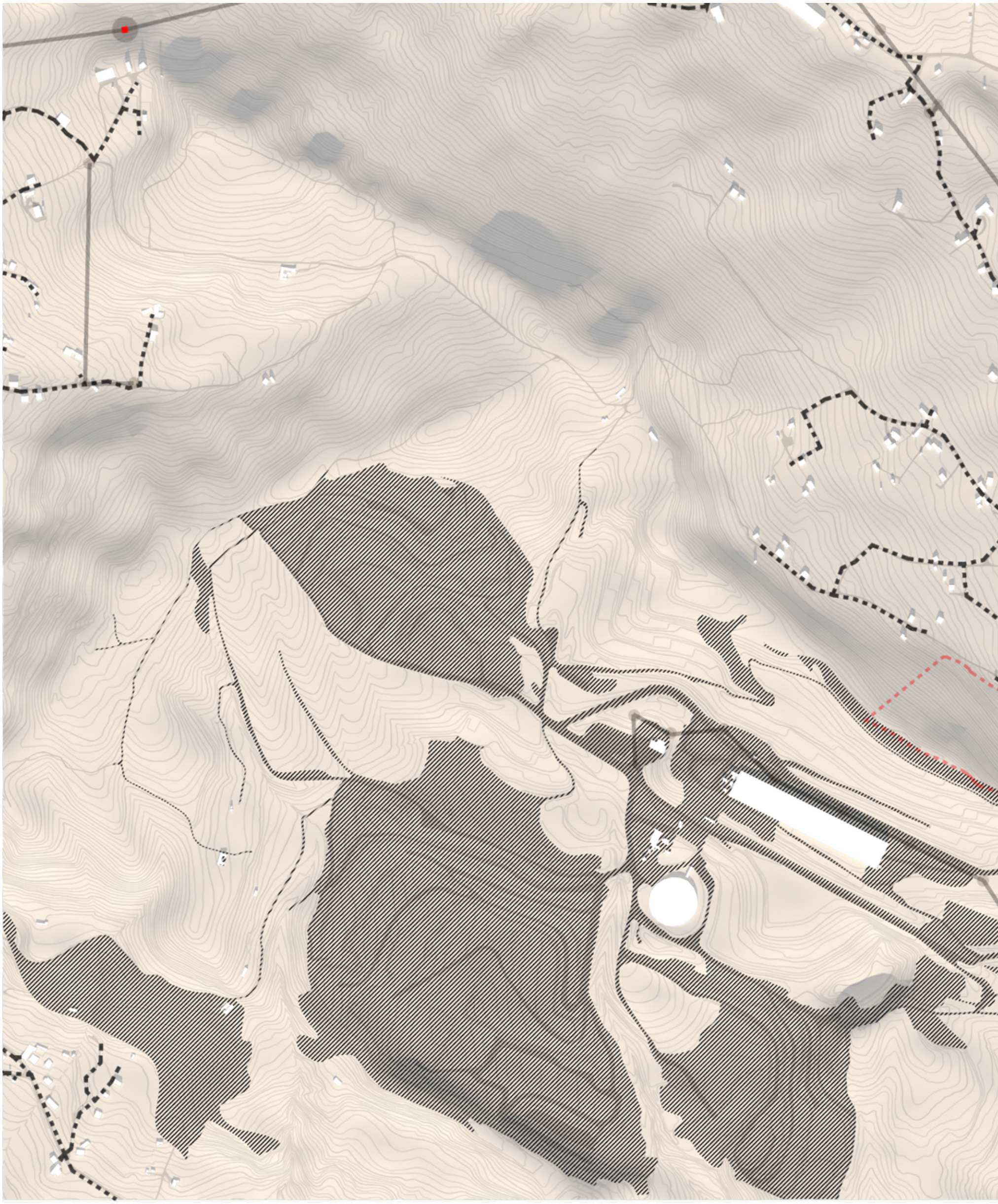
Sistemas Secundários

Sistemas Primários

Ssitemas Terciários (planeados)

Sistemas secundários (planeados)

Escala 1:7500

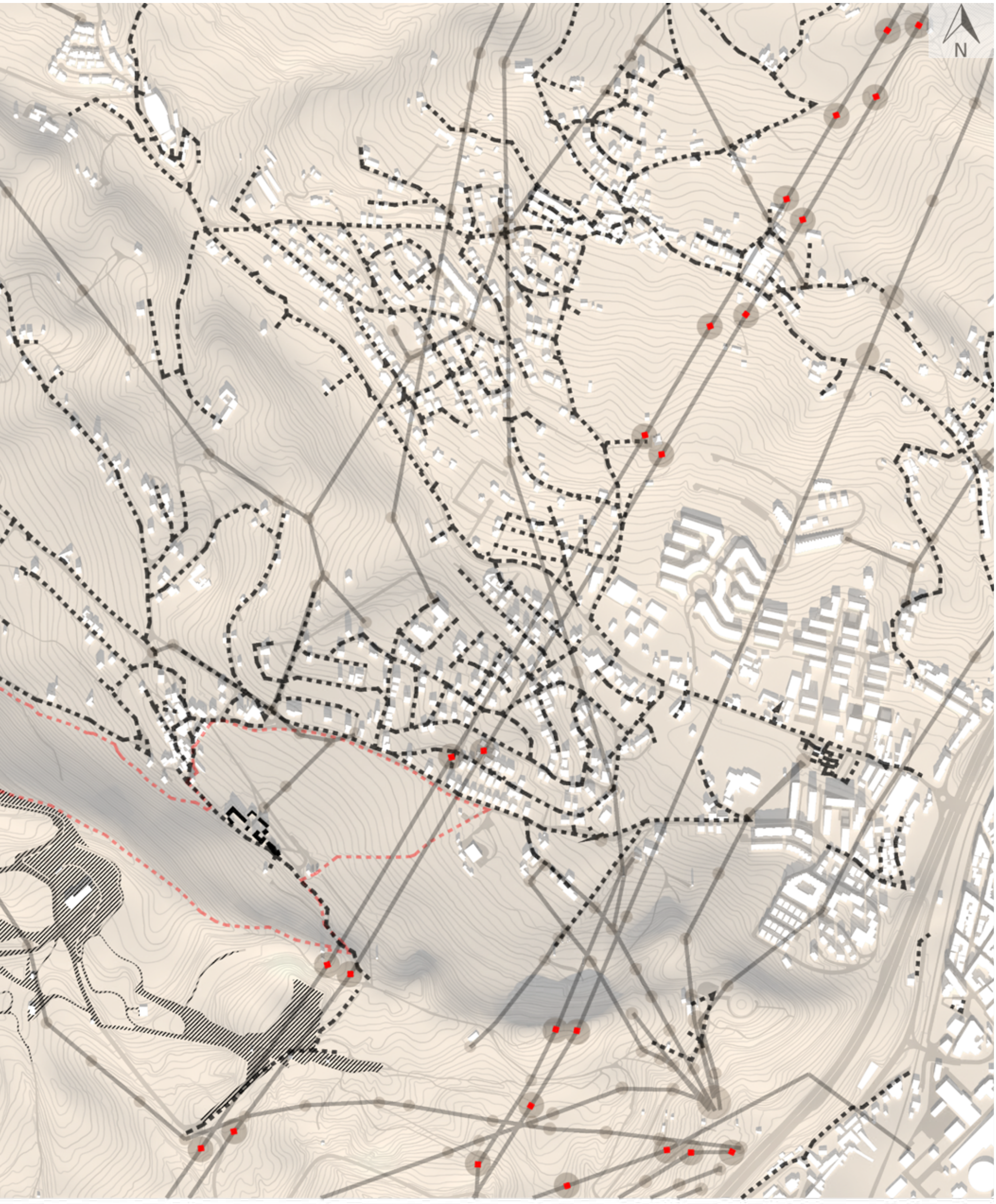


**Mapa de industria extrativa e redes eletricas**

Quinta Subserra

Postes eletricos de Alta Tensão

Cabos eletricos de Alta Tensão




Area Extrativa

Curvas de Nivel

Escala 1:7500

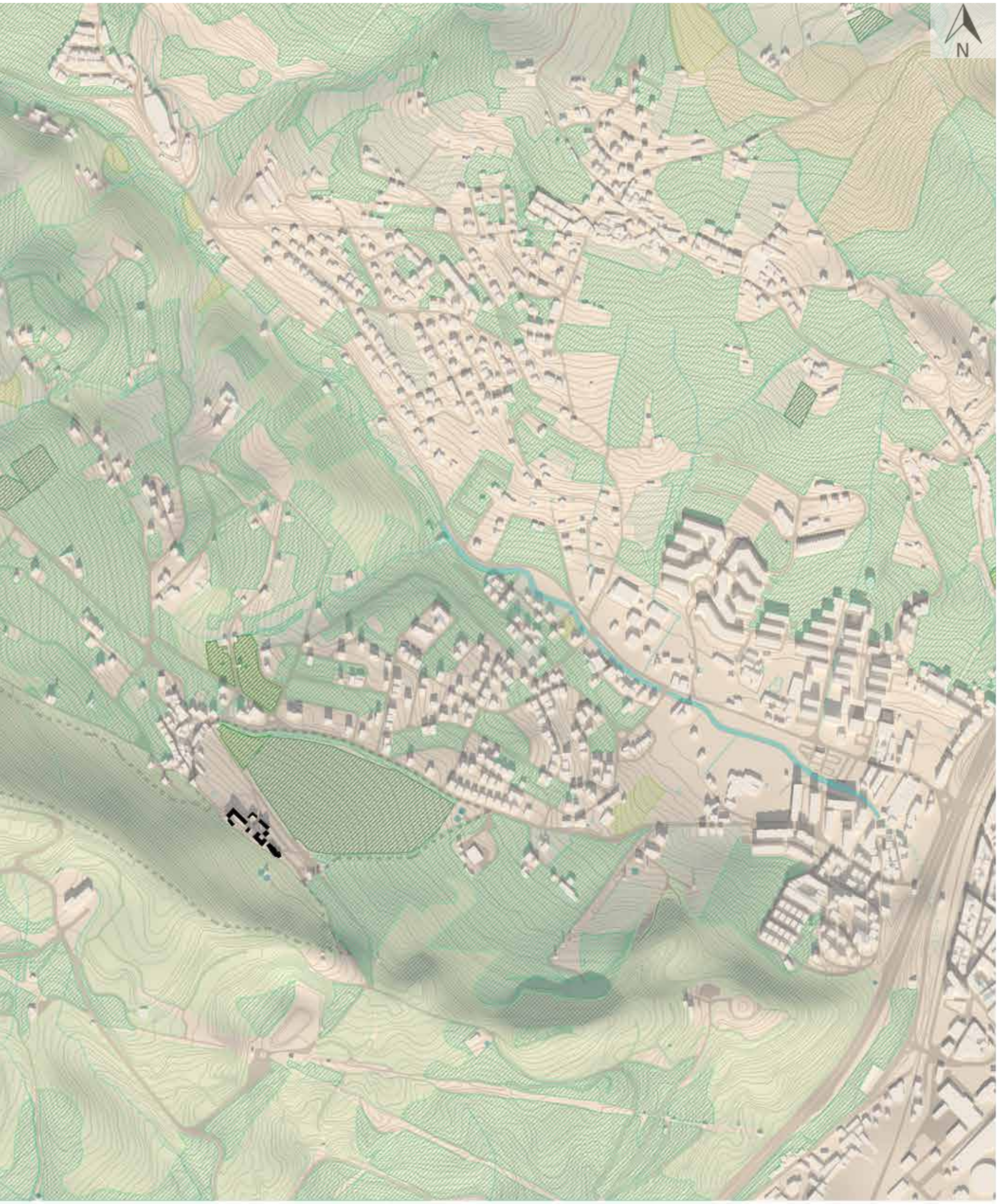
**Mapa Zonas verdes**

Quinta Subserra

Olivais

Vinhas

Pinheiros

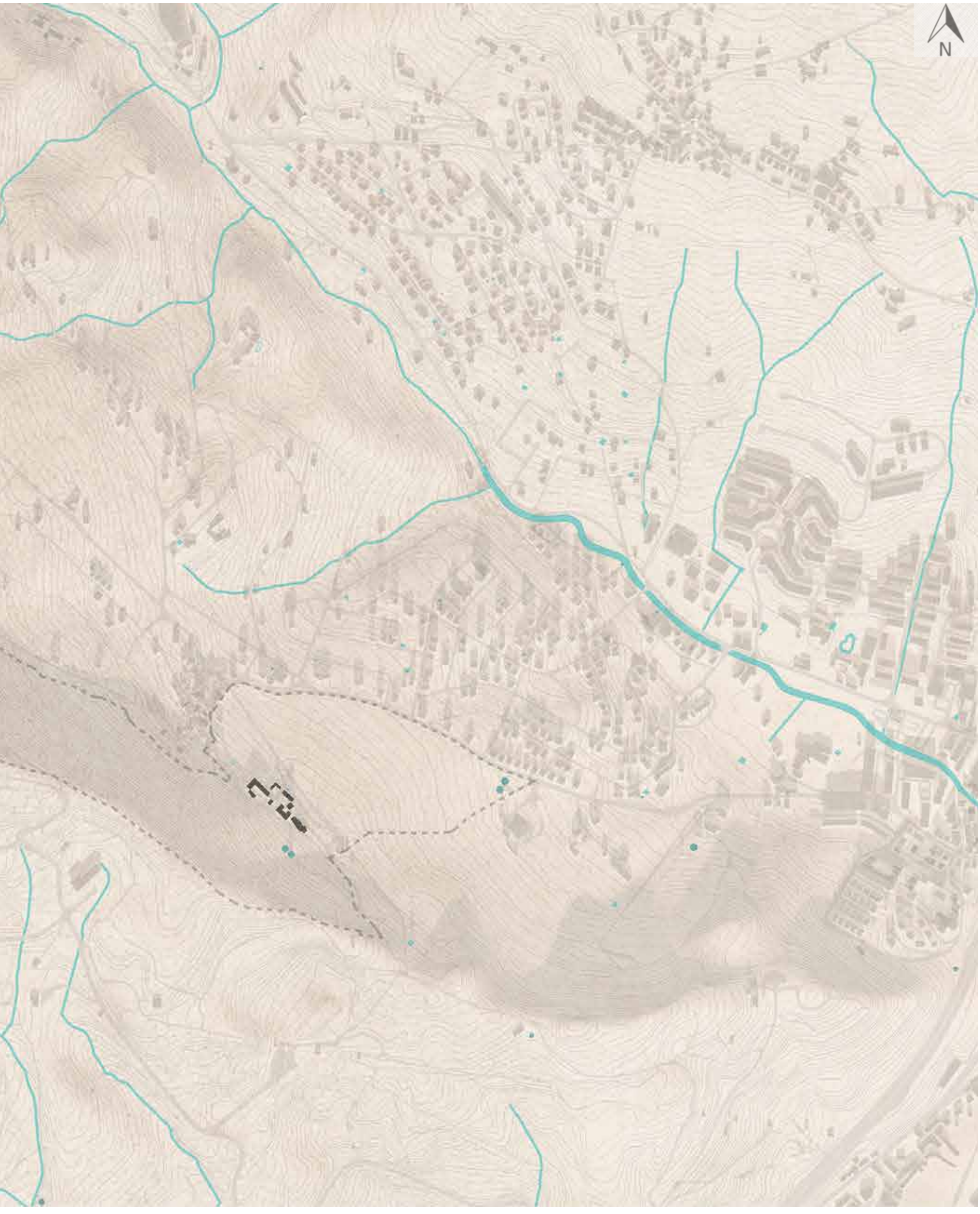



Pomares

Eucaliptos

Escala 1:7500

**Mapa Linhas de água**




Escala 1:7500

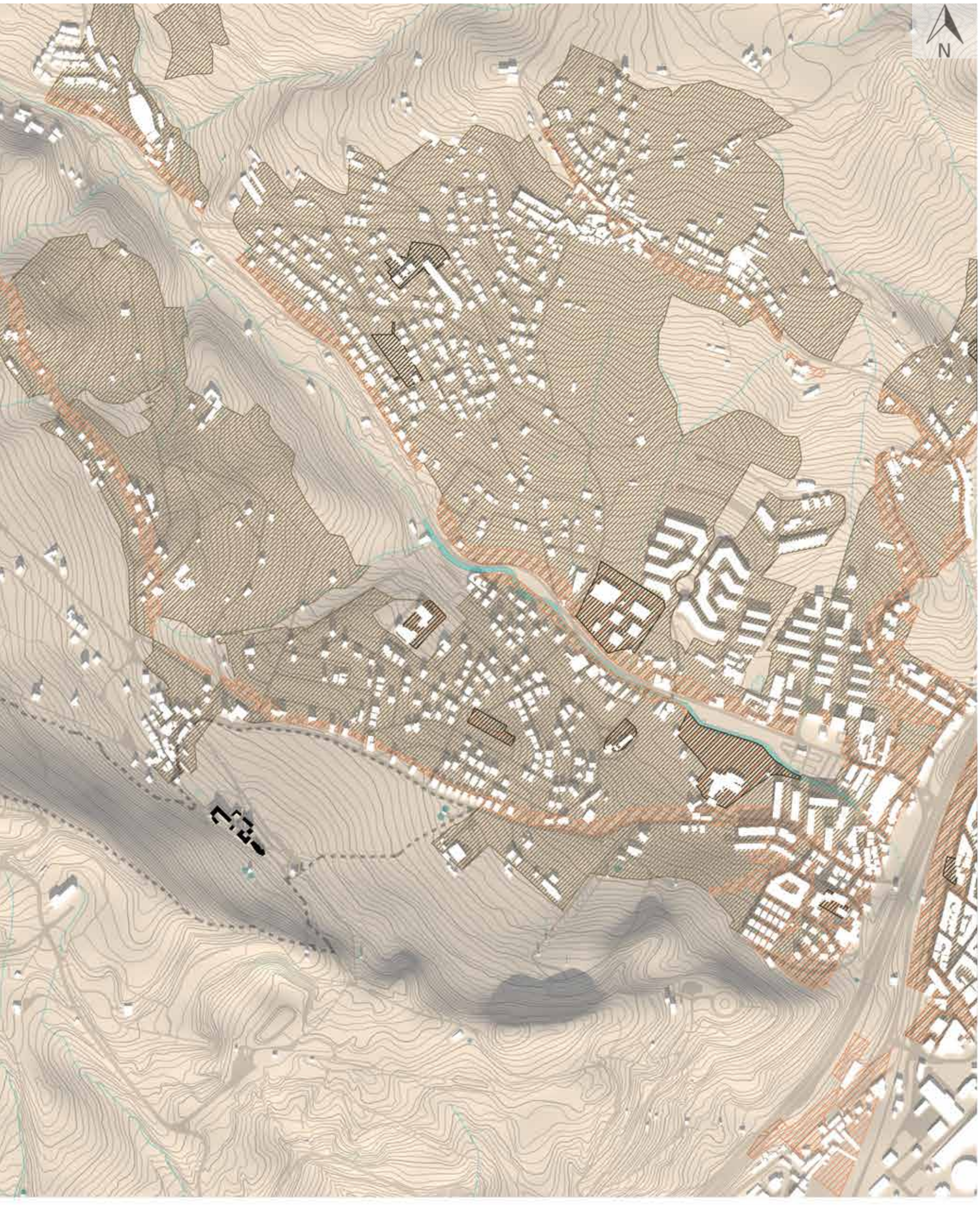
**Mapa Acustico**

Quinta Subserra

Zonas Mistas

Zonas sensiveis

Zonas de Conflito




Escala 1:7500

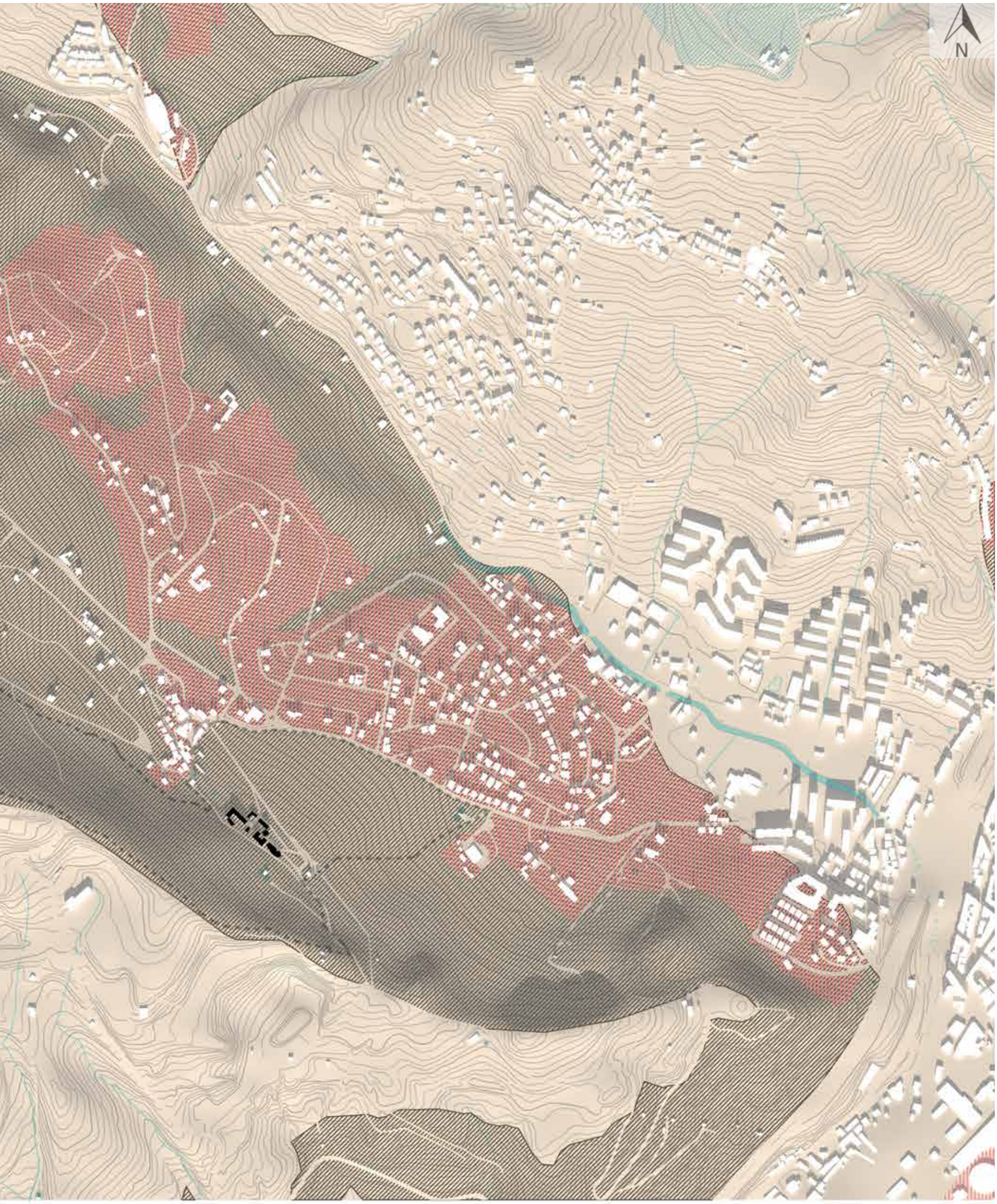
**Mapa REN**

Quinta Subserra

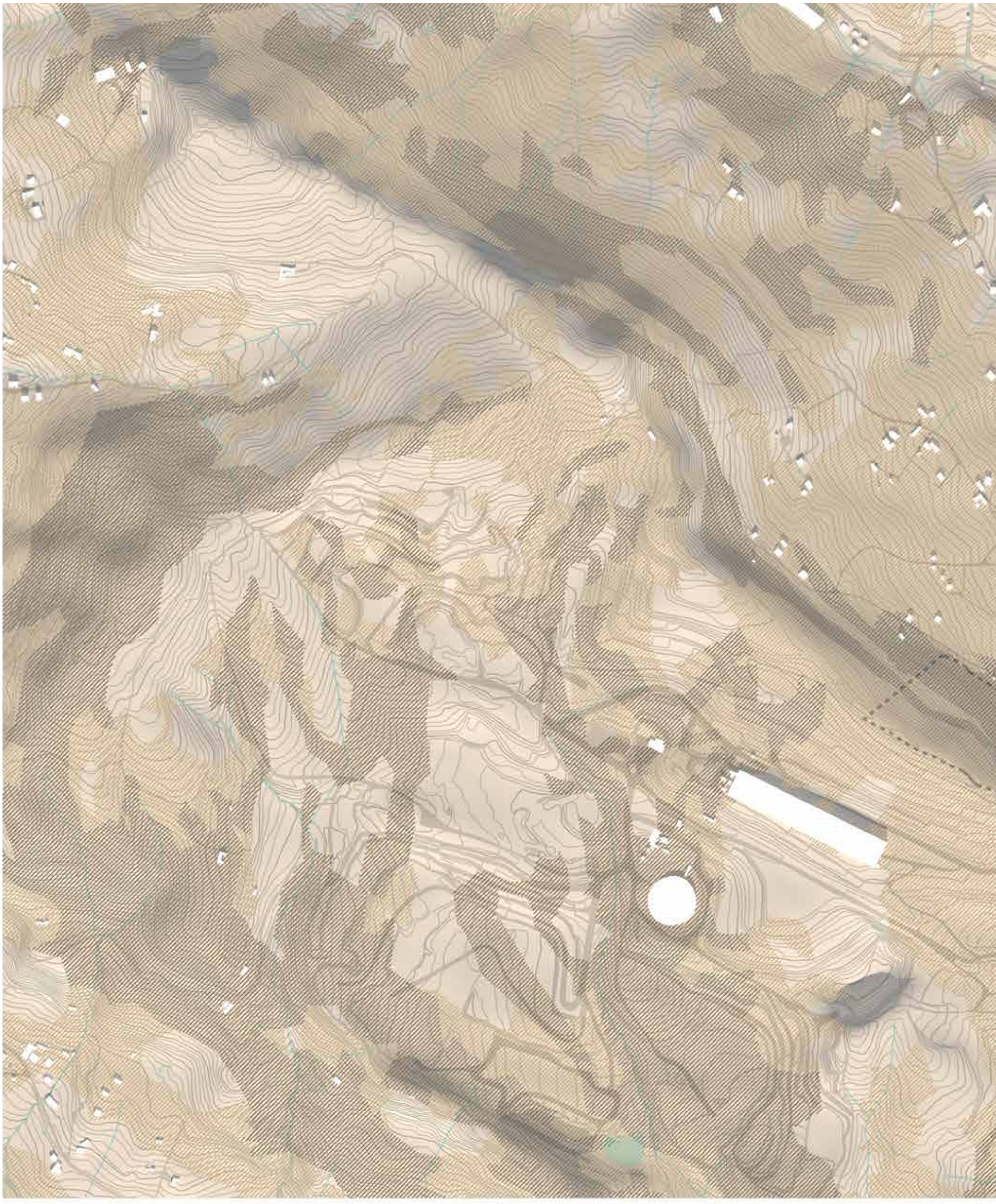
Risco de Erosão

Exclusão de REN

Cabeceira de agua




Escala 1:7500



**Mapa Risco de Solo**

Quinta Subserra

Areas conselhaveis a construção

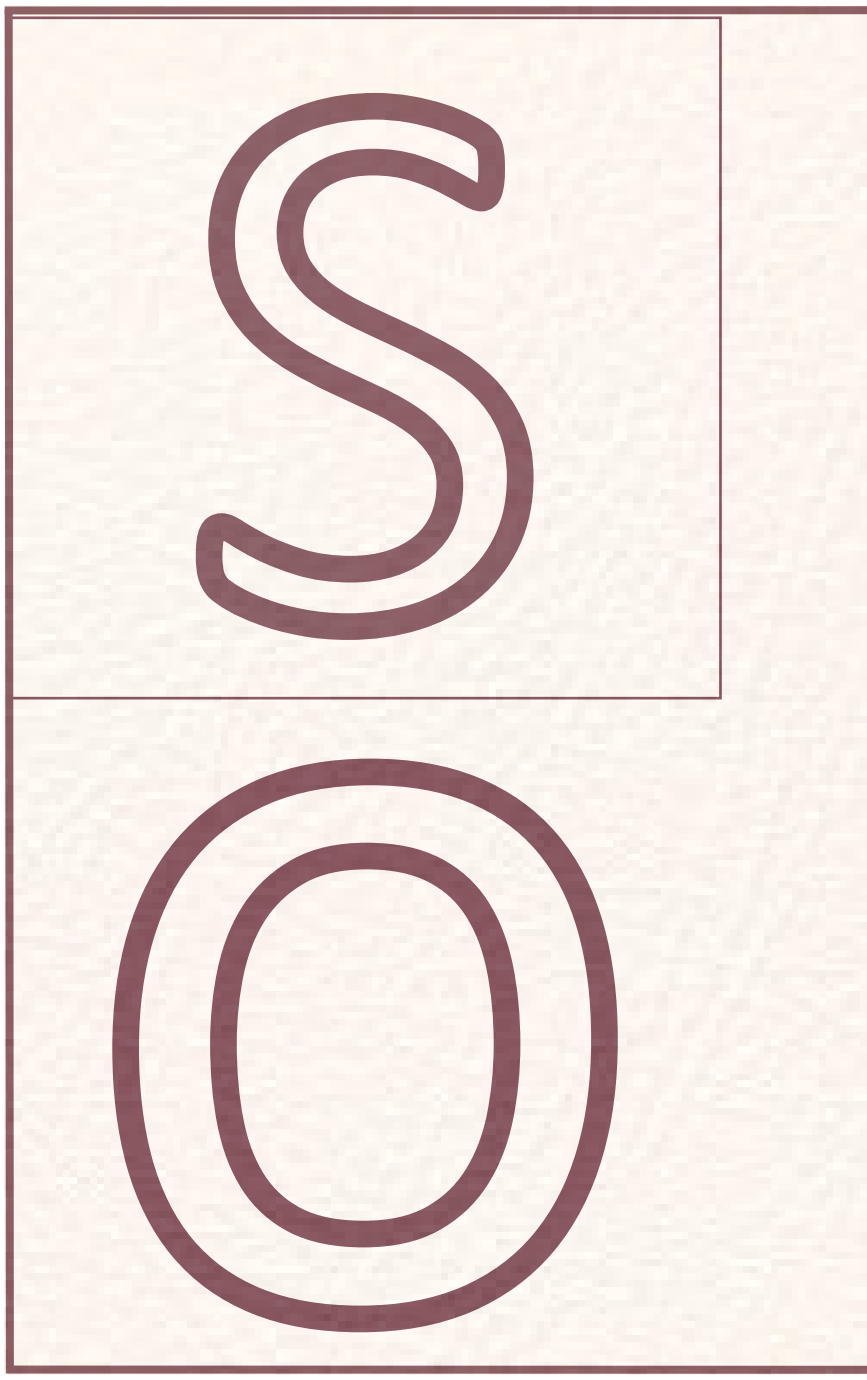
Areas de risco

Escala 1:7500

# LIVRO I

***DESENHO***
Desenhos com o território

- Novas possibilidades de inserir novas propostas.
- Solo rico para agricultura. Campos agrícolas
- Localização com vista.
- Organização da quinta.
- Vinho premiado. Adega



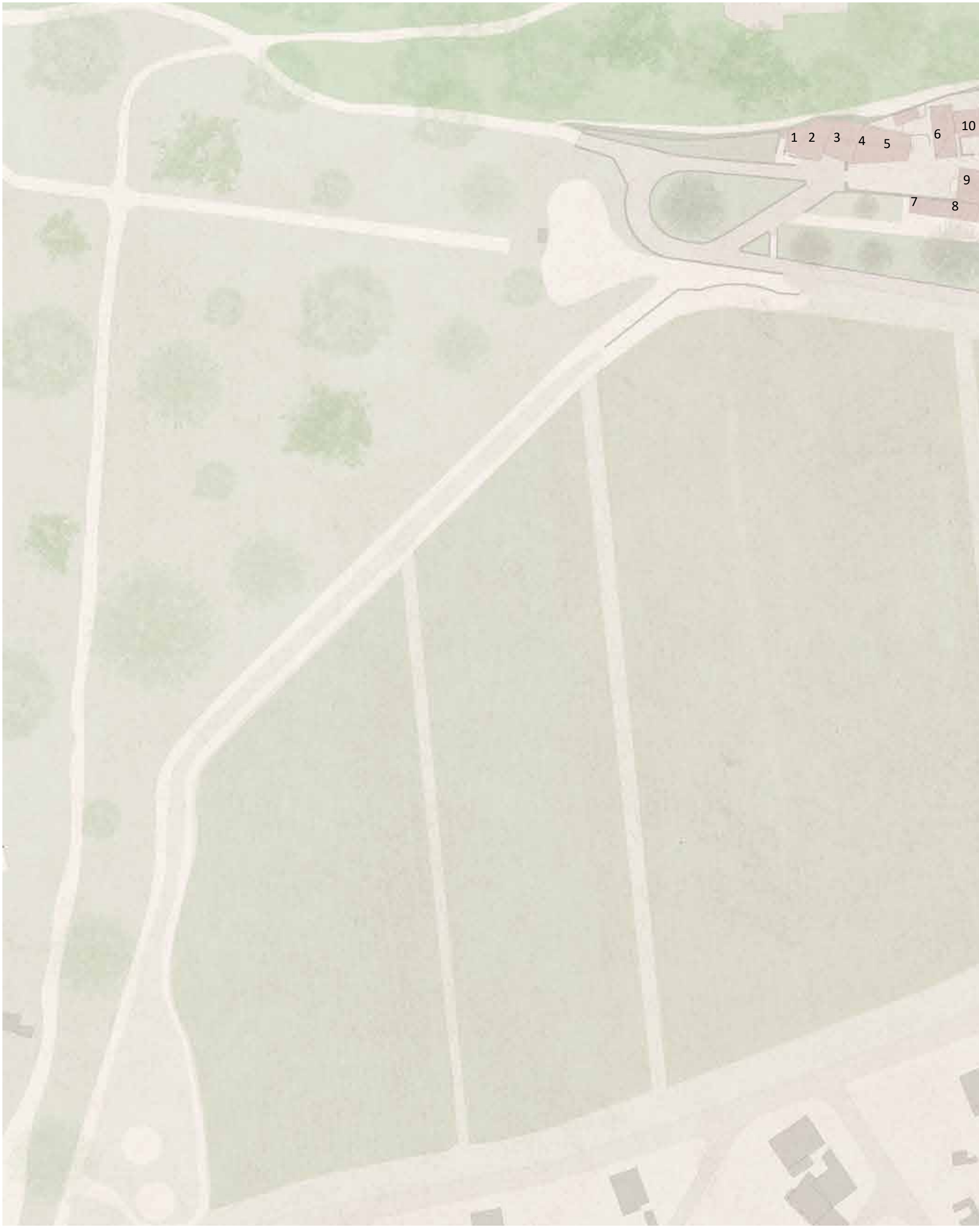

- Alojamento local.
- Produção agrícola e de vinho.
- Restauração – criação de restaurante com produtos locais e da quinta
- Desenvolvimento de equipamentos culturais que cresce uma maior ligação com a população local.
- Variedade de opções construtivas.

W

T

- Direção solar - pouco aproveitamento solar.
- Pouco aproveitamento de calor.
- Solo instável para o identificado.
- Altos custos operacionais.
- A intervenção poderá pôr em causa o seu frágil ecos-sistema
- Declive acentuado - localizado na inclinação da serra
- Acessos, acessibilidade á quinta
- Edifícios com algum grau de degradação.
- Direção do vento a noroeste

- Inauguração de uma quinta perto da subserra com o mesmo conteúdo programático.
- Crise económica.
- Deslizamentos de terras acentuado devido a pedreira no cimo da serra.
- Pedreira.




**Planta da Quinta Subserra 1986 - Programa**

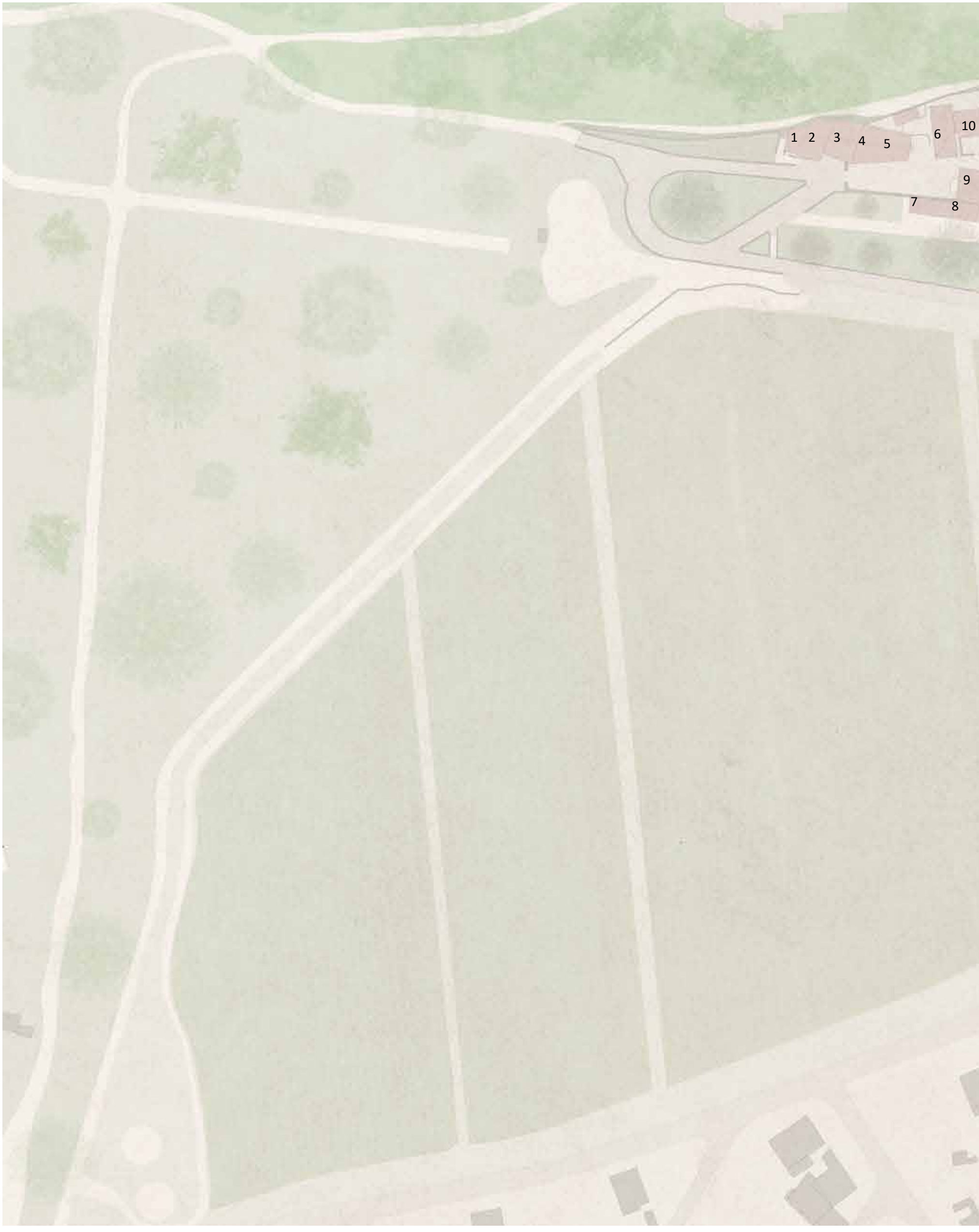
1 - Antiga Cozinha 2 - Cocheira 3 - Casa do Caseiro 4 - Telheiro 5 - Oficina 6 - Escola 7 - Chalé nº5

16 - Antiga casa do Caseiro 17 - Capela 18 - Balneários e tratamentos de águas 19 - Gaiola de aves

8 - Chalé nº6 9 - Casa da Marquesa 10 - Refeitório 11 - Adega 12 - Camarata 13 - Vestuários 14 - Escritório 15 - Palácio

Escala 1.500

20 - Galinheiro 21 - Apoio ao Campo desportivo




**Planta da Quinta Subserra 2021 - Programa**

1 - Anexo 2 - Armazem de vinho 3 - Casa do Caseiro 4 - Loja 5 - Oficina 6 - Arrecadação\casa de trabalho

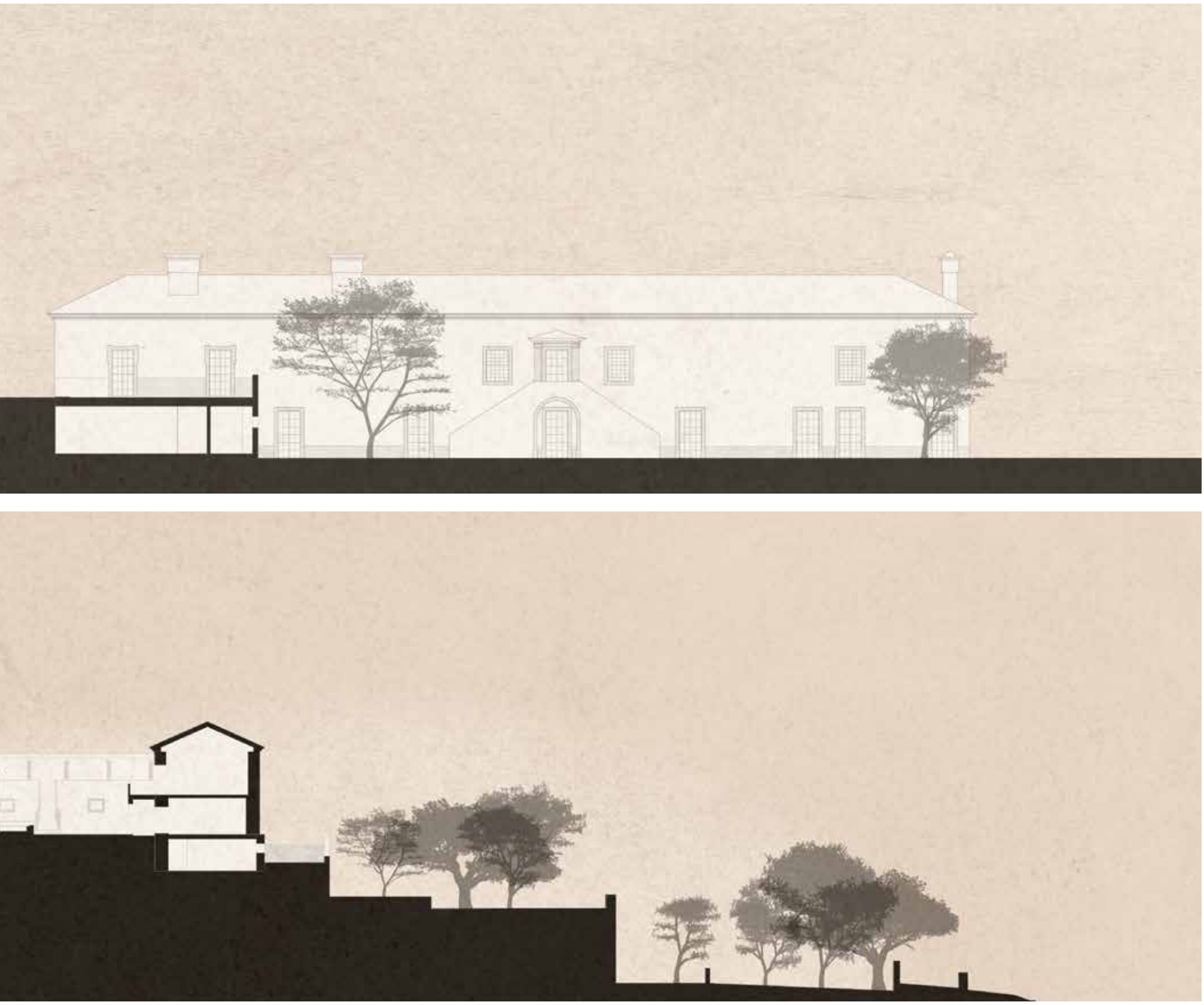
15 - Palácio 16 - Atelie de artes 17 - Capela 18 - Balneários inativos 19 - Gaiola de aves inativas

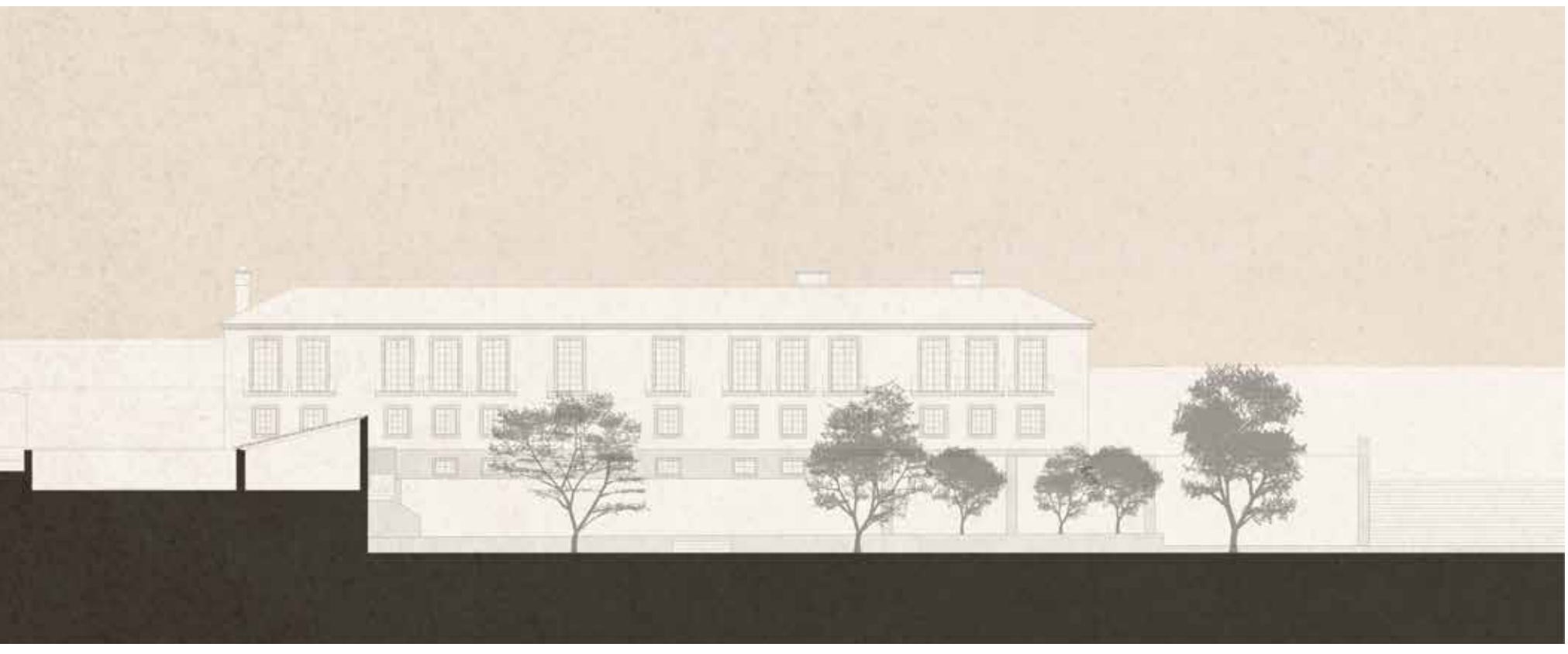
7 - Chalé nº5 8 - Chalé nº6 9 - Chalé nº4 10 - Refeitório 11 - Adega 12 - Camarata 13 - Arrumos 14 - Escritório

Escala 1.500

20 - Galinheiro inativo 21 - Apoio ao Campo desportivo

**Cortes ao longo da quinta**
**escala 1:100**

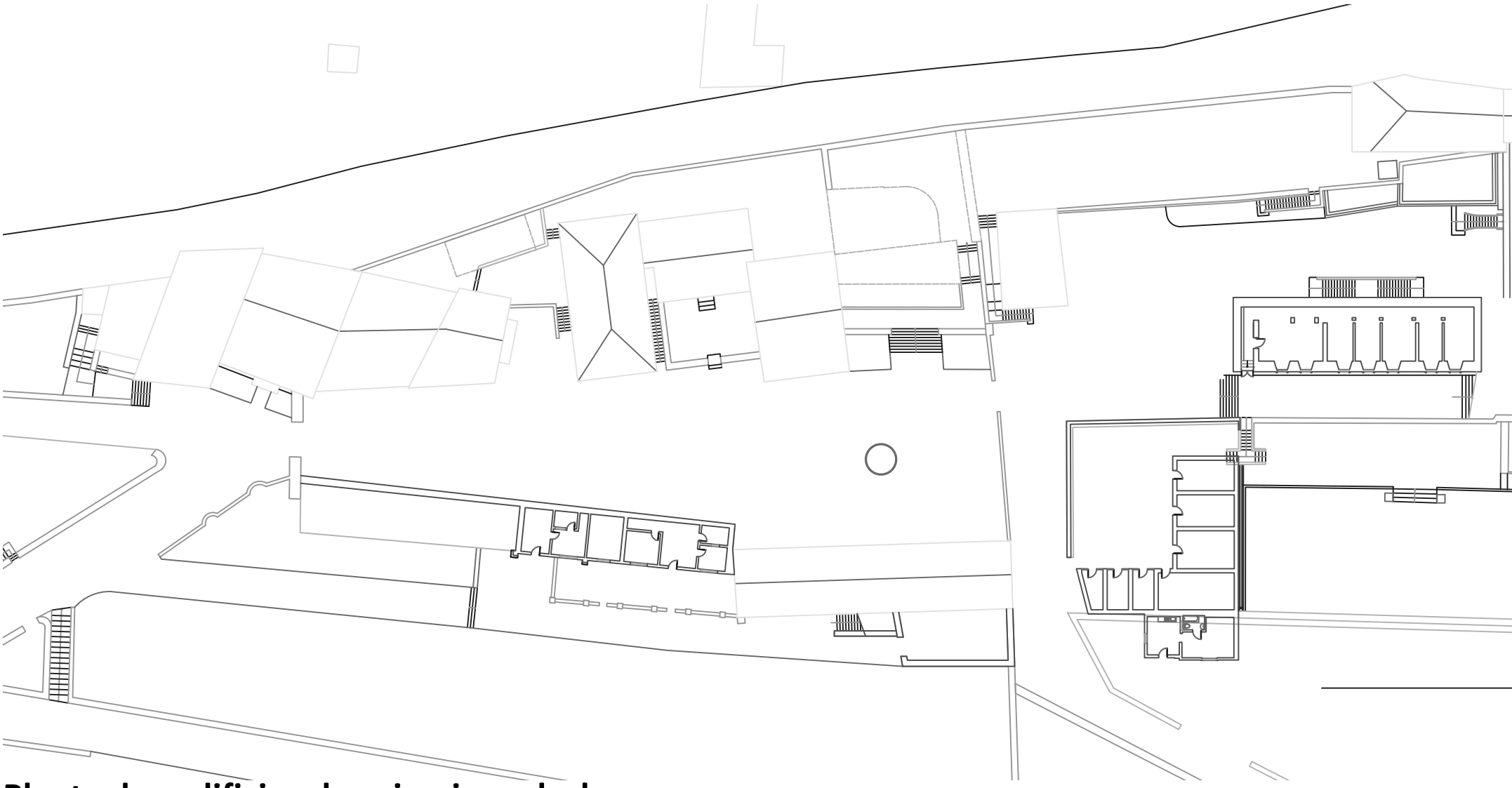




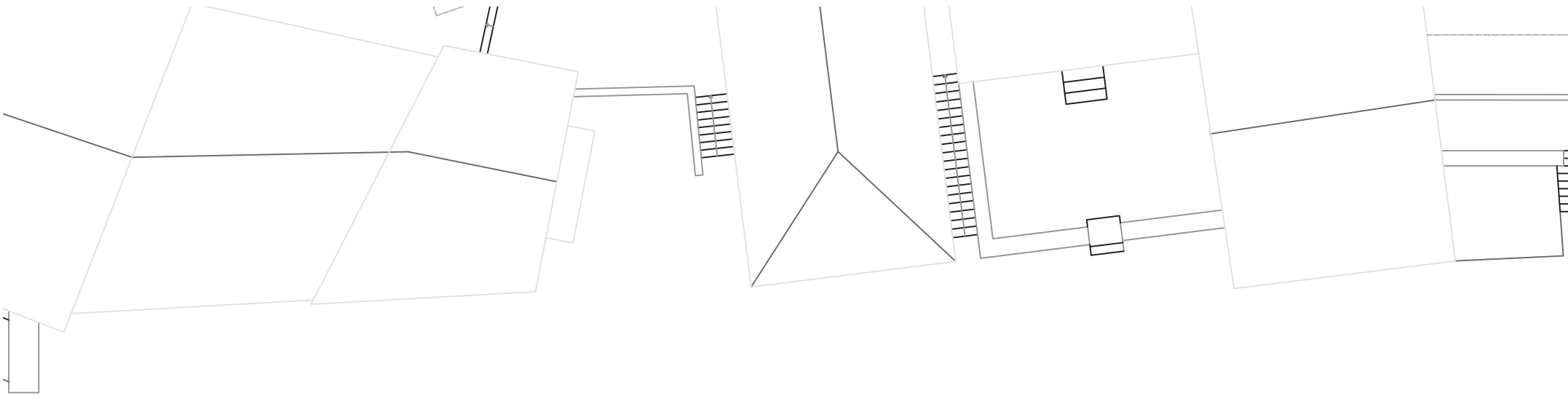
# LIVRO I

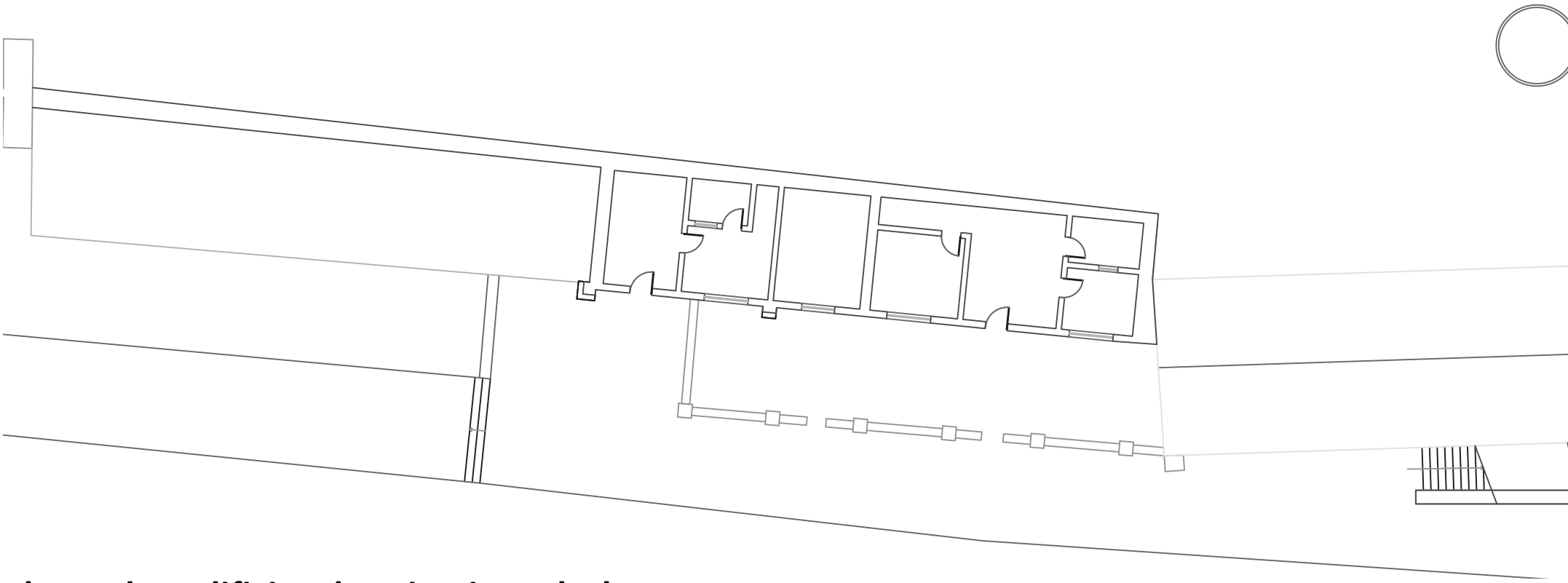
***ARQUITETURA***

Desenhos das estruturas e edificios

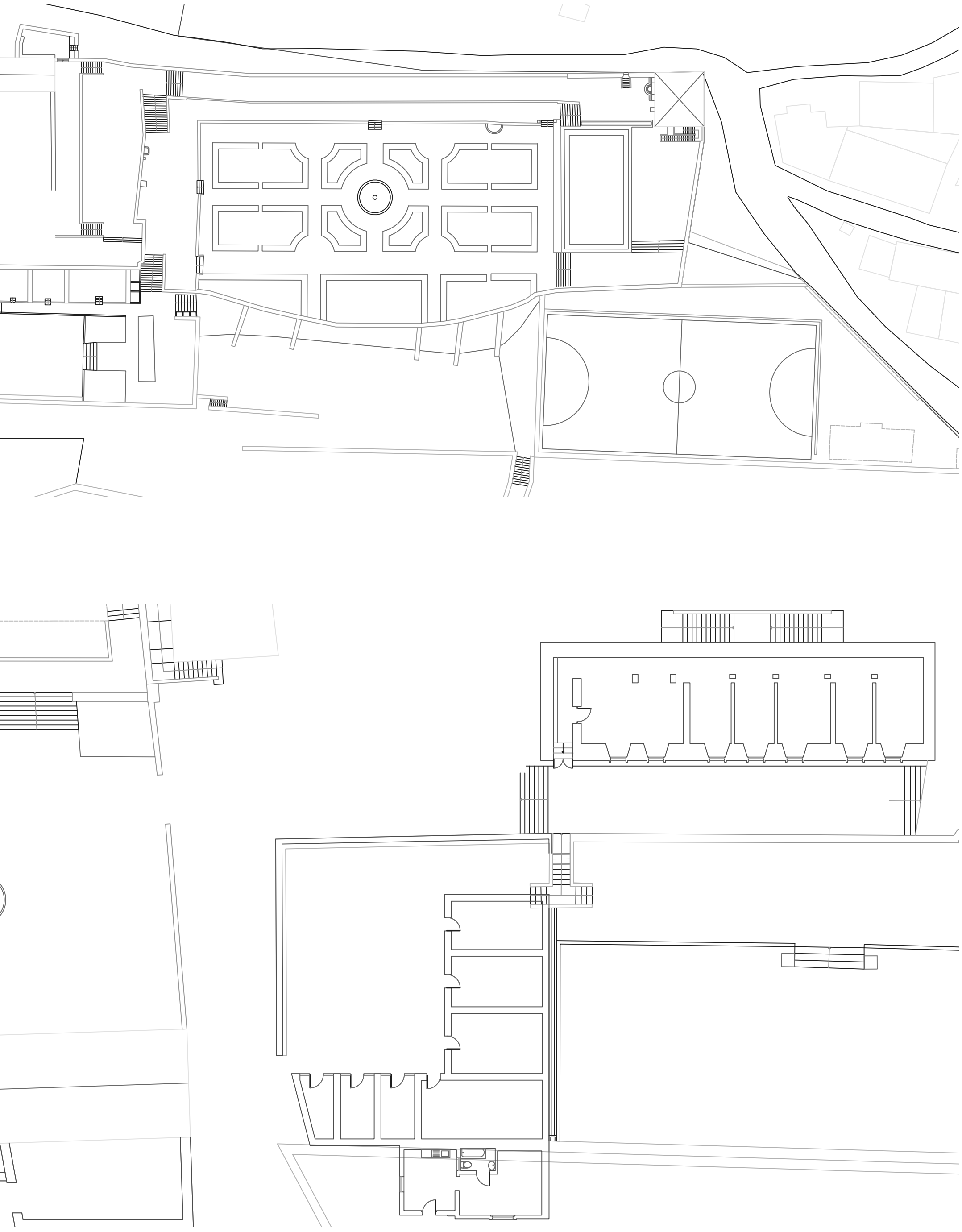


**Planta dos edificios do primeiro solcalco**
**Escala 1.500**





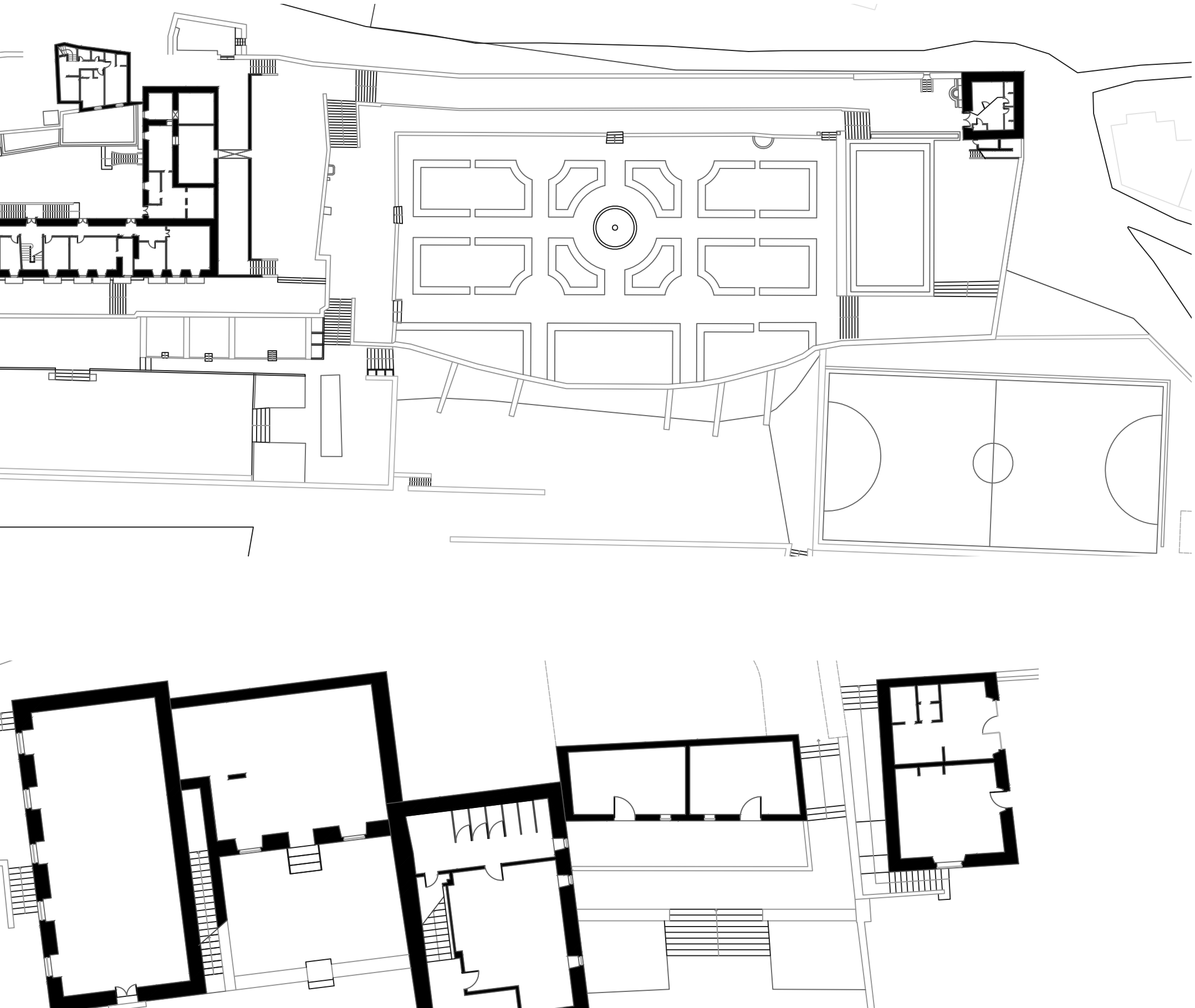
**Planta dos edificios do primeiro solcalco**
**Escala 1.200**



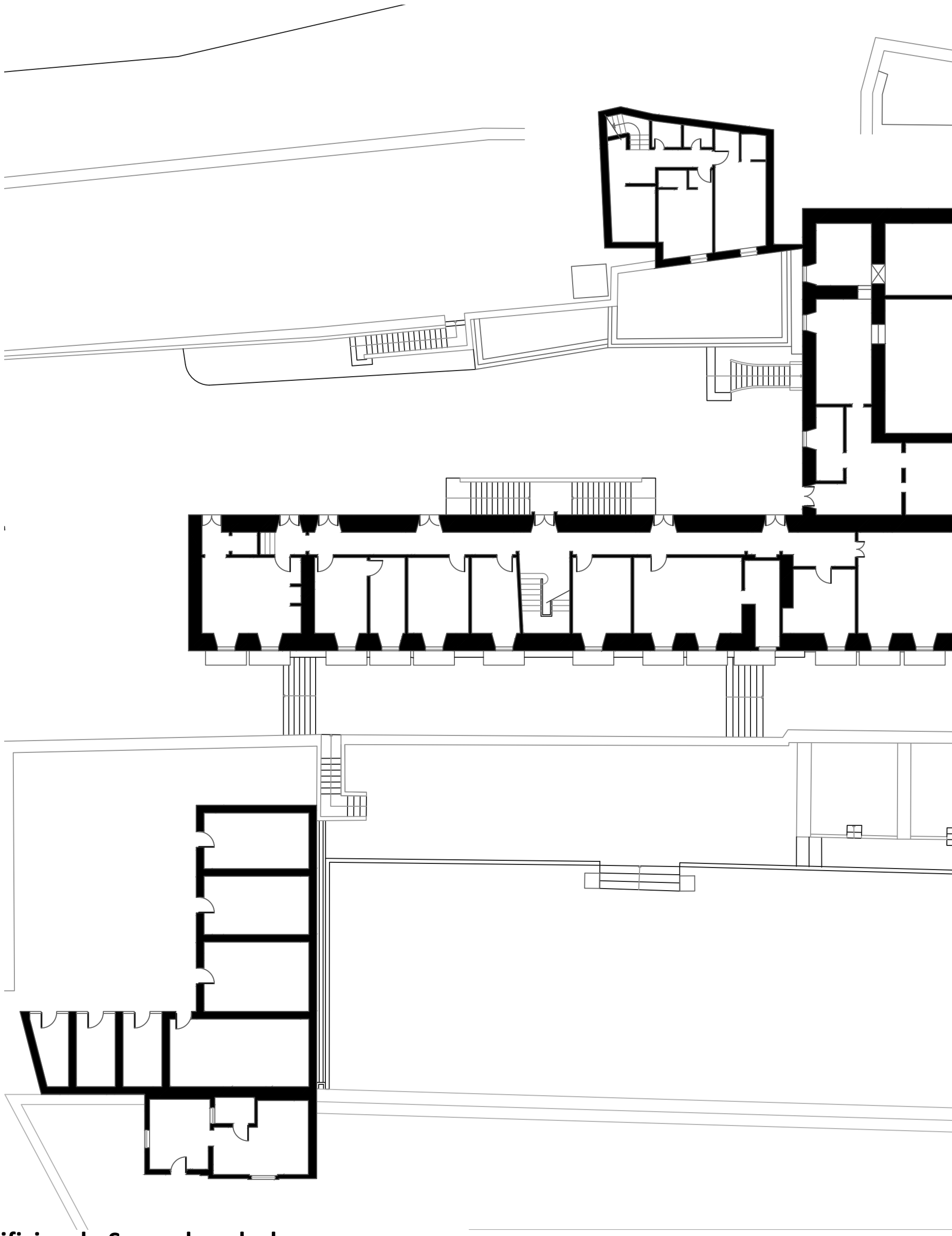
***Alojamento local em moradia, galinheiro e vertuários, piso -1 do palacio (garrafeira)***

**Planta dos edificios do Segundo solcalco**
**Escala 1.500**

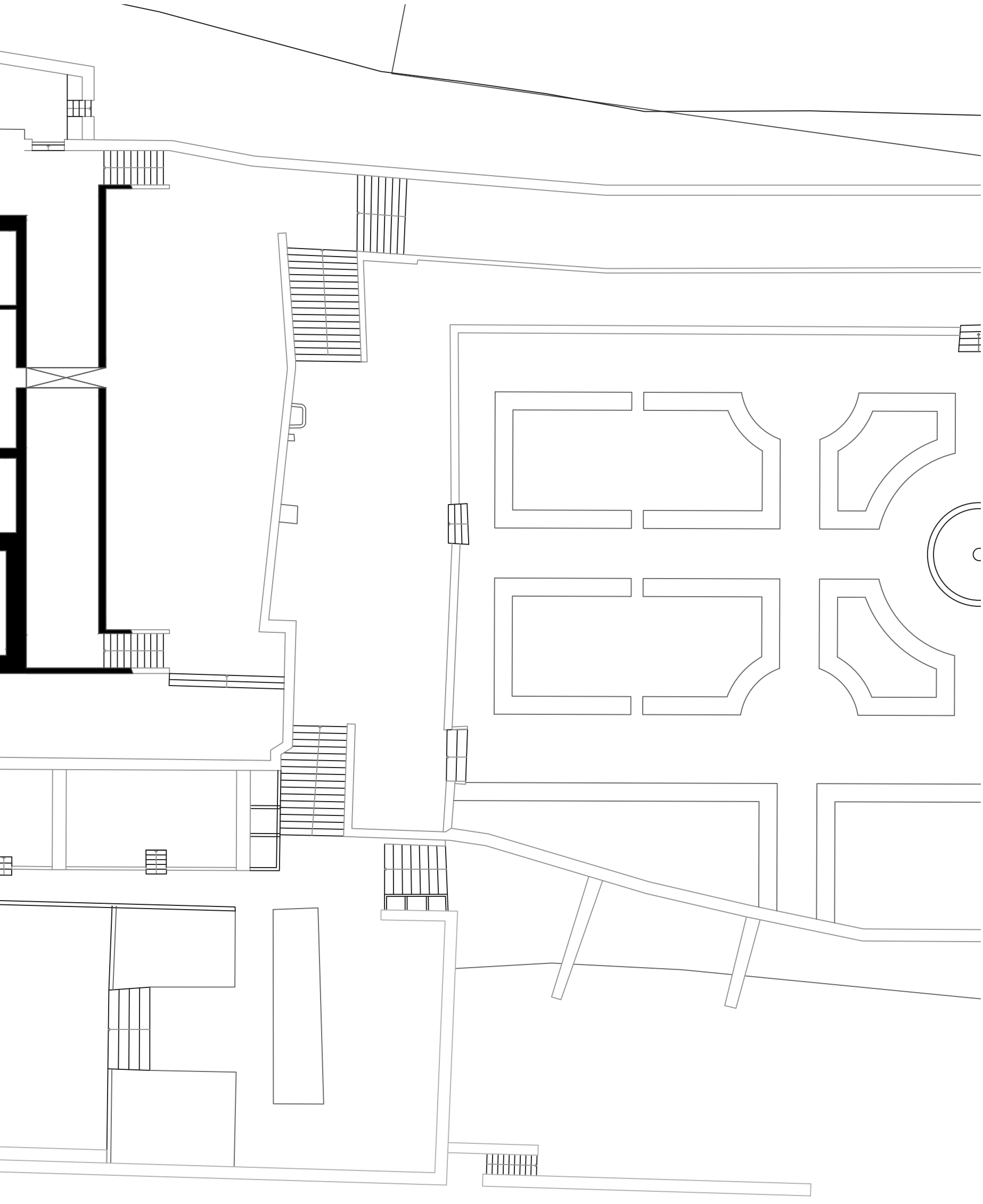
**Planta dos edificios do Segundo solcalco**
**Escala 1.200**



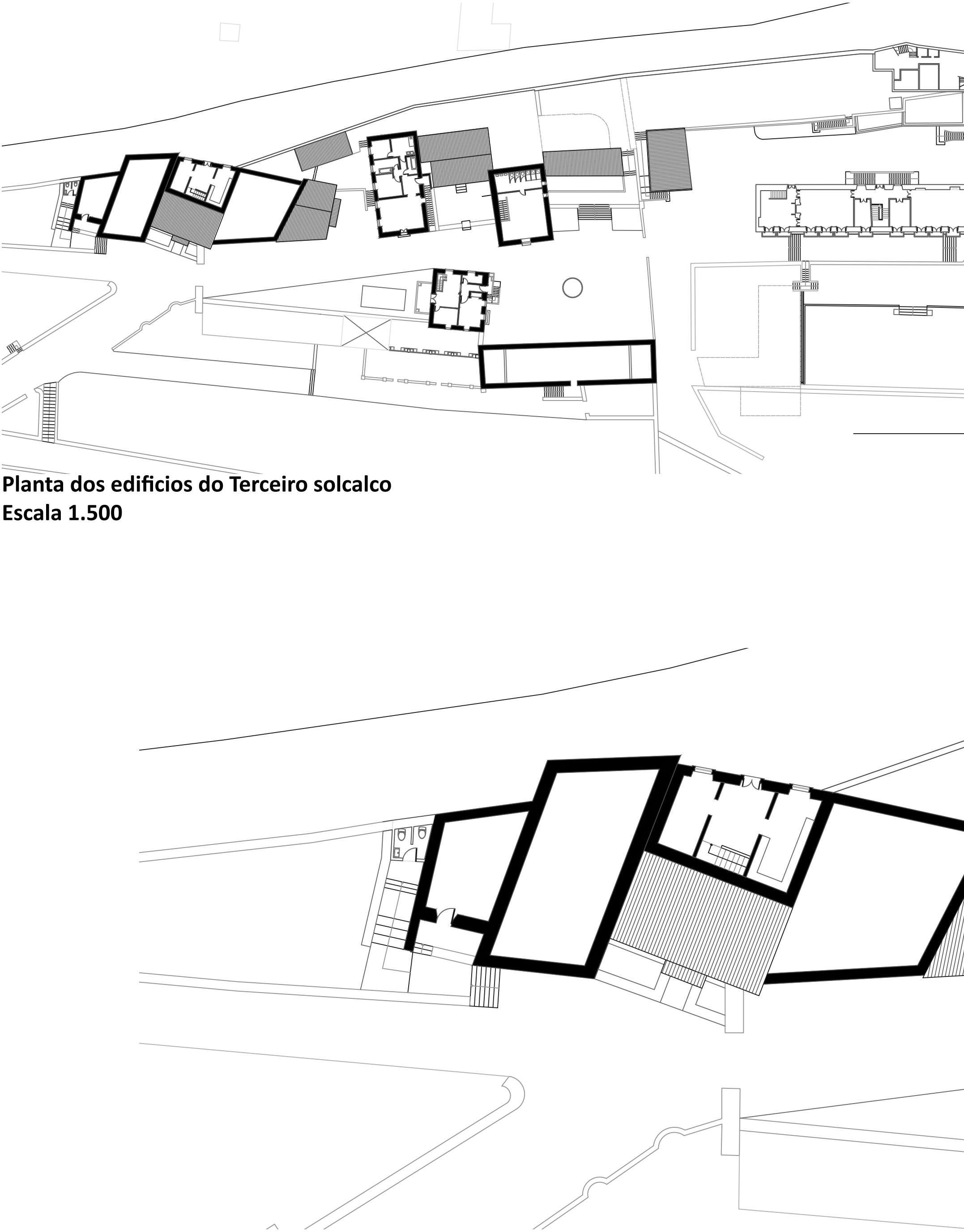
*Casas de banho, Armazem, casa do caseiro, loja, oficina das maquinas de jardinagem e atras florista, piso de arrumos, refeitório, piso 1 das camaratas, piso da casa da marqueza, adega, espaço das pombas e recepção*



**Planta dos edificios do Segundo solcalco**
**Escala 1.200**

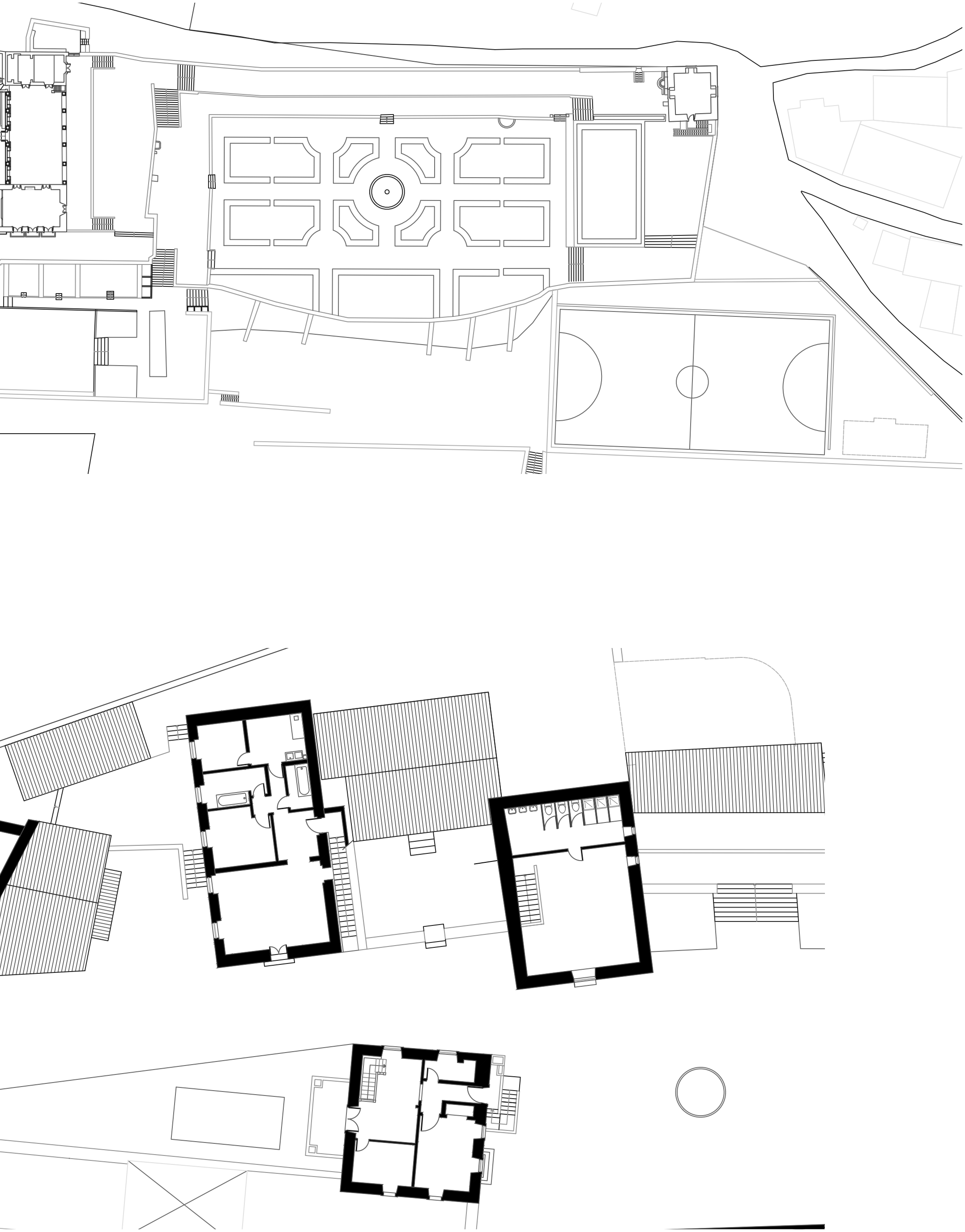


***Galinheiro, vestuários, piso 1 do palacio, zona de lavandaria e tanques de agua, piso -1 da antiga casa do caseiro***

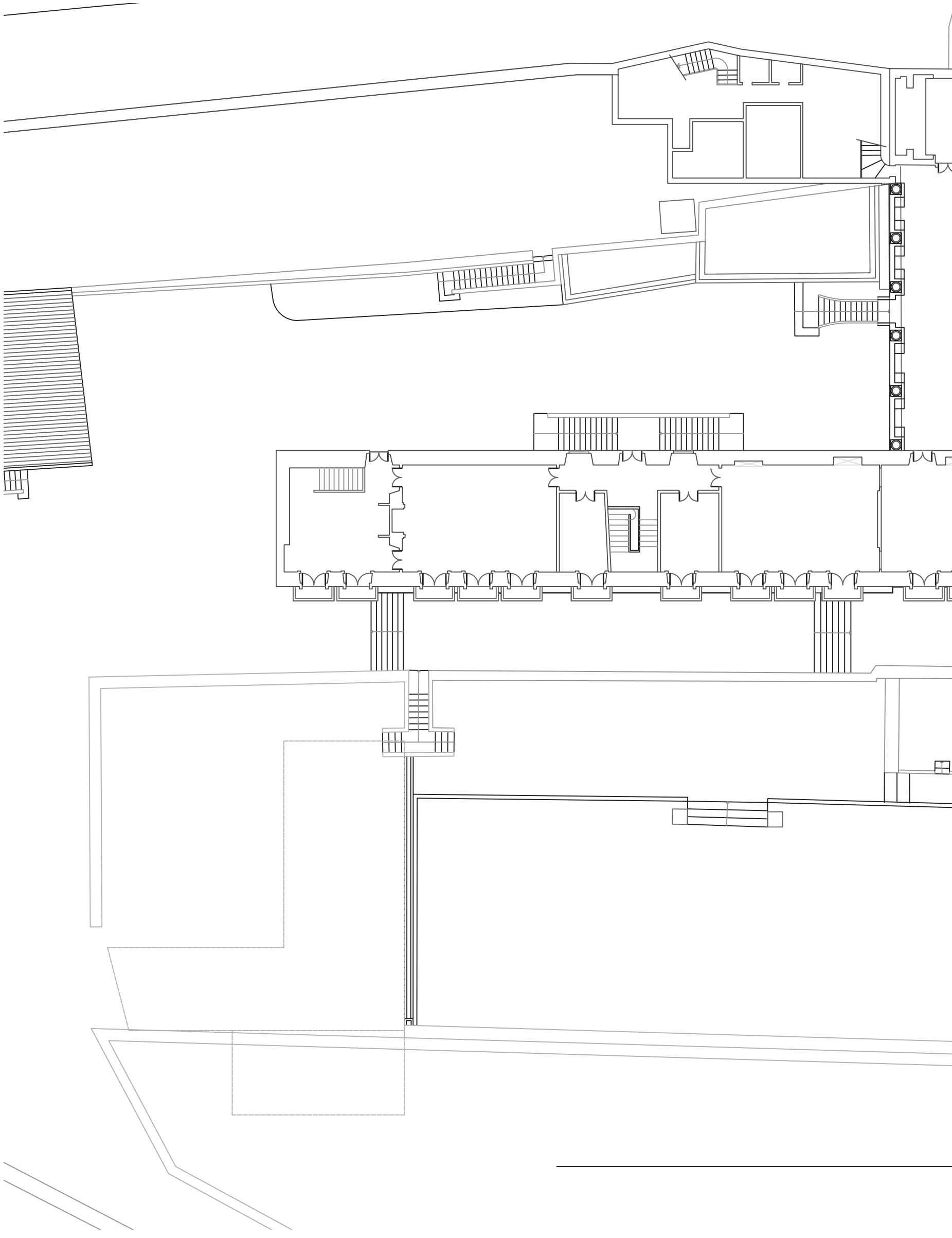


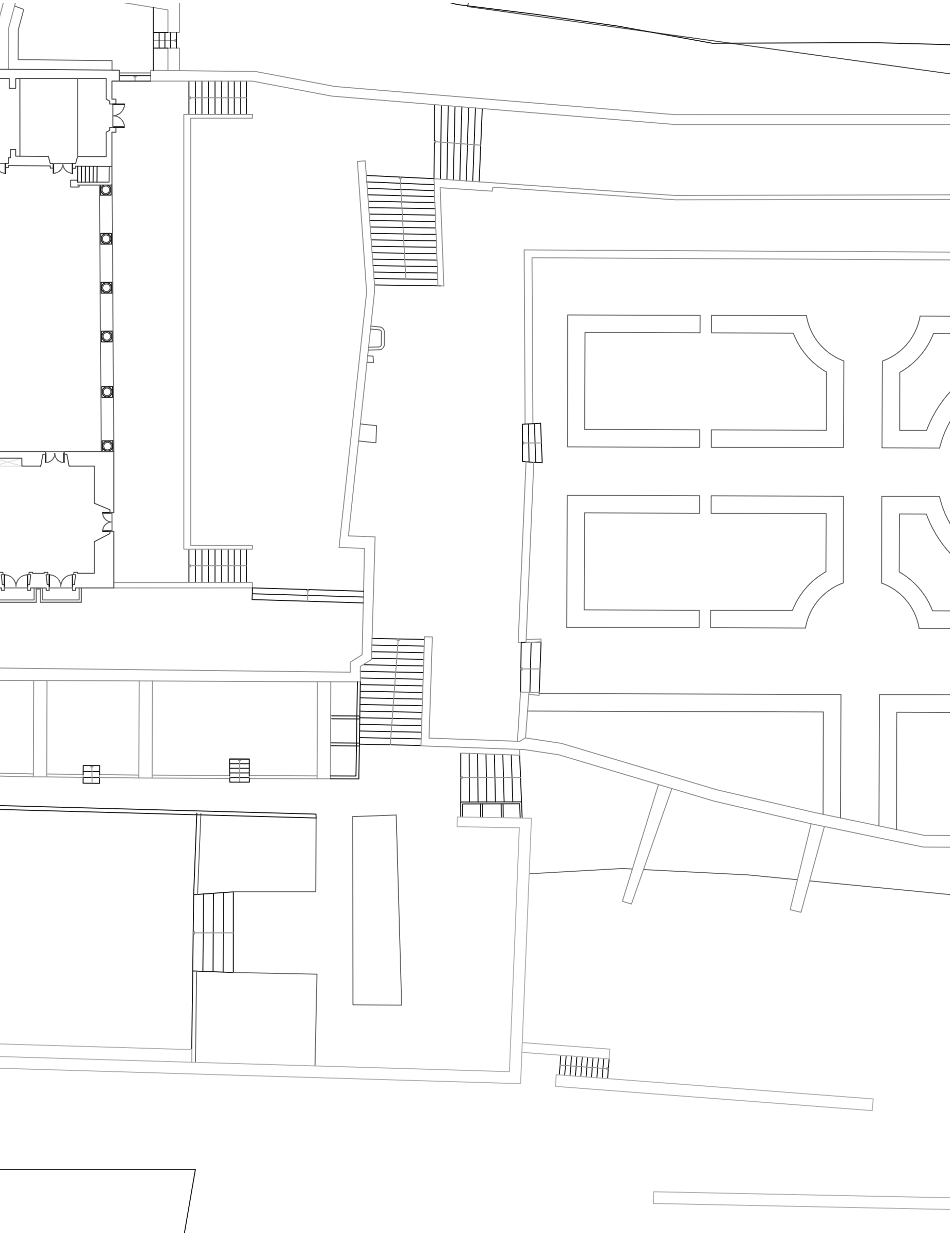
**Planta dos edificios do Terceiro solcalco**
**Escala 1.500**

**Planta dos edificios do Terceiro solcalco**
**Escala 1.200**



***Laboratorio, loja, piso 2 da casa dos trabalhadores, piso 2 da casa da marqueza, piso 2 das camaratas***





*Piso 2 do placio, capela, e piso 1 da antiga casa do caseiro*

# LIVRO II

***Casos de estudo***

Descrição, desenhos e fotografias

QUINTA DO CADAVAL

Seculo XIV

“Quatro Séculos de História
O Palácio da herdade de Muge tem uma história secular, que remonta a vários anos antes de pertencer à família Cadaval. Em tempos terá sido habitado pela Rainha D. Leonor de Áustria (terceira mulher de Rei Manuel I, irmã do Imperador D. Carlos V e mãe da Infanta Dona Maria), que aqui viveu até 1530, altura em que a se casou com o Rei de França, Francisco I. Só mais tarde, no início do séc. XVII, é que a propriedade, então pertença da família dos Condes de Odemira, passou a estar sob o domínio da Casa Cadaval, quando a filha, Dona Maria de Faro, Condessa de Odemira, se casou com D. Nuno Álvares Pereira de Melo, 5º Conde de Tentúgal, 4º Marquês de Ferreira e o 1º Duque de Cadaval. A Casa Cadaval tem atualmente uma propriedade que totalizam cerca de 5400 hectares e é gerida, há 5 gerações consecutivas, por mulheres, sendo hoje Teresa Schönborn, Condessa de Schönborn e Wiesentheid, a presidente do conselho de administração desta Casa.” - Retirado da pagina oficial da Casa de Cadaval

Imagens e fotografias retiradas do site “grandescolhas.com”

"O processo tem muitas semelhanças com o que vai acontecendo um pouco por todo o país vínico: começa-se por investir nas vinhas, depois vem a adega e, com a consolidação do projecto, abrem-se horizontes. Na Quinta do Gradil, as últimas duas décadas foram de enorme crescimento na produção e no volume de negócios; agora aposta-se forte no enoturismo. Mas o que distingue este produtor da zona do Cadaval, região de Lisboa, de outros com trajecto semelhante é o peso do passado. Há séculos que a quinta está aqui. E nela, a par dos ares frescos da serra de Montejunto, respira-se a atmosfera da fidalguia.

Os primeiros registos da existência neste local de uma quinta vêm do século XV: a 14 de Fevereiro de 1492 (mais de cinco anos antes de Vasco da Gama partir para a Índia!), um documento régio de D. João II registava a doação da jurisdição e rendas do Concelho do Cadaval e da Quinta do Gradil a D. Martinho de Noronha. A propriedade esteve depois nas mãos da casa de Bragança e no século XIX entrou para os domínios do Marquês de Pombal, quando o que viria a ser o sexto da linhagem, António de Carvalho Daun e Lorena, casou com Maria do Carmo Romeiro da Fonseca, proprietária e figura decisiva na história da quinta. Sampaio de Oliveira tornou-se dono do Gradil a partir de meados do século XX e em 1999 entrou em cena a família Vieira.

A era moderna iniciou-se com a reconversão total das vinhas e o investimento na adega, fundamentais para a afirmação de um projecto que, hoje, "vale" 20 milhões de garrafas/ano, sob a chancela Parras Wines, que produz vinhos em várias regiões do país. Para além dos 120 hectares do Gradil, a empresa adquiriu recentemente a Herdade da Candeeira, no Redondo, Alentejo, onde está a alargar a área de vinha; e gere os 20 hectares das Gaeiras, em Óbidos. Ao todo, já são mais de 300 hectares em produção, a que se junta um elevado número de produtores referenciados e apoiados pelos técnicos da Parras, que fornecem uvas para as diversas referências da casa: Quinta do Gradil, Castelo do Sulco e Mula Velha." - Luis Francisco do site Grandesescolhas.com

QUINTA DO VALLADO

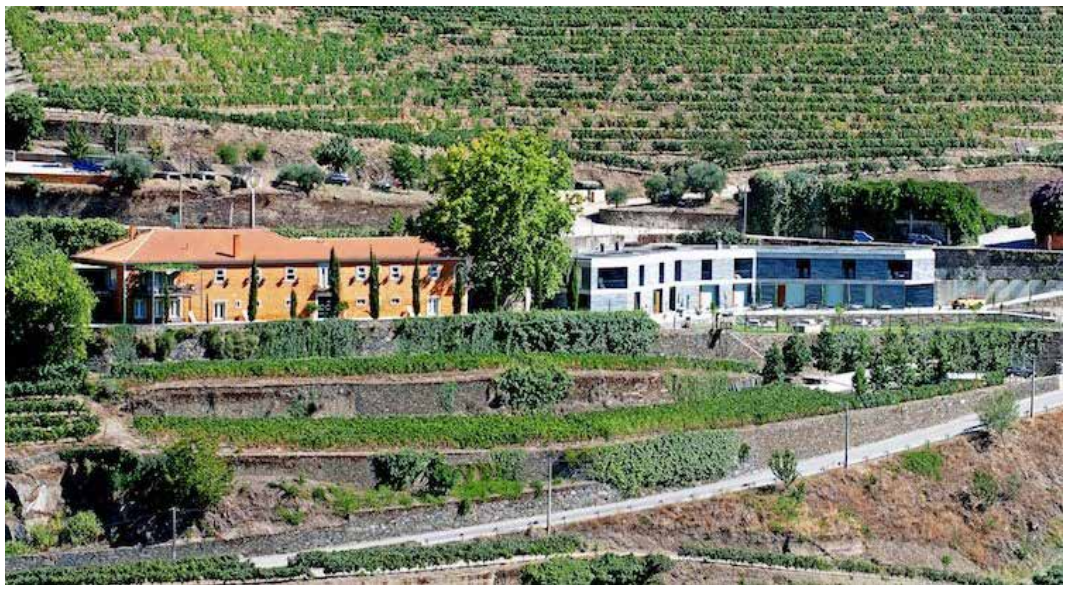
Arquiteto Francisco Vieira de Campos
Ano: 1733

"A Quinta do Vallado é composta por dois edifícios com ambientes diferentes que combinam tradição e modernidade, num complexo construído e desenhado à imagem do ambiente vínico do Douro. Dispõe na sua totalidade de 13 quartos, 5 quartos no edifício histórico da Quinta - construído em 1733, e recentemente recuperado e 8 quartos num novo edifício, concluído em 2012, e projetado pelo Arq. Francisco Vieira de Campos, para cuja construção se utilizou essencialmente o xisto.

Os interiores marcam pelas referências de mobiliário nórdico vintage que partilham o espaço com materiais de origem nacional, numa harmonia bem desenhada. As várias lareiras dos espaços comuns e a piscina estrategicamente colocada na encosta virada para o rio Corgo, convidam a momentos de relaxamento e lazer, devidamente acompanhados pelo néctar que dá fama à quinta.

Os 70 ha de vinha da Quinta do Vallado assentam na sua maioria em encostas de solo xistoso, viradas a sul e a poente, o que permite uma óptima maturação das uvas, tirando partido do clima mediterrânico.
Com 50 ha de vinha com idade entre 11 a 18 anos, compensada por 20 ha das melhores parcelas de vinha com mais de 80 anos, a Quinta do Vallado e os seus responsáveis, João Ferreira Álvares Ribeiro, Francisco Ferreira (responsável pela gestão agrícola) e Francisco Olazabal (enólogo), todos tetranetos de Dona Antónia, alcançaram já um patamar muito elevado, reconhecido por várias instâncias nacionais e internacionais.

As novas vinhas foram plantadas em áreas claramente definidas, rompendo com a tradição de misturar diferentes castas na mesma parcela.  As castas predominantes são: Tintos (Touriga Nacional, Touriga Franca, Tinta Roriz, Barroca, Tinta Amarela e Sousão) e Brancos (Viosinho, Rabigato, Moscatel, Verdelho (Gouveio) e Arinto nos brancos).



A vinha velha tem uma disposição contínua com compasso 1,2 m por 1,0 m plantada segundo as curvas de nível do terreno. É composta por mais de 40 castas, com predominância de Tinta Amarela, Tinta Roriz, Barroca e Touriga Franca.

Com a homogeneização dos tempos de tratamento, maturação e apanha, a melhoria da eficácia dos processos é evidente, traduzindo-se numa produção de qualidade muito mais constante e controlável, e economicamente mais eficaz. Outro factor determinante nos novos métodos é a análise geral à produção, que permite a eliminação, em verde, dos cachos considerados excedentes de algumas castas, contribuindo para o enriquecimento da qualidade da restante produção.

A Quinta do Orgal, adquirida em 2009, tem cerca de 40 ha de terreno, no Douro Superior, perto de Castelo Melhor, onde serão plantadas novas vinhas. Esta Quinta, com frente para o Rio Douro, tem condições excelentes para a produção de uvas para vinhos de mesa e Porto.
Adega
A nova adega e cave de barricas, cuja construção terminou em 2009, alia a mais avançada tecnologia com uma arquitetura de grande qualidade, o que a torna num dos lugares a visitar, no Vale do Douro.

Restaurantes & Bares
Sala de Refeições
A sala de refeições, situada no piso térreo e com uma vista magnifica para os socalcos, pode ser palco para sessões de prova de vinhos e degustação gastronómica, sejam almoços ou jantares.
Salas de Reuniões
A Quinta do Vallado dispõe de uma sala de reuniões com uma capacidade de cerca de 40 pessoas."

Texto descritivo e imagens retirado do site : https://www.winetourismportugal.com/

HERDADE DO BARROCAL

São Lourenço do Barrocal / Eduardo Souto de Moura Arquiteto
Amo 2016

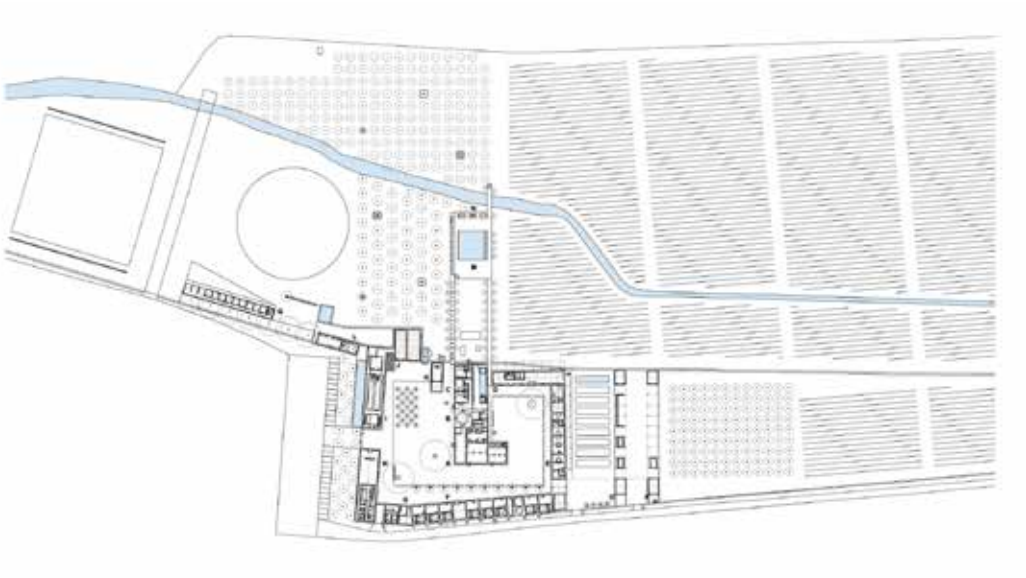
“Descrição enviada pela equipe de projeto. O Monte tem um núcleo caracterizado por 7 edifícios implantados ao longo de uma rua central, que define dois conjuntos principais (Norte e Sul). O complexo Norte, com uma área de 4.144 m², é composto por 2 edifícios: o antigo edifício industrial e armazém para as ferramentas agrícolas. O complexo Sul é composto por 5 edifícios: a casa principal, os pavilhões agrícolas, o pombal, o canil e a pocilga, com uma área de 3.810 m². Mais ao sul, a área de vegetação compõe 20.333 m², incluindo a antiga casa do jardineiro, com uma área de 34 m², e a piscina exterior que se mantém firme no barrocal. ”A primeira coisa que impressionou, assim que cheguei, foi o ambiente do hotel, que é difícil de encontrar. Todo mundo sabe que o Alentejo é muito bonito, mas eu não esperava ter uma herança pré-histórica como esta. O que é fascinante aqui é a mudança no uso. Um edifício pode ser criado para um propósito específico e, em seguida, evoluir para atender às diferentes necessidades contemporâneas. Há um processo que é muito absorvente descobrir como uma prensa de azeite, por exemplo, pode se tornar um lugar para uma sala com um bar, como dependências agrícolas podem ser transformar em casas, e como um curral pode ser transformado em um restaurante. Esta mudança de uso não necessita de qualquer intervenção. O desafio é como a arquitetura vai responder.
Eu acho que as pessoas se sentirão em casa aqui, está será a primeira impressão delas, mesmo que tenham vindo apenas para relaxar. Um vai ler, outro vai escrever uma tese, outro está aqui para um feriado. As pessoas vão se encontrar e sair para comprar pão ou jantar. Depois de alguns dias eles estarão conectados. Acho que é importante formar um tipo de comunidade. Mas uma comunidade passageira, porque essa é a maneira que é projetado.” - Texto descritivo retirado do site /www.archdaily.com.br

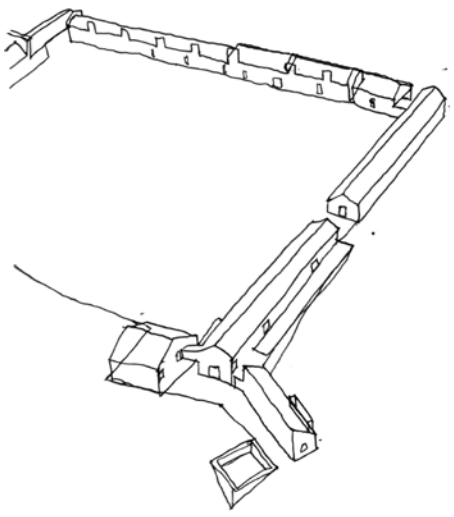
Fotografias de Nelson Garrido
Desenhos do Arquiteto Eduardo Souto Moura

HERDADE DA TORRE DE PALMA

Arquiteto João Mendes Ribeiro
Ano: 2014

“Descrição enviada pela equipe de projeto. Integrada na paisagem de grandes planícies do Alto Alentejo, a Herdade de Torre de Palma, em Vaiamonte, inclui uma extensão de terreno agrícola e um núcleo edificado de escala considerável circunscrito no lado sudeste da propriedade. O projecto de intervenção para instalação de um Hotel Rural na herdade procurou, respeitando as características arquitectónicas do conjunto e da paisagem envolvente, dar resposta ao novo programa funcional. A intervenção incluiu tanto a recuperação e remodelação do conjunto de edifícios preexistente como a construção de raiz de um conjunto de novos edifícios, baseada em gestos claros, precisos e sensíveis às características do lugar. Nos casos de recuperação de estruturas preexistentes, a configuração geral de cada edifício foi mantida, procedendo-se apenas a alterações ao nível da organização espacial interior, à construção de elementos pontuais ou à abertura de novos vãos. Sempre que necessário, procedeu-se ainda à substituição de coberturas, peças estruturais ou revestimentos. No terreiro central, a casa-mãe é ocupada pelos espaços de recepção, acolhimento e serviços administrativos, no piso térreo, sendo o piso superior reservado à habitação do proprietário. A torre, adjacente à casa-mãe, foi pensada para funcionar como biblioteca e como observatório astronómico, no terraço do último piso. Ao lado, o edifício do antigo celeiro acomoda o SPA e uma zona de quartos distribuída por dois pisos. As antigas cavalariças correspondem atualmente à área social e de lazer, enquanto os edifícios das antigas oficinas e casas de operários foram adaptados para receber a zona de quartos e apartamentos. A capela existente na propriedade manteve as características arquitetônicas originais e foi complementada com a construção de um novo adro no exterior. Os edifícios construídos de raiz têm duas naturezas distintas: edifícios que substituem antigas construções - degradadas e sem interesse patrimonial ou arquitetônico - e edifícios que se implantam segundo novas regras, fora do núcleo original.



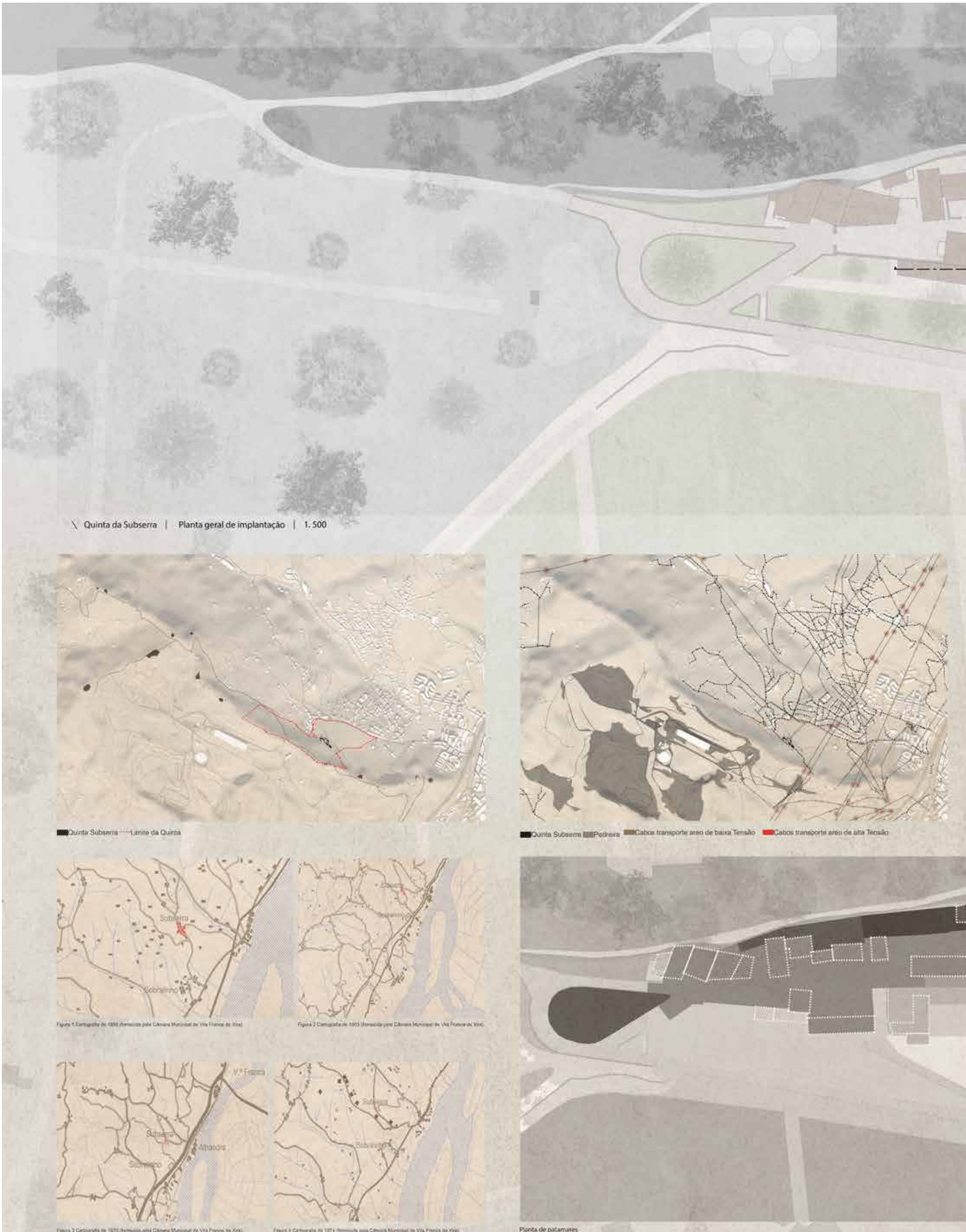


No primeiro grupo incluem-se os edifícios da adega, do restaurante e da casa do caseiro, construídos na localização exata das construções anteriores, com uma lógica material comum a todos eles: estrutura em concreto, paredes de alvenaria e cobertura em lajetas de concreto. No segundo grupo, fora do núcleo original, o conjunto da piscina estende-se para noroeste, no alinhamento da casa-mãe, e inclui uma plataforma de madeira com piscina, balneários e área técnica semienterrada sob a plataforma. A nascente do núcleo original foram implantadas arrecadações agrícolas, zonas técnicas e uma área de estacionamento coberto e, a poente, o edifício das novas cavalariças associado à zona do picadeiro. Na generalidade, o terreno manteve a sua morfologia e características originais, com variações pontuais consoante a especificidade de cada área da Herdade. No interior do núcleo edificado, o terreiro foi regularizado - unificando o conjunto - com pavimento em saibro na área central, delimitado por um perímetro de calçada de mármore branco de Estremoz e uma zona de caleira contínua, com seixo rolado, em torno dos edifícios. No exterior do núcleo edificado principal, foram criadas cinco áreas distintas: uma zona de vinha ao longo da levada, uma zona de olival junto à piscina, uma horta biológica cultivada em canteiros e um pomar, junto aos armazéns agrícolas e ainda uma zona de prado, a oeste, associada à cavalariça e ao picadeiro."

Texto descritivo retirado do site www.archdaily.com.br
Desenhos do arquiteto João Mendes Ribeiro
Fotografias da autoria - do mal o menos - Eduardo Nascimento e João Fôja

# LIVRO III

**PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO**
Esquemas e desenhos



\ Quinta da Subserra | Planta geral de implantação | 1. 500



Quinta Subserra  Limite da Quinta



Quinta Subserra  Pedreira  Cabos transporte aereo de baixa Tensão  Cabos transporte aereo de alta Tensão




Figura 1 Cartografia de 1890 (fornecida pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira)




Figura 2 Cartografia de 1903 (fornecida pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira)




Figura 3 Cartografia de 1970 (fornecida pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira)




Figura 4 Cartografia de 1974 (fornecida pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira)



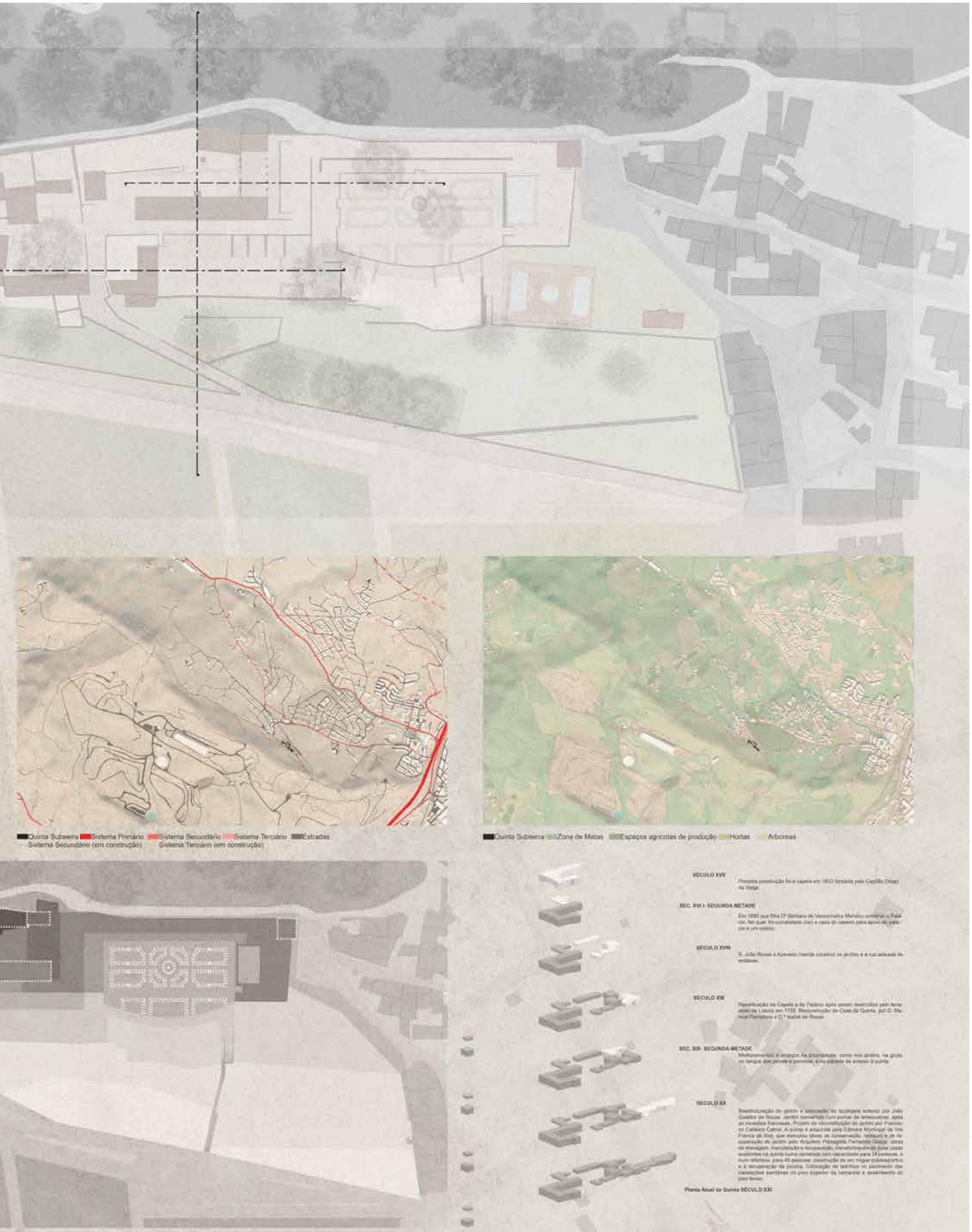
Planta de patamares

U LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA

# HISTÓRICO & ARQUITETÓNICO

PROF. ARQº JOSÉ AGUIAR E PROF. ARQº PEDRO PACHECO + CRIS
LABORATÓRIO DE PROJETO VI | MIARQ 5B



Quinta Subserra Sistema Primário Sistema Secundário Sistema Terciário Estradas
Sistema Secundário (em construção) Sistema Terciário (em construção)

Quinta Subserra Zona de Matas Espaços agricolas de produção Hortas Arboreas

**SÉCULO XVII**

Primeira construção da a capela em 1653 fundada pelo Capitão Diogo da Veiga

**SEC. XVI I- SEGUNDA METADE**

Em 1680 sua filha D. Barbara de Vasconcelos Mendou construir o Palácio, No qual foi contemplado com a casa do caseiro para apoio do palácio e um celeiro

**SÉCULO XVIII**

S. João Rosas e Azevedo mandá construir os jardins e a rua ladeada de ciprestes.

**SÉCULO XIX**

Reedificação da Capela e do Palácio após serem destruídos pelo terramoto de Lisboa em 1755. Reconstrução da Casa da Quinta, por D. Manoel Plantidora e D.ª Isabel de Rosas.

**SEC. XIX- SEGUNDA METADE**

Melhoramentos e ampliação na propriedade, como nos jardins, na gruta ou tanque dos peixes e pombais, e no estrado de acesso à quinta.

**SÉCULO XX**

Reestruturação do jardim e execução do azulejaria exterior por João Gaeiro de Sousa. Jardim convertido num pomar de laranjeiras após as invasões francesas. Projeto de reconstituição do jardim por Francisco Caldeira Cabral. A quinta é adquirida pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, que executou obras de conservação, restauro e de recuperação do jardim pelo Arquiteto Paisagista Fernando Gaspar, obras de drenagem, manutenção e recuperação, transformação de duas casas existentes na quinta numa pensão com capacidade para 24 pessoas, e num refeitorio, para 40 pessoas; construção de um ringue polidesportivo e à recuperação da piscina. Colocação de ladrilhos no pavimento dos instalações sanitárias no piso superior da cantarista e assentamento do piso tátil.

**Planta Atual da Quinta SÉCULO XXI**

**MATERIALIDADE**

CALÇADA

REBOCO

AZULEJO

MADEIRA

PEDRA

TELHA

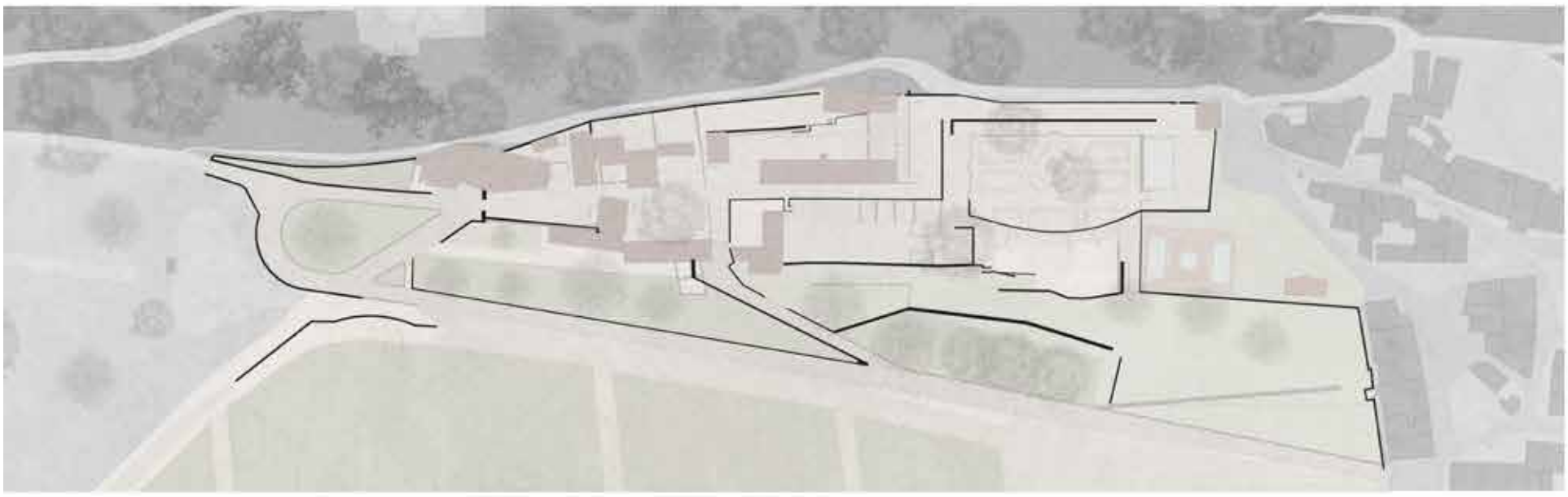
TIJOLO

**VALOR ARQUITETÓNICO**

TANQUE DOS PEIXES

PÁTIOS INTERIORES

Proposta de Espaços
Lazer Espaços De atividades Alojamento Espaço vinicular Possiveis zonas de expansão Zonas de possiveis estacionamento



CORTE CC'

CORTE AA'

LISBOA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA

# PROPOSTA CONCEPTUAL

PROF. ARQº JOSÉ AGUIAR E PROF. ARQº PEDRO PACHECO + CRIS
LABORATÓRIO DE PROJETO VI | MIARQ 5B

ERCURSOS
RINCIPAIS

GRUTA

AZULEJOS

INTERIOR DO
PALÁCIO

SALAS
MARCANTES

## VALOR DO LUGAR

QUINTA E JARDIM
DO SOBRALINHO

JARDIM DO BOM
SUCESSO

PAISAGEM QUINTA
SUBSERRA

CORTE BB'

Escala 1.200

Escala 1.250

Escala 1.200

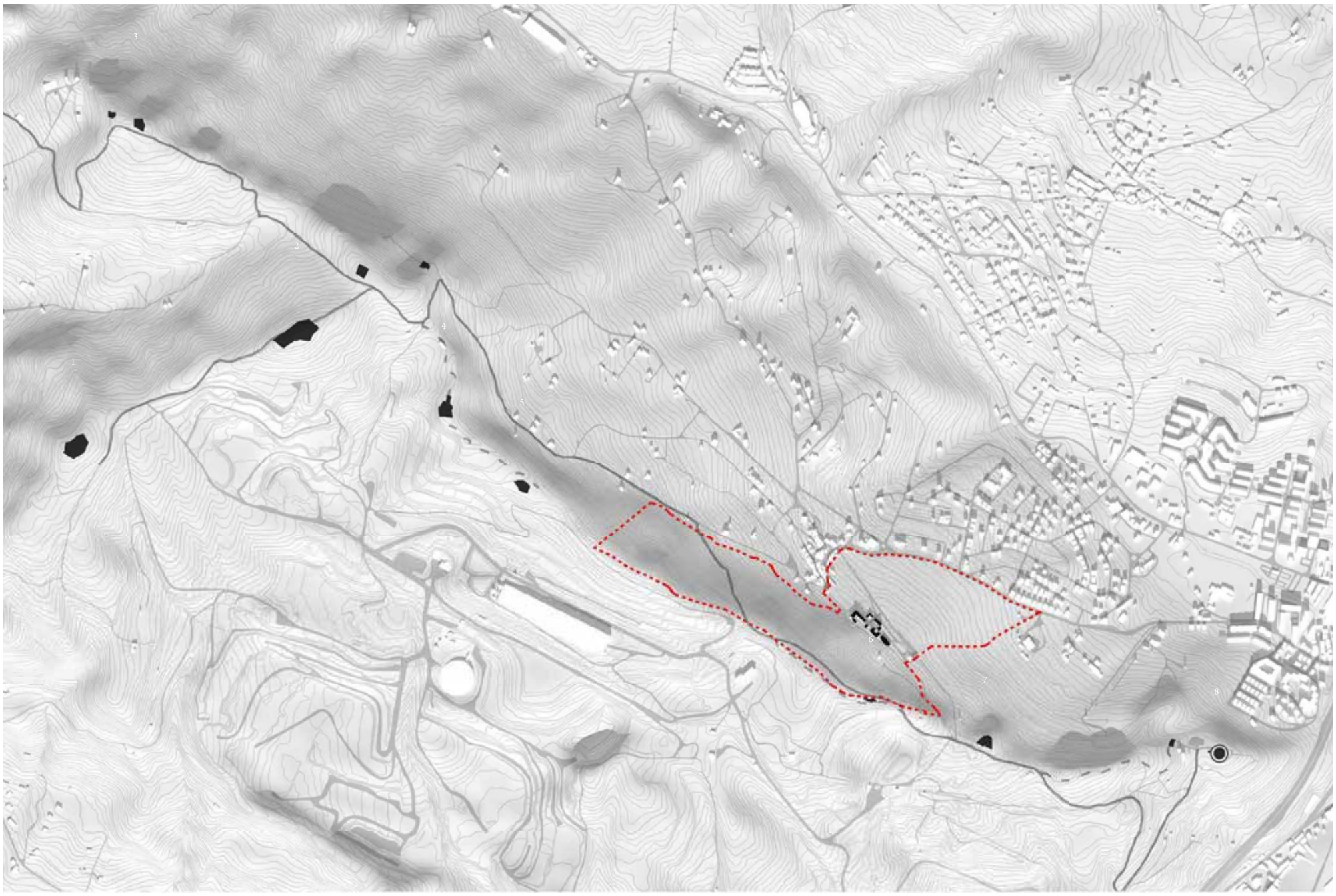
# LIVRO VI

**PROPOSTAS INDIVIDUAIS**

Texto, imagens e desnhos

# 01. TERRITÓRIO\LUGAR

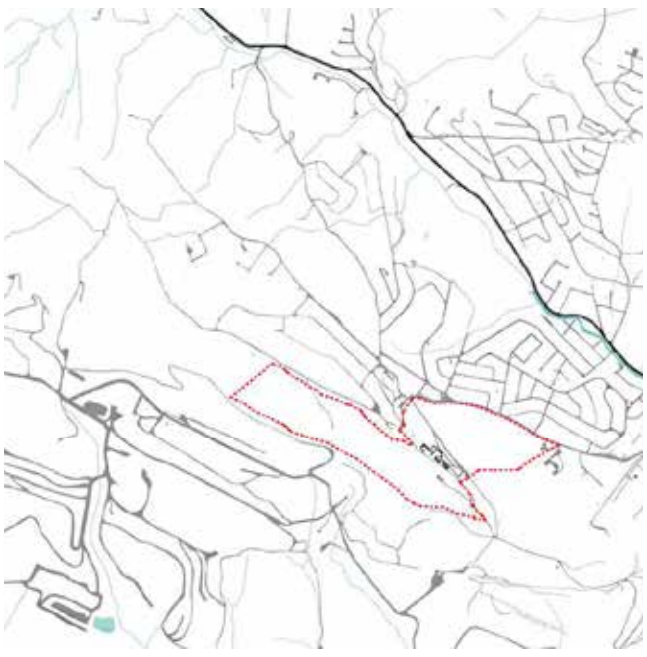
PROF. ARQº JOSÉ AGUIAR E PROF. ARQº PEDRO PACHECO |
LAURA MENDES [20201021] LABORATÓRIO DE PROJETO VI | MIARQ 5B



Planta Localização com linha de Torres

1. Reduto dos dois Moinhos 2. Forte dos Sinais 3. Reduto da Serra do Formoso 4. Forte 3º da Subserra 5. Forte 2º da Subserra 6. Bateria Nova da Subserra 7. Forte 1º da Subserra 8. Miradouro de Alhadra

ESCALA 1.7500

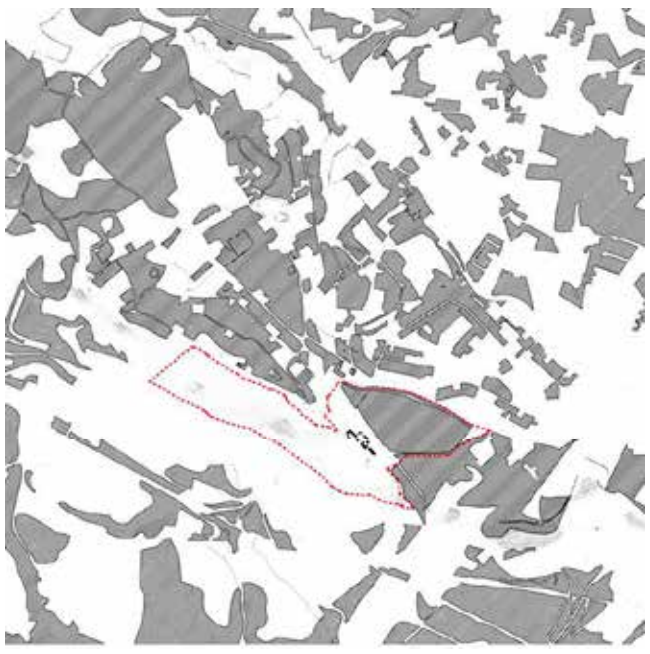


Planta Linha de água e vias rodoviárias

Limite da Quinta
Linha d'água
Vias Rodóviárias

Planta da Zona industrial e rede eletrica

Limite da Quinta
Zona Industrial
Rede Eletrica



Planta da Zonas Verdes

Limite da Quinta
Zonas verdes

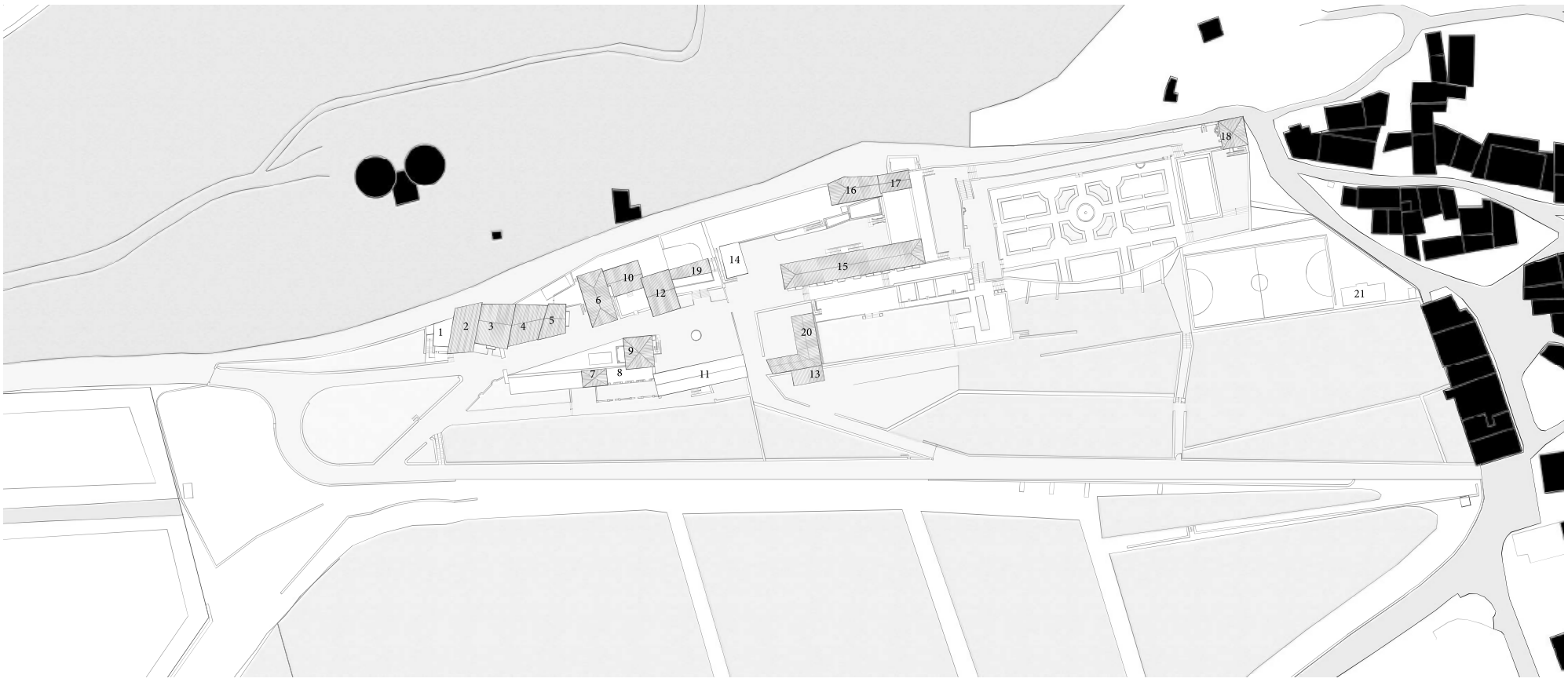
Da Autoria Laura Mendes

Da Autoria edição 310 da Ambitur

Da Autoria Laura Mendes

# 02. EVOLUÇÃO

PROF. ARQº JOSÉ AGUIAR E PROF. ARQº PEDRO PACHECO |
LAURA MENDES [20201021] LABORATÓRIO DE PROJETO VI | MIARQ 5B




PLANTA DEDUNÇOES NA QUINTA, ANTES DO SECULO XX E ATUALMENTE

ESCALA 1.1000

LEGENDA DO EDIFICADO

1.Anexo
2. Armazem de Vinho
3. Casa do Caseiro
4. Loja
5. Oficina
6. Arrecadação\casa dos trabalhadores
7. Chalé nº5
8. Chalé nº6
9. Chalé nº4
10. Refeitório
11. Adega
12. Camaratas
13. Arrumos
14. Escritórios
15. Palácio
16. Atelier de Artes
17. Capela
18. Balnários Inativos
19. Pombal inativo
20. Galinheiro Inativo
21. Campo Polidesportivo

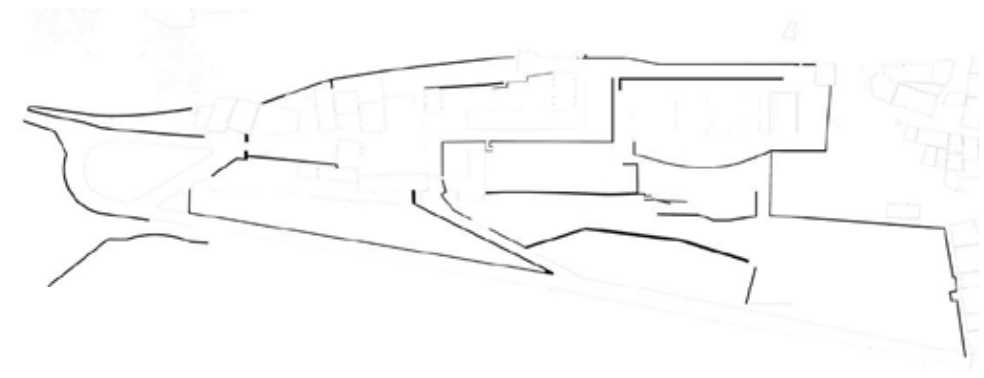


Diagrama dos muros



Diagrama dos jardins e Pomares — Pomares e Vinha — Jardins

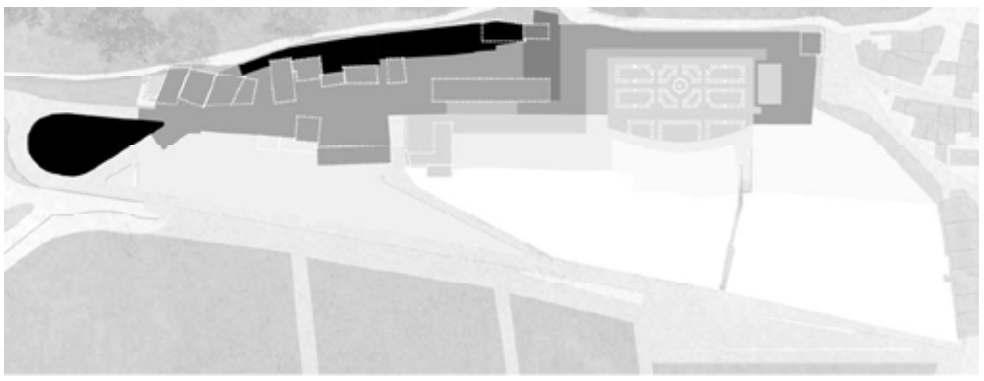


Diagrama dos Patamares — Cota Mais alta — Existente — Cotas altas — Existente — Novo edificado — Existente

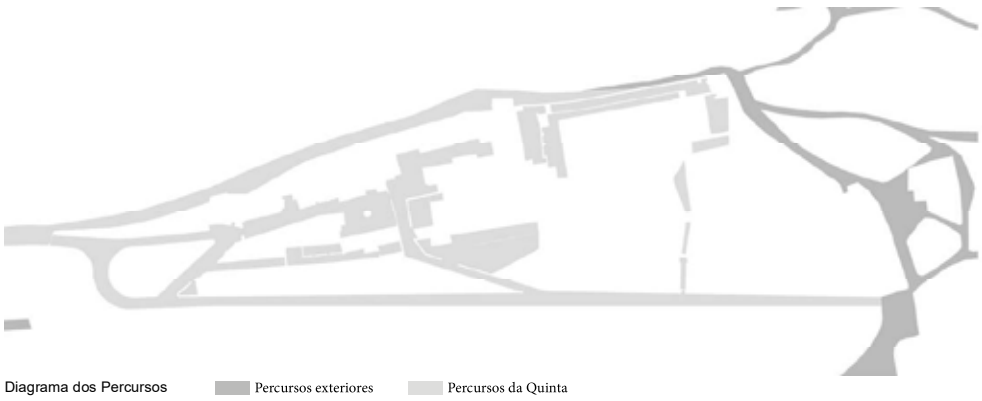
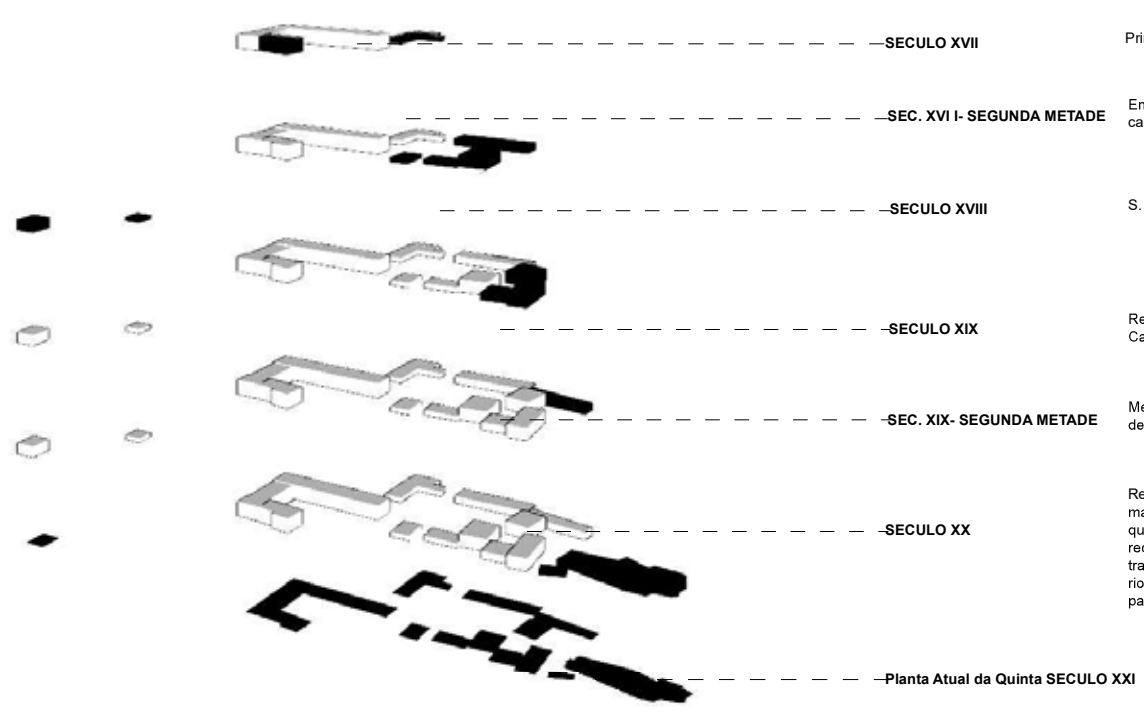


Diagrama dos Percursos — Percursos exteriores — Percursos da Quinta




Primeira construção foi a capela em 1633 fundada pelo Capitão Diogo da Veiga.

Em 1680 sua filha Dª Barbara de Vasconcelos Mandou construir o Palácio. No qual foi completado com a casa do caseiro para apoio do palacio e um celeiro.

S. João Roxas e Azevedo manda construir os jardins e a rua ladeada de estátuas.

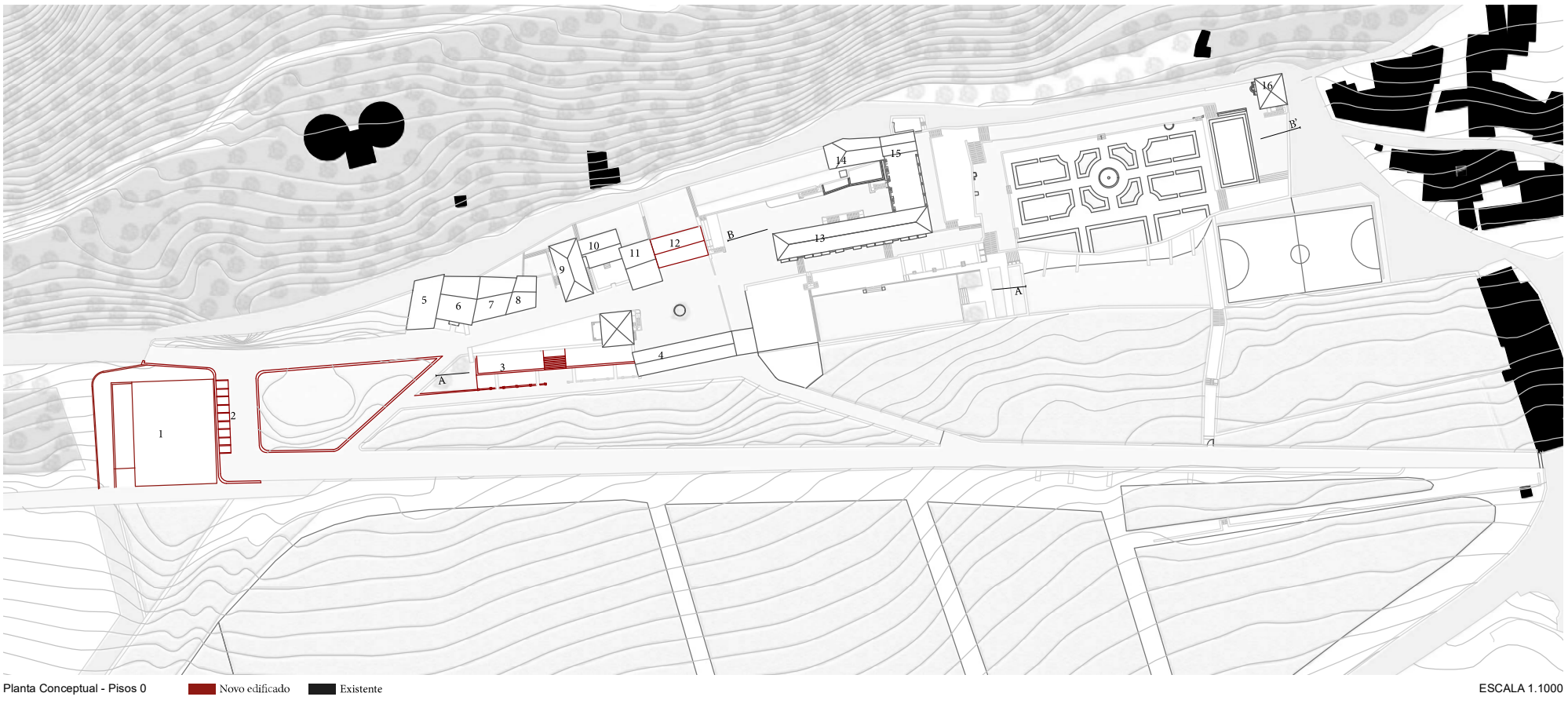
Reedificação da Capela e do Palácio após serem destruídos pelo terramoto de Lisboa em 1755. Reconstrução da Casa da Quinta, por D. Manuel Pamplona e D.ª Isabel de Roxas.

Melhoramentos e arranjos na propriedade, como nos jardins, na gruta, no tanque dos peixes e pombais, e na estrada de acesso à quinta.

Reestruturação do jardim e colocação da azulejaria exterior por João Guedes de Sousa. Jardim convertido num pomar de ameixoeiras, após as invasões francesas. Projeto de reconstituição do jardim por Francisco Caldeira Cabral. A quinta é adquirida pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, que executou obras de conservação, restauro e de recuperação do jardim pelo Arquiteto Paisagista Fernando Graça, obras de drenagem. manutenção e recuperação, transformaram-se duas casas existentes na quinta numa camarata com capacidade para 34 pessoas, e num refeitório, para 40 pessoas, construção de um ringue polidesportivo e á recuperação da piscina. Colocação de ladrilhos no pavimento das instalações sanitárias no piso superior da camarata e assentaento do piso terreo.

# 03. PROGRAMA

PROF. ARQº JOSÉ AGUIAR E PROF. ARQº PEDRO PACHECO |
LAURA MENDES [20201021] LABORATÓRIO DE PROJETO VI | MIARQ 5B




Planta Conceptual - Pisos 0 — Novo edificado — Existente — ESCALA 1.1000

LEGENDA DO EDIFICADO

1. Adega (dois pisos)
2 . Zona de estacionamento
3. Alojamento local (hotel)
4. Enoteca (dois pisos)
5. Arrumos de apoio á jardinagem
6. Casa de descanso dos Trabalhadores (dois pisos)
7. Espaço de estudo
8. Recepção
9. Alojamneto Local (apartamento piso de cima, camaratas piso terreo)
10. Cozinha Partilhada
11. Alojamento local em apartamentos (dois pisos)
12. Zona de Workshop´s
13. Palacio - Espaço de eventos e atelier
14. Casa do caseiro (dois pisos)
15. Capela
16. Balneários da piscina (dois pisos)

Diagrama das Herarquias — Zona de Lazer — Zona de Vila — Zona Apoio Agricoola



Diagrama dos jardins e Pomares — Pomares e Vinha — Jardins

Diagrama Edificios — Edificios na Quinta — Aldeia



Diagrama dos Percursos — Percursos exteriores — Percursos da Quinta

Corte AA' — ESCALA 1.200

Corte BB' — ESCALA 1.200

# 04. PROJETO

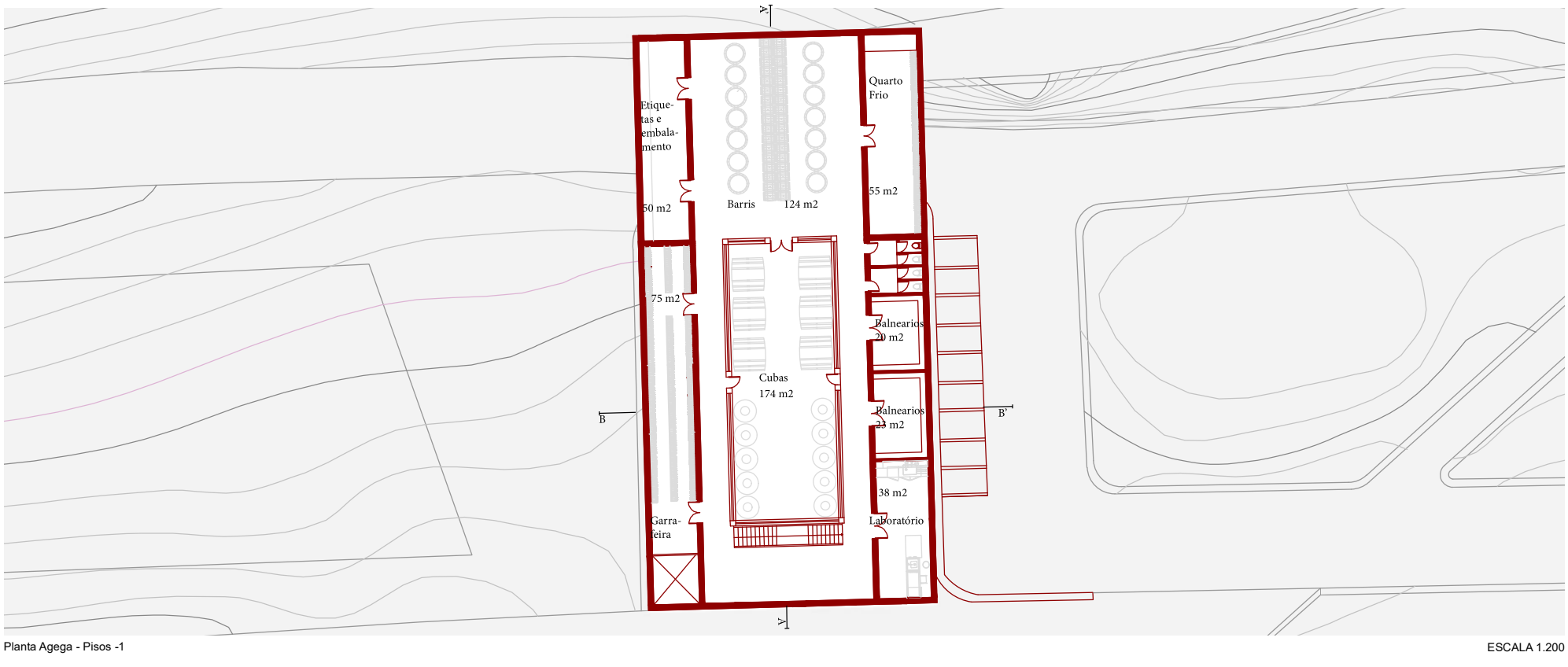
PROF. ARQº JOSÉ AGUIAR E PROF. ARQº PEDRO PACHECO |
LAURA MENDES [20201021] LABORATÓRIO DE PROJETO VI | MIARQ 5B

Planta Conceptual - Pisos -1 Novo edificado Existente

ESCALA 1.500

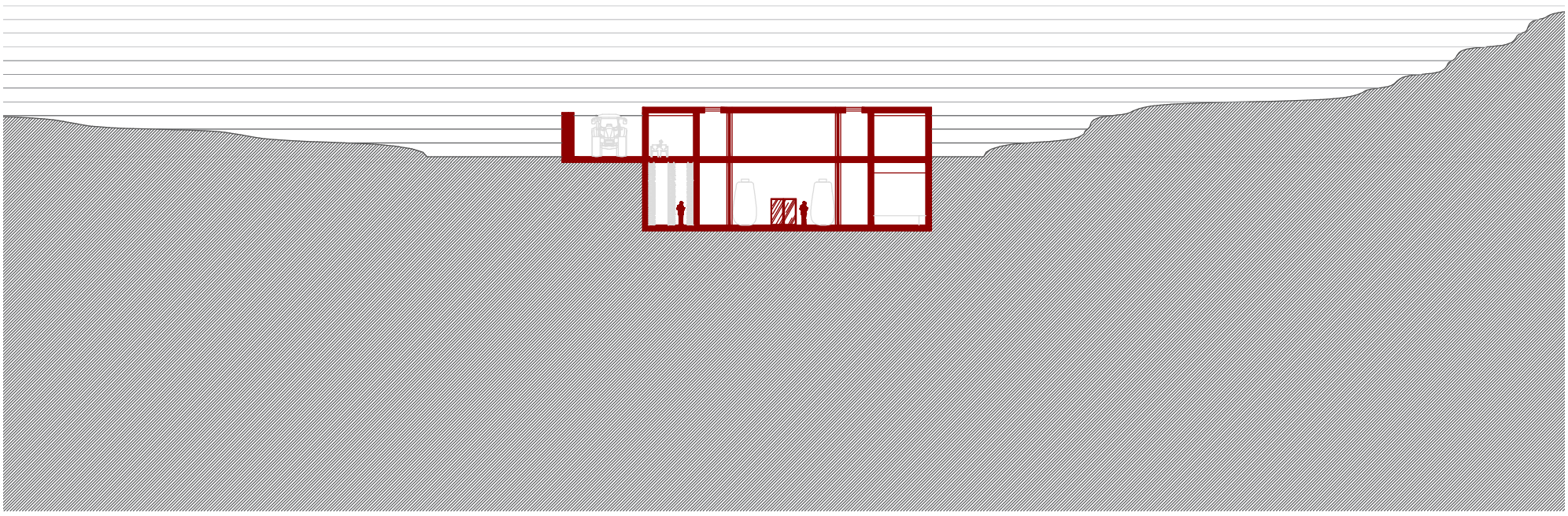
LEGENDA DO EDIFICADO

1. Adega
2. Zona de arrumos de eventos




Planta Agega - Pisos -1

ESCALA 1.200

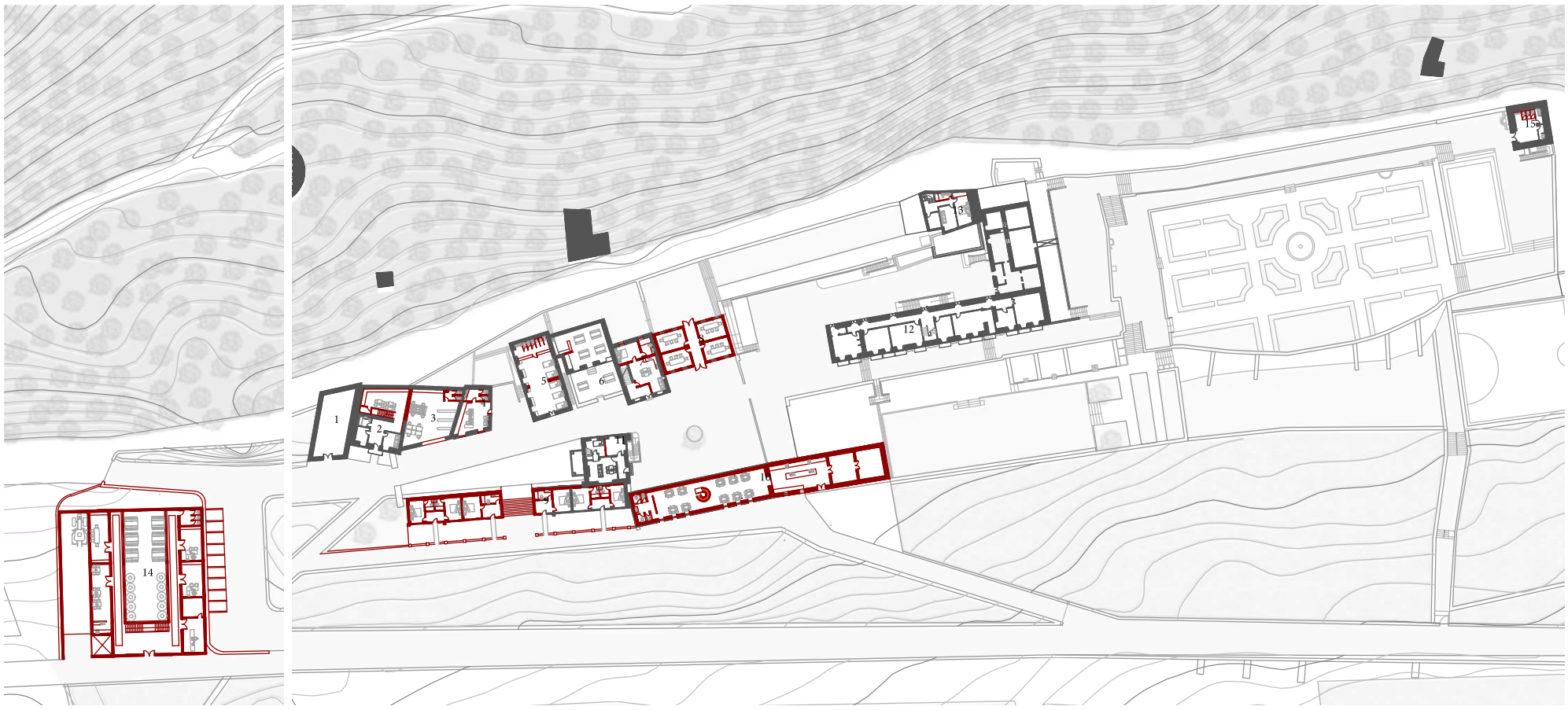


Corte BB'

ESCALA 1.200

# 05. PROJETO

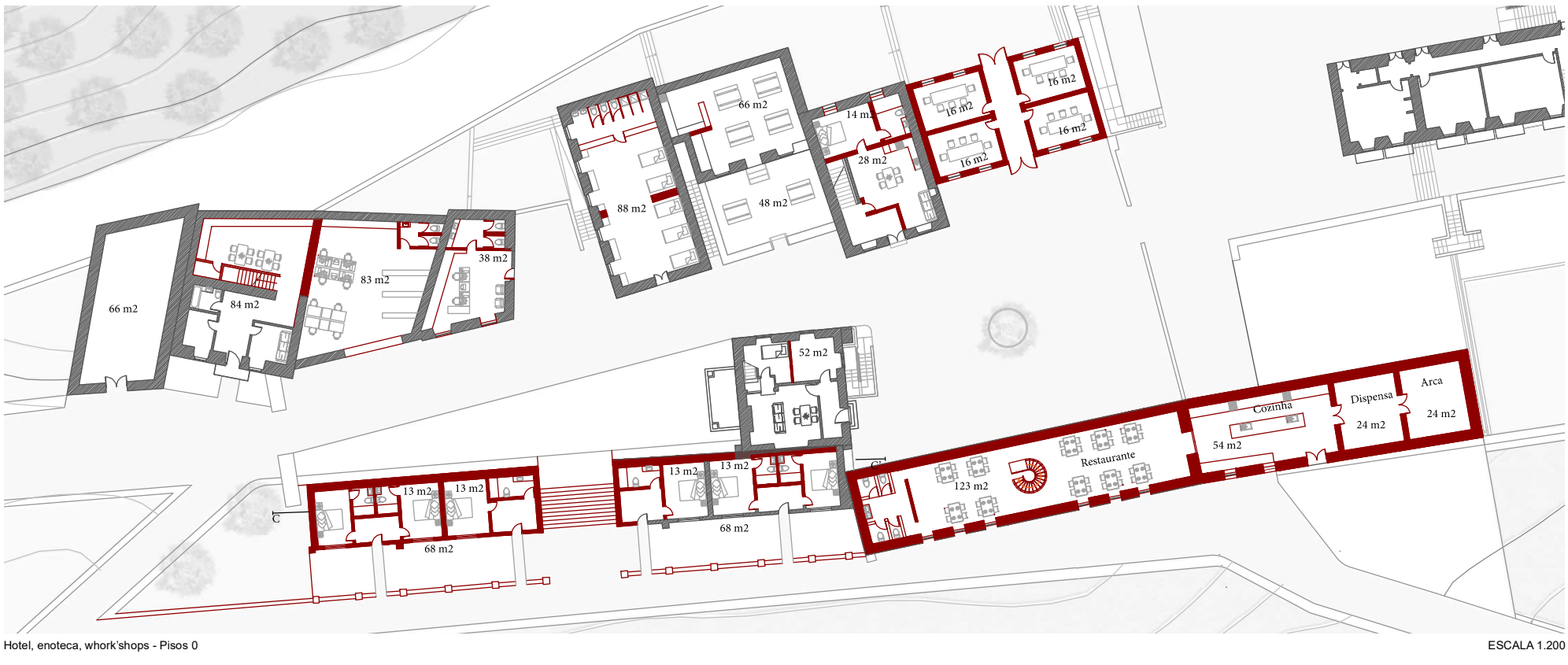
PROF. ARQº JOSÉ AGUIAR E PROF. ARQº PEDRO PACHECO |
LAURA MENDES [20201021] LABORATÓRIO DE PROJETO VI | MIARQ 5B




Planta Conceptual - Pisos 0 — Novo edificado — Existente — Demolido — ESCALA 1.500

LEGENDA DO EDIFICADO

1. Armazém de Jardinagem
2. Casa dos Trabalhadores
3. Espaço de Estudo
4. Recepção
5. Camaratas
6. Cozinha Patilhada
7. Alojamento
8.Espaço de Work'sshops
9. Alojamento\hotel
10. Enoteca
11. Casa da Marqueza
12. Palácio - Salas de atelier
13. Casa do Caseiro
14. Adega
15. Balneários

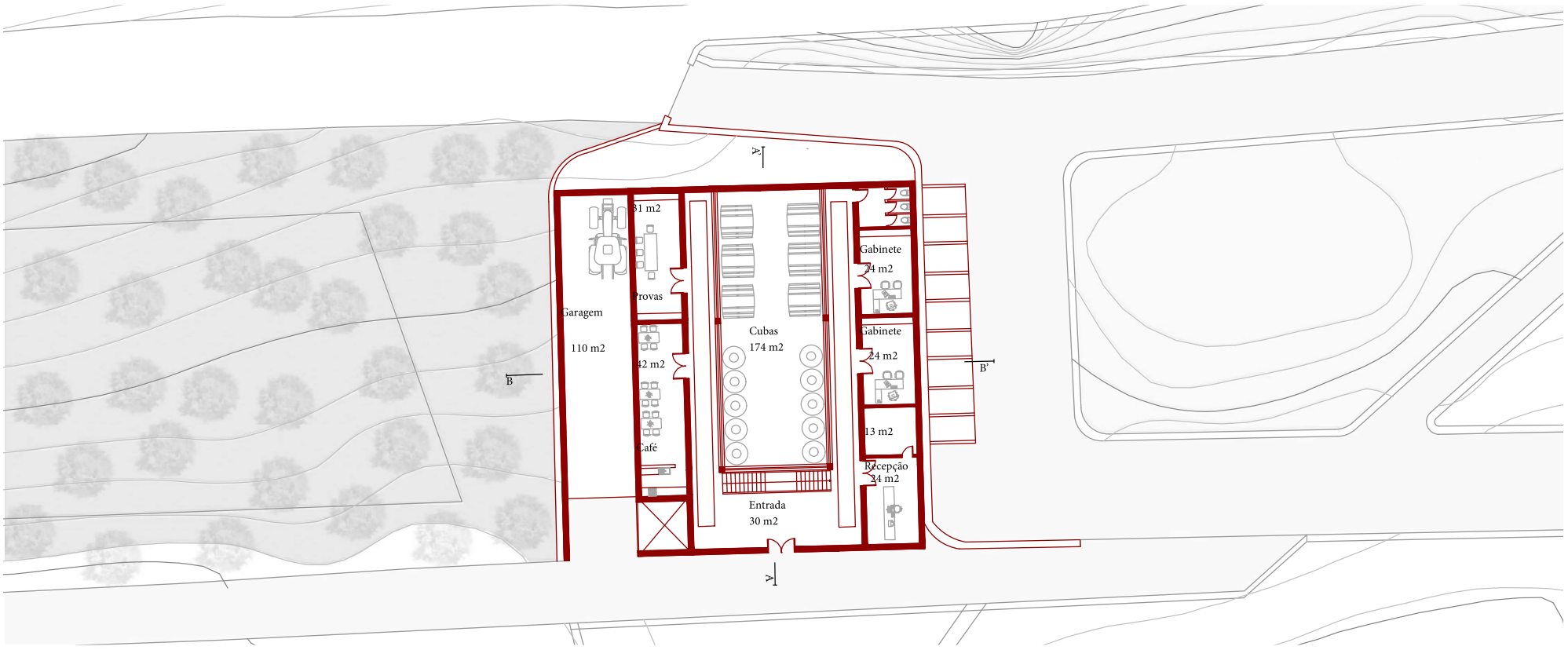



Hotel, enoteca, whork'shops - Pisos 0 — ESCALA 1.200

Corte CC' — ESCALA 1.200

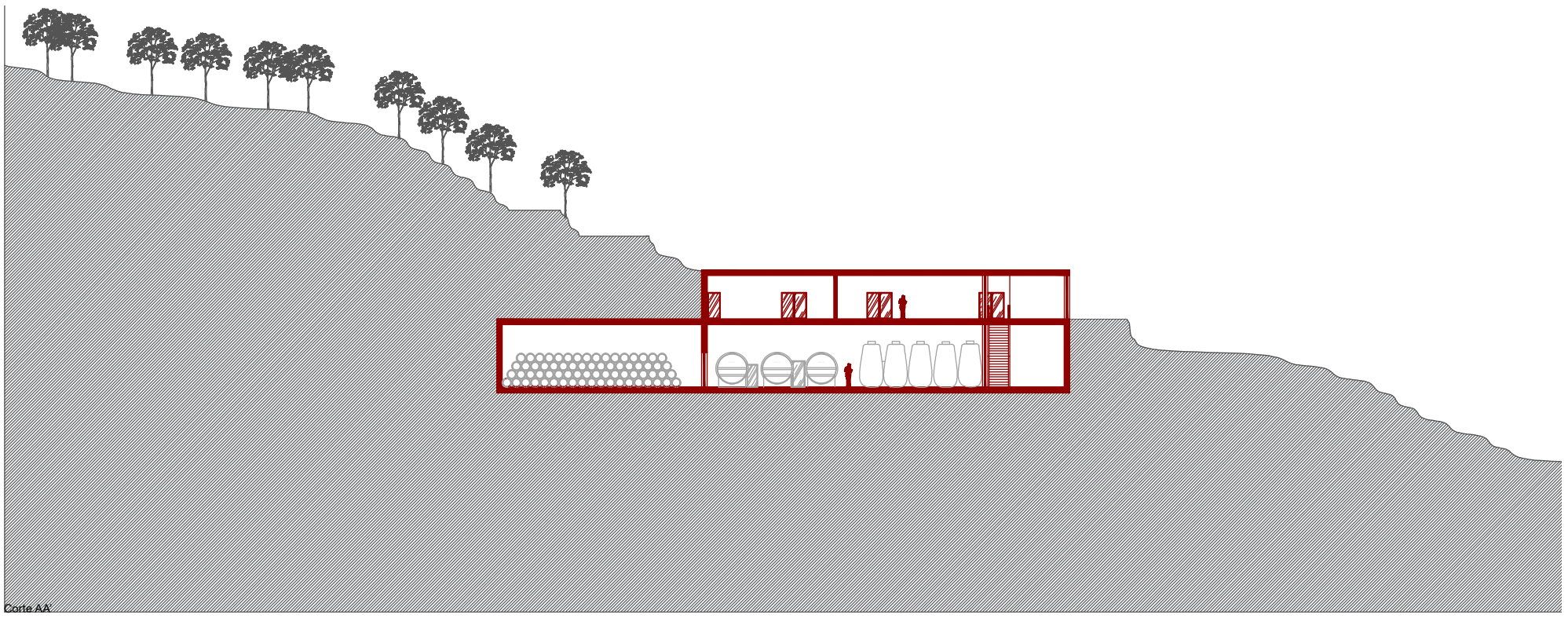
# 06. PROJETO

PROF. ARQº JOSÉ AGUIAR E PROF. ARQº PEDRO PACHECO |
LAURA MENDES [20201021] LABORATÓRIO DE PROJETO VI | MIARQ 5B



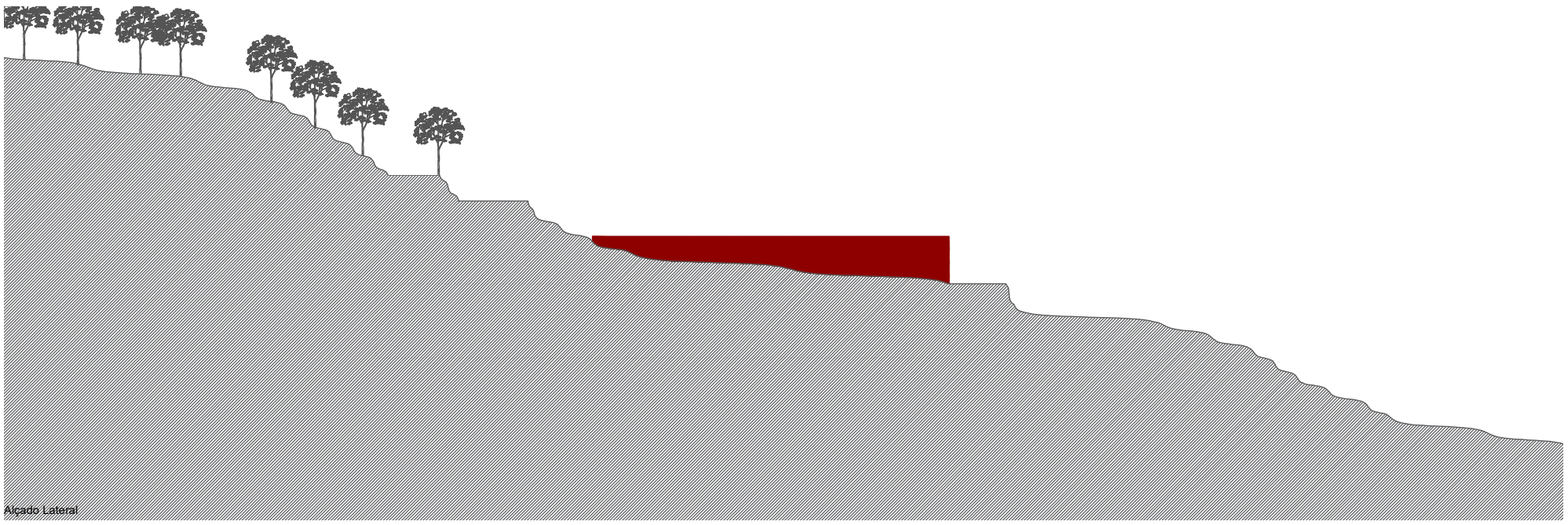

Planta Adega - Piso 0

ESCALA 1.200



Corte AA

ESCALA 1.200



Alçado Lateral

ESCALA 1.200

# 07. PROJETO

PROF. ARQº JOSÉ AGUIAR E PROF. ARQº PEDRO PACHECO |
LAURA MENDES [20201021] LABORATÓRIO DE PROJETO VI | MIARQ 5B

Planta Conceptual - Pisos 1 — Novo edificado — Existente — Demolido — ESCALA 1.500

LEGENDA DO EDIFICADO

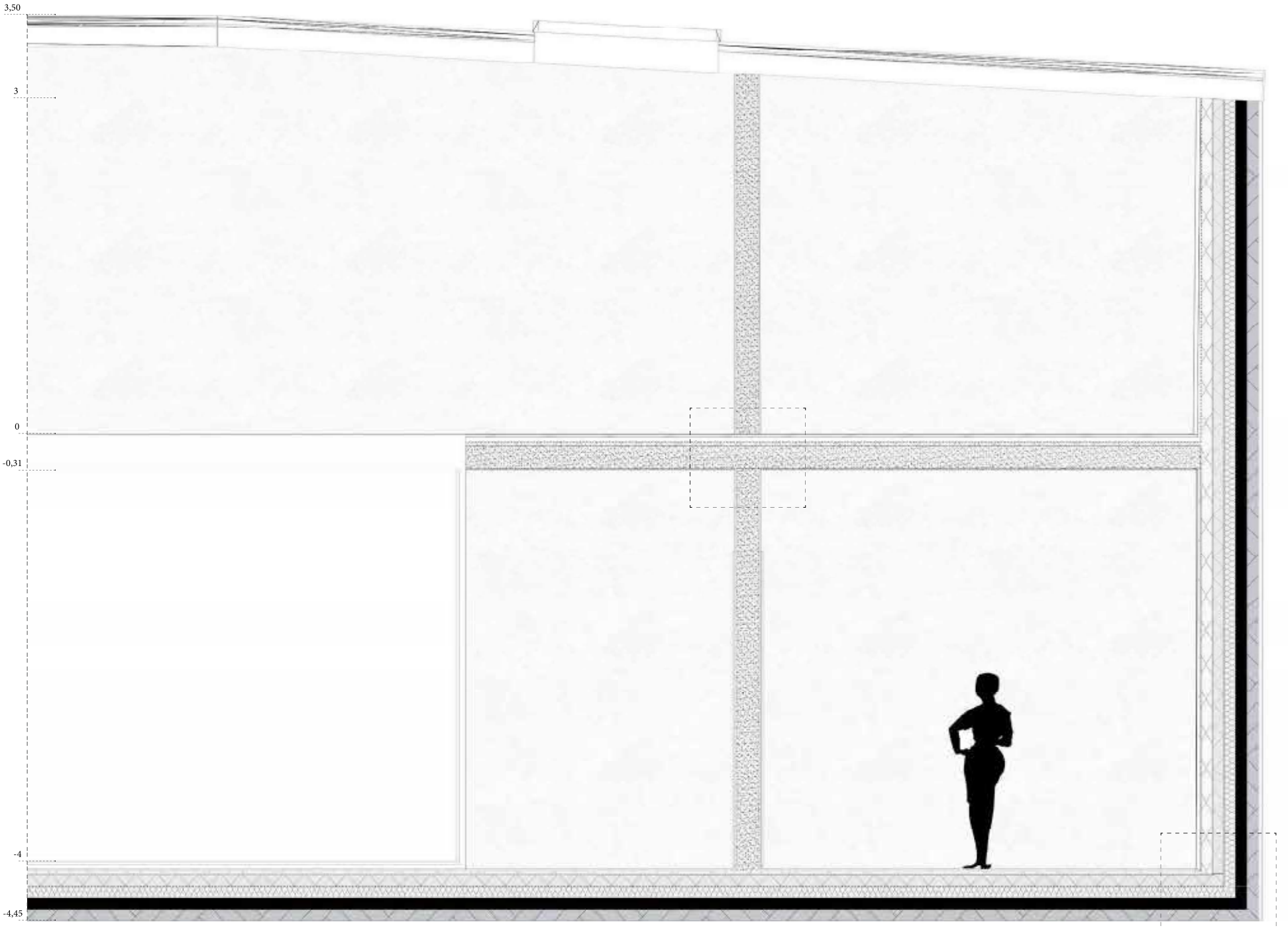
1. Dormitório dos Trabalhadores
2. Alojamento
3. Alojamento
4. Casa da Marqueza - Alojamento
5. Enoteca- Loja
6. Palácio - Salas de Eventos
7. Capela
8. Casa do Caseiro
9. Balneários- Arrumos

ESCALA 1.200

ESCALA 1.200

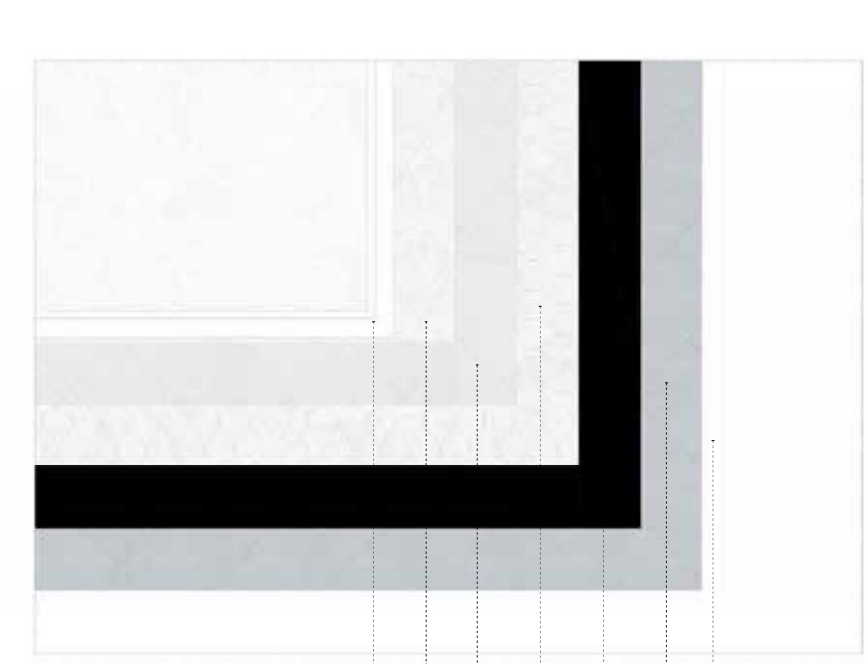
# 08. PORMENOR

PROF. ARQº JOSÉ AGUIAR E PROF. ARQº PEDRO PACHECO |
LAURA MENDES [20201021] LABORATÓRIO DE PROJETO VI | MIARQ 5B




Planta Conceptual - Pisos 1

ESCALA 1.20




Pormenor 1

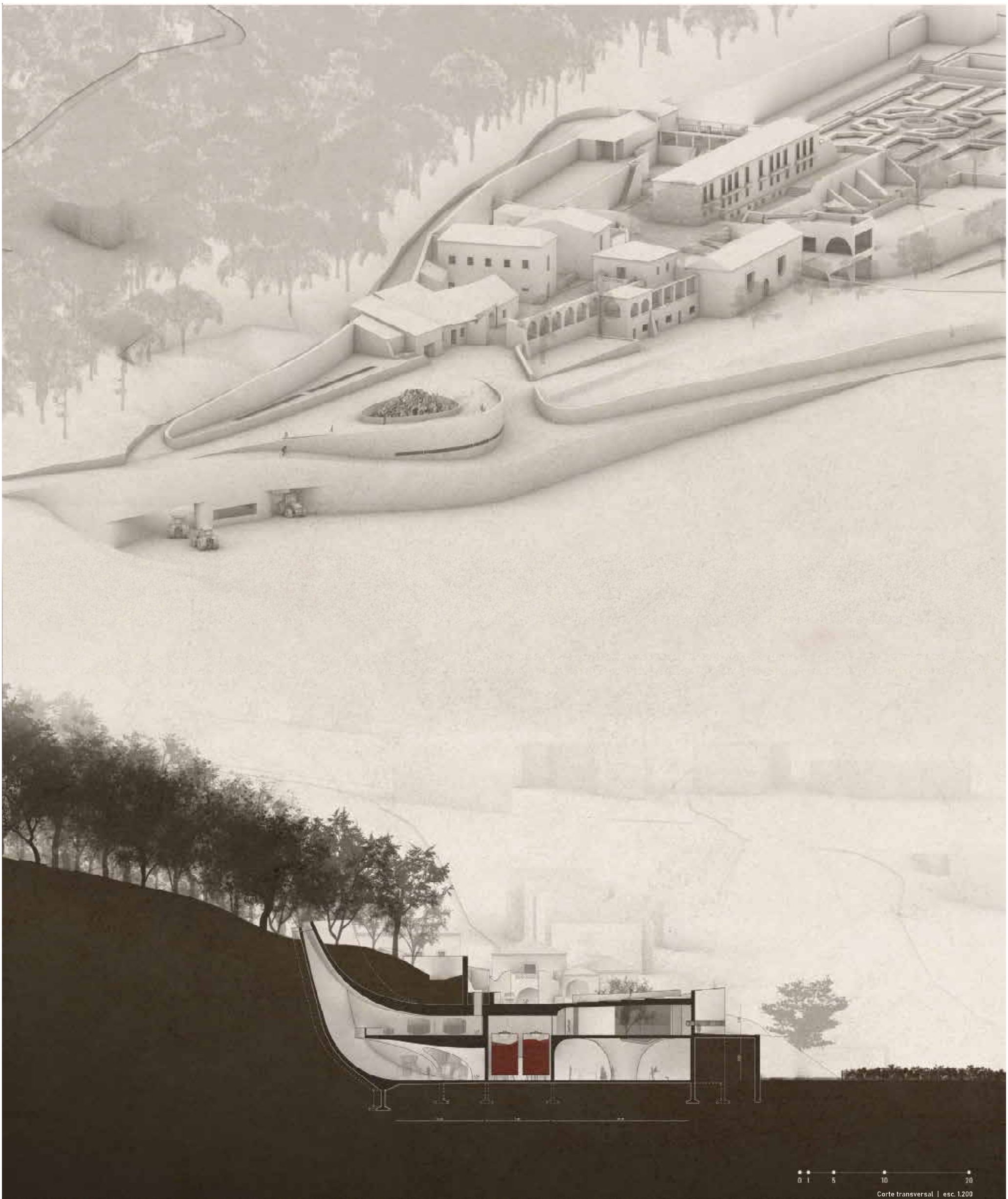
ESCALA 1.5

1- Reboco Gesso
2- Betão Armado
3- Isolamento fibra macia
4- Bloco de betão de enchimento
5- Isolamento Termico
6- Revestimento Exterior
7- Solo

Pormenor 2

ESCALA 1.5

1- Reboco Gesso
2- Betão Armado
3- Reboco Gesso
4- Betão estrutural
5- Isolamento Mineral Duro
6- Betão
7- Madeira




Corte transversal | esc. 1.200

**Laboratório de Projeto VI** Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
**José Aguiar + Pedro Pacheco** 1º Semestre 2021-2022
**Gonçalo Pestana Amaral** 20191392

*"Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória."*

*José Saramago*

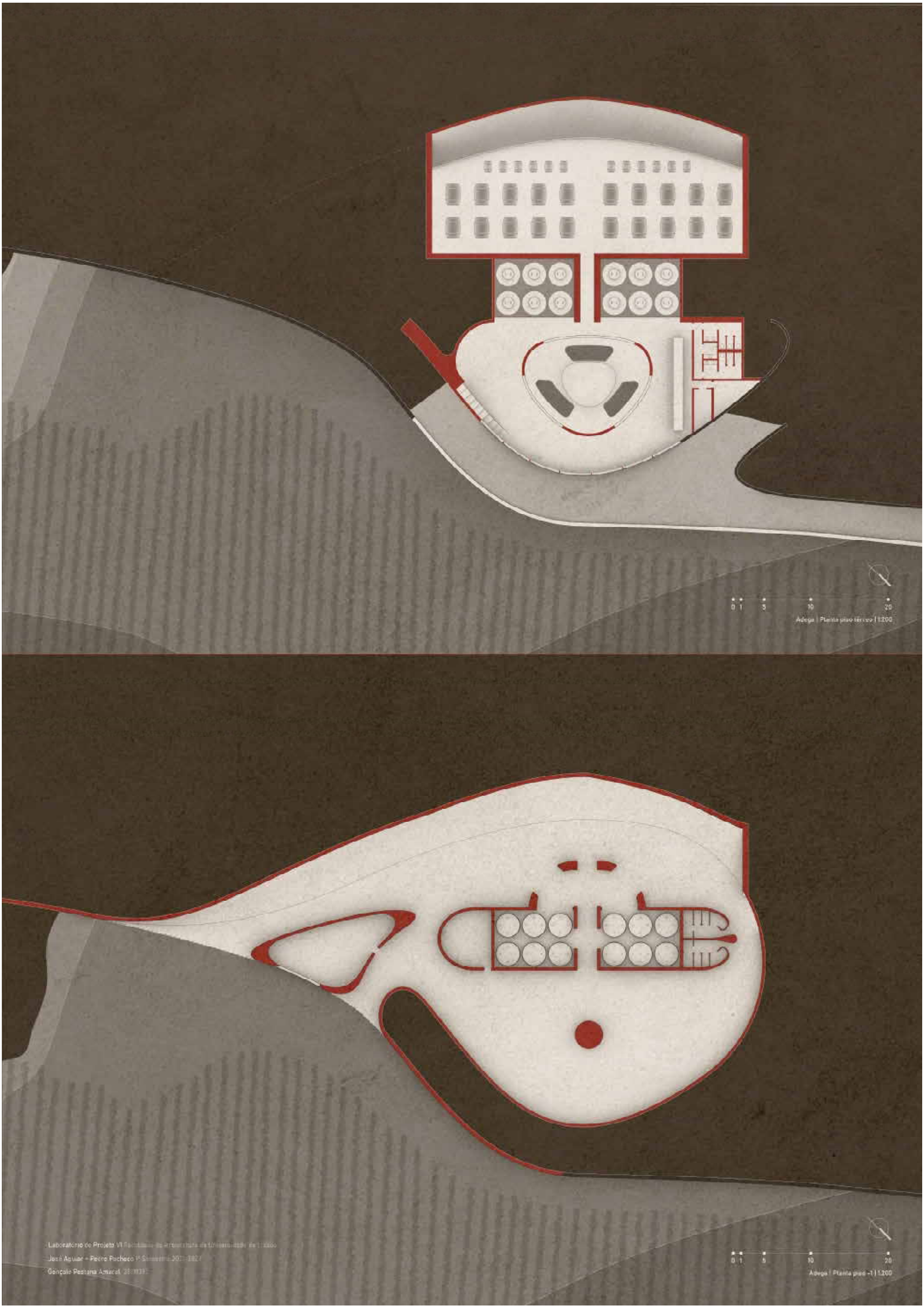
0 1 5 10 20

Adega | Planta de Implantação | 1.200

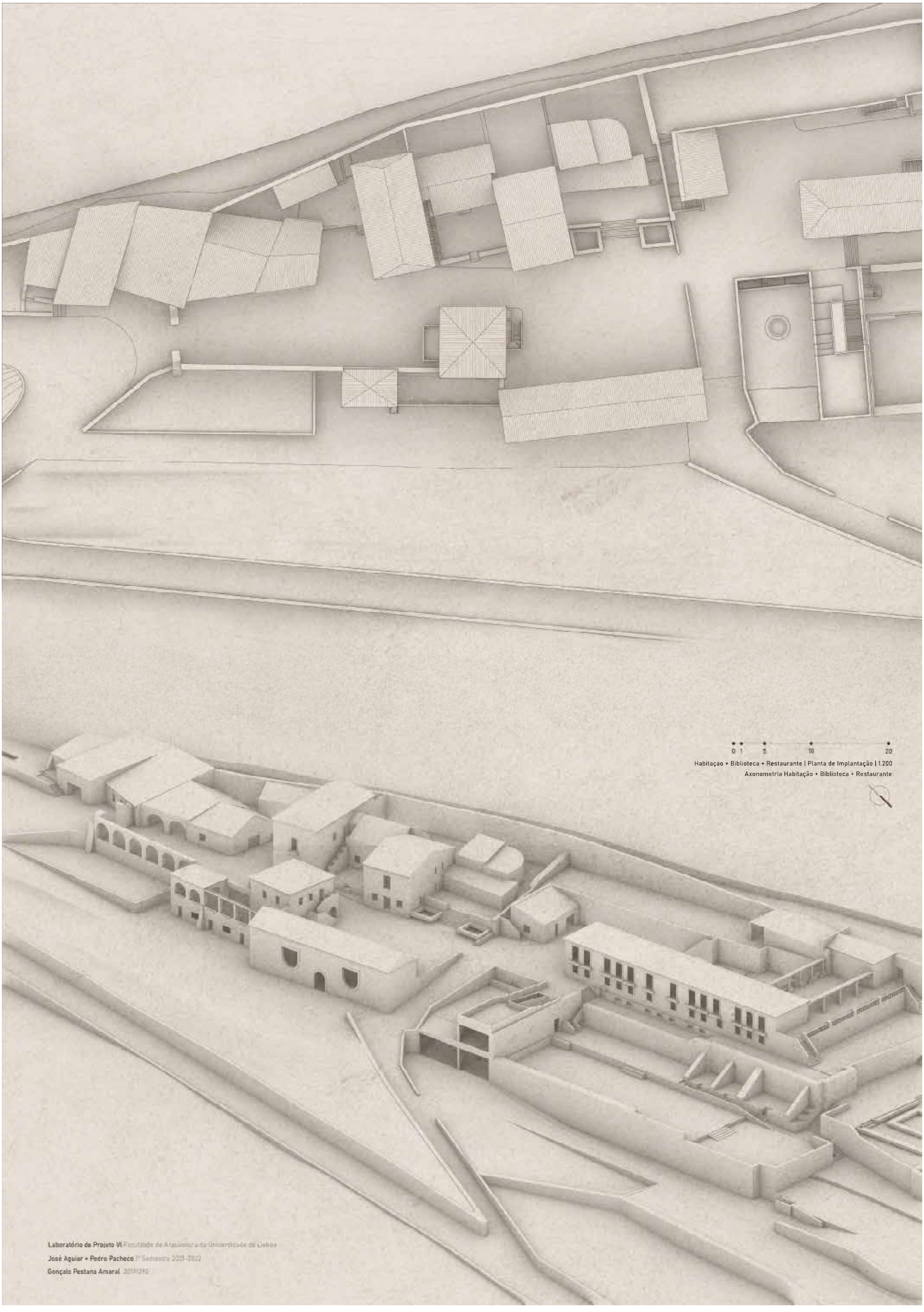
0 1 5 10 20

Adega | Corte transversal 01 | 1.200

**Laboratório de Projeto VI** Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
**José Aguiar + Pedro Pacheco** 1º Semestre 2021-2022
**Gonçalo Pestana Amaral** 20191392




Laboratório de Projeto VI Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
José Apuar + Pedro Pacheco 1º Semestre 2021-2022
Gonçalo Pestana Amaral 98193




Habitaçao + Biblioteca + Restaurante | Planta de Implantação | 1.200

Axonometria Habitação + Biblioteca + Restaurante

**Laboratório de Projeto VI** Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

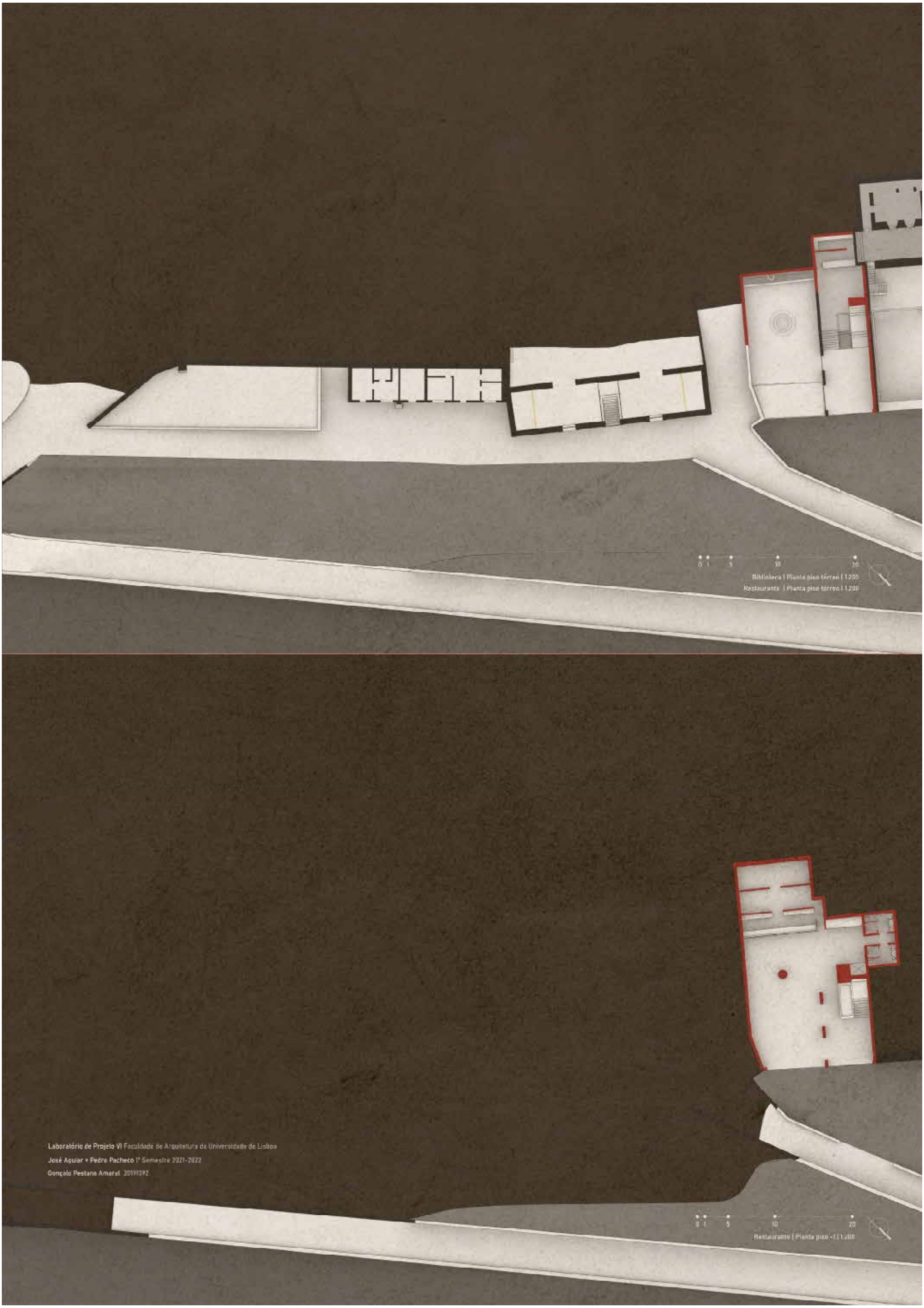
**José Aguiar + Pedro Pacheco** 1º Semestre 2021-2022

**Gonçalo Pestana Amaral** 2019129[illegible]

Laboratório de Projeto VI Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

José Aguiar + Pedro Pacheco 1º Semestre 2021-2022

Gonçalo Pestana Amaral 20191392




**Laboratório de Projeto VI** Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

**José Aguiar + Pedro Pacheco** 1º Semestre 2021-2022

**Gonçalo Pestana Amaral** 20191392

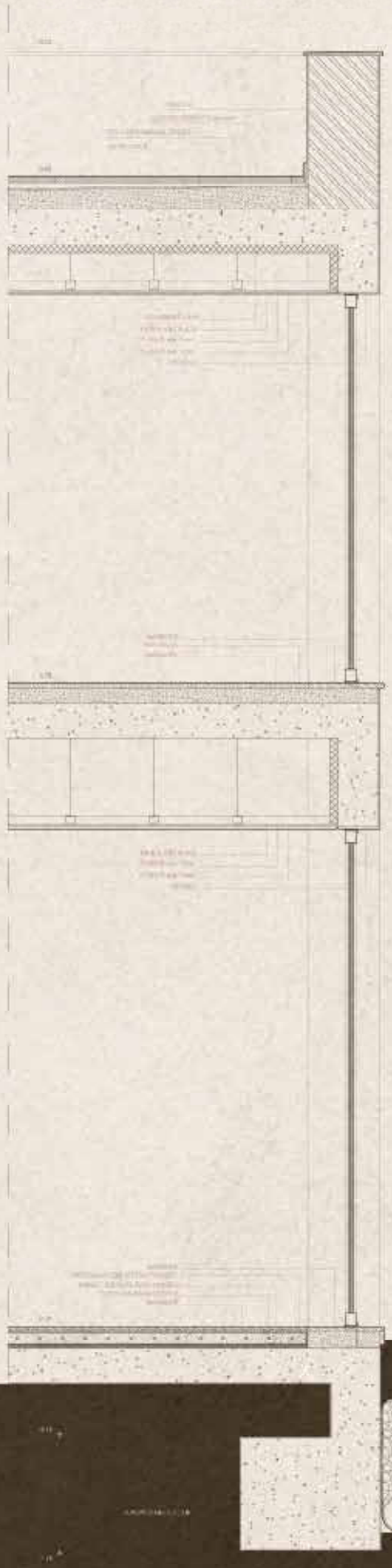
0 1 5 10 20

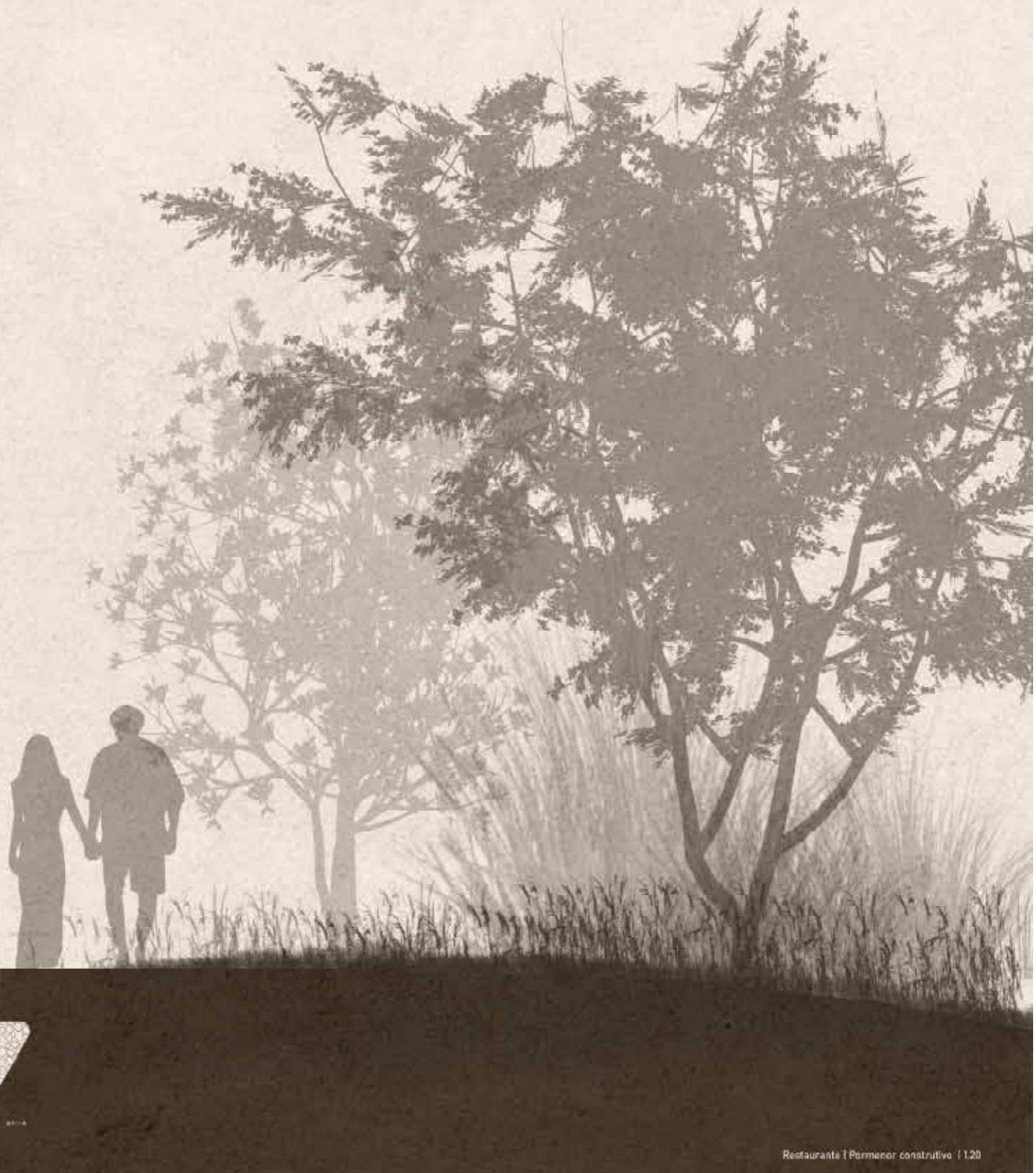
Restaurante | Corte transversal 01 | 1.200

**Laboratório de Projeto VI** Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

**José Aguiar + Pedro Pacheco** 1º Semestre 2021-2022

**Gonçalo Pestana Amaral** 20191392





Restaurante | Pormenor construtivo | 1.20

**Laboratório de Projeto VI** Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
**José Aguiar + Pedro Pacheco** 1º Semestre 2021-2022
**Gonçalo Pestana Amaral** 20191092

# 1

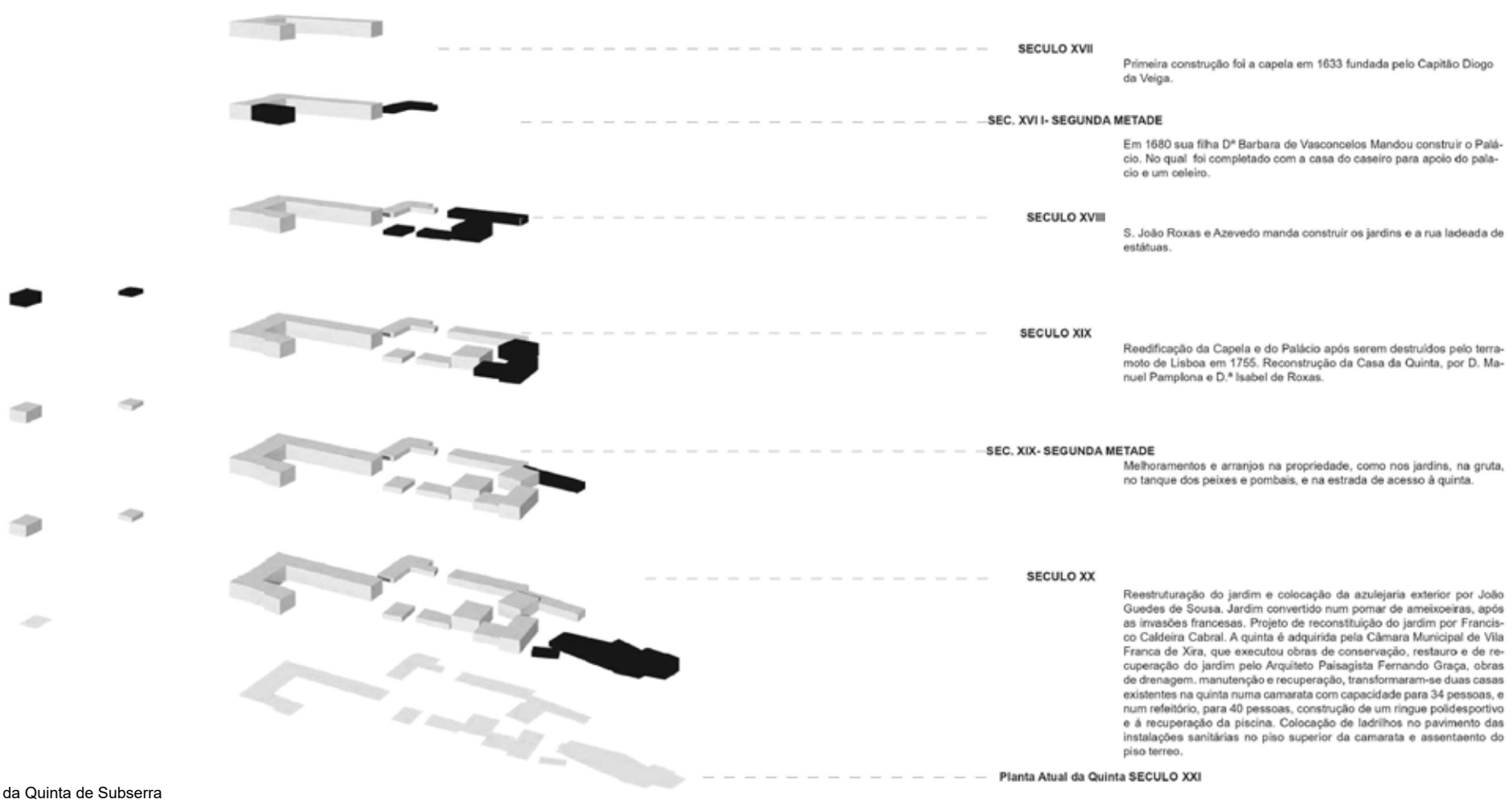
# Reabilitação da Quinta de Subserra
## e Ampliação da Adega

Docentes: José Aguiar | Pedro Pacheco
Guilherme Vieira | 20171352 | MIARQ 5B

Mapa de Vias_Percursos_Linha Defensiva de Torres

Cartografia de 1974 de Alhandra

Cartografia de 1990 de Subserra, São João dos Montes



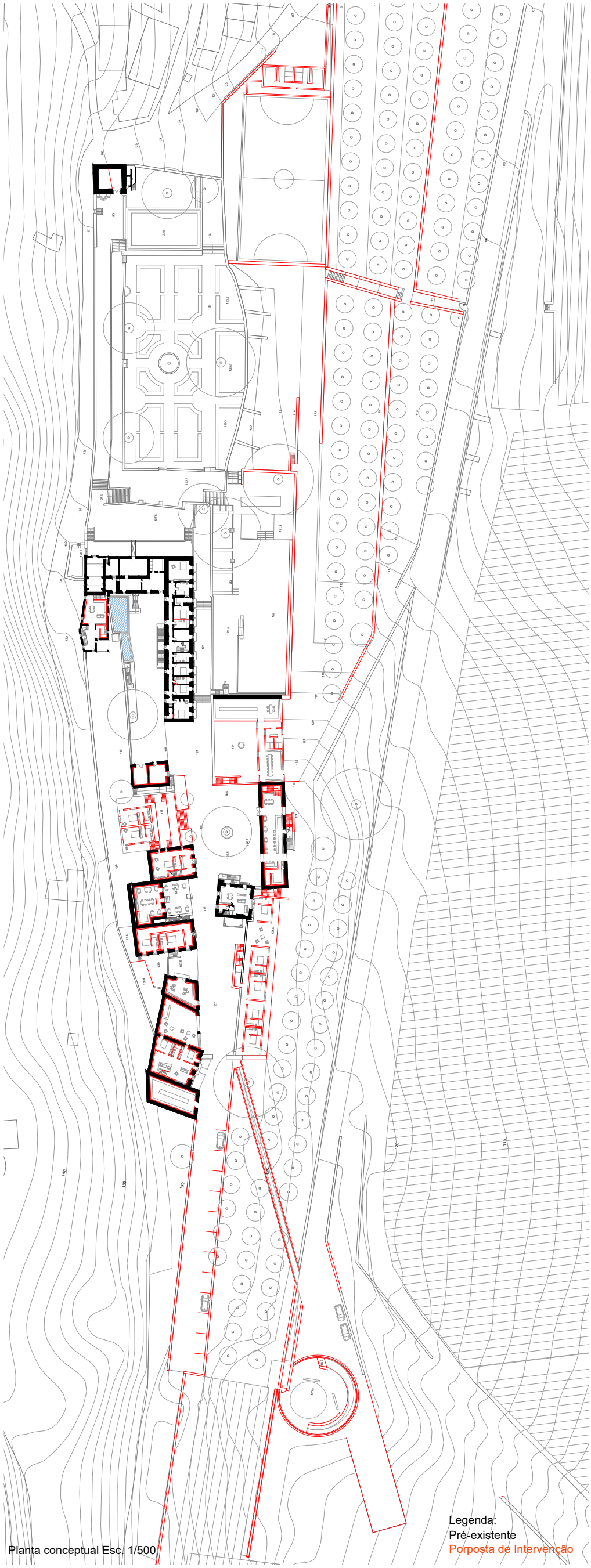

Evolução da Quinta de Subserra

# 2 Reabilitação da Quinta de Subserra
## e Ampliação da Adega

Docentes: José Aguiar | Pedro Pacheco
Guilherme Vieira | 20171352 | MIARQ 5B

Programa:
1 - Casa do Responsável pela Quinta
2 - Enoteca
3 - Armazenamento de vinho
4 - Alojamentos
5 - Alojamentos.Piso0/ Eventos.Piso1
6 - Cozinha comum
7 - Lavandaria
8 - Administração
9 - Recepção
10 - Casa dos Trabalhadores
11 - Arrumos
12 - Adega
13 - Capela
14 - Arrumos/Mirante
15 - Gruta de Fresco
16 - Balneários/Sala Técnica
17 - Mata
18 - Mata
19 - Jardim
20 - Pomar
21 - Vinha

Planta Geral de Implantação Esc. 1/500



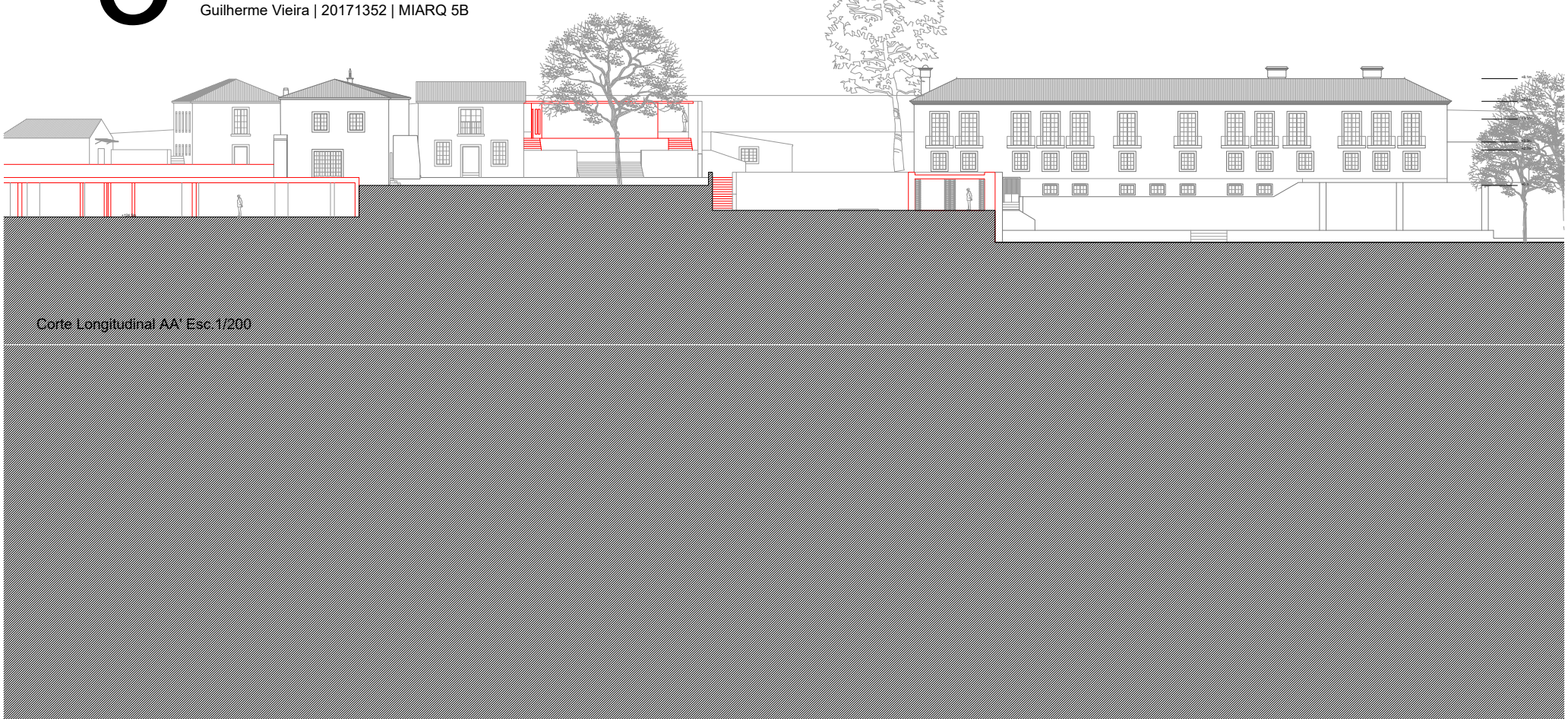
Planta conceptual Esc. 1/500

Legenda:
Pré-existente
Porposta de Intervenção

# 3

# Reabilitação da Quinta de Subserra
## e Ampliação da Adega

Docentes: José Aguiar | Pedro Pacheco
Guilherme Vieira | 20171352 | MIARQ 5B



Corte Longitudinal AA' Esc.1/200

2 - Enoteca
3 - Armazenamento de vinho
4 - Alojamentos

Planta Piso 0 Cota 125 Esc. 1/500

Legenda:
Pré-Existente
Proposta de Intervenção

Corte Longitudinal BB' Esc 1/200

# 4

# Reabilitação da Quinta de Subserra
## e Ampliação da Adega

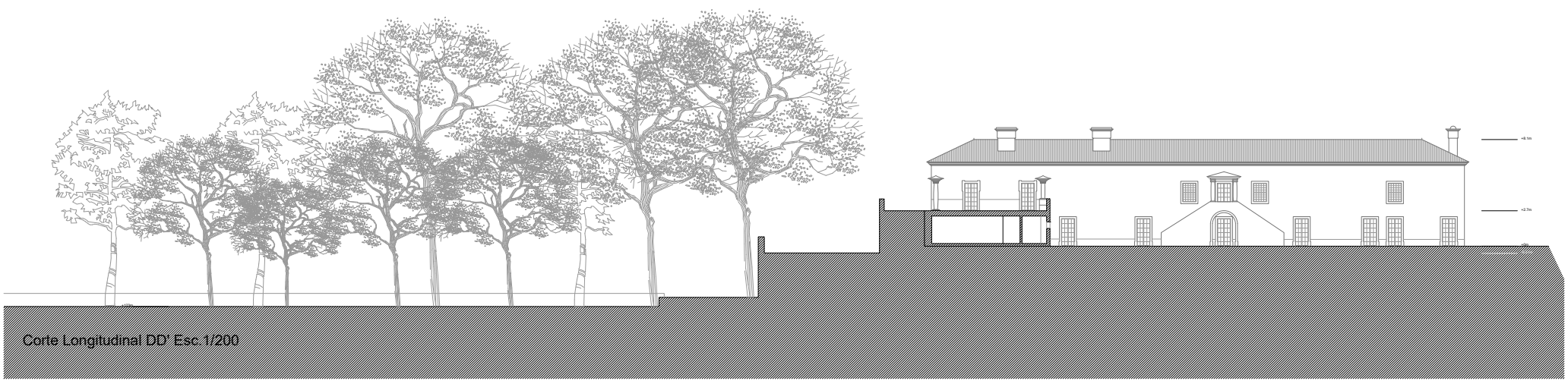
Docentes: José Aguiar | Pedro Pacheco
Guilherme Vieira | 20171352 | MIARQ 5B

Corte Transversal CC' Esc.1/200

1 - Casa do Responsável pela Quinta
2 - Enoteca
4 - Alojamentos
5 - Alojamentos.Piso0/ Eventos.Piso1
6 - Cozinha comum
7 - Lavandaria
8 - Administração
9 - Recepção
10 - Casa dos Trabalhadores
11 - Arrumos

Planta Piso 0 Cota 129 Esc. 1/500

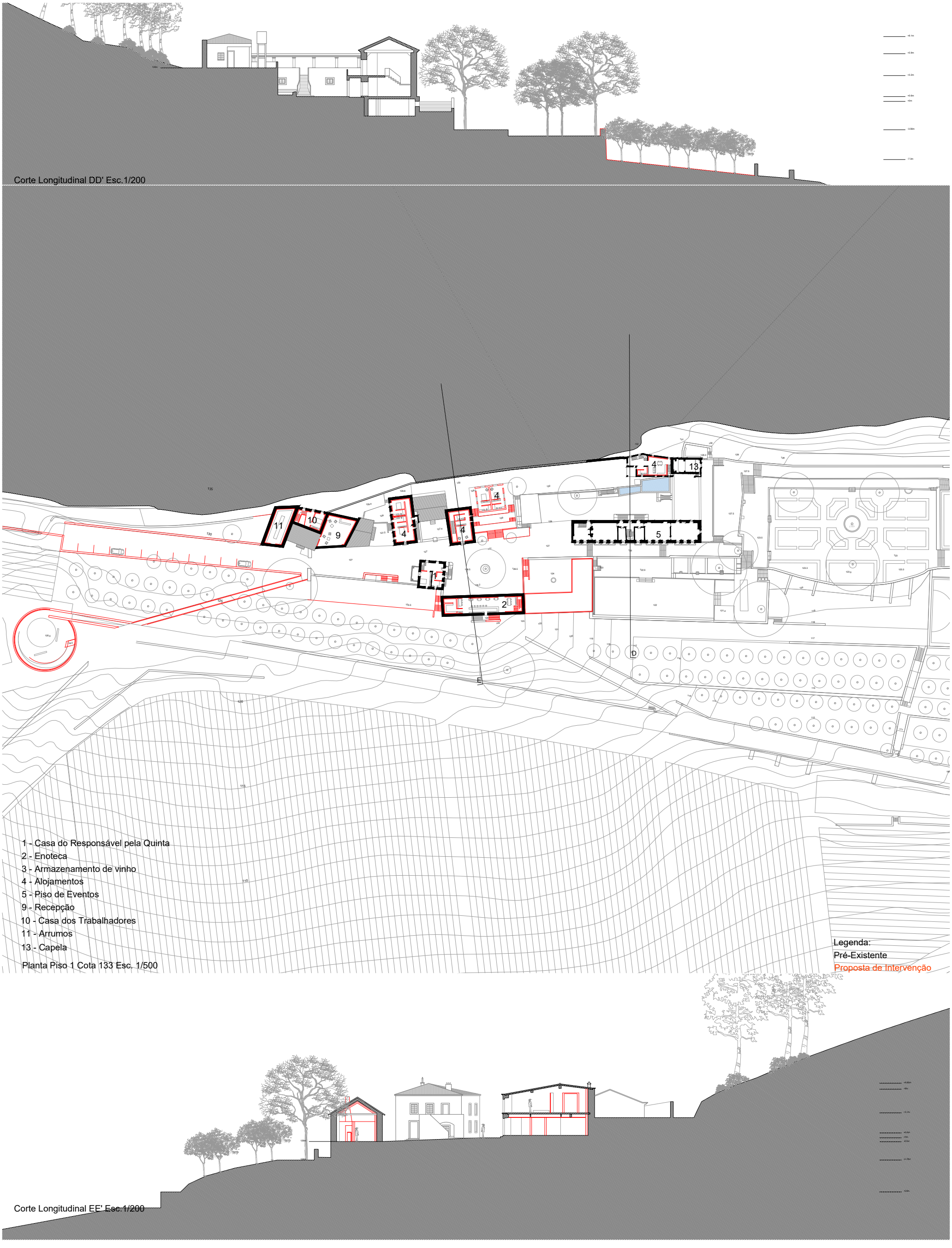
Legenda:
Pré-Existente
Proposta de Intervenção



Corte Longitudinal DD' Esc.1/200

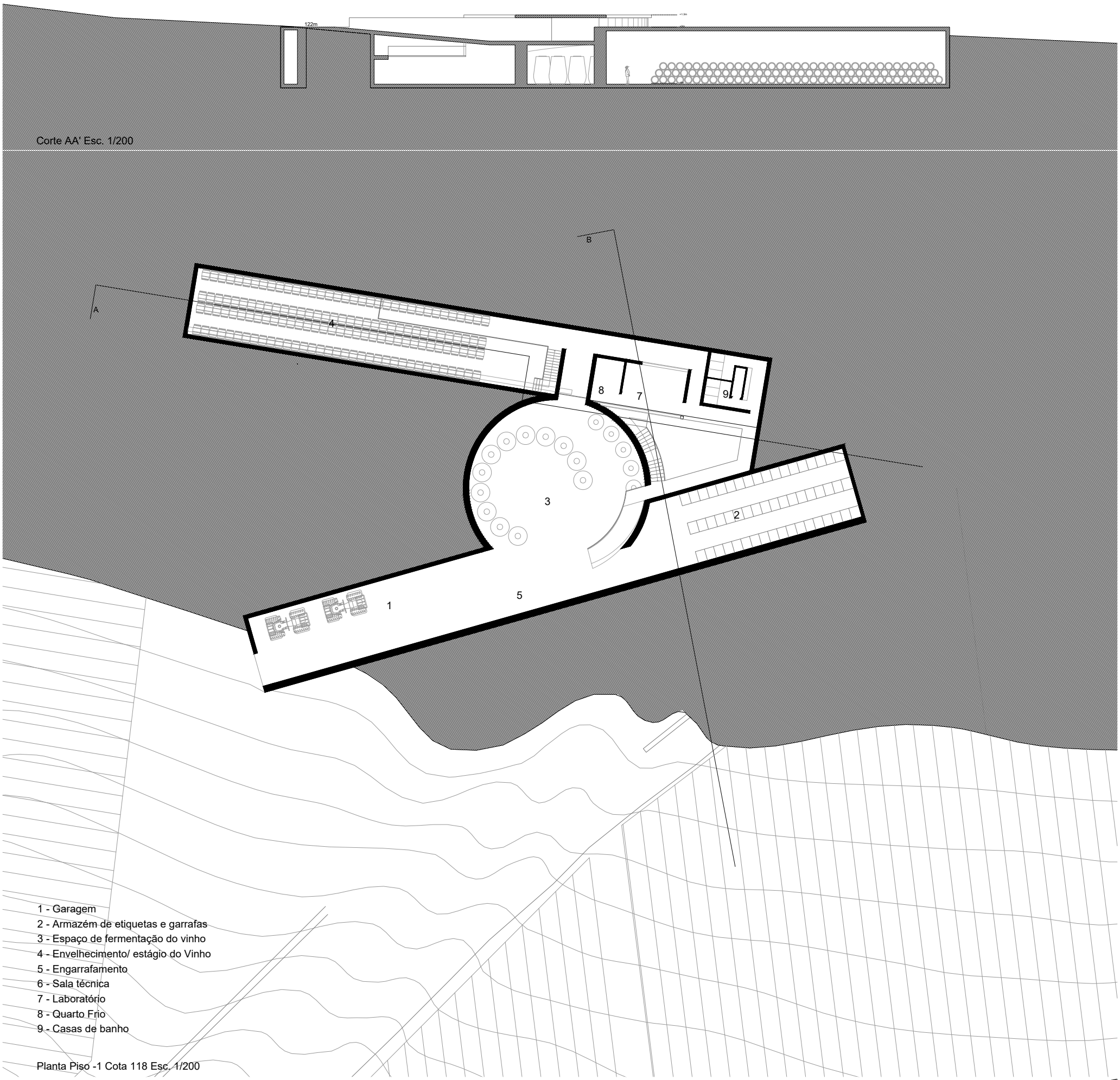
# 5 Reabilitação da Quinta de Subserra
## e Ampliação da Adega

Docentes: José Aguiar | Pedro Pacheco
Guilherme Vieira | 20171352 | MIARQ 5B



# 6 Reabilitação da Quinta de Subserra
## e Ampliação da Adega

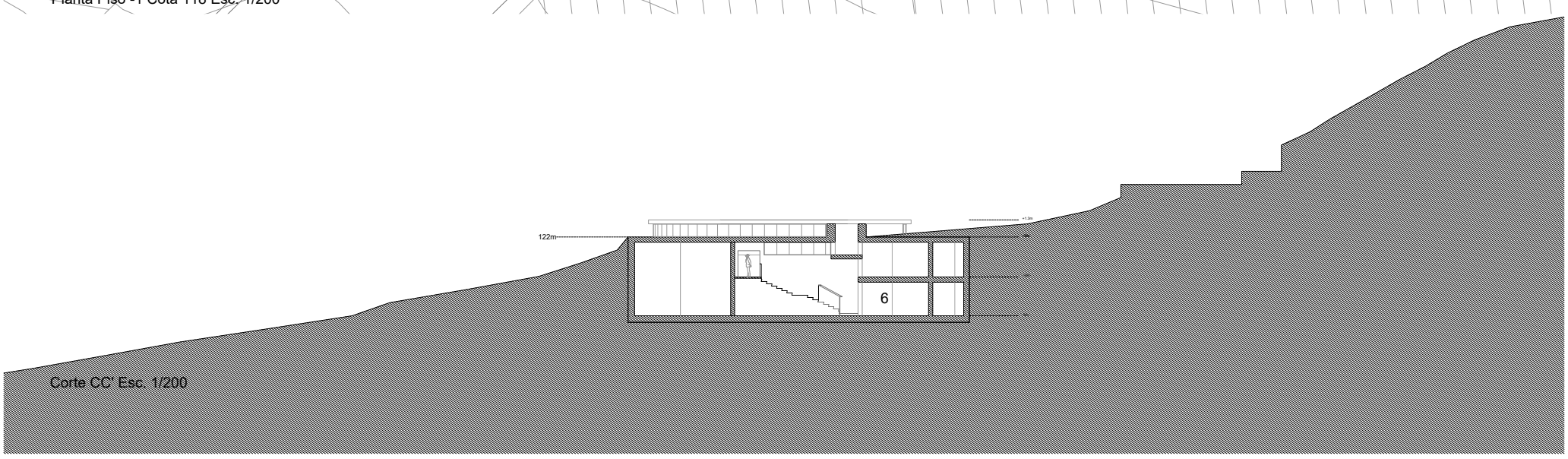
Docentes: José Aguiar | Pedro Pacheco
Guilherme Vieira | 20171352 | MIARQ 5B




Corte AA' Esc. 1/200

1 - Garagem
2 - Armazém de etiquetas e garrafas
3 - Espaço de fermentação do vinho
4 - Envelhecimento/ estágio do Vinho
5 - Engarrafamento
6 - Sala técnica
7 - Laboratório
8 - Quarto Frio
9 - Casas de banho

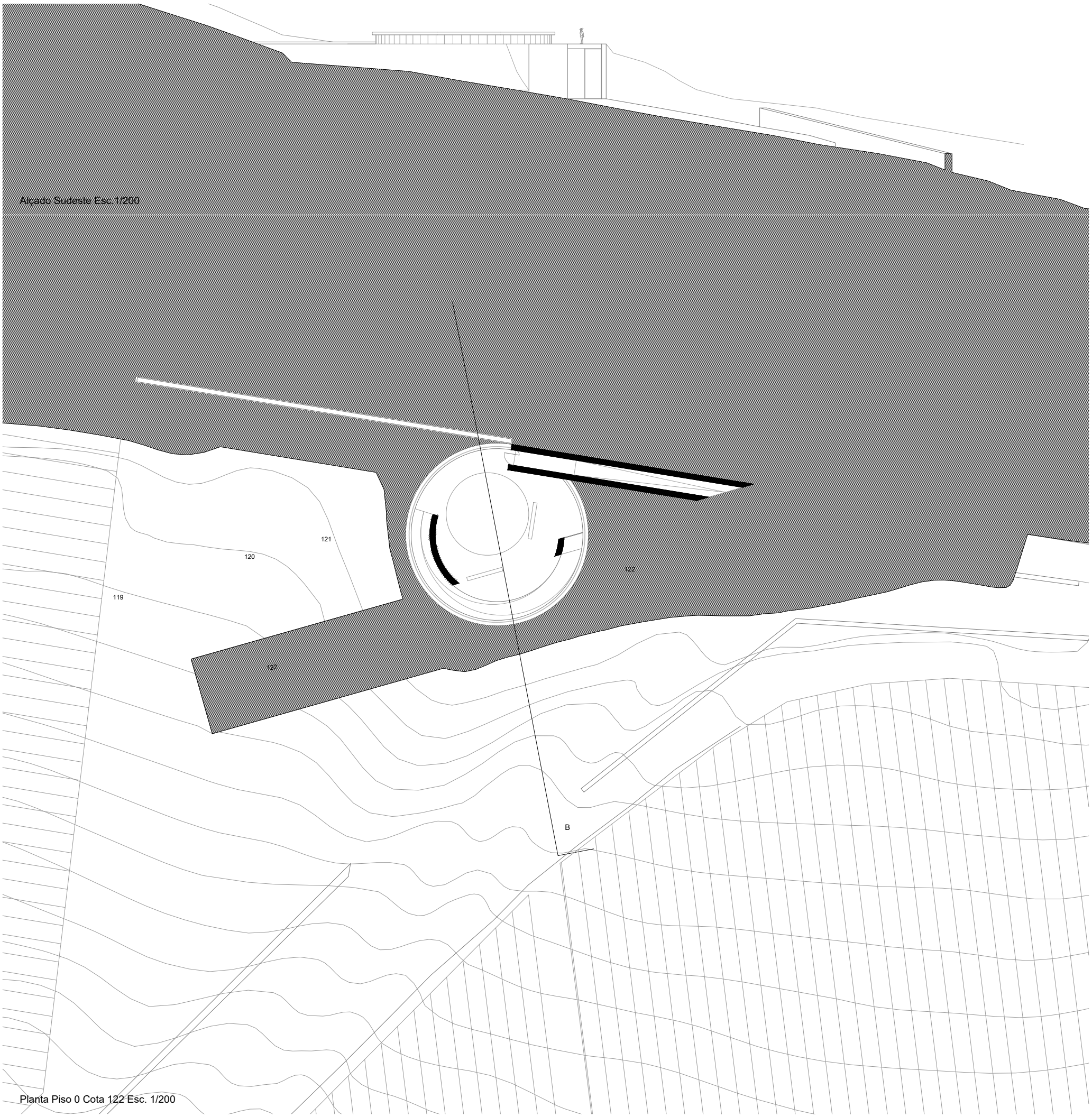
Planta Piso -1 Cota 118 Esc. 1/200




Corte CC' Esc. 1/200

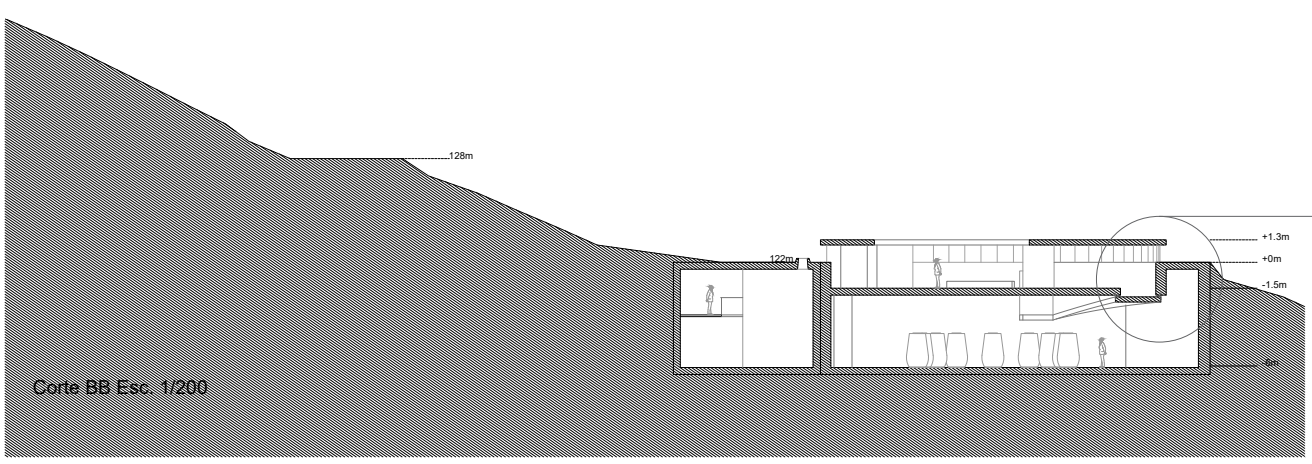
# 7 Reabilitação da Quinta de Subserra
## e Ampliação da Adega

Docentes: José Aguiar | Pedro Pacheco
Guilherme Vieira | 20171352 | MIARQ 5B

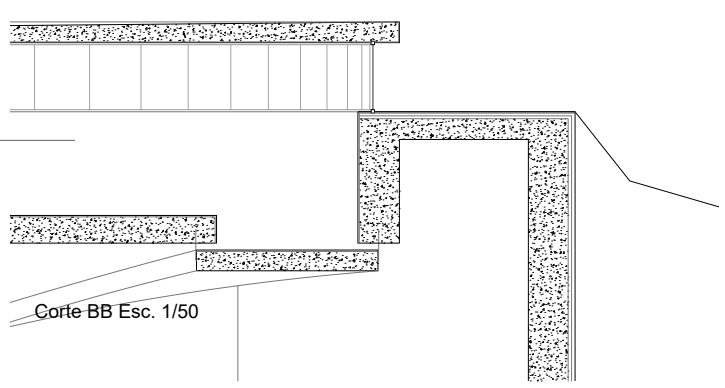



Alçado Sudeste Esc 1/200

Planta Piso 0 Cota 122 Esc. 1/200




Corte BB Esc. 1/200



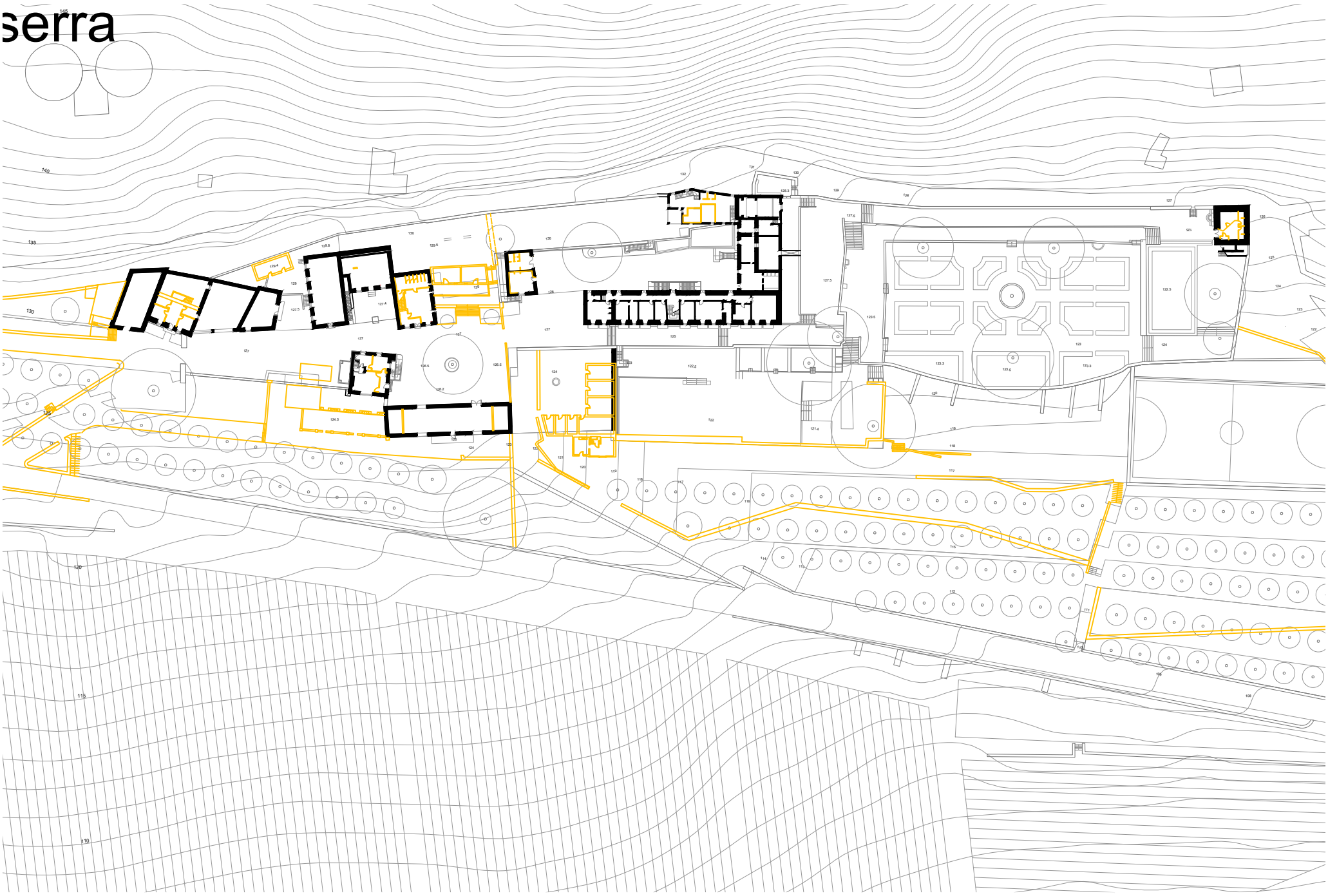
Corte BB Esc. 1/50

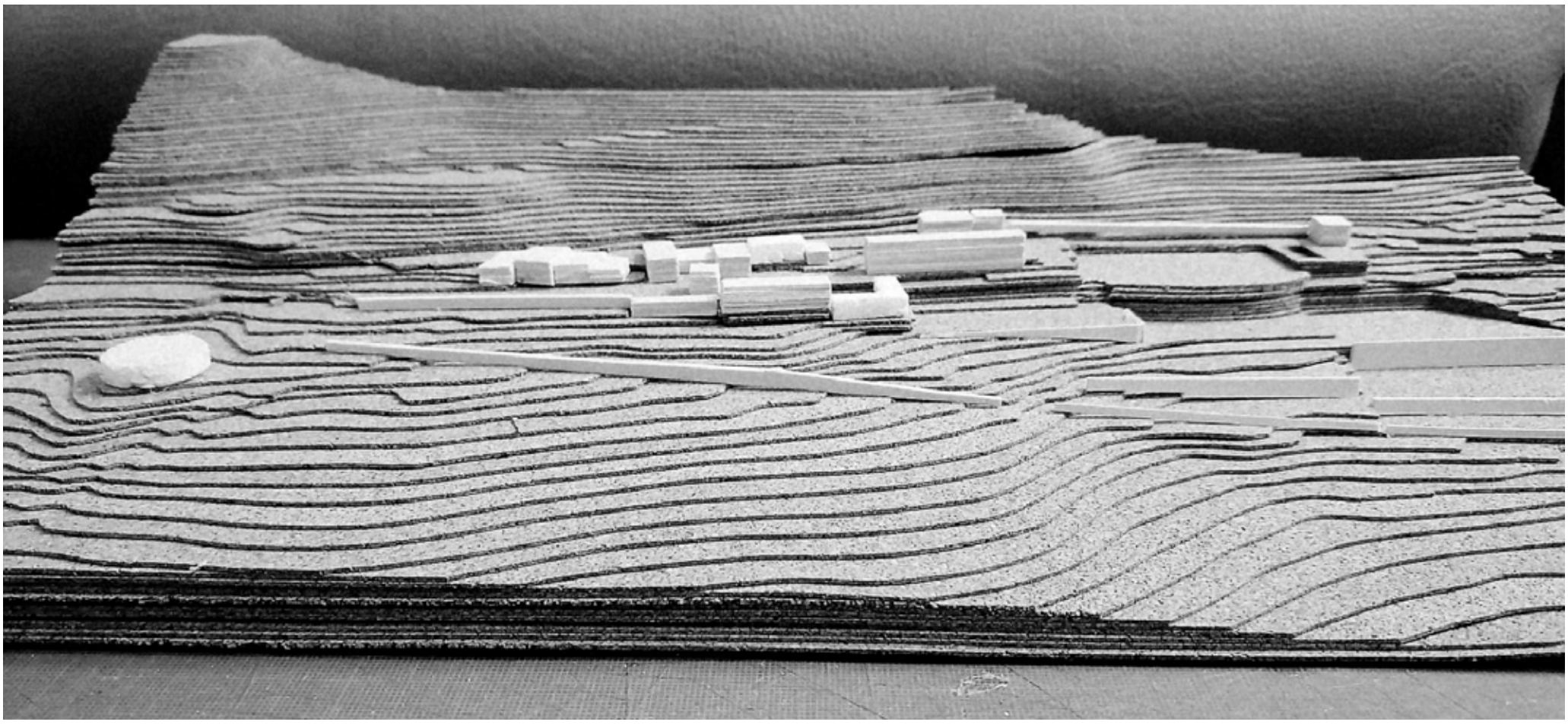
# 8 Reabilitação da Quinta de Subserra
## e Ampliação da Adega

Docentes: José Aguiar | Pedro Pacheco
Guilherme Vieira | 20171352 | MIARQ 5B

Perspetivvas da entrada da Adega

serra





**Maquete Guilherme Vieira**